



INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Os efeitos do SARS CoV-2 no processo jornalístico: o caso do *Telejornal*, da RTP1 e do *JT das 20 horas*, da *France2*

Maria do Rosário Pires Salgueiro

Orientador: Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Ciências da Comunicação

Vertente em Jornalismo

Lisboa

2023



INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Os efeitos do SARS CoV-2 no processo jornalístico: o caso do *Telejornal*, da RTP1 e do *JT das 20 horas*, da *France2*

Maria do Rosário Pires Salgueiro

Orientador: Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz

**Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Ciências da Comunicação
Vertente em Jornalismo**

Júri:

Presidente: Doutora Célia Felícia Belim Rodrigues, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

- Doutora Felisbela Maria Carvalho Lopes, Professora Associada com Agregação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho;
- Doutor Paulo Jorge dos Santos Martins, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;
- Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientadora.

Lisboa

2023

Agradecimentos

A pandemia moldou este estudo. Começou por lhe alterar o objeto. Antes da Covid-19 era outra a inquietação jornalística que me levou a voltar aos bancos da universidade. O isolamento social obrigou os estabelecimentos de ensino a adaptarem-se tecnologicamente. Vivendo no estrangeiro, ganhei com este efeito pandémico: tive uma assiduidade (digital) que era impensável antes de março de 2020. Desde então, mudei de país, estive em diferentes, muitos, cenários noticiosos que empurravam para o fim das prioridades este mestrado. Em cada fase do estudo e do trabalho estive sempre a mesma pessoa, a incentivar-me a continuar, a não desistir de compreender melhor porque o jornalismo está a mudar; entender porque jornalistas e decisores dos *media*, franceses e portugueses, tratam de forma diferente os mesmos assuntos. Auxiliou-me nas dificuldades informáticas e, julgo, não lhe ter agradecido o suficiente. Obrigada (filha) Bárbara Véstia!

O SPSS não é intuitivo, sobretudo, para quem fez a vida académica sem ele. Dei muitas voltas ao computador, talvez por isso, o primeiro PC foi afetado por um vírus mortal, levando com ele todos os dados. Sorte, minha, os gráficos e tabelas estavam feitos e em lugar seguro. As dúvidas académicas foram sempre resolvidas pela Professora Carla Cruz, a quem agradeço a tranquilidade e a disponibilidade, mesmo a horas tardias. Um agradecimento aos amigos e familiares por terem compreendido os muitos dias de ausência enquanto eu escrevia a dissertação. Por fim, obrigada aos jornalistas que tiraram ao seu tempo para responder aos inquéritos e às questões sobre um tema que ainda afeta as redações.

Resumo

Este estudo propõe-se identificar as principais mudanças nas rotinas jornalísticas, no processo e no conteúdo informativo no *Telejornal* da RTP1 e no *JT das 20H* da *France2*, nos períodos de isolamento social de Portugal e França e no pós-confinamento de 1 a 15 de janeiro de 2022. Para o efeito caracterizaram-se as motivações da decisão editorial inerente ao *gatekeeping*, dos dois jornais televisivos; verificou-se como se processou a relação entre os jornalistas e as fontes; compreendeu-se a perceção dos repórteres do *TJ* da RTP e do *JT das 20H*, sobre os efeitos do SARS CoV-2 no processo jornalístico ocorridos durante o confinamento e avaliando a perceção que estes jornalistas têm da prática profissional pós isolamento social. A abordagem metodológica é mista, através das técnicas de análise de conteúdo, do inquérito por questionário e da entrevista semiestruturada. A pesquisa foi suportada nas teorias do *newsmaking* e do *gatekeeping*, da *agenda-setting* e *framing*. Os resultados sugerem: os jornalistas dos dois jornais televisivos colocaram-se no epicentro da doença para dar as informações necessárias à proteção das populações; os profissionais afastaram-se da redação, das organizações e das fontes. Os especialistas foram as vozes mais confiáveis. A tecnologia foi o elemento facilitador do jornalismo. As fontes confinadas também foram produtoras de conteúdos. Na crise da Covid-19 nem sempre os profissionais separaram a experiência pessoal da de informar. Os jornalistas, tanto no *JT das 20H* como no *TJ* da RTP1 sentiram medo e tiveram em consideração os apelos políticos em prol da coesão social que viram necessários durante a crise da Covid-19, afetando os conteúdos noticiosos. Dois anos após o confinamento os dados sugerem que muitas destas mudanças têm efeito duradouro. As plataformas de conversação, o arquivo e o grafismo passaram a ser elementos de um jornalismo televisivo mais sentido e afastado.

Palavras-chave: *Telejornal* e *JT das 20H* da *France2*, *gatekeeping* e *newsmaking*, *agenda-setting* e *framing*, Covid-19

Abstract

This study aims to identify *a)* the main changes in the newsrooms routines, in the process and news content on RTP1's *Telejornal* and *France2's JT 20H*, during the lockdowns in Portugal and France and after between January 1st and 15th, 2022; *b)* detail the motivations for the editorial decision inherent to gatekeeping of both televisions news; *c)* verify how the relationship between journalists and sources was processed; *d)* understand the perception of reporters from RTP's TJ and 20H JT on the effects of SARS CoV-2 in the journalistic process that occurred during lockdown and assess the perception that these journalists have of professional practice after lockdown. The methodology followed is mixed, using content analysis techniques, questionnaire surveys and semi-structured interviews. The research was supported by the theories of newsmaking and gatekeeping, agenda-setting and framing. The results suggest: journalists from the two television news placed themselves at the epicenter of the disease to provide the information necessary to protect populations; the virus pushed journalists out of newsrooms, organizations and away from sources. The experts were the most trusted voices. Technology was the enabler element for journalism. The confined sources were also content producers. The Covid-19 crisis was difficult to cover by journalists, they did not always separate personal experience from reporting. Journalists, both on *JT at 8pm* and on *TJ* on RTP1, felt fear and took into consideration the political appeals in favor of social cohesion that they saw necessary during the Covid-19 crisis, affecting news content. Two years after lockdown, data suggests that many of these changes have a lasting effect. Chat forums, archives and graphics became elements of television journalism that is less dynamic and further away from the news field.

Key-words: *Telejornal and JT 20H, gatekeeping, newsmaking, agenda-setting, framing, Covid-19.*

Índice

Introdução	1
1. Jornalismo em Contexto de Crise	4
1.1. Jornalismo como Instituição	4
1.2. A Crise na Instituição Jornalística	5
1.3. A Função da Comunicação de Risco de Crise e Emergência	5
1.4. O Papel dos media noticiosos em situação de desastre	6
2. Covid-19: a Crise Pandémica	7
3. As Organizações Jornalísticas e as Rotinas Profissionais	8
3.1. As práticas jornalísticas nas organizações	8
3.2. A atuação jornalística na crise pandémica da covid-19	9
3.3. A imposição tecnológica nas redações televisivas	11
4. Serviço Público de Televisão	12
4.1. Serviço público e a televisão	12
4.2. A televisão recupera espaço e confiança	14
4.2.1. O caso português: O <i>Telejornal</i> da RTP1	15
4.2.2. O caso francês: o <i>JT das 20 Horas da France2</i>	15
5. As Perspetivas Teóricas do Estudo	16
5.1. O <i>Gatekeeping</i> no <i>Newsmaking</i>	16
5.2. O jornalismo e a construção social da realidade	17
5.3. O <i>Gatekeeping</i> e o <i>Newsmaking</i> em situações extremas	18
5.4. O <i>Agenda-Setting</i> e o <i>Framing</i>	19
5.5. Os valores das notícias	20
6. Opções Metodológicas	21
6.1. Pergunta de partida e objetivos	21
6.2. Método e técnicas de investigação	22
6.2.1. Análise de conteúdo	23
6.2.1.1. <i>Corpus</i> de análise	23
6.2.1.2. Grelha de análise	25
6.2.2. Entrevistas-semiestruturadas	25
6.2.2.1. Painel de entrevistados e dimensão do guião	26

6.2.3.	Inquérito por questionário -----	26
6.2.3.1.	Dimensão do questionário -----	27
7.	Apresentação de Resultados -----	28
7.1.	O tempo e o formato televisivo às 20 horas no primeiro confinamento de 2020-----	28
7.1.1.	O alinhamento do <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	28
7.1.2.	O alinhamento do <i>JT das 20 horas</i> da <i>France2</i> -----	29
7.2.	O temário do <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	31
7.2.1.	A Covid-19 no alinhamento -----	32
7.2.2.	A contaminação pandémica a outros assuntos -----	33
7.2.3.	Os assuntos não-covid-19 no <i>Telejornal</i> da RTP1-----	35
7.3.	O temário do <i>JT das 20 horas</i> da <i>France2</i> -----	35
7.3.1.	A Covid-19 no alinhamento -----	35
7.3.2.	A contaminação pandémica a outros assuntos -----	37
7.3.3.	Os assuntos não-Covid-19 no <i>JT das 20h</i> da <i>France2</i> -----	39
7.4.	Mudanças no processo informativo nos jornais televisivos das 20 horas da RTP1 e da <i>France2</i> no primeiro confinamento de 2020 -----	40
7.4.1.	A imagem, real ou virtual? -----	40
7.4.2.	As vozes do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT das 20H</i> da <i>FR2</i> -----	44
7.5.	os protagonistas e os deuteragonistas das notícias no primeiro confinamento de 2020 -----	45
7.5.1.	As personagens principais do <i>Telejornal</i> da RTP1 e do <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	45
7.5.2.	As personagens secundárias do <i>Telejornal</i> da RTP1 e do <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	49
7.6.	O espaço da notícia no primeiro confinamento de 2020 -----	52
7.7.	Os jornais televisivos das 20 Horas da RTP1 e da <i>France2</i> no pós-Confinamento-----	54
7.7.1.	O tempo e o formato no pós-confinamento-----	55
7.8.	O temário do <i>Telejornal</i> da RTP1-----	57
7.8.1.	A Covid-19 deixou de dominar os alinhamentos -----	57

7.9.	Mudanças no processo informativo nos jornais televisivos das 20 horas da rtp1 e da france2 no pós confinamento -----	62
7.9.1.	A imagem, real ou virtual?	
7.9.2.	As fontes de informação no pós-confinamento-----	65
7.9.2.1.	A natureza e a origem das fontes do <i>Telejornal</i> da RTP1 e do <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	65
7.9.2.2.	A geografia das fontes do <i>Telejornal</i> da RTP1 e do <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	66
7.10.	Os protagonistas e dos deuteragonistas no pós confinamento-----	70
7.10.1.	As vozes principais do <i>Telejornal</i> da RTP1 e do <i>JT das 20 Horas da France2</i> no pós-confinamento-----	70
7.10.2.	As vozes secundárias do <i>Telejornal</i> da RTP1 e do <i>JT das 20 Horas da France2</i> no pós-confinamento -----	72
8.	A Perceção dos Jornalistas -----	75
8.1.	A palavra aos jornalistas do <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	75
8.2.	A palavra aos jornalistas do <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	80
8.3.	A palavra aos decisores -----	84
8.3.1.	O impacto da covid-19 nas rotinas do <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	84
8.3.2.	O uso da tecnologia no <i>Telejornal</i> da RTP1-----	89
8.3.3.	A relação com as fontes e o serviço público -----	93
8.3.4.	As razões das escolhas no <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	98
8.3.5.	O que fica da pandemia no <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	102
8.3.6.	A palavra aos decisores do <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	105
8.3.7.	O uso da tecnologia no <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	108
8.3.8.	A relação com as fontes e o serviço público -----	110
8.3.9.	As razões das escolhas no <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	113
8.3.10.	O que fica da pandemia no <i>JT das 20 Horas da France2</i> -----	116
9.	Discussão Conclusiva -----	118
	Referências Bibliográficas -----	126
	Apêndices -----	151

Índice de Quadros

Quadro 1. Critérios de noticiabilidade de vários autores de diferentes tempos--	21
Quadro 2. Pergunta de partida e objetivos deste estudo -----	22
Quadro 3. Estrutura da entrevista aos decisores do <i>TJ</i> e do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>france2</i> -----	26
Quadro 4. Estrutura do inquérito por questionário enviado aos jornalistas do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> -----	27
Quadro 5. A palavra aos decisores do <i>Telejornal</i> da RTP 1: as rotinas da informação em confinamento -----	86
Quadro 6. A palavra aos decisores do <i>Telejornal</i> da RTP 1: o uso da tecnologia na informação em confinamento -----	90
Quadro 7. A palavra aos decisores do <i>Telejornal</i> da RTP 1: a relação com as fontes de informação em confinamento -----	93
Quadro 8. A palavra aos decisores do <i>Telejornal</i> da RTP 1: os valores das notícias em confinamento -----	99
Quadro 9. A palavra aos decisores do <i>TJ</i> da RTP 1: a informação no pós confinamento ---	103
Quadro 10. A palavra aos decisores do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> : as rotinas da informação em confinamento -----	106
Quadro 11. A palavra aos decisores do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> : o uso da tecnologia na informação confinada -----	109
Quadro 12. A palavra aos decisores do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> : a relação com as fontes da informação em confinamento -----	111
Quadro 13. A palavra aos decisores do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> : os valores das notícias em confinamento -----	113
Quadro 14. A palavra aos decisores do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> : a informação no pós confinamento-----	117

Índice de gráficos

Gráfico 1. <i>Corpus</i> de análise global -----	25
Gráfico 2. Duração média do <i>Telejornal</i> no primeiro confinamento de 2020-----	28
Gráfico 3. Tempo médio das peças do <i>Telejornal</i> no primeiro confinamento de 2020 -----	29
Gráfico 4. Duração média do <i>JT</i> das 20 horas da <i>FR2</i> no primeiro confinamento de 2020----	30
Gráfico 5. Tempo médio das peças do <i>JT</i> das 20 horas da <i>France2</i> no primeiro período de confinamento de 2020 -----	31
Gráfico 6. Os assuntos Covid-19 e não-Covid-19 no <i>TJ</i> da RTP1 (1º confinamento) -----	31
Gráfico 7 Assuntos Covid-19 e não-Covid-19 no <i>JT</i> das 20H da <i>FR2</i> (1º confinamento) ----	36
Gráfico 8. Captação presencial no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020-----	40
Gráfico 9. Uso de tecnologia no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	41
Gráfico 10. Tipologia de tecnologia usada no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> do 1º confinamento de 2020 -----	41
Gráfico 11. Combinação de tecnologias nos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP 1 e <i>JT</i> das 20H da <i>FR2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	42
Gráfico 12. Outras fontes de imagem usadas no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	43
Gráfico 13. Combinação de fontes de imagem do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> No 1º confinamento de 2020 -----	43
Gráfico 14. Origem das fontes ouvidas no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	44
Gráfico 15. Geografia das fontes ouvidas no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H no 1º confinamento de 2020 -----	45
Gráfico 16. Tempo médio do <i>TJ</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	55
Gráfico 17. Tempo médio dos conteúdos do <i>TJ</i> no pós-confinamento (1 a 15 janeiro de 2022)	56
Gráfico 18. Tempo médio do <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	56
Gráfico 19. Tempo médio dos conteúdos do <i>JT</i> das 20H no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	57

Gráfico 20. Os assuntos Covid-19 e os não-Covid-19 no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	57
Gráfico 21. A captação presencial e o uso da tecnologia no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	62
Gráfico 22. Soluções tecnológicas usadas nos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no pós- confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	63
Gráfico 23. Outras fontes da imagem e do som dos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no Pós- confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	64
Gráfico 24. Combinação de fontes de imagem nos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	64
Gráfico 25. Combinação de múltiplas fontes de imagem no <i>TJ</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	65
Gráfico 26. A origem das fontes dos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	66
Gráfico 27. A geografia das fontes dos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT</i> das 20H da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	66
Gráfico 28. Durante o primeiro confinamento sentiu que o receio de ser infetado ou levar o vírus para casa o impediu de exercer na plenitude a atividade jornalística? -----	75
Gráfico 29. Durante o primeiro confinamento sentiu que a necessidade de coesão social o impediu de questionar as autoridades políticas e de saúde? -----	76
Gráfico 30. Durante o primeiro período de confinamento a pandemia teve efeitos imediatos nas rotinas jornalísticas? -----	76
Gráfico 31. Durante o primeiro período de confinamento que efeitos foram registados nas rotinas jornalísticas? (escolha até três opções) -----	77
Gráfico 32. Durante o primeiro confinamento qual foi o efeito registado na produção jornalística? -----	77
Gráfico 33. As mudanças registadas nas rotinas jornalísticas vieram para ficar? -----	78
Gráfico 34. A pandemia, durante o primeiro confinamento, dificultou o contacto com as fontes de informação? -----	78
Gráfico 35. Quais foram as principais razões que levaram à perda de confiança nas fontes? -----	79
Gráfico 36. Quais foram as fontes mais contactadas durante o primeiro confinamento? -----	79
Gráfico 37. Quais são as fontes que lhe merecem maior confiança? -----	80

Gráfico 38. Durante o primeiro confinamento sentiu que o receio de ficar infetado ou levar o vírus para casa o impediu de exercer na plenitude a atividade jornalística? -----	80
Gráfico 39. Durante o primeiro confinamento sentiu que a necessidade de coesão social o impediu de questionar as autoridades políticas e de saúde de França? -----	81
Gráfico 40. No primeiro confinamento, em março de 2020, a pandemia teve impacto na atividade jornalística dos jornalistas do <i>JT</i> das <i>20H</i> ? -----	81
Gráfico 41. Durante o primeiro período de confinamento que efeitos foram registados nas rotinas jornalísticas? (escolha até três opções) -----	82
Gráfico 42. As mudanças registadas nas rotinas jornalísticas vieram para ficar? -----	82
Gráfico 43. Durante o primeiro confinamento qual foi o efeito registado na produção jornalística? -----	83
Gráfico 44. Quais foram as fontes mais contactadas durante o primeiro confinamento? ----	83
Gráfico 45. Durante a pandemia quais foram as fontes mais confiáveis? -----	84
Gráfico 46. Quais foram as razões para a quebra de confiança nas fontes? -----	84

Índice de Tabelas

Tabela 1. Os assuntos dentro da categoria “ <i>Saúde Covid-19</i> ” - <i>Telejornal</i> (1º confinamento de 2020)-----	33
Tabela 2. Categoria assuntos em pandemia no <i>Telejornal</i> no 1º Confinamento de 2020 -----	34
Tabela 2. Categoria assuntos de “ <i>Saúde Covid-19</i> ” no <i>JT</i> das <i>20H</i> do <i>France2</i> no 1º Confinamento de 2020 -----	36
Tabela 3. Categoria assuntos em pandemia do <i>JT</i> das <i>20H</i> do <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	38
Tabela 4. Protagonistas do <i>TJ</i> da RTP1 no 1º confinamento de 2020 -----	46
Tabela 5. Protagonistas do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	47
Tabela 6. Personagens e deuteragonistas do <i>TJ</i> da RTP1 no 1º confinamento de 2020 -----	50
Tabela 8. Personagens e deuteragonistas do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	51
Tabela 9. O espaço nacional português dos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 no 1º confinamento de 2020 -----	52

Tabela 10. O espaço nacional francês dos conteúdos do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	53
Tabela 11. Espaço internacional dos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 (1º confinamento de 2020) -	54
Tabela 12. Espaço internacional dos conteúdos do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no 1º confinamento de 2020 -----	54
Tabela 13. Assuntos do <i>TJ</i> da RTP 1 no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	58
Tabela 14. Assuntos categoria " <i>Saúde Covid-19</i> " do <i>TJ</i> da RTP1 no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	60
Tabela 15. Assuntos do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	61
Tabela 16. Assuntos categoria " <i>saúde Covid-19</i> " do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	61
Tabela 17. Espaço nacional português dos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 no pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	67
Tabela 18. Espaço nacional francês dos conteúdos do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	68
Tabela 19. Espaço internacional dos conteúdos do <i>TJ</i> da RTP1 no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	69
Tabela 20. Espaço internacional dos conteúdos do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	70
Tabela 21. Os protagonistas do <i>Telejornal</i> da RTP1 no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	71
Tabela 22. Os protagonistas do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	72
Tabela 23. Deuteragonistas do <i>Telejornal</i> da RTP1 no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	73
Tabela 24. Os Deuteragonistas do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	74

Índice de Anexos

Anexo 1. Operacionalização das Categorias de Registo e Respetivas Unidades de Análise	
Anexo 2. Índice de Tabelas Remetidas para Anexo-----	164
Tabela 1. Os Géneros Noticiosos do <i>TJ</i> da RTP1 no 1º Confinamento de 2020 -----	164
Tabela 2. Os Géneros Noticiosos do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>FR2</i> no 1º Confinamento de 2020-----	165
Tabela 3. Os assuntos da Pandemia nos Lugares Estratégicos do Alinhamento do <i>TJ</i> da RTP1 no Primeiro Confinamento de 2020 -----	165
Tabela 4. Os assuntos da Pandemia nos Lugares Estratégicos do Alinhamento do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no Primeiro Confinamento de 2020 -----	168
Tabela 5. As Fontes da Imagem e a Posição no Alinhamento do <i>TJ</i> da RTP1 no 1º Confinamento de 2020 -----	170
Tabela 6. O Número de Fontes Ouvidas pelos Jornalistas do <i>TJ</i> da RTP1 e do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no Primeiro Confinamento -----	171
Tabela 7. Os Conteúdos com Grafismos no <i>TJ</i> da RTP1 no Primeiro Confinamento -----	171
Tabela 8. O Lugar dos Protagonistas no Alinhamento do <i>TJ</i> da RTP1 no 1º Confinamento de 2020 -----	172
Tabela 9. O Lugar dos Protagonistas no Alinhamento do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no Primeiro Confinamento de 2020 -----	174
Tabela 10. A Espaço Nacional Português e a Distribuição Pelos Lugares no Alinhamento do <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	175
Tabela 11. O Espaço Nacional Francês nos Lugares Estratégicos do Alinhamento do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> no Primeiro Confinamento -----	176
Tabela 12. Os Géneros Televisivos no <i>Telejornal</i> da RTP1 e no <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>FR2</i> -----	177
Tabela 13. Os Assuntos no Alinhamento do <i>Telejornal</i> no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	177
Tabela 14. Os Assuntos no Alinhamento do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>FR2</i> no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022) -----	180
Tabela15. Quantidade de Vozes ouvidas pelos Jornalistas do <i>JT</i> das <i>20H</i> da <i>France2</i> ----	181
Anexo 3. Índice de Inquéritos -----	182

1. Inquérito aos Jornalistas do <i>Telejornal</i> da RTP1 -----	182
2. Inquérito aos Jornalistas do <i>JT das 20H</i> da <i>France2</i> -----	194
Anexo 4. Índice de Entrevistas aos Decisores -----	205
1. Entrevista aos decisores do <i>TJ</i> da RTP1-----	205
2. Entrevista aos decisores do <i>JT das 20H</i> da <i>France2</i> -----	220

Siglas

BBC – *British Broadcasting Corporation*

BE – Bloco de Esquerda

CERC – Comunicação de Risco de Crise e Emergência

COM – Contrato de Objetivos e Meios

CSA – Conseil Supérieur de L’audiovisuel

DNR – *Digital News Report*

DRE – Diário da República

DGS – Direção Geral de Saúde

EBU – *European Broadcasting Union*

ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social

FR2 – *France (canal2)*

INA – *Institut National de L’audiovisuel*

JT – *Journal Télévisés – jornal televisivo*

OMS – Organização Mundial de Saúde

MS – Ministério da Saúde

NYT – New York Times

PM – Primeiro-Ministro

PR – Presidente da República

PS – Partido Socialista

RSF – Repórteres Sem Fronteiras

RTP1 – Rádio e Televisão de Portugal (canal1)

SARS-CoV-2 – *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*

SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Humana

SPT – Serviço Público de Televisão

TJ – *Telejornal*

UCI – Unidade Cuidados Intensivos

Introdução

A 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou oficialmente a pandemia da Covid-19 (OMS, 2020), “depois de algumas hesitações” (Lopes et al., 2021, p. 18). Foi o início de um acontecimento global que impôs desafios únicos: confinou populações, transformou a organização da vida e das relações interpessoais e mudou as condições de trabalho (Bolog-Way & McComas, 2020; Camponez et al, 2020). Existe o mundo A.C. - Antes do Coronavírus – e o mundo D.C. – Depois do Coronavírus (Friedman, 2020).

Num cenário de incerteza, era necessário manter as populações informadas, divulgar e traduzir o impacto das políticas públicas no quotidiano. Profissionais e organizações de *media* envolveram-se na maior resposta dada a uma pandemia nos últimos cem anos (Lopes, 2021; Parvin et al, 2020; Sun 2021), estabeleceram agendas, preocupações e prioridades, ao escolher o contexto noticioso e o que publicavam (Rodelo, 2021).

Ainda que no epicentro da doença, os *media*, organizações e profissionais, não ficaram imunes a este novo coronavírus. Os jornalistas foram forçados a abandonar fisicamente as redações (Perreault & Perreault, 2021), a ficar em teletrabalho. Os sistemas de comunicação foram adaptados às circunstâncias. A crise pandémica foi o primeiro acontecimento global a provocar a interrupção da prática jornalística. A Covid-19 acelerou as mudanças na produção e consumo de notícias (Finneman & Tomás, 2021; García-Avilés, 2021; Hare, 2020; Lappas, 2020; Olsen et al., 2020).

A televisão liderou a procura do público (Cardoso et al, 2020; DNR, 2020). Como em outras crises, com a sua linguagem audiovisual, de imagens e sons, ampliou a sua responsabilidade social de representar crenças, entendimentos e emoções partilhadas conferindo-lhe um vínculo maior junto do público (e.g. Riegert & Olsson, 2007; Wolton, 1997), podendo devolver confiança e acalmar os telespetadores (Graber & Dunaway, 2018). Contudo, pode dar, também, uma impressão errada à audiência de que está perante a realidade total e não apenas de uma representação simbólica (Cruz, 2014).

Neste estudo partimos do princípio teórico de que a responsabilidade social do jornalismo televisivo é maior quando se trata da televisão pública, obrigada a contratos de serviço público (Cardoso & Telo, 2010). Nestas circunstâncias particulares do jornalismo consideramos relevante compreender os efeitos do SARS CoV-2 nas rotinas jornalísticas e nos conteúdos noticiosos do *Telejornal* da RTP 1 (TJ da RTP1) e do *JT* das 20 horas da *France2* (*JT* das 20H da *FR2*), os dois principais jornais televisivos das estações públicas de Portugal e França, durante e após o primeiro confinamento social. Tendo em conta este propósito, esta

investigação alicerçou-se na seguinte pergunta de partida: *Que efeitos imediatos e repercussões posteriores foram identificados nas rotinas jornalísticas e na produção noticiosa, no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2, durante o primeiro confinamento de 2020 e no período pós isolamento social de 1 a 15 de janeiro de 2022?*

Para responder à pergunta de partida estabelecemos como objetivos específicos:

1) identificar as principais mudanças no processo e no conteúdo informativo dos principais jornais das vinte horas da RTP1 e da *France 2* durante e após o primeiro confinamento social;

2) caracterizar as motivações da decisão editorial inerente ao *gatekeeping*, do TJ e do JT, durante e após o primeiro confinamento em Portugal e em França;

3) verificar como se processou a relação entre os jornalistas e as fontes, nas redações do TJ da RTP1 e do JT das 20H *France2*, durante e após o primeiro isolamento social;

4) compreender a perceção dos jornalistas das redações dos dois principais jornais da RTP e da *France2*, sobre os efeitos do SARS CoV-2 no processo jornalístico ocorridos durante o confinamento; e

5) Avaliar a perceção que os jornalistas, que produzem o TJ da RTP1 e o JT das 20H da *France2* têm da prática profissional pós isolamento social, decorrente dos estados de emergência decretados em Portugal e em França.

Para concretizar a investigação foi seguido o método misto, através das técnicas de análise de conteúdo, do inquérito por questionário e da entrevista semiestruturada. O estudo segue a estrutura clássica de investigação, em que partimos de aspetos mais gerais, até chegarmos às vertentes mais particulares.

Iniciamos esta investigação abordando o conceito de jornalismo, como instituição social, por ajudar a entender a natureza das mudanças (Ryfe, 2006) e os efeitos comunicacionais que demonstram a sua importância e o impacto no quotidiano dos cidadãos. Refletimos sobre o conceito de comunicação em contexto de crise.

No segundo ponto, fazemos uma abordagem conceptual sobre as rotinas jornalísticas e a produção noticiosa em período de crise. Quer entender-se como os jornalistas reconfiguraram os seus meios e métodos de trabalho num contexto de extrema perturbação (Reese & Shoemaker, 2016; Ryfe, 2016; Tandoc et al., 2021; Westlund & Ekström, 2019). Refletimos sobre o uso da tecnologia no processo e no conteúdo jornalístico.

No ponto III, refletimos sobre as linhas estruturantes das teorias que compõem o campo teórico desta pesquisa. A resposta à nossa pergunta de partida, no nosso entendimento, não se encontra em apenas uma Teoria. O *Gatekeeping* e o *Newsmaking* são processos que se tornam ainda mais complexos em momentos de crise (Takahashi et al, 2019). O enfâse dado a determinados assuntos pode também condicionar o comportamento da audiência – *agenda setting* (Coleman et al, 2019). O *framing* é entendido como uma extensão natural da *agenda-setting* (Scheufele, 1999), sendo um processo comunicacional dinâmico, interativo que atravessa todas as fases, desde o comunicador, passando pelo texto e pelo recetor (Entman, 1993). É, também, necessário para interpretar, organizar e entender as quantidades de informações (Chyi & McCombs, 2004). Nesta perspetiva, os *media* sugerem ao público sobre o que pensar e também induzem como pensar (McCombs, 2006), ao selecionarem alguns factos, uns testemunhos, algumas fontes, certas imagens, umas palavras, alguns locais e rejeitando outros enquadramentos.

Depois seguem-se as opções metodológicas, com a justificação e explicação das escolhas e caminhos percorridos ao longo da investigação. No capítulo dos resultados, apresentamos os dados da nossa investigação, seguidos da discussão conclusiva.

Este estudo é realizado no âmbito da linha estratégica “Jornalismo e Sociedade”, do mestrado em Ciências da Comunicação e insere-se no grupo Sociedade Comunicação e Cultura do Centro de Investigação de Políticas Públicas (CAPP), em específico na linha *ComCid: Comunicação e Cidadania* do mesmo centro de investigação do ISCSP.

1. Jornalismo em contexto de crise

1.1 Jornalismo como instituição

O jornalismo enquanto instituição social e política entronca no conceito de “instituição” proposto por Peter & Berger (1977), que garante um padrão de controlo e de programação da conduta individual imposto pela sociedade, fornecendo regras orientadoras de comportamentos. O jornalismo como instituição social e política, com as suas regras, rotinas, atores e discurso (Cook, 2010; Deuze, 2009; Reese, 2020; Vos, 2016) é intermediário tanto na experiência coletiva como na experiência individual. Tudo o que as restantes instituições produzem sobre a interpretação da realidade e de valores, os *media* selecionam, organizam, interpretam e decidem sobre a sua difusão (Berger & Luckmann, 2003).

A teoria institucional é antiga, mas os institucionalistas Cook (1998) e Sparrow (1999) contribuíram para que esta linha de pesquisa se tornasse significativa nos estudos do jornalismo (Ryfe & Blach-Orsten, 2011). Cook (1998) argumenta que as regras e rotinas no jornalismo surgiram para resolver incertezas enfrentadas pelas organizações de *media*, libertadas no início do século XX das “garras” dos partidos políticos. Segundo Sparrow e Cook as rotinas e práticas jornalísticas são instituições mediadoras da ação das principais macroestruturas da sociedade e a atividade dos jornalistas. Permitem uma forte homogeneidade nas notícias, o que faz dos *media* uma instituição social e política poderosa, reconciliada pela organização hierárquica das redações (Cook, 2011; Ryfe, 2006; Ryfe & Black-Orsten, 2011). A notícia é o resultado de negociações entre jornalistas e fontes (Cook, 2011).

Para outros autores (Ryfe, 2019; Vos, 2019; Zelizer, 1993;2004), o jornalismo enquanto instituição é formado pela partilha de crenças, por normas, por rotinas informais e explícitas. Trata das contingências históricas e situacionais. Desempenha uma série de tarefas ou funções socioculturais, económicas e políticas, estando, por sua via, interconectada com outras instituições (Vos, 2011).

Os jornalistas são atores institucionais de uma atividade que “supera largamente o domínio das técnicas jornalísticas” (Traquina, 2002, p.11), dando aos acontecimentos uma ampla ressonância cultural, política e social (Miller & Goidel, 2009; Zelizer & Allan, 2011). Estão enquadrados numa organização, para dar sentido a um papel com dimensões pessoais e organizacionais. Usam guiões, adaptados e reescritos, para se adequarem às diferentes situações (Cook, 2010; Vos, 2016). Quando os jornalistas falam de quarto poder, com a missão de controlo externo do governo, em defesa dos interesses dos cidadãos e, ao mesmo tempo, auxiliar do executivo na divulgação, ainda que não de forma oficial (Albuquerque, 2009) recorrem a

regras institucionais, socialmente validadas, que moldam e orientam como os jornalistas pensam e atuam (Raemy & Vos, 2021)

Os jornalistas já não são detentores do monopólio na decisão, na captação, na edição e na divulgação de informação, o que põe em causa a centralidade das redações (Harte et al, 2018). Com a entrada do cidadão, que se julgava ser só consumidor, para o espaço das decisões, abalam-se as barreiras profissionais e destabiliza-se a indústria das notícias, levando à desinstitucionalização do jornalismo (Raemy & Vos, 2021; Vos & Heinderycx, 2015).

1.2 A crise na instituição jornalística

Nas últimas décadas, organizações de *media* noticiosos e os seus profissionais, viram-se confrontados com mudanças tecnológicas, com grande transformação económica da indústria das notícias, pela precarização das condições de trabalho, pelo surgimento de forças antidemocráticas, pela crescente falta de credibilidade dos jornalistas e das organizações e, ainda, pela violência contra a imprensa (Alexander, 2015; Nielsen, 2020; Reese, 2019; Zelizer, 2015). A liberdade de imprensa caiu para valores históricos. No *World Press Freedom Index*, de 2022, dos Repórteres Sem Fronteiras (RSF), foram analisados 180 países e territórios, destacando os efeitos desastrosos do caos de notícias e informações devido ao espaço de informação online, globalizado e não regulamentado, incentivador de notícias e propaganda falsas. No ano zero da pandemia, o mesmo *Index* alertava para os riscos do desempenho jornalístico. A crise sanitária aumentou os fatores negativos que ameaçam o jornalismo confiável (RSF, 2020), acentuou o enfraquecimento dos modelos de negócio com forte perda de ganhos publicitários, a deterioração das condições de trabalho, o reforço dos mecanismos de controlo político, as barreiras no exercício das funções e o aumento da *infodemia* (Nielsen, 2020a). Todavia, no meio do caos, encontram-se pontos positivos: o aumento do consumo de notícias, a concessão de novos produtos e formatos noticiosos e a conquista, ainda que temporária, da confiança nas notícias (Casero-Ripollés, 2021).

1.3 A Função da comunicação de risco de crise e emergência

Os desastres representam um risco significativo para a saúde e para o bem-estar dos cidadãos (Beaton et al, 2009). A medicina entende ‘desastre’ como um acontecimento potencialmente traumático, vivenciado coletivamente, com um início violento e delimitado no tempo. Um acontecimento, no sentido jornalístico, é um facto marcante, inédito, inesperado, merecedor de uma cobertura mediática específica (Charaudeau, 2005; Mercier, 2006).

A comunicação é uma componente essencial na gestão destes eventos que saem da normalidade (Heath & O’Hair, 2020). É, por isso, uma componente essencial na gestão das crises, nas respostas, na preparação das populações e na recuperação (Coombs, 2010; Heath et al., 2009; Houston et al., 2019). Quando a morte e a destruição ameaçam a ordem social o trabalho unificador do jornalismo torna-se crucial (Myerhoff, 1984).

A OMS aconselhou, para fazer face à crise sanitária global, uma comunicação de risco de crise e emergência (CERC) como componente essencial do plano de ação, preparação e resposta à pandemia (OMS, março, 2020). O modelo de CERC destina-se a orientar a comunicação do governo, de atores de segurança e de saúde pública (Reynolds & Seeger, 2014). Como em outras doenças emergentes (SARS ou a H5N1) os riscos são novos para o público e para as autoridades, provocando elevados níveis de incerteza.

Assim, em contexto de crise, de risco e emergência, comunicar consiste na produção e troca de mensagens entre todas as partes envolvidas no controlo de uma situação concreta para a saúde de todos (Reynolds & Seeger, 2005). Os comunicadores têm de informar e persuadir o público na expectativa de que haja uma resposta apropriada aos riscos e às ameaças (Glik, 2007). Compreender e trabalhar com os *media* são duas componentes cruciais para os comunicadores de situações de risco (Reynolds & Seeger, 2014). Tanto mais que os jornalistas, ao escolherem o que publicar e ao definirem o contexto da informação, têm o poder de influenciar como a audiência percebe os assuntos e condicionar o modo como os indivíduos subestimam alguns riscos e sobrestimam outros (Berry et al., 2007).

1.4 O papel dos *media* noticiosos em situação de desastre

Durante a pandemia provocada pelo SARS-CoV-2, os jornalistas e as empresas noticiosas trabalham numa ecologia de comunicação da COVID-19 (Perreault & Perreault, 2021). Por chegarem a uma vasta audiência, estes atores cruciais na mediação e divulgação de mensagens servem como um recurso para as autoridades de saúde e para os decisores políticos (Perreault & Perreault, 2021; Schiavo, 2014). O público, em situação extrema, depende dos *media* para aceder a notícias e às mensagens vitais emitidas pelas autoridades públicas e privadas (Graber & Dunaway, 2015; Perreault et al, 2014; Reynolds & Seeger, 2014). Os jornalistas, com a sua função de *watchdog*, ao escolherem o que publicar moldam e enquadram a forma como as crises, naturais ou provocadas, são representadas (Rovira & Sorribes, 2012; Van der Meer et al. 2017). Os cidadãos atingidos como os não afetados diretamente necessitam de informações (Berkowitz, 1992). As vítimas querem saber sobre o socorro, sobre a dimensão

do desastre, querem orientações para onde devem ir, o que devem fazer e esperam respostas a causas e consequências. Os não afetados assistem com atenção por causa do drama humano, mas também para atribuir responsabilidades e avaliar a atuação governamental (Boin et al., 2009; Miller & Goidel, 2009).

Diferentes estudos sobre a cobertura jornalística de situações extremas concluem que as rotinas dos jornalistas e das organizações (os métodos e recursos de trabalho) são sempre afetadas e adaptadas (e.g. Fisher, 2020; Léfubre & Sécaïl, 2016; Perreault & Perreault, 2021; Saptorini et al., 2021; Takahashi et al., 2019; Tandoc & Takashi, 2016). Em situações de crise os jornalistas podem, também, sofrer constrangimentos profissionais e pessoais, sentindo elevados níveis de stress, até de trauma, individual e coletivo, com repercussões no desenvolvimento das suas rotinas profissionais (Perreault e Perreault, 2021) e perturbação no exercício das funções (Smith et al., 2015). Os repórteres, simultaneamente decisores nas escolhas e testemunhas dos acontecimentos, têm de equilibrar a sua função profissional com os desafios pessoais enquanto afetados, também, pela crise (Takahashi et al., 2019). A objetividade jornalística, enquanto processo rotineiro de recolher e partilhar informação, de forma neutra e sem preconceitos (Tuchman, 1978), pode ser perturbada face a decisões emergentes e a situações de crise difíceis de reportar (Allan, 2002; Tandoc & Takahashi, 2016; Van der Meer et al., 2017).

2. Covid-19: a Crise Pandémica

A pandemia de Covid-19 foi geradora de um duplo acontecimento: foi uma crise sanitária mundial e provocadora de um confinamento generalizado durante vários meses (Triquet, 2021), aumentando as incertezas e as fragilidades de todos (Casero-Ripollées, 2021; Triquet, 2021).

França e Portugal, os dois países do ecossistema mediático televisivo público que analisamos neste estudo, andaram praticamente a par nas decisões pandémicas. Em março de 2020 o presidente francês alertou o país para a mais grave crise sanitária que a França conhecia no último século (*Elysée*, 12 março, 2020), que estavam “a enfrentar uma guerra com um inimigo invisível” (*Elysée*, 16 março, 2022). Como contra-ataque confinou o país. Os residentes em França isolaram-se a 17 de março de 2020 e começaram a sair do isolamento a 11 de maio do mesmo ano.

Em Portugal, o primeiro caso positivo foi anunciado a 2 de março de 2020. Duas semanas depois o primeiro-ministro suspendeu as atividades presenciais nas escolas, alertando

o país para “estar preparado para o pior” (gov.pt.,2020, 12 de março). O Presidente da República decretou o estado de emergência dois dias depois (18 de março) (cf. Decreto-Lei n.º 1-A/2020). Os portugueses viveram confinados até 2 de maio de 2020.

Nos tempos modernos, nenhuma das anteriores crises de saúde (SIDA, H5N1) teve tantas implicações a nível sanitário, socioeconómico e político como a SARS CoV-2 (Triquet, 2021; Casero-Ripollés, 2021) e com tão grande cobertura mediática (INA, 2020; Nielsen, 2020; Obercom, 2020). Os jornalistas desempenharam um papel central para as mudanças nos hábitos, para a saúde e para os meios de subsistência das pessoas (Zizek, 2020; Nielsen, 2020). Ao mesmo tempo, os profissionais e as organizações noticiosas, também, foram afetados. A crise sanitária significou também uma “profunda interrupção para o jornalismo” (Cherubini et al., 2020, p.7). A Covid-19 aumentou a incerteza económica das empresas de *media*. O declínio acentuado nas receitas de publicidade levou a demissões generalizadas e aumentou a pressão num setor que já enfrentava muitos desafios (Casero-Ripollés, 2021; Cherubini et al., 2020; Lewis, 2020; Lopes et al., 2020). Ainda assim, o jornalismo reganhou significado, em todas as gerações, espalhando-se por todos os ecrãs e dispositivos (Mediametrie, 2020; Obercom, 2020; DNR, 2020).

3. As Organizações Jornalísticas e as Rotinas Profissionais

3.1 As práticas jornalísticas nas organizações

As rotinas jornalísticas são, aqui, entendidas como práticas de trabalho utilizadas nas redações de forma repetida e padronizada, ajudando a estruturar, estabilizar e justificar as tarefas recorrentes de reportar sobre eventos planeados e inesperados (Westlund & Ekström, 2019), permitindo que as notícias cheguem a tempo. Precedem e são moldadas pelas atividades sociais e quotidianas dos profissionais e emergem, também, no contexto dos *media* noticiosos (Ryfe, 2017; Reese & Shoemaker, 2016). As rotinas são ainda determinadas pela tecnologia, pelo espaço e pelos tempos disponíveis (Reese, 2016).

Para Gans (1979), as práticas de trabalho e as organizações dos *media* são elementos cruciais na construção da notícia, moldando-a. Wolf (1987) apresenta três fases na rotina de produção noticiosa: 1) Recolha ou apuramento dos factos; 2) *seleção* do que será publicado e, 3) forma como as notícias são apresentadas. As notícias são resultado das dinâmicas organizacionais, mas também do impacto das interações dos seus autores e dos atores das notícias (Reese, 2016a; Shoemaker & Reese, 2017; Westlund & Ekström, 2019).

David Ryfe (2016) argumenta, ainda, que a produção de notícias está mais dependente do conhecimento prático do que do conhecimento formal. Além disso, observa que as rotinas são vistas como recursos culturais que unem os jornalistas a uma comunidade (Ryfe, 2016). As regras quando não estão totalmente estabelecidas, como numa crise, são flexíveis e adaptáveis ao contexto e à situação (Miller & Goidel, 2009; Raemy & Vost, 2021) e são determinadas pela tecnologia, pelo espaço e tempos disponíveis, bem como pelas normas, pelo prazos dados aos jornalistas (Reese & Shoemaker, 2016) e por eventuais constrangimentos profissionais e pessoais que perturbam o exercício das funções (Smith et al., 2015; Van der Meer et al., 2016). As crises representam um desafio para as práticas jornalísticas, já que os repórteres têm a responsabilidade de relatar esses eventos dignos de notícias (Galtung & Ruge, 1965). Como refere Van der Meer (2016, p. 108), “mesmo na ausência de dados cruciais, a estória precisa ser contada, para cumprir a função de satisfazer a necessidade que a audiência tem de informações, quando confrontada direta ou indiretamente pelos riscos”.

Acresce que nesta era digital, no ambiente das organizações, vive-se um clima de conflito entre o antigo e o novo jornalismo (Usher, 2017). Os profissionais dos *media* noticiosos estão a negociar espaço com os utilizadores do ambiente virtual (Lewis, 2012). Neste estudo sistematizamos em três grandes grupos os fatores que emergem das práticas sociais, das pressões e das novas normas existentes nas redações e que interferem no quotidiano de profissionais: 1) A *urgência*, força os jornalistas a trabalhar confrontados com prazos constantes; 2) A *interatividade*, permite a atualização a cada minuto e impõe novas regras 3) A *participação*, através da partilha de conteúdos próprios por parte das audiências, podem agregar novos conteúdos (Becker & Vlad, 2009; Fernandes & Mendonça, 2017; Harro-Loit & Joseph, 2020; Tandoc & Duffi, 2019).

3.2 A atuação jornalística na crise pandémica da Covid-19

Nunca um acontecimento, como o SARS CoV-2, ocupou tanto tempo em antena nas estações de televisão e durante tantos meses (cf. Markttest, 2020; Mediametrie, 2020). Os repórteres foram enviados a uma guerra de proximidade para ajudar a compreender a situação (Péllisson, 2020). As organizações dos *media* reformularam as rotinas (Doukhan et al., 2020; Camponez et al., 2020), deixaram de funcionar unilateralmente, para se tornarem num sistema totalmente interativo (Quandt & Wahl-Jorgensen, 2021). As lideranças e os trabalhadores dos *media* mudaram ou adaptaram os conceitos sobre a importância do trabalho presencial. As equipas ficaram dispersas, colocadas em teletrabalho, com comunicações virtuais que

permitiram edições remotas (Appelgren, 2022; Cherubini et al, 2020; García-Avilés, 2021; Lopes et al. 2021). Em pouco tempo, os jornalistas tiveram de se adaptar para recriar o contexto da produção de notícias, tiveram de colaborar e comunicar uns com os outros, com as chefias, com as fontes, por via de videoconferência, de plataformas de comunicação e de mensagens virtuais (Appelgren, 2020; Bernadas & Llagan, 2020; Lopes et al., 2021). Neste contexto de crise, a tecnologia tornou-se central nas mudanças, foi o facilitador do trabalho digital (Saptorini et al., 2022), acompanhada por mudanças a nível socioeconómico, permitindo uma maior participação do público nos processos de informação, tornando “acessível a todos o que antes era reservado apenas a alguns” (Miranda et al., 2021, p. 290).

Num novo contexto socio-laboral, a crise pandémica lembrou a todos como os *media* noticiosos podem ser fundamentais para ajudar a informar as populações e questionar os governos sobre as políticas públicas e a aplicação ou ausência de medidas (Bernadas & Llagan, 2020; Garcia et al., 2021; Miranda et al., 2021; Nielsen et al., 2020).

Vários estudos anteriores à pandemia tinham mostrado que: 1. em situações críticas há alterações na recolha e na verificação de dados; 2. os valores-notícia tradicionais podem ser abalados; 3. é perturbada a interação e proximidade com as fontes; e, ainda, 4. são afetadas as relações humanas (Olsson, 2009; Shoemaker & Reese, 2013; Van der Meer et al., 2017).

As fontes jornalísticas são fundamentais para determinar quais as informações e quais os ângulos de abordagem das notícias. Os jornalistas, enquanto *gatekeepers*, têm o poder de selecionar as fontes que têm voz na crise (Russell, 2015; Scacco et al., 2015). Esta escolha é um aspeto fundamental na prática dos *gatekeepers* (Gans, 1979; Shoemaker e Vos, 2009). As fontes, durante as crises, têm o poder de fazer o enquadramento das notícias, têm a capacidade de moldar o contexto sob o qual o jornalista avalia os acontecimentos, com consequências na magnitude dos eventos percecionados pelo público (Manning, 2001/2013; Shoemaker & Vos, 2009; Van der Meer, 2017). Durante situações inesperadas os repórteres tendem a confiar principalmente em fontes conhecidas, como fontes oficiais e agências de notícias, e desconsiderar certas outras vozes de notícias menos conhecidas (Manning, 2013; Van der Meer, 2017). Nos estudos já disponíveis, as fontes oficiais - políticos e autoridades de saúde - bem como os especialistas, dominaram a preferência dos repórteres e o espaço público (Lopes et al., 2020; Mellado et al., 2021; Poels & Lefort, 2020), sobretudo durante os períodos de confinamento.

3.3 A imposição tecnológica nas redações televisivas

As dinâmicas permitidas pela internet levam a um novo paradigma da comunicação e implicam mudanças no espaço económico, político, na educação, nas artes e nos *media* (Hermida, & Thurman, 2008). A conversação passa a ser de grande horizontalidade, deixa de ser de um-para-um, passa a ser de muitos para um ou de muitos para muitos (Castells, 2011). O jornalismo é, hoje, mais global, interativo, participativo, multiplataforma, produzindo um constante fluxo de dados, análises e comentários (Becket & Doze, 2016). As transformações tecnológicas e consequentes alterações no comportamento social refletem-se, também, em profundas mudanças na produção, na distribuição das notícias e nas organizações jornalísticas tradicionais. A internet reduz as distâncias e o tempo. Facilita a busca de dados, o contacto com as fontes e a opinião dos públicos. A inovação e a convergência são, também, influenciadas pelas práticas e rotinas, pela regulamentação, concorrência e pelas audiências (Deuze, 2004; Usher, 2016).

A crise sanitária, inédita, com período prolongado de interrupção dos processos noticiosos, acelerou o processo de transformação dos *media* (Garcia-Avilés, 2021). O domicílio substituiu as redações, a pandemia dominou a agenda, com mais tecnologia e menos reportagem no terreno (Miranda et al, 2021). As entrevistas passaram, em muitas circunstâncias, a ser concretizadas com meios pessoais, como os telemóveis ou outras plataformas de conversação (Camponez et al., 2020; Poels & Lefort, 2020).

A pandemia destacou, também, as possibilidades adicionais do chamado ‘jornalismo de dados’ (Desai et al., 2021). O quotidiano continuou a ter a pressão do tempo, das multitarefas, a que se acrescentou a pressão de evitar ser infetado (Lewis, 2020). O jornalismo participativo, i.e., a participação direta, ativa do cidadão ou de um grupo de cidadãos na recolha, relato e análise de informações, tornou-se mais frequente. A digitalização permitiu que os cidadãos ficassem mais próximos das redações, facilitando a participação das fontes, nos jornais televisivos (Saptorini et al., 2022).

Os profissionais de televisão foram os que menos abandonaram as redações. A televisão e a consequente, cultura de trabalho, favorece a proximidade física (Saptorini et al., 2022). Muitos profissionais rapidamente incorporaram as novas rotinas e quase continuaram como de costume, com praticamente a mesma supervisão do trabalho, das relações laborais, com a intensa pressão do tempo para terminar os trabalhos e emití-los (Camponez et al., 2020; Garcia-Avilés, 2020). Na Europa, a televisão é a fonte mais usada de notícias e durante a pandemia reforçou a função de elo social (EBU, 2022; Wolton, 1997).

4. Serviço Público de Televisão

4.1 Serviço público e a televisão

Desde o século XIX é comumente aceite que a noção de serviço público se situa no centro do conceito de Estado das democracias ocidentais (Gerbiner, 1998). À noção de serviço público estão subjacentes os princípios de neutralidade, de igualdade, de continuidade e de qualidade (Derieux, 2017). Quando se fala de serviço público de televisão (doravante SPT), faz-se menção à missão de informar, educar e distrair (Attali, 2021).

O primeiro exemplo de serviço público audiovisual começou a construir-se há cem anos, na BBC (*British Broadcasting Corporation*). Partindo do Reino Unido o modelo tornou-se orientador do ocidente (Fidalgo, 2003; Lopes, 1999). As empresas de televisão europeias foram sendo criadas, entre as duas guerras mundiais apostando na programação de qualidade, na formação dos telespetadores e no desenvolvimento tecnológico (Attali, 2021; Hamilton et al., 2015), mantendo o monopólio da rádio e teledifusão até à década de 80 do século passado, exceto na Grã-Bretanha. Os ingleses adotam um sistema misto, desde 1955, apostando num método de financiamento separado, taxa no setor público e publicidade para o setor privado (Moe & Syvertsen, 2007).

Na Europa Ocidental, a ausência de alternância política, regular e real, reforçava as condições para que a televisão pública estivesse sujeita ao poder político (Levy & Nielsen, 2010). O monopólio do Estado era o proporcionador da mensagem informativa que julgava útil aos destinatários (Herrero, 1998). Em França, tendo em conta este pensamento filosófico e organizativo, o controlo governamental aparecia nos contratos de concessão do SPT como justificação para a garantia de cumprimento dos princípios de informar, educar e entreter (Cohen, 1999).

De Gaulle admitia que tinha sempre a televisão, por oposição à imprensa escrita, menos controlada (Vassallo, 2005). O sistema de empresa única viria a terminar em 1982, abrindo o mercado francês ao setor privado (Attali, 2021). A paisagem do audiovisual francês altera-se profundamente em 1987, com a venda da TF1, o primeiro canal público. Em 2000 há uma primeira redefinição legal, com a formalização de uma holding que passa a unir os três canais públicos. O agora grupo *France Télévisions* volta a expandir-se em 2010, juntando outros canais regionais e também os dos territórios ultramarinos (Francetv, 2022)

A Radiotelevisão Portuguesa – RTP - foi canal único de 1957, início das emissões regulares, até 1992. Nasceu como sociedade anónima com capital tripartido entre emissoras de radiodifusão privadas, particulares e o Estado. Este tinha posição minoritária, mas condicionava

as decisões dos acionistas majoritários. O contrato de concessão (1956) obrigava a educar e a entreter os telespetadores. Os sucessivos governos do Estado Novo utilizaram a televisão como instrumento de controlo e de propaganda política, fazendo uso da censura prévia; i.e., escolhendo os colaboradores, apertando a vigilância, sobretudo nos conteúdos informativos (Carvalho, 2009).

Com a revolução de 1974, a televisão portuguesa, em regime de monopólio, é nacionalizada. Nos anos 90, o parlamento aprova a Lei da Televisão, onde se admite, pela primeira vez, a abertura do mercado televisivo a privados, o que viria a acontecer em 1992.

O Conselho da Europa reconhece o importante papel dos meios de comunicação de serviço público na defesa do direito fundamental à liberdade de expressão e de informação, como está estabelecido no artigo 10.º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem (ECHR, 1950), tendo em conta os valores de *universalidade, independência, excelência, diversidade, responsabilidade e inovação* (EBU, 2022).

Em Portugal e em França a teledifusão pública rege-se por contratos de concessão, onde estão definidos os princípios de independência perante o governo, os interesses políticos e económicos, assim como estão estabelecidos os deveres de informar, educar, entreter, com qualidade, independência e diversidade de opinião (cf. *Légifrance*, 2009; ERC, 2015).

A RTP – Rádio e Televisão de Portugal - aguarda o fim da longa discussão pública do futuro contrato de concessão. Continua a reger-se, por isso, pelo contrato de 2015 e, com base nele, pelas linhas estratégicas do Conselho Geral Independente (CGI) para 2021-2023. Neste documento, o CGI estabelece que a televisão pública de Portugal deve ser universal, próxima de todos os cidadãos, promotora de conteúdos de qualidade e inovadores, com aposta nas plataformas digitais, na defesa do pluralismo e do rigor informativo (RTP, 2021).

Em França, o último Contrato de Objetivos e Meios (COM) da televisão francesa foi negociado durante o ano da pandemia. A reforma legislativa torna mais flexíveis as regras de publicidade, visando ajudar a restabelecer o equilíbrio entre os fornecedores de conteúdos audiovisuais e a internet (cf. Décret n° 2020-983, 2020). O primeiro objetivo do audiovisual público francês é reforçar a universalidade.

A crise pandémica emerge num contexto complexo de contínua argumentação política, ideológica e normativa sobre de que é que se fala quando se fala de serviço público de televisão. Fidalgo (2003) resume: é serviço público o produto televisivo, na medida que é feito para o público de todas as gerações e de todas as classes sociais. E numa fase em que muitas organizações públicas de *media* viviam num equilíbrio frágil (Gascon et al. 2020), estando

ainda a recuperar de uma década de austeridade, resultante da crise económica de 2009 (EBU, 2021), da ampla concorrência de serviços de *streaming* e de diversos dispositivos multiplataforma, que dificultam o acesso ao público e, por conseguinte, o cumprimento das obrigações (CSA, 2022; Lopes et al., 2020) fundamentais.

Neste período as organizações públicas, como as privadas, de *media* viveram meses de paradoxo. Se por um lado registavam as dificuldades de um mercado empresarial parado, sem necessidade de publicidade, por outro lado, os *media* noticiosos foram essenciais para a população, obrigada a ficar em casa, se informar e, também, para a promoção de campanhas de educação sanitária, no intuito de levar à mudança de hábitos para prevenir as infeções (Cabrera et al., 2020; Tuñez-Lopez et al., 2020).

Neste contexto, a televisão voltou a reocupar o espaço central das residências e a ser o elo social (Deuze, 2019; Wolton, 1997). Na televisão a marca é constituída pelo nome, como a sua identidade construída por traços visuais e sonoros (Jost, 2009). Durante as crises nacionais e internacionais a televisão pode emitir informação que devolve confiança e acalma o público (Graber, 2002). Mas também pode dar a impressão errada à audiência de que está perante a realidade total e não apenas perante uma representação simbólica (Cruz, 2014).

4.2. A Televisão recupera espaço e confiança

Quando os conteúdos jornalísticos aconselhavam, em unísono, todos a ficarem em casa (Weder & Courtois, 2020), a televisão e a informação, em Portugal e em França, reforçaram a credibilidade e reconquistaram a audiência (cf. DNR, 2020; Mediametrie, 2020; Obercom, 2020). Sobretudo nos meses do primeiro período de confinamento, o pequeno écran foi inclusivo, ganhou espaço na casa de milhões de isolados (Cabrera et al., 2020). Entre março e maio de 2020 registaram-se níveis altíssimos de audiências, numa cobertura inédita. Pela primeira vez um assunto dominou a atualidade e por um período tão longo (Kantar, 2020; Marktest, 2020). A televisão era, já antes da pandemia, o principal meio de informação para franceses e portugueses (DNR, 2019). Em França, com a chegada do vírus reverteu-se a tendência de afastamento do pequeno écran. Nesse período, apenas 24% dos franceses consideravam credível a informação televisiva (DNR, 2019). Com a pandemia e o subsequente isolamento social, mais 7% dos franceses passaram a acreditar na informação. Ao longo desse período, a *France Télévision* conquistou 62% da confiança dos telespetadores. Uma reputação só ultrapassada pelos jornais locais e regionais (64%) (DNR, 2021). Em Portugal, a televisão voltara a ser em 2019 o meio que os portugueses mais escolheram (81%) para saber o que se

passava no país e no mundo. Mais de metade dos portugueses (58%) tinham, um ano antes da pandemia, confiança nas notícias (DNR, 2019). Durante a pandemia, os *media* noticiosos portugueses consolidaram a credibilidade. A Televisão Pública de Portugal ocupou o *podium* da confiança, com 81% (DNR, 2021; Obercom, 2021).

O conceito de reputação é usado aqui como sinónimo de consideração e de confiança. Iosifidis (2008, p.350), argumenta que “a televisão pública pode desempenhar um papel essencial na salvaguarda de uma sociedade pluralista e no encontro suas necessidades culturais e sociais “. No pós-confinamento os telejornais das 20 horas, espelhos da realidade francesa e portuguesa, estruturantes da identidade de uma estação (Lopes, 2009) continuaram a dominar a atenção dos telespetadores, mas como fonte de informação perdem confiança e audiência (DNR, 2023).

4.2.1 O caso Português: O *Telejornal* da RTP1

Nos últimos 60 anos, o *Telejornal* (TJ) tem acompanhado e refletido sobre as mudanças sociopolíticas e culturais do país e do mundo. Com a marca *Telejornal* a informação televisiva torna-se marca identitária da RTP, deixando sinais distintivos na sociedade e ficando reconfigurada pelos momentos históricos (Cruz, 2014, Lopes, 1999) ao assumir-se como porta-voz do país (Cardoso & Telo, 2010), como janela aberta, em direto ou em diferido dos principais eventos desportivos, culturais, sociais e políticos. Durante o Estado Novo, foi, também, um espetáculo do sigilo de controlo e de autocensura (Godinho, 2019). Com a democracia chegam as novidades tecnológicas, a inovação trazida pela cassete de vídeo e pela substituição do filme. Mesmo com a RTP sempre envolvida na discussão da necessidade e da viabilidade do SPT o *Telejornal* retratou a televisão privada, a abolição da taxa de televisão e a internet. Com o digital espalha-se pelas multiplataformas. A imagem do *Telejornal* foi-se adaptando aos tempos e às razões do mercado. A duração dos telejornais ajustou-se aos acontecimentos e, sobretudo, à guerra de audiências (Cardoso & Telo, 2010; Cruz, 2014).

4.2.2 O caso Francês: O *JT das 20 horas* da France 2

O primeiro telejornal em França, mas também na Europa, entrou “no ar” às 20 horas do dia 29 de junho de 1949, naquele que era, na altura, o primeiro canal (TF1) controlado pelo governo de Paris (Atalli, 2021). Com a venda da TF1, durante a presidência de François Mitterrand, o jornal televisivo há mais anos a pontuar a quotidiano da maioria dos franceses passa para mãos privadas. A televisão pública reforça, então, os meios humanos e técnicos do *JT das 20 horas* da *France2*. O então segundo canal público da *Radiodiffusion de France*, tinha

uma filosofia mais regional e cultural que os telespectadores viram as imagens em movimento ganharem cor (INA, 2022).

Após a privatização do primeiro canal, a *France Télévisions*, como se designa agora o grupo da emissora pública de audiovisual, perdeu, numa primeira fase, a quota de mercado. A concorrência da TF1, e de outros canais já existentes, levaram a uma quebra de *share* de quase 30% (Brigitte, 1997). Ao longo da última década voltou a ganhar audiência e credibilidade (Mediametrie, 2020) com mais de 20% da quota média de mercado (Mediametrie, 2022). Num estudo do Instituto Nacional do Audiovisual (INA, 2019) os franceses admitem descobrir o mundo pelo JT – jornal televisivo. Consideram que é um meio de comunhão nacional, nos momentos alegres, como vitórias da seleção nacional, ou de tristeza, como os atentados.

5. Perspetivas teóricas do estudo

5.1 O *Gatekeeping* no *Newsmaking*

Kurt Lewin (1947) é o pioneiro do conceito de *gatekeeping*. Enquanto psicólogo social fê-lo no âmbito da dinâmica de grupo e da família. Em 1950, um dos seus discípulos, David Manning White, ao estudar a tomada de decisões trouxe o conceito para o jornalismo, demonstrando que a seleção noticiosa é feita em função do conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*. White, falando apenas de avaliações individuais dos factos, criou a metáfora do *Mr. Gates*, personalizando os guardiães dos portões noticiosos, concluindo que são muito subjetivas as razões que os levam a aceitar ou a rejeitar os acontecimentos noticiáveis. Gans (1979) estudou como os jornalistas actuam tanto individualmente como num contexto organizacional, com as suas normas e rotinas profissionais. Já este século, várias abordagens concluíram que o processo de decisão ultrapassa as conclusões originais de Manning White (Shoemaker & Reese, 2013; Shoemaker & Vos, 2009; Wolf, 2006). Shoemaker e Vos (2009) definiram o *gatekeeping* como “o processo de seleção e elaboração de incontáveis *bits* de informação no número limitado de mensagens que atingem as pessoas todos os dias, e é o centro do papel dos media na vida pública moderna” (p. 9). Outros examinaram as características dos jornalistas para entenderem como as decisões dos *gatekeeper* são tomadas (Weaver et al, 2007; Weaver & Wilhoit, 1996), como a estrutura e as condições das organizações influenciam o processo de construção de notícias (Wolf, 2006) e como as rotinas de comunicação, das organizações e do sistema social, influenciam o que será noticiado tendo em conta os valores-notícia. O *gatekeeping* não é um trabalho aleatório, envolve antes, complexas séries de operações que percorrem todo o processo informativo, influenciando o sentido da realidade, tanto pelo que é dito como pelo que não é dito (Shoemaker & Seeger, 2012). À audiência,

chega, em forma de notícias, uma ínfima parte das informações recebidas nas redações. Dentro de uma organização podem ser vários os *gatekeepers*. Ser *gatekeeper*, significa selecionar, restringir, controlar, ordenando no espaço e no tempo, a abordagem a dar a esses dados, transformando-os em acontecimentos noticiáveis (Shoemaker & Vos, 2009; 2011; Traquina, 2007; Wolf, 2006). Com a digitalização da sociedade, o fluxo dos assuntos selecionados é mais multifacetado, multidirecional e dinâmico, trazendo tanto desafios como oportunidades para os *media* (Weimann & Brosius, 2017). A produção e distribuição de notícias está a mudar rapidamente e, inevitavelmente, o *gatekeeping* também está (Vos & Heinderycky 2015). Os decisores profissionais já não têm o domínio exclusivo do processo e não têm a mesma influência da época pré-digital (Thurman, 2011; Wallace, 2017; Vos & Heinderycky, 2015). Os novos canais, digitais, e os cidadãos ou uma organização não profissional rivalizam com os meios tradicionais na função de *gatekeepers* (Reese, 2021; Shoemaker & Heinderycky, 2015). O *gatekeeping* é agora, também, uma interação entre o decisor profissional, bem identificado, e o público (Reese, 2011, 2020). Qualquer um pode moldar e reinterpretar notícias já publicadas em várias plataformas. Ao fazê-lo está, também, a tornar-se decisor do que será e como será noticiável (Singer, 2014, Wallace, 2017).

5.2 O jornalismo e a construção social da realidade

O hoje já não é uma simples teia de relações e de acontecimentos; necessita, por isso, de explicação e interpretação (Innerarity, 2009). Os jornalistas, enquanto atores sociais, de uma teia de decisões mais complexa, valorizam o real, fonte de matéria-prima (Cruz, 2014), para desempenharem as funções, tendo em conta as regras jornalísticas (Cook, 2010; Reese, 2020; Vos, 2016). Esse conhecimento do real é sempre um processo relacional e é visto como um método contínuo de construção de significados (Hosking, 1995).

Vários investigadores admitem que os jornalistas, mediadores de realidade, escolhem do real aquilo que vão narrar, condicionam o conhecimento da audiência, tendo em conta os seus valores, crenças e o contexto da organização. Em suma, a narrativa jornalística é uma construção da realidade (Camponez, 2009, McNair, 1998; Tuchman, 1978, 2002; Shoemaker, 2006; Shoemaker & Reese, 1996; Shoemaker & Vos, 2011; Traquina, 2007). Os jornalistas não ditam só o que o público pode pensar, mas indicam-lhe o que pensar (McCombs, 2006; Van Dijk, 2005) ao selecionarem alguns factos, uns testemunhos, algumas fontes, certas imagens, umas palavras, alguns locais e rejeitando outros enquadramentos criando a ideia de que é isso que está na ordem do dia (Shoemaker & Reese, 1996; Shoemaker & Vos, 2011).

De acordo com vários autores, Reese (2011); Reese & Shoemaker (2016); Shoemaker & Vos (2009), os jornalistas condicionam as suas escolhas do real tendo em conta os valores socioculturais, económicos e institucionais, as organizações e suas rotinas, as fontes selecionadas, bem como pelo que se presume que interessa à audiência. Reese (2020) atualizou este conceito. O investigador considera que a crescente precariedade dos *media* e o recorrente ataque de vários atores a profissionais e organizações noticiosos, bem como a entrada do público, até agora percebido unicamente como consumidor, estão a influenciar as escolhas nas redações.

Sendo o telejornalismo o ecossistema desta investigação acrescentamos aqui o peso e influência da imagem nas escolhas das notícias e na construção social da realidade. As imagens, estática ou em movimento, com ou sem som, podem ser instrumentos de significado pela força que dão ou retiram ao real (Rodgers & Thorson, 2007) influenciando, assim, a escolha do(s) decisor(es) das redações. Ao mesmo tempo, a construção pictórica da televisão pode aumentar as respostas de medo (Romer et al., 2003), dos telespectadores ou unificar a sociedade em momentos chave (Kitch, 2003).

5.3 O *Gatekeeping* e o *Newsmaking* em situações extremas

O *Gatekeeping*, a identificação e seleção de factos, e o *Newsmaking*, a produção da notícia, são processos que se tornam ainda mais complexos em momentos de crise (Takahashi et al., 2019), desafiando as mais estabelecidas práticas jornalísticas (Konow-Lund & Olsson, 2016; Olsson, 2009; Van der Meer et al., 2017). Nas últimas décadas têm sido realizados vários estudos sobre a *performance* dos *media* durante acontecimentos extremos, mostrando que cada crise é única e pode exigir improvisação na atividade jornalística e nas organizações (Durham, 2008; Lim, 2013; Olteanu et al., 2015; Takahashi et al., 2019; Usher, 2009).

Quando um evento não tem precedentes ou quando os jornalistas e as organizações não só reportam, mas temem ser afetados pelo sucedido (e.g. ataques terroristas, catástrofes naturais), a atuação dos profissionais e da organização noticiosa está, pelo menos numa primeira fase, mais assente no improvisado, no instinto (Usher, 2009) e na aplicação de novos mecanismos, recorrendo sempre à tecnologia disponível (Van der Meer et al., 2017). Esta facilita a recolha de dados, permite dar visibilidade à informação essencial para satisfazer a expectativa das audiências e/ou moldar o comportamento do público (Olteanu et al., 2015; Takahashi et al., 2019; Van der Meer et al., 2017). A compreensão do acontecimento, ou a falta dela, tem consequências na tomada de decisões e no relato do evento (Konow-Lund & Olsson, 2020; Van

der Meer et al., 2017). Quando os *media* são diretamente afetados pelos acontecimentos extremos, as sociedades tornam-se ainda mais vulneráveis às repercussões desses mesmos factos.

5.4 O *Agenda-setting* e o *Framing*

Walter Lippmann (1922), o pai da hipótese de *agenda-setting*, defendia na obra clássica *Public Opinion*, que os meios de comunicação social moldam as imagens do mundo real, selecionando e organizando determinados dados, já que não podem dar testemunho de todos os eventos (Lippman, 1922). A teoria do agendamento estabelece, então, como os *media*, influenciam a audiência para a prioridade dada a certos assuntos e como rejeita outros (Mccombs & Evatt, 1995). O ênfase dado a determinados temas pode, também, condicionar o comportamento da audiência (Coleman et al., 2019).

Quando um indivíduo sai do ambiente familiar ou laboral passa a olhar para uma realidade em segunda mão, criada por jornalistas e pelos *media* (Guo, Tien-Vu & McCombs, 2012). Como existem limitações de espaço e de tempo de emissão, os profissionais concentram a atenção em alguns tópicos e algumas personagens considerados dignos de destaque. A “pressa informativa”, a falta de tempo para filtrar, verificar, comparar e concretizar a notícia pode pôr em causa a verdadeira informação (Correia, 2000, p. 207; Ramonet, 1999, p. 73). Notícias são aqui entendidas na definição de Correia (2011) como representações simbólicas do mundo, à luz de determinado contexto cultural, organizacional e social.

Quando o jornalista constrói a notícia, em texto, som e/ou imagem, está a selecionar alguns aspetos da realidade percecionada, tornando-os mais salientes para o público, de modo a promover uma definição específica do problema, contribuindo para uma interpretação causal ou para uma avaliação moral, por via de um dado enquadramento ou *framing* (Entman, 1993). Este efeito pode ser amplificado em situações de crise, como as pandemias, porque as pessoas aumentam o consumo de notícias quando estão perante assuntos desconhecidos e relacionados com a sua segurança (Muñiz, 2020; Rodelo, 2021).

O *framing* é entendido como uma extensão natural da *agenda-setting* (Scheufele, 1999), sendo uma narrativa mediática guiada por um interesse específico e, por isso, um processo comunicacional dinâmico, interativo que atravessa todas as fases, desde o comunicador, passando pelo texto e pelo recetor (Entman, 1993). Os *frames* ocorrem tanto na mente dos comunicadores como no público (Tandoc, 2015), tem muitas ramificações, é como construir um quadro, onde primeiro se escolhe um tema, depois definem-se as características do facto

informativo que se vão tornar palavras-chave no pensamento absorvido pela audiência (Tankard, 2001). O *frame* ou enquadramento mais frequente durante uma crise sanitária é o da responsabilidade (Sandell et al., 2013).

5.5 Os valores das notícias

Ao longo dos anos, muitos investigadores têm dado atenção a uma variedade de critérios que podem determinar o que salientar dos acontecimentos e torná-los notícia (Reese, 2007; Shoemaker & Cohen, 2006; 2012). No quadro seguinte resumimos o enunciado desses princípios escolhidos por alguns investigadores para definirem a notícia. Começamos pelos critérios pioneiros de Galtung & Ruge (1965), mais centrados no conteúdo dos *media*. Numa outra linha de investigação, Wolf (1987) considera que um acontecimento noticiável é determinado pelas características da organização e das rotinas jornalísticas. Shoemaker e Reese (1996) e Shoemaker e Cohen (2006) alegam que os conteúdos noticiosos são avaliados tendo em conta variadíssimos fatores, de cariz cultural (códigos de conduta, crenças), o contexto sociopolítico e/ou económico. Estes investigadores acrescentam, ainda, que o interesse nas notícias é justificado também pela desviância, por eventos imprevistos, diferentes e raros, e pelo significado social, com interesse para a sociedade de proximidade (Shoemaker, 2010). Harcup e O'Neill (2017) revisitaram esses critérios, nesta era digital, e concluíram que um acontecimento deve ter em conta um ou mais dos seguintes *newsvalues* para ser selecionado como notícia.

Quadro 1. Critérios de noticiabilidade de vários autores de diferentes tempos		
Critérios de Noticiabilidade ou Valores Notícia		
Autores	Critérios	
Galtung & Ruge, 1965	Amplitude Clareza ou falta de ambiguidade Conformidade Continuidade Frequência Imprevisto Elites Relevância	
Wolf, 1987	Importância do ator da notícia Influência sobre o interesse nacional Número de envolvidos Relevância Continuidade para o futuro	
Shoemaker et al., 1996, 2006, 2010	Conflito Consequência Controvérsia, Curiosidade Impacto Importância Proximidade	Raridade Sensacionalismo Interesse, Novidade Oportunidade Polêmica
Harcup & O'Neill, 2017	Agenda da organização Celebridades Continuidade Conflito Drama Elites Entretenimento Exclusivo	Magnitude Negatividade Partilha Positividade Relevância Surpresa Visualidade
Fonte: Galtung & Ruge, 1965; Wolf, 1987; Shoemaker et al., 1996, 2006, 2010; Harcup & O'Neill, 2017		

Sendo a pandemia da Covid-19 um evento desviante, com um impacto inédito, utilizamos por analogia os critérios de noticiabilidade de Shoemaker, Vos e Resse (1996; 2006; 2010). Para Shoemaker (2006) a noticiabilidade de um acontecimento, de uma pessoa ou de uma ideia é determinada pela combinação das suas características desviantes com a sua significância social. Se as duas qualidades provocam um evento intenso é muito provável que seja fortemente coberto pelas notícias televisivas. Neste estudo, nas entrevistas aos decisores, procurámos entender quais os valores dos critérios que estiveram presentes na escolha dos acontecimentos a noticiar.

6. Opções metodológicas

6.1. Pergunta de Partida e Objetivos

A Covid-19 teve um impacto profundo em todos setores da sociedade, incluindo no jornalismo, provocou mudanças dramáticas no trabalho e no comportamento do público. Nestas circunstâncias inéditas e após enquadramento teórico consideramos relevante compreender os efeitos do SARS CoV-2 nas rotinas jornalísticas e nos conteúdos noticiosos do *TJ* da RTP 1 e do *JT* das 20H da *FR2*, os dois principais jornais televisivos das estações públicas de Portugal e França, durante e após o primeiro confinamento social. Tendo em conta este propósito, esta investigação alicerçou-se na pergunta de partida e nos objetivos que permitem responder, esquematizados no Quadro 2, que se segue:

Quadro 2. Pergunta de partida e objetivos deste estudo

Pergunta de Partida				
Que efeitos imediatos e repercussões posteriores foram identificados nas rotinas jornalísticas e na produção noticiosa, no Telejornal da RTP1 e no JT das 20 horas da France 2, durante o primeiro período de confinamento de 2020 e no período pós isolamento social, de 1 a 15 de janeiro de 2022.				
Objetivo 1	objetivo 2	Objetivo 3	Objetivo 4	Objetivo 5
Identificar as principais mudanças no processo e no conteúdo informativo dos principais jornais das vinte horas da RTP1 e da France2, durante e após o primeiro confinamento social	Caracterizar as motivações da decisão editorial inerente ao <i>gatekeeping</i>, do TJ e do JT, durante e após o primeiro período de confinamento em Portugal e em França;	Verificar como se processou a relação entre os jornalistas e as fontes, nas redações do TJ da RTP1 e do JT das 20H FR2, durante e após o primeiro isolamento social;	Compreender a percepção dos jornalistas das redações dos dois principais jornais da RTP e da France 2, sobre os efeitos do SARS CoV-2 no processo jornalístico ocorridos durante o confinamento;	Avaliar a percepção que os jornalistas, que produzem o TJ da RTP1 e o JT das 20H da FR2 têm da prática profissional pós isolamento social, decorrente dos estados de emergência decretados em Portugal e em França.

Fonte: Elaborada pela autora deste estudo

6.2 Método e Técnicas de Investigação

Tendo em conta a natureza do estudo, definiu-se o referencial filosófico seguido pelo paradigma interpretativo fenomenológico, focando a atenção na compreensão dos padrões da vida social e como esse significado pode ser avaliado (Blaikie, 2011). O estudo foi, também, suportado na teoria de que o conhecimento é socialmente construído (Potrac et al., 2014). Os investigadores sociais necessitam da descrição de fenómenos sociais para responder às questões que nos remetem para o que aconteceu (Blaikie, 2011). A pandemia e as suas implicações na

vida quotidiana social, económica e dos media são inéditas. Na investigação foi, por isso, seguida uma estratégia de natureza indutiva, com a perspetiva de limitar generalizações de padrões de associação entre as características observadas nos indivíduos e nos fenómenos sociais (Blaikie, 2010).

Para levar a cabo esta pesquisa foi tido em conta um método misto, porque abrangente desde as premissas filosóficas, até às interpretações e pode, também, realçar a confiança nas descobertas (Creswell, 2012). A aplicação de técnicas de recolha e análise de dados qualitativas e quantitativas permite, ainda, uma compreensão mais completa do problema de pesquisa (Creswell, 2012; Bryman, 2012). Ao conceder a recolha de informações quantitativas sobre a magnitude e a frequência dos dados, permite obter informações qualitativas sobre as perspetivas individuais dos participantes e o contexto em que estão a comentar o problema de pesquisa. O método misto, neste estudo, foi sequencial explicativo. Neste desenho o investigador primeiro recolheu os dados e analisou as informações quantitativas (numéricas) e, em segundo lugar, recolheu e analisou os dados qualitativos (textos). Esta sequência ajuda a explicar os resultados quantitativos obtidos na primeira fase (Creswell, 2012).

6.2.1 Análise de Conteúdo

Neuendorf (2017) definiu a análise de conteúdo como uma técnica quantitativa, sistemática e objetiva de análise de mensagens com determinadas características. Inclui a observação da interação humana, as mensagens escritas e visuais, material empírico a quem se pode aplicar a utilização de categorias com o objetivo de sintetizar os dados e dar-lhes significado. Esta técnica servirá para cumprir o primeiro objetivo desta dissertação. Utilizará como *corpus* de análise todas as notícias emitidas durante os períodos de confinamentos, decretados pelos governos de Portugal e de França, e 15 dias de 2022.

6.2.1.1 Corpus de Análise

Com esta análise pretende-se identificar eventuais mudanças registadas no processo jornalístico e no conteúdo informativo dos principais jornais das vinte horas da RTP1 e da *France2 (FR2)*, durante o primeiro confinamento e pós isolamento social.

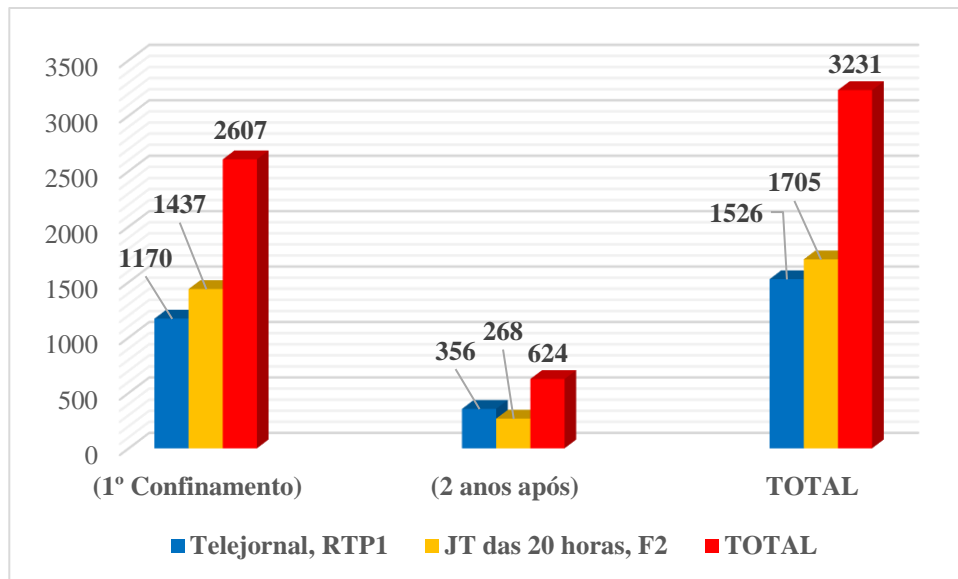
O corpus de análise é constituído pelo produto noticioso emitido pelo *Telejornal (TJ)* da RTP1 e pelo *JT das 20H* da *FR2*, durante dois recortes temporais. O primeiro recorte integra o primeiro confinamento de cada país - para o *JT das 20H* foi de 17 de março de 2020 até 11 de maio, quando foi levantado o primeiro período de isolamento social (gov.fr., 12 de maio,

2020) e para o *TJ* da RTP1 iniciou a 18 de março de 2020 e terminou a 2 de maio quando foi decretada a primeira fase do fim do confinamento (cf. Decreto-Lei n.º 1-A/2020). O segundo recorte de tempo fez-se dois anos após esse primeiro período de isolamento social e reuniu o total noticioso de duas semanas de *Telejornal* da RTP 1 e do *JT* das 20 horas da *France2*. Com este segundo recorte pretendeu-se verificar se de 01 a 15 de janeiro de 2022 se mantinham mudanças no processo de conceção noticiosa e no conteúdo informativo. Este segundo momento foi inevitável para cumprir o objetivo de verificar se as mudanças no processo jornalístico permaneceram no período pós pandémico e para compreender as motivações das decisões editoriais inerentes aos *gatekeepers* do *TJ* da RTP1 e do *JT* das 20H da *FR2* após o confinamento. O critério para selecionar este período de 2022 foi o de garantir a inexistência de acontecimentos excepcionais que pudessem interferir na análise do período pós pandemia. A partir de 20 de janeiro de 2022 ocorreram vários acontecimentos excepcionais que perturbariam a análise: 1) a 20 de janeiro Portugal iniciou a campanha eleitoral para as presidenciais; 2) a 24 de fevereiro a Rússia invadiu a Ucrânia; 3) em abril cresceu a campanha para as presidenciais francesas. A análise ao corpus de notícias recolhidas foi realizada através do programa SPSS 27.

A escolha do corpus de análise recaiu nestes dois jornais por duas razões: a) filosoficamente considera-se, nesta pesquisa, que o jornalismo de serviço público tem responsabilidades acrescidas, sobretudo durante períodos de crise. Num contexto de constante mudança em que os meios de comunicação social de Serviço Público de *Media* estão, cada vez mais, obrigados a demonstrar o seu valor no ambiente noticioso; b) sendo os sistemas mediáticos dos dois países do modelo mediterrâneo e pluralista polarizado, com as suas quatro dimensões, como definiram Hallin e Mancini (2004) considera-se pertinente perceber como as duas televisões pública abordaram, do ponto de vista noticioso, a pandemia da covid-19.

O Gráfico 1 ilustra o total de notícias analisadas na execução desta investigação:

Gráfico 1. Corpus de análise global



6.2.1.2 Grelha de Análise

A nossa grelha de análise integra várias categorias para a identificação das mudanças na prática jornalística televisiva: o uso da tecnologia, as fontes, as personagens e o seu envolvimento com os jornalistas. Quisemos saber, também, os valores-notícia que orientaram as decisões dos jornalistas e os assuntos mais noticiados.

Seguiu-se, assim, uma análise categorial descritiva que funciona por decomposição, onde são agrupadas as categorias, classificadas e recenseadas segundo a frequência ou a ausência de itens (Bardin, 1977). A análise categorial teve em conta as regras de pertinência, exaustividade e exclusividade (Neuendorff, 2017). Todas as categorias de registo e as unidades de análise podem ser consultadas na Tabela 1 do Anexo A.

6.2.2 Entrevistas semiestruturadas

Com base nas teorias do *newsmaking* e do *gatekeeping*, da *agenda-setting* e *framing*, que compõem o campo teórico desta pesquisa, pretendeu-se identificar as mudanças nas rotinas jornalísticas das redações do *TJ* da RTP1, e do *JT* das *20H FR2*, neste contexto de crise. Nesse sentido, recorreremos à entrevista semiestruturada para fazer cumprir os objetivos um, dois, quatro e cinco deste estudo. As entrevistas aos decisores podem ajudar a informar sobre os fatores internos e externos inerentes à seleção dos factos. Através das respostas às entrevistas

podem medir-se as perceções dos decisores sobre as forças de influência que estão presentes no momento da seleção (Shoemaker & Vos, 2017).

6.2.2.1 Painel de entrevistados e dimensão do guião

No *TJ* da RTP1, as entrevistas foram realizadas a três responsáveis editoriais: a duas Coordenadoras e ao Diretor de Informação. Já no *JT* das 20 horas da *France2* conseguimos a disponibilidade de uma das Chefes de Redação e da Editora-Chefe de edição de imagem. O contacto foi feito diretamente com os diferentes decisores que estiveram na preparação e concretização dos dois jornais televisivos. Uma das escolhas da *France2* recaiu na editora de imagem, uma vez que neste período particular as edições eram realizadas à distância e as decisões das escolhas das imagens eram feitas só por estes editores, sem a presença dos repórteres.

Conseguimos a disponibilidade do diretor de informação (DI) do SPT português, António José Teixeira (AJT), e de duas coordenadoras, Rita Ramos (RRA) e Florbela Godinho (FGD). No SPT francês estiveram disponíveis a chefe de redação, Virginie Fichet (VF) e a responsável pela edição de som e imagem, Maroussia Wosiak (MW). As entrevistas aos decisores do Telejornal da RTP foram presenciais a 2 de junho de 2021. Já as entrevistas em francês foram realizadas por telefone a 15 de abril de 2021. As entrevistas, semiestruturadas, foram divididas em cinco dimensões resumidas no Quadro 3.

Quadro 3. Estrutura da entrevista aos decisores do TJ e do JT das 20H da FR2	
Estrutura da Entrevista aos decisores dos jornais televisivos das 20h da RTP1 e da France2	
Dimensão 1	Questões sobre as rotinas das organizações e da redação
Dimensão 2	Questões sobre o uso da tecnologia
Dimensão 3	Questões sobre a relação com as fontes
Dimensão 4	Questões sobre os valores notícia
Dimensão 5	Questões sobre o que fica para o futuro

Fonte: Quadro elaborado pela autora deste estudo

6.2.3 Inquérito por Questionário

Para completar o cumprimento do primeiro objetivo e concretizar o terceiro, o quarto e o quinto procedeu-se a um inquérito por questionário como técnica de recolha de dados. O questionário é um dos principais instrumentos de recolha de dados usado no desenho de uma pesquisa social (Bryman, 2012), pois tem a vantagem de poder ser enviado online a um grande

número de participantes, com pouco custo e esforço (Adams et al., 2008). Foram enviados questionários, de autopreenchimento, de composição mista, com questões fechadas e abertas. A amostra é intencional, já que foram escolhidos para receber este inquérito todos os jornalistas que tiveram participação no *TJ* da RTP e no *JT* das *20H* da *France2*, durante o primeiro confinamento, decretado pelos governos dos dois países. Face esta opção enviou-se o questionário para todos os repórteres que assinaram peças, diretos, entrevistas e apresentações nos dois produtos informativos. Trabalhamos a análise deste questionário com a taxa de retorno - dos 120 emails enviados com questionários para os jornalistas da RTP, tivemos um retorno de 61 respostas. E dos 63 emails com o inquérito enviados para a *France2*, responderam 29 jornalistas. O que representa uma taxa de retorno de 50,83% e 46,03%, respetivamente.

6.2.3.1 Dimensões do Questionário

Este questionário foi organizado por vários campos de resposta como consta no Quadro 4 abaixo.

Quadro 4. Estrutura do inquérito por questionário enviado aos jornalistas do TJ da RTP1 e do JT das 20 da FR2	
Inquérito por questionário	
Parte I	Informações gerais sobre os inquiridos
Parte II	Questões sobre período de confinamento: 1) Rotinas; 2) Receios de infeção; 3) Relação com as fontes
Parte III	Reflexões sobre o período pós confinamento: 1) Mudanças no processo jornalísticos; 2) relação com as fontes

Fonte: Quadro elaborado pela autora do estudo

O inquérito realizado para este estudo foi desenvolvido na aplicação *Google Forms* e os dados obtidos foram tratados através do *software Microsoft Excel*.

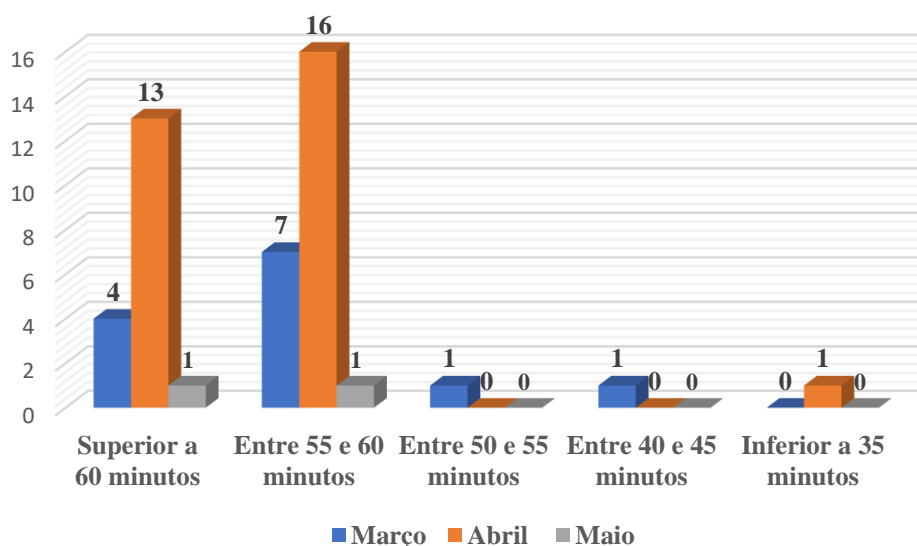
7. Apresentação dos resultados

7.1 O Tempo e o Formato no primeiro confinamento de 2020

7.1.1 O alinhamento do *Telejornal* da RTP1

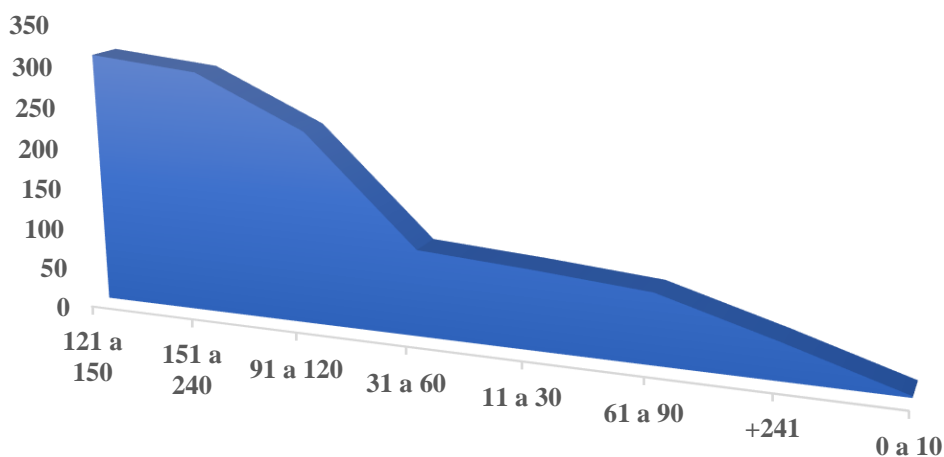
Começamos por analisar se houve alterações no formato dos dois jornais televisivos. O principal serviço noticioso da estação pública portuguesa tinha, antes da pandemia, a duração média de 52 minutos úteis de notícias. Estando dividido em duas partes, separadas por um bloco publicitário não superior a 6 minutos, conforme estabelecido pelo Contrato de Concessão de Serviço Público (media.RTP.pt). Não tinha sumário inicial e o alinhamento era pontuado por promoções de assuntos a seguir. Neste período inédito em análise o *Telejornal* manteve esta estrutura. Em boa parte do período analisado os decisores optaram pela estratégia de remeter para depois do TJ os especiais informação sobre a pandemia. Por isso, na maioria da amostra o TJ teve entre 55 e 60 minutos (Gráfico 2), com uma variação na duração durante 17 dias superior a 60 minutos. As comunicações ao país do Presidente da República e do Primeiro-Ministro às 20 horas, e o retomar do comentário político e económico explicam este prolongar do *Telejornal*. Cada TJ da RTP 1 teve no alinhamento uma média de 25 conteúdos, a maioria com um tempo de duração entre dois minutos e dois minutos e meio (Gráfico 3).

Gráfico 2 Duração média do *Telejornal* no primeiro confinamento de 2020



A reportagem é o género por excelência do *TJ* da RTP 1, seguido pelas notícias e pelos comentários clínicos (ver Anexo 2, Tabela1). Ia o mês de abril a meio e o noticiário passou a ter diariamente um especialista a comentar os diferentes ângulos da saúde do novo coronavírus.

Gráfico 3 Tempo médio das peças do *Telejornal* no primeiro confinamento de 2020



7.1.2 O alinhamento do *JT* das 20 horas da *France2*

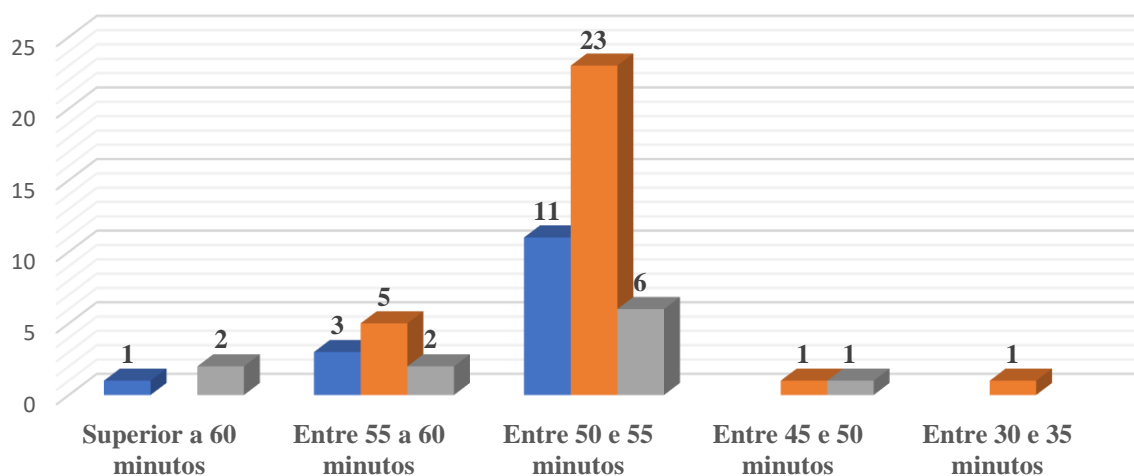
O *JT* das 20H da *France2* tem, tradicionalmente, uma duração média de 36 minutos (INA, 2020), sem intervalo. Inicia-se com um sumário e não tem promoções a separar os blocos no alinhamento.

Durante as oito semanas de 2020, desta análise, o tempo das notícias às 20 horas na *France2* alongou-se, na maioria das edições, para 50 a 55 minutos (Gráfico 4) úteis de informação. Durante este período de confinamento os telespectadores foram alertados para que cada jornal era uma edição especial, referia o pivô oralmente e “edição especial” estava escrito em oráculo gráfico durante toda a emissão. O *JT* das 20H da *FR2*, como no período pré-pandémico começou com uma síntese do dia, manteve-se sem intervalo e sem publicidade. Desde 2009 que os canais da *France Télévision* não emitem anúncios entre as 20 horas e as 6 da manhã (CSA.fr).

A reportagem foi o género narrativo por excelência do *JT* das 20H da *FR2* (52,7%), seguida pelas notícias (25,3%), e pelas entrevistas (127). Desta análise ressalta a emissão do conteúdo denominado pelos decisores “*on vous répond*”, um comentário, que podia ser clínico ou político-económico. Os especialistas, sempre em direto, no estúdio ou do exterior, para além das questões colocadas pelo jornalista, respondiam a dúvidas enviadas pelos telespetadores. Os

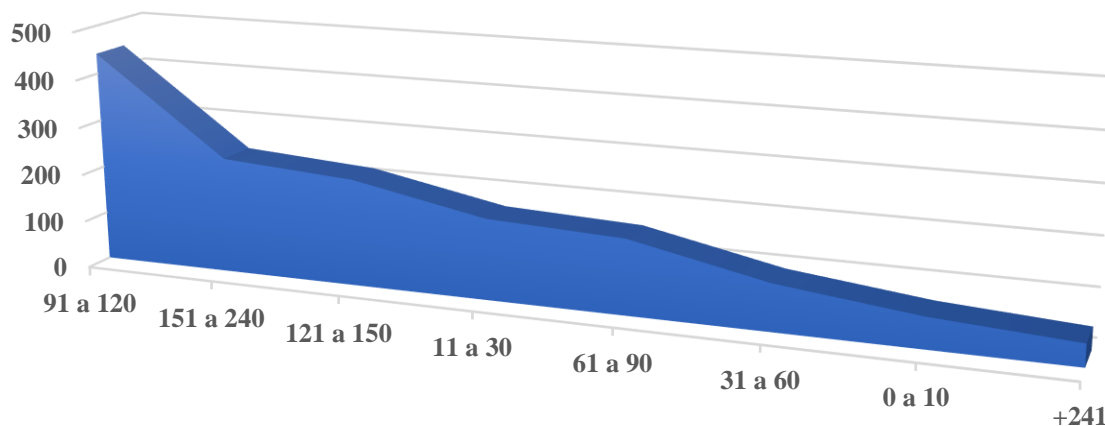
Franceses puderam, ainda, formular perguntas aos políticos. Na rubrica “*le pays Demande*” (o país pergunta) os governantes responderam às dúvidas dos cidadãos sobre diferentes matérias do quotidiano pandémico (Anexo 2, Tabela 2).

Gráfico 4. Duração média do JT das 20 horas no primeiro confinamento de 2020



Quando analisamos o tempo dos géneros narrativos no *JT* das 20H da *FR2* verificamos que cada jornal tem em média 28 peças. A maioria das reportagens do noticiário francês das 20 horas tem entre minuto e meio e dois minutos. A maioria das entrevistas e dos comentários não ultrapassa os 4 minutos (Gráfico 5).

Gráfico 5. Tempo médio das peças do JT das 20 Horas no primeiro período de confinamento de 2020

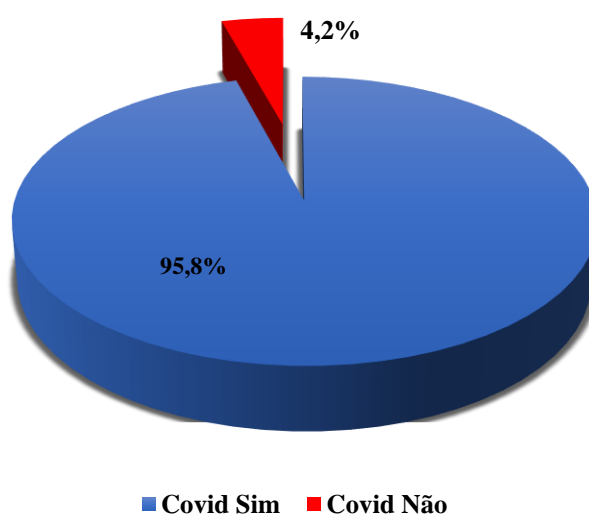


7.2 A O temário do *Telejornal* da RTP1

7.2.1 A Covid-19 nos alinhamentos

Durante 52 dias do primeiro confinamento, aqui em análise, o novo coronavírus dominou em 95,8% o principal bloco informativo da televisão pública portuguesa. O predomínio informativo sobre os diferentes ângulos da pandemia foi quebrado em 4,2% dos alinhamentos do *TJ* da RTP1 (Gráfico 6).

Gráfico 6. Os Assuntos Covid-19 e não-Covid-19 no TJ da RTP 1 no primeiro confinamento de 2020



Dada a significância social, foram listadas as categorias genéricas de *Assuntos em Pandemia* (Tabela 2) e as unidades de análise específicas à *Saúde covid-19* (Tabela 1). Nestas

estão incluídos assuntos mais diretamente relacionados com o novo coronavírus e com a doença por ele causado.

Na análise global dos assuntos verificou-se que a *Saúde Covid-19* foi a mais presente, no TJ da RTP1 (42,1%). Quando analisada apenas esta categoria verificou-se que a *situação pandémica* (evolução e propagação do vírus) foi o assunto mais significativo durante o período analisado de 2020. Foi uma constante na estratégia dos decisores, tendo estado presente em 55,5% do *corpus* analisado na primeira fase de isolamento (Tabela 1).

Quando se cruza a *situação pandémica* com a disposição no alinhamento verificamos que foi o assunto que marcou a abertura do TJ da RTP1 em 12,8% dos dias analisados, tendo ainda dominado os primeiros quinze minutos em ¼ dos alinhamentos (25,1%), reservado para o noticiário com maior relevância social (*hard news*) (Anexo 2, Tabela3). O segundo assunto mais expressivo da categoria *saúde covid-19* foi o que reportou sobre as *cercas sanitárias*, o *isolamento* e os *focos de infeção* (7,9%), seguido da *transferência de doentes* (7,5%) e da situação nas *unidades de cuidados intensivos* (7,1%). O tema das *máscara* teve muito pouca representação nos alinhamentos (2%) e apenas em abril. As categorias *vítimas* e *recuperação de doentes*, adicionadas, não chegam a 10% dos conteúdos do TJ da RTP1 neste período analisado que reporta sobre o início da pandemia (Tabela 1).

Tabela 1. Os assuntos dentro da categoria “Saúde Covid-19” - Telejornal (1º confinamento de 2020)					
Saúde Covid-19	Mês			Porcentagem válida	Total Freqüência
	Março	Abril	Maior		
Situação Pandémica	22,9%	31,4%	1,2%	55,5%	274
Cercas/Isolamento/ Focos Infeção	3,4%	4,5%		7,9%	39
Transferência de doentes	2,6%	4,7%	0,2%	7,5%	37
Situação UCI	3,4%	3,2%	0,4%	7,1%	35
Vítimas	1,6%	2,4%		4%	20
Situação Lares	0,8%	3%		3,8%	19
Questões mistas covid-19		3,6%		3,6%	18
Preparação Serviços Saúde	0,6%	1,2%	0,2%	2%	10
Política de testes	0,8%	1%		1,8%	9
Falta de EPIS	0,6%	1,2%		1,8%	9
Máscaras		1,6%		1,6%	8
Investigação Covid19	0,6%	0,6%		1,2%	6
Recuperação doentes	0,8%	0,2%		1%	5
Chegada E.p.i.s.	0,2%	0,8%		1%	5
Total	38,5%	59,5%	2%	100%	494

7.2.2 A contaminação pandémica a outros assuntos do Telejornal

Muito longe da importância dada aos assuntos sobre a doença e a propagação do vírus, causas e consequências (*situação pandémica*) está a categoria *Política do Estado*. Estes assuntos, aqui entendidos como uma iniciativa coordenada que visa à realização de objetivos comuns para fazer face ao problema público, com a participação de vários atores e instituições, foram o segundo tema com mais peso no alinhamento do *TJ* da RTP1 (Tabela 2), chegando aos 6,2% das escolhas dos decisores da televisão pública portuguesa. Os assuntos da *segurança pública* (4,5%) estão no *podium* dos assuntos destacados pelo *TJ* da RTP1. Numa análise acumulada à importância dada aos assuntos de cariz económico, verifica-se que tiveram uma proporção de 17,1%. As reportagens sobre a vida entre quatro paredes (*viver confinados*) valeram 1,6% da atenção dos jornalistas. As atividades desportivas, antes da pandemia tinham um peso relevante na agenda do *Telejornal* reduziram-se, no período em análise, a 1,2% das peças. A maioria desta presença foi

dedicada a falar do cancelamento das modalidades. Os acidentes e a política sindical correspondem aos assuntos menos frequentes do *corpus* (Tabela 2).

Tabela 2. Categoria Assuntos em Pandemia no Telejornal no 1º Confinamento de 2020						
Assuntos em Pandemia	Covid-19 (SIM)		Covid-19 (NÃO)		Total	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
Saúde Covid-19	494	42,1%	0	-	42,1%	494
Políticas do Estado	72	6,2%	2	-	6,2%	72
Segurança Pública/Proteção Civil	53	4,5%	0	-	4,5%	53
Trabalho	40	3,4%	0	-	3,4%	40
Comércio	36	3,1%	0	-	3,1%	36
Educação	34	2,9%	0	-	2,9%	34
Medidas de apoio empresas, trabalhadores e famílias	33	2,8%	0	-	2,8%	33
Situação Económica	29	2,5%	0	-	2,5%	29
Artes e Espetáculos	20	1,7%	7	0,6%	2,3%	27
Política económica europeia	25	2,1%	1	0,1%	2,2%	26
Transportes e Obras Públicas	24	2,1%	0	-	2,1%	24
Desconfinamento	24	2,1%	0	-	2,1%	24
Viver confinados	19	1,6%	0	-	1,6%	19
Solidariedade	18	1,5%	1	0,1%	1,6%	19
Tribunais/Assuntos Jurídicos/Prisões	12	1,0%	6	0,5%	1,5%	18
Partidos Políticos	17	1,5%	0	-	1,5%	17
Religião	16	1,4%	0	-	1,4%	16
Contestação sociopolítica	15	1,3%	1	0,1%	1,4%	16
Banca/Finança	13	1,1%	2	0,2%	1,3%	15
Saúde não COVID	11	0,9%	4	0,3%	1,3%	15
Histórias de Interesse Humano	13	1,1%	1	0,1%	1,2%	14
Dramas sociais	12	1,0%	2	0,2%	1,2%	14
Sensibilização	12	1,0%	1	0,1%	1,1%	13
Atividades desportivas	10	0,9%	3	0,3%	1,1%	13
Turismo	9	0,8%	1	0,1%	0,9%	10
Obituário	3	0,3%	5	0,4%	0,7%	8
Tecnologia/investigação	7	0,6%	0	-	0,6%	7
Agricultura	7	0,6%	0	-	0,6%	7
Preparação de empresas	7	0,6%	0	-	0,6%	7
Assuntos diplomáticos	6	0,5%	1	0,1%	0,6%	7
Criminalidade	3	0,3%	4	0,3%	0,6%	7
Homenagens Sociais	2	0,2%	4	0,3%	0,5%	6

Autarquias/Políticas Regionais	5	0,4%	0	-	0,4%	5
Transito e vias de comunicação	5	0,4%	0	-	0,4%	5
Comunicação Social	5	0,4%	0	-	0,4%	5
Migrações	5	0,4%	0	-	0,4%	5
Ambiente	3	0,3%	2	0,2%	0,4%	5
Meteorologia	2	0,2%	1	0,1%	0,3%	3
Div. Questões socio-económico-políticas	2	0,2%	0	-	0,2%	2
Política sindical	1	0,1%	0	-	0,1%	1
Acidentes/Catástrofes	1	0,1%	0	-	0,1%	1
Total	1121	95,8%	49	4,2%	100%	1170

7.2.3. Os assuntos Não-Covid-19 no *Telejornal*

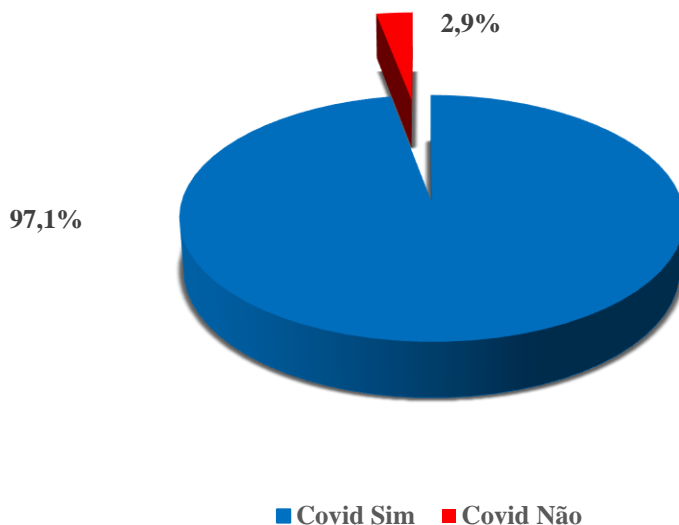
No dia 30 de março de 2020, a morte de um ucraniano, no aeroporto de Lisboa, foi a primeira notícia alheia à Covid-19 no *TJ* da RTP1. Um assunto que se repetiu, com regularidade, durante todo o período de isolamento social. O denominado caso Rui Pinto, as notícias de morte de várias figuras públicas com causas não atribuídas ao SARS-CoV2, foram outros assuntos que quebraram o domínio noticioso do novo coronavírus. À medida que o desconfinamento se tornava gradualmente progressivo, a partir de 22 de abril, outros assuntos foram sendo colocados na lista de notícias não Covid-19 a reportar no *TJ* da RTP1 (Tabela 2).

7.3. O Temário do *JT das 20 Horas da France2*

7.3.1 A Covid-19 no alinhamento

Depois de um primeiro assunto sobre o novo coronavírus ter feito a abertura do *JT das 20H* da *France2*, a 19 de janeiro de 2020 (INA,2020), a mediatização da pandemia ocupou 97,1% do espaço informativo, durante o período de confinamento francês. Esta quase completa monotematização do *JT das 20H* da *FR2* foi quebrada com 2,9% das notícias (Gráfico 7).

Gráfico 7. Assuntos Covid-19 e não-Covid-19 no JT das 20H da FR2 no primeiro confinamento



Se estendermos a análise ao grupo de temas verificamos que a categoria designada *Saúde Covid-19* foram objeto de 554 conteúdos (38,6%) durante os 56 dias do primeiro período de confinamento francês. Analisando em específico a noticiabilidade da *Saúde Covid-19* verificamos que a *situação pandémica* é a mais representativa na atenção dos jornalistas da estação francesa (33,3%), seguindo-se as categorias *cercas, isolamento e focos de infeção* (9,3%) e a *situação nas UCI* (9,37%). Em abril começaram as narrativas sobre a *recuperação de doentes*. Os *testes* e a *situação nos lares* foram uma constante na agenda do JT das 20H da FR2. Destaca-se, ainda, a presença diária do que nesta análise se denominou *questões mistas sobre a saúde covid-19* (2,34%) com 52 peças nos alinhamentos do *corpus*. Esta categoria está diretamente relacionada com uma rubrica “*On Vous Réponds*”, um espaço quotidiano onde um especialista respondia às questões colocadas pelos telespetadores (Tabela 3).

Tabela 3. Categoria “assuntos de Saúde Covid-19” no JT das 20H do FR 2 no 1º Confinamento de 2020				
Assuntos Covid19	Mês			
	Março	Abril	Maio	% do Total
Situação Pandémica	11,3%	15,5%	6,4%	33,3%
Cercas/Isolamento/ Focos Infeção	2,8%	5,2%	1,2%	9,3%
Situação UCI	2,5%	5%	1,8%	9,3%
Transferência de doentes	2,3%	5%	1,2%	8,6%
Vítimas	4,8%	1,9%	0,7%	7,5%
Recuperação doentes		3,6%	1,6%	5,2%
Política de testes	1,8%	2,1%	0,9%	4,8%
Situação Lares	1,4%	3,2%	0,1%	4,8%
Preparação Serviços Saúde	0,3%	2,5%	1,2%	4,1%
Falta de EPIS	2,1%	1,6%		3,7%
Investigação Covid-19	2,1%	1,2%		3,4%
Chegada E.p.i.s	2,3%	0,1%		2,5%
Questões mistas covid-19	1%	1%	0,1%	2,3%
Máscaras	0,3%	0,1%		0,5%
Total	35,6%	48,6%	15,8 %	100%

7.3.2 A contaminação pandémica a outros assuntos do JT das 20H da France2

A 13 de abril de 2020, Emmanuel Macron anunciou o prolongamento do confinamento até 11 de maio, dizendo que “a liberdade, finalmente, ia tornar-se a regra e a interdição passaria a ser a exceção” (*JT 20H*, 13 abril de 2020). Desde a decisão do presidente francês e até ao fim do primeiro confinamento a estratégia do SPT francês caracterizou-se por dedicar atenção a como iria proceder-se essa saída do isolamento social. A tal ponto que o noticiário sobre o desconfinamento é o segundo com mais importância durante este período em análise (7,2%). Na frente dos assuntos, no período de 2020 estudado, estiveram, também, as reportagens sobre como viviam os franceses confinados em casa (5,4%) (Tabela 4).

Assuntos em Pandemia	Covid-19 (SIM)		Covid-19 (NÃO)		TOTAL	
	(n)	%	(n)	%	N	%
Saúde Covid-19	554	38,6%	0		554	38,6%
Desconfinamento	103	7,2%	0		103	7,2%
Viver confinados	77	5,4%	0		77	5,4%
Trabalho	68	4,7%	0		68	4,7%
Comércio	58	4,0%	0		58	4%
Educação	40	2,8%	0		40	2,8%
Segurança Pública/Proteção Civil	38	2,6%	0		38	2,6%
Solidariedade	34	2,4%	0		34	2,4%
Políticas do Estado	33	2,3%	0		33	2,3%
Comunicação Social	33	2,3%	0		33	2,3%
Artes e Espetáculos	29	2%	3	0,2%	32	2,2%
Medidas de apoio às empresas, trabalhadores e Famílias	29	2%	0		29	2%
Transportes e Obras Públicas	27	1,9%	2	0,1%	29	2%
Histórias de Interesse Humano	27	1,9%	1	0,1%	28	1,9%
Turismo	28	1,9%	0		28	1,9%
Rumores da Pandemia	21	1,5%	0		21	1,5%
Dramas sociais	17	1,2%	1	0,1%	18	1,3%
Homenagens Sociais	16	1,1%	0		16	1,1%
Agricultura	15	1,0%	1	0,1%	16	1,1%
Saúde não COVID	16	1,1%	0		16	1,1%
Situação Económica	15	1%	0		15	1%
Obituário	4	0,3%	10	0,7%	14	1%
Criminalidade	5	0,3%	8	0,6%	13	0,9%
Ambiente	13	0,9%	0		13	0,9%
Contestação sociopolítica	13	0,9%	0		13	0,9%
Transito e vias de comunicação	11	0,8%	0		11	0,8%
Sensibilização	10	0,7%	0		10	0,7%

Preparação de empresas	10	0,7%	0		10	0,7%
Tribunais/Assuntos Jurídicos/Prisões	9	0,6%	0		9	0,6%
Acidentes/Catástrofes	3	0,2%	5	0,3%	8	0,6%
Autarquias/Políticas Regionais	6	0,4%	0		6	0,4%
Política económica europeia	6	0,4%	0		6	0,4%
Div. questões socioeconómico-políticas	6	0,4%	0		6	0,4%
Tecnologia/investi-gação	5	0,3%	0		5	0,3%
Atividades desportivas	5	0,3%	0		5	0,3%
Religião	5	0,3%	0		5	0,3%
Meteorologia	2	0,1%	3	0,2%	5	0,3%
Partidos Políticos	2	0,1%	1	0,1%	3	0,2%
Banca/Finança	3	0,2%	0		3	0,2%
Terrorismo	0		3	0,2%	3	0,2%
Assuntos diplomáticos	2	0,1%	0		2	0,1%
Migrações	0		1	0,1%	1	0,1%
Total	1396	97,1%	41	2,9%	1437	100%

Os diferentes assuntos de cariz económico ocuparam 16% do espaço dos alinhamentos do *JT* das 20H da *FR2*, durante este primeiro período de confinamento. Esta análise destaca que as *políticas do Estado* tiveram, no *corpus* de análise, uma representação idêntica à dedicada à *comunicação social* (2,3%). A partir do final do mês de março, foi realizado, quase diariamente, um direto para divulgar as notícias de primeira página de um jornal, regional ou nacional, impresso ou digital. Durante 21 dos 56 dias do primeiro período de confinamento de 2020, o *JT* das 20H da *FR2* dedicou 1,5% dos conteúdos a desfazer *fake news*, para combater os *rumores sobre a pandemia*. As três dimensões menos dominantes no total de peças jornalísticas analisadas foram *migrações*, *assuntos diplomáticos* e *terrorismo* (Tabela 4).

7.3.3 Os Assuntos Não-Covid-19 no *JT* das 20 Horas

Nesta análise também se mediu os assuntos não relacionados com a pandemia. Dos 1437 conteúdos apenas 41 (2,9%) não estavam relacionados com o SARS-CoV2 ou com a doença que o vírus provoca. Os ataques terroristas, dentro e fora de França, um acidente rodoviário grave, uma tragédia com turistas no Brasil, foram alguns dos poucos temas não pandémicos a

marcar a estratégia noticiosa do *JT* das *20H* da *FR2* durante o primeiro período de confinamento (Tabela 4).

7.4 Mudanças no processo informativo nos jornais televisivos das 20 Horas da RTP1 e da France2

7.4.1 A imagem, real ou virtual?

Com o propósito de verificarmos as principais mudanças, quer no processo quer no conteúdo informativo, durante o primeiro confinamento, começámos por verificar o impacto dos condicionalismos pandémicos na captação de som e imagem dos diferentes géneros jornalísticos nos dois jornais televisivos.

De seguida considerámos o uso da tecnologia no *Telejornal* e no *JT* das *20H* da *FR2*. A *tecnologia* é aqui entendida no sentido de suporte técnico, para além dos meios ditos tradicionais, de captação, edição e de transmissão televisiva presencial. Falamos, por isso, de *videochamadas* possíveis graças a plataformas digitais de conversação, de vídeos conseguidos nas *redes sociais*, outros de imagens captadas de forma amadora e enviadas espontaneamente para as redações. Referenciamos, ainda, os *vídeo amador feitos a pedido* dos jornalistas às fontes e os *vídeos institucionais* realizados por empresas, organizações e/ou partidos políticos.

Apesar de todos os condicionalismos, 67,7% dos conteúdos do *JT* das *20H* da *France2* tiveram *captação presencial*, de imagens ou de entrevistas, independentemente da sua emissão ser em diferido ou em direto. No caso do *TJ* da RTP1, 61,3% dos assuntos tiveram, pelo menos, um momento presencial, gravado ou em direto (Gráfico 8).

Gráfico 8 Captação presencial no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento

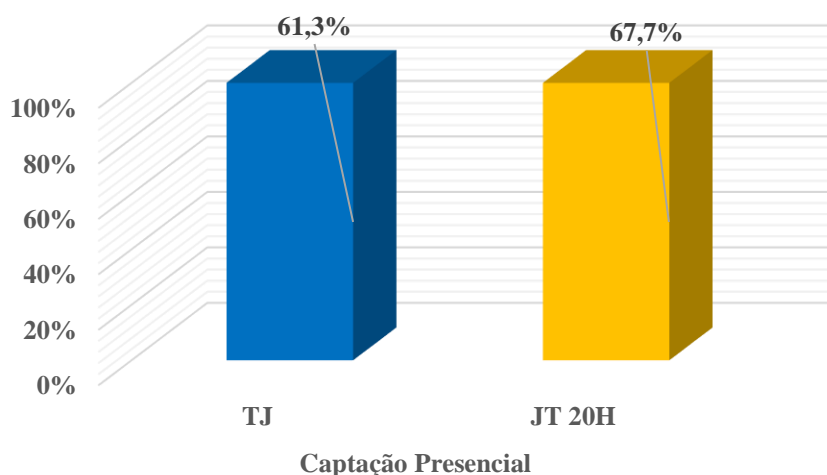


Gráfico 9. Uso de Tecnologia no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento de 2020

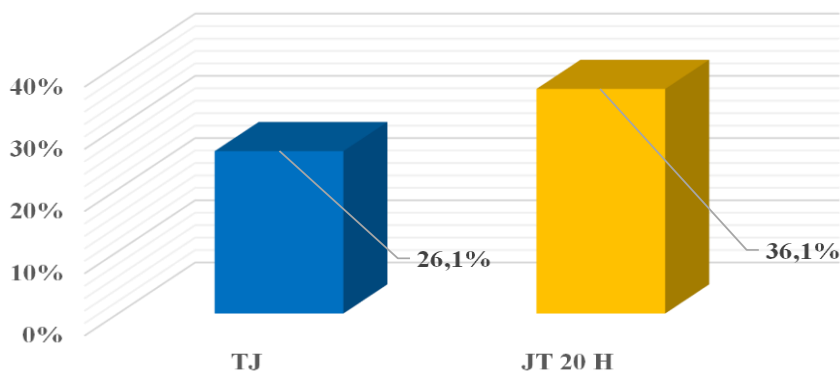
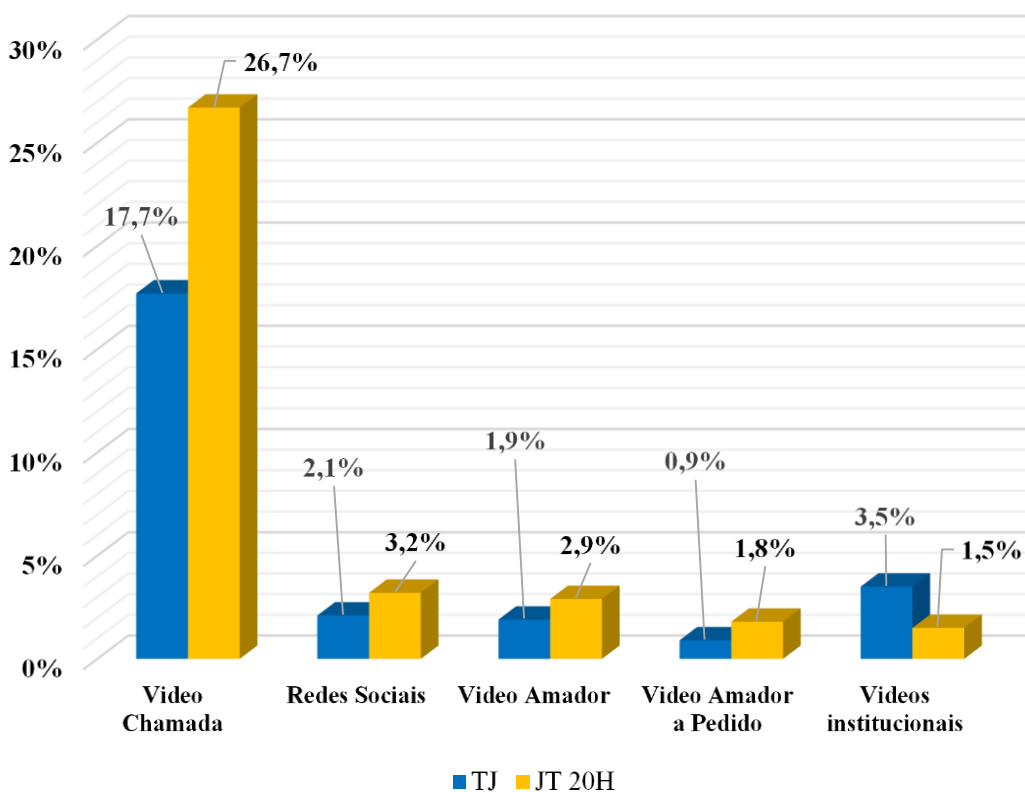


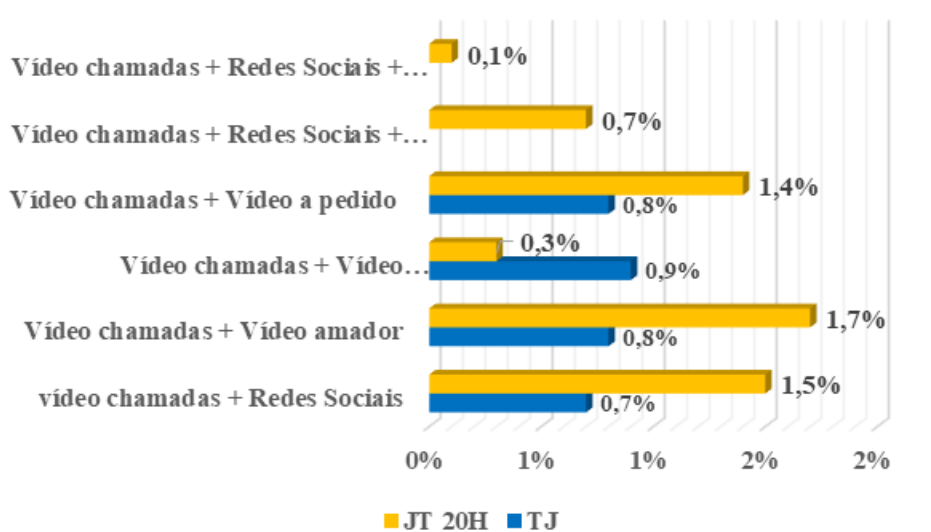
Gráfico 10. Tipologia de tecnologia usada no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento de 2020



Depois da análise concluímos que as categorias definidas como tecnológicas estiveram presentes em 26,1% dos alinhamentos do *TJ* da RTP1. Por sua vez, no *JT* das 20H da *France2*, entre 17 de março e 11 de maio de 2020, a tecnologia, conforme estabelecida neste estudo, tem um peso de 36,1% (Gráfico 9).

No caso do *TJ* da RTP1, a utilização das plataformas de conversação foi o recurso tecnológico mais usado nas peças, nos diretos ou nas entrevistas (17,7%). No *JT* das 20H da *FR2* as entrevistas à distância estiveram ainda mais presentes nos conteúdos (26,7%) (Gráfico 10). Verifica-se que o *TJ* da RTP1 também se socorreu menos das *redes sociais* (2,1%), dos *vídeo amadores* (1,9%) e dos *vídeos captados a pedido* dos jornalistas (0,9%) do que o *JT* das 20H da *FR2*. Aqui o suporte de som e imagens das *redes sociais* (3,2%), os *vídeos amadores* espontâneos, enviados para as redações (2,9%) e aqueles pedidos pelos jornalistas às fontes (1,8%) foram suporte para 7,9% dos conteúdos. Os alinhamentos portugueses tiveram mais conteúdos com *vídeos institucionais* (3,5%) do que os franceses (1,5%) (Gráfico 10). Cruzando as várias categorias tecnológicas verifica-se que neste primeiro confinamento, os jornalistas franceses e os portugueses, dos dois jornais televisivos analisados, combinaram várias plataformas e ferramentas num mesmo conteúdo. No *JT* das 20H houve um maior número de associações tecnológicas do que no *TJ* da RTP1 (Gráfico 11).

Gráfico 11. Combinação de tecnologias nos conteúdos do *TJ* da RTP 1 e *JT* das 20H da *FR2* no 1º confinamento de 2020

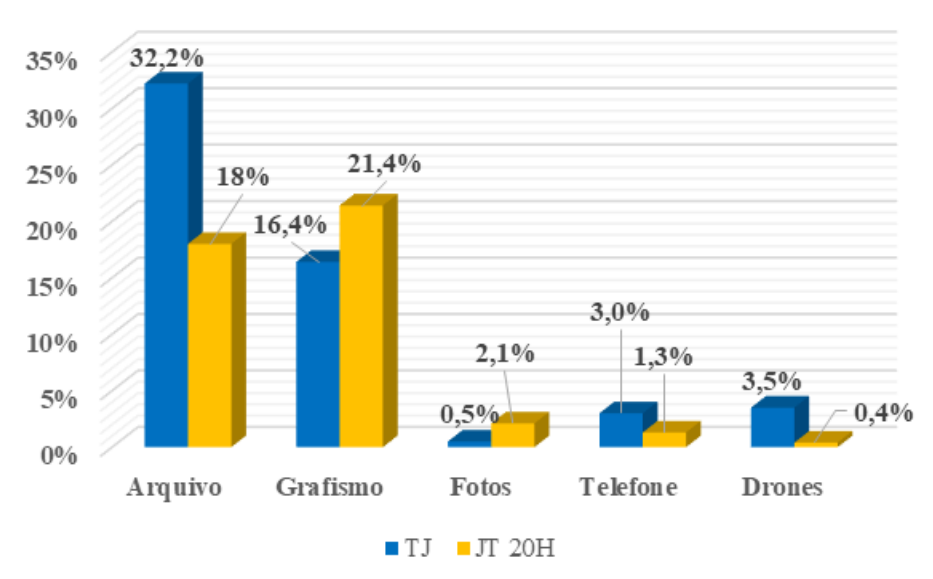


Ainda no cumprimento do primeiro objetivo desta investigação, observámos, também, tanto no *TJ* da RTP 1 e do *JT* das 20H da *FR2* a utilização de outras fontes de imagem - *arquivo*, *fotografias*, *grafismo*, entrevistas via *telefone* ou uso de *drones* - para as notícias e reportagens.

No *TJ* da RTP1 o uso do *arquivo* esteve presente em mais de ¼ (32,2%) dos conteúdos analisados enquanto o *grafismo* foi visível em 16,4% dos assuntos. No *JT* das 20H da *FR2* houve menor recurso ao *arquivo* (18%), mas maior utilização das imagens de *grafismo* (Gráfico

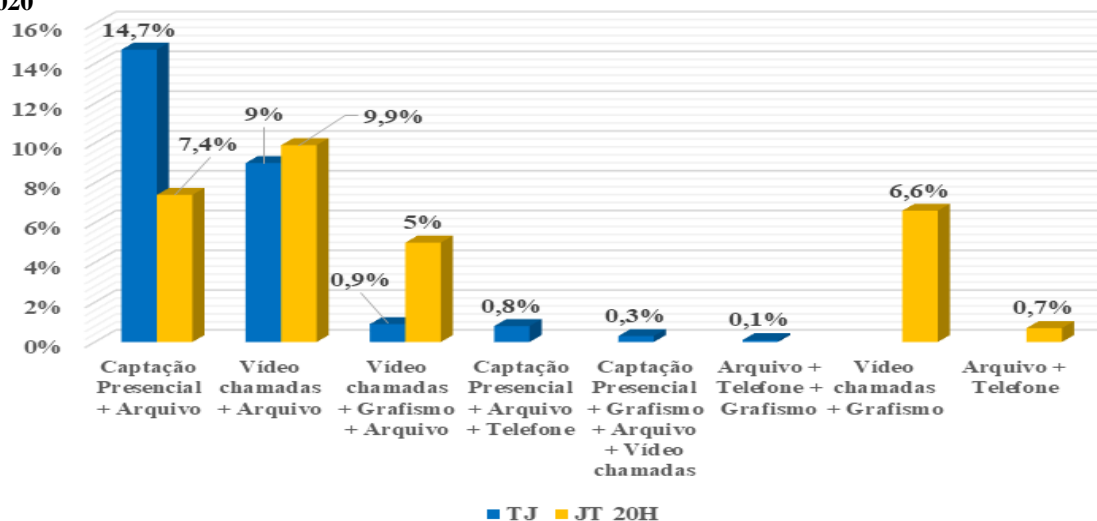
12). No caso do *TJ* da RTP1 os gráficos da situação pandémica apresentados na abertura dos jornais contribuíram para o peso do *grafismo*. Dos 52 jornais analisados, 20 abriram com o apresentador a ler gráficos animados com dados da pandemia, outras 30 vezes os dados gráficos foram recurso nos primeiros 15 minutos do jornal (Anexo 2, Tabela 4). Apenas em seis dias dos *JT* das 20H da *FR2*, no período analisado, o *grafismo* com os infetados do dia esteve presente na abertura e em outros 26 dias nos 15 minutos iniciais (Anexo 2, Tabela 5).

Gráfico 12. Outras fontes de imagem usadas no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2 no 1º confinamento de 2020



A imaginação foi uma constante nas redações do *JT* das 20H e do *TJ* das RTP1. Para tornar possíveis os conteúdos, os profissionais destes jornais televisivos, combinaram a captação presencial com várias ferramentas tecnológicas (*vídeo chamadas, redes sociais, vídeo amador espontâneo e a pedido dos jornalistas*) com outras fontes de imagens. (Gráfico 13).

Gráfico 13. Combinação de fontes de imagem do TJ da RTP1 e do JT das 20H da FR2 no 1º confinamento de 2020



7.4.2 As vozes do TJ da RTP 1 e do JT das 20H da France2

Durante o primeiro confinamento, pelo menos três fontes foram ouvidas pelos jornalistas portugueses em 43,6% das estórias, mas um número muito aproximado de peças jornalísticas (42,2%) teve apenas uma voz. No JT das 20H da FR2 há um peso menor dos conteúdos a uma só voz (36%), e é maior o peso dos temas com três personagens (46,8%) (Anexo 2, Tabela 6).

Notamos que os jornalistas franceses privilegiaram, sobretudo, o recurso a fontes de diferentes origens (individuais, oficiais, especialistas, jornalistas e empresariais) num mesmo conteúdo (42,6%). Neste estudo esta combinação foi designada de *fontes mistas*. No TJ é a opção escolhida para 28,9% dos géneros televisivos. As fontes *oficiais* (pessoas com cargo público que falam em nome do Estado ou de uma organização pública) foram as mais escolhidas (40%) pelos jornalistas do *Telejornal*. No JT das 20H da FR2 as pessoas que só se representam a si próprias - as fontes *individuais* - têm uma participação maior (20,5%) do que as vozes oficiais (18%). O cidadão comum entra em 17,3% dos conteúdos do TJ da RTP1. Já os *especialistas*, contactados pelo conhecimento específico que detêm, estiveram presentes em 6,4% das peças, diretos ou entrevistas do SPT português, e em 10,6% do JT das 20H (Gráfico 14).

Gráfico 14. Origem das fontes ouvidas no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2 no 1º confinamento de 2020

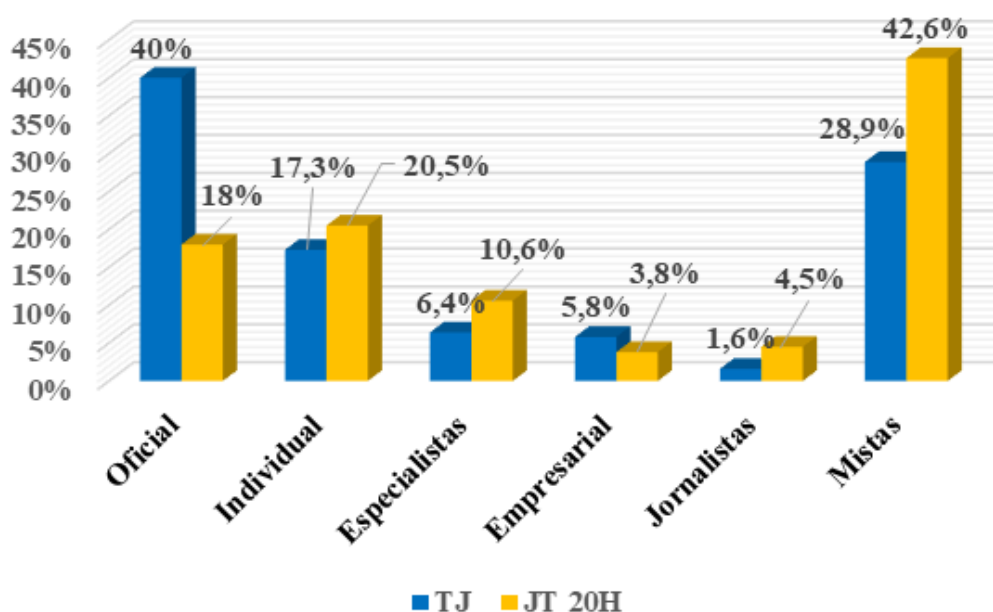
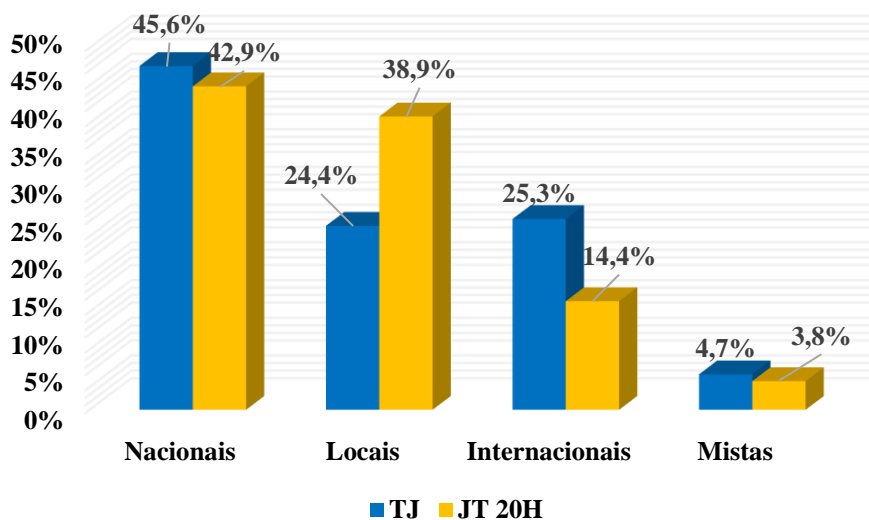


Gráfico 15. Geografia das fontes ouvidas no TJ da RTP1 e no JT das 20H no 1º confinamento de 2020



Quanto à geografia das fontes, as que têm importância nacional foram mais ouvidas do que as de âmbito local, de maior proximidade e de importância para a comunidade, tanto no TJ da RTP1 (45,6%) como no JT das 20H da FR2 em (42,9%). Ainda assim os jornalistas franceses socorreram-se mais vezes de intervenientes da comunidade local (38,9%). As fontes internacionais estiveram mesmo em mais conteúdos do TJ da RTP1 (25,3%) do que as fontes de proximidade comunitária (24,4%) (Gráfico 15).

7.5. Os protagonistas e os deuteragonistas das notícias das notícias no primeiro confinamento de 2020

7.5.1 As personagens principais do TJ da RTP1 e do JT das 20H da France2

Focando a atenção na categoria *protagonistas*, constatamos que tanto no *Telejornal* como no JT das 20H da FR2, durante o primeiro confinamento português e francês, os *desconhecidos* foram os mais ouvidos. Sendo que tiveram no jornal televisivo francês mais do dobro da representação (21,1%) dada no português (10,9%) (Tabelas 5 e 6, respetivamente).

Enquanto no *Telejornal* a categoria os *outros ministros* foi as segundas vozes mais escutadas (9,2%), no JT das 20H da FR2 os jornalistas franceses optaram por dar esse segundo maior protagonismo ao *misto de profissionais de saúde* (10,8%). Estes, no TJ da RTP1, estão, também, entre os cinco protagonistas mais representados (7,3%), com o mesmo peso que a categoria *mortos* (7,3%) e menos que os *doentes* (8,5%). Os infetados da Covid-19 também estão no *podium* dos protagonistas mais presentes nas histórias francesas (8%). A representação da categoria *mortos* no TJ da RTP1 deve-se ao exaustivo anúncio dos dados pandémicos

enviados pela *DGS*. Entre os protagonistas com mais expressão encontramos o *Primeiro-Ministro (PM)* (5,8%) e o *Presidente da República (PR)* (5,7%). Os *especialistas* (5,2%) tiveram uma participação muito idêntica à *Direção-Geral de Saúde (DGS)* e os outros representantes do *Ministério da Saúde (MS)* (5,3%) juntos como vozes de primeiro plano no *corpus* (Tabela 5). No caso francês, as vozes oficiais de *outros ministros* estão entre os cinco protagonistas (6,8%) mais representados, muito próximo da importância dada aos *especialistas* (6,6%) franceses. O *PR* (3,1%) e o *PM* (2,8%) franceses mal chegam a estar em 6% dos conteúdos. Foram, por isso, ouvidos, em menos de 100 das 1437 histórias deste primeiro confinamento de 2020. No lado dos menos ouvidos em Portugal registamos os responsáveis pelas *farmácias e laboratórios* (0,3%), o mesmo peso que os *denunciantes* (0,3%) como protagonistas (Tabela 5), enquanto em França os *religiosos* foram os protagonistas menos representados. Ainda que *lares* tenham sido assunto em quase 5% dos alinhamentos, os responsáveis por estas instituições foram ouvidos em apenas 0,4% das peças francesas e em 1,2% do *TJ* da RTP1. O protagonismo foi dado aos utentes e profissionais de saúde dos lares (Tabela 6).

Tabela 5. Protagonistas do TJ da RTP1 no 1º Confinamento de 2020		
Protagonistas	Frequência	Porcentagem válida
Desconhecidos	127	10,9%
Outros Ministros	108	9,2%
Doentes	100	8,5%
Misto Profs Saúde	85	7,3%
Mortos	85	7,3%
Empresários	72	6,2%
1º Ministro	68	5,8%
PR	67	5,7%
Especialistas	61	5,2%
Policias e Militares	45	3,8%
Autarquias e Regiões	33	2,8%
Ministério Saúde	32	2,7%
DGS	30	2,6%
Parlamento	27	2,3%
Artistas	25	2,1%
Sindicatos e ASS. Profissionais	23	2%
Outras Organizações	22	1,9%
Jornalistas	21	1,8%
Desportistas	18	1,5%
Comissão europeia	16	1,4%
Comerciantes	15	1,3%
Lares	14	1,2%
Ensino	14	1,2%
Religiosos	14	1,2%
OMS	12	1%
Notáveis	12	1%
Advogados e Magistrados	7	0,6%
Hospitais	6	0,5%
Agricultores e Pescadores	4	0,3%
Denunciantes	4	0,3%
Farmácias e Laboratórios	3	0,3%
Total	1170	100%

Tabela 6. Protagonistas do JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento de 2020		
Protagonistas	N	Porcentagem válida
Desconhecidos	303	21,1%
Misto Profs Saúde	155	10,8%
Doentes	115	8,0%
Outros Ministros	98	6,8%
Especialistas	95	6,6%
Empresários	83	5,8%
Jornalistas	74	5,1%
Comerciantes	48	3,3%
Ministério Saúde	45	3,1%
PR	44	3,1%
Artistas	44	3,1%
1º Ministro	40	2,8%
Mortos	40	2,8%
Autarquias e Regiões	37	2,6%
Policias e Militares	32	2,2%
Ensino	32	2,2%
Sindicatos e ASS. Profissionais	19	1,3%
DGS	18	1,3%
Parlamento	17	1,2%
OMS	13	0,9%
Denunciantes	13	0,9%
Desportistas	12	0,8%
Agricultores e Pescadores	10	0,7%
Farmácias e Laboratórios	10	0,7%
Outras Organizações	9	0,6%
Notáveis	8	0,6%
Hospitais	6	0,4%
Lares	6	0,4%
Advogados e Magistrados	6	0,4%
Comissão europeia	3	0,2%
Religiosos	2	0,1%
Total	1437	100%

7.5.2 As personagens secundárias no *TJ* da RTP1 e no *JT* das 20H da *France2*

Os cidadãos *desconhecidos* foram, também, os que mais intervieram no plano secundário da narrativa do *TJ* da RTP1 (13,5%), seguidos de *outros ministros* (10,1%). Estas vozes oficiais estão nos lugares cimeiros de todos os planos das personagens secundárias, juntando-se ao *Ministério da Saúde (MS)* e da *DGS*.

Enquanto isso no *JT* das 20H são os *especialistas* (10,8%) e os *profissionais de saúde* (13,7%) que partilham com os *desconhecidos* (17,8%) o palco secundário, e em todos os planos. Os *especialistas* não chegam a representar 2% no primeiro plano do papel secundário da narrativa noticiosa do *TJ* da RTP 1. Em França, fontes oficiais do Estado, juntas, enquanto segundas vozes estão em 15,1% das peças e praticamente desaparecem nos outros planos (Tabela 7 e 8).

Ao observarmos globalmente as personagens principais e os deuteragonistas, verifica-se que no *TJ* da RTP1, mesmo que os cidadãos desconhecidos sejam mais escutados individualmente, o peso das vozes oficiais dá a perceção de um alinhamento institucionalista, mais voltado para a divulgação das notícias emanadas pelo Estado e pelas suas diferentes organizações públicas.

Tabela 7. Personagens Deuteragonistas do TJ da RTP1 no 1º Confinamento de 2020								
Deuteragonistas 1			Deuteragonistas 2			Deuteragonistas 3		
Personagens	N	%	Personagens	N	%	Personagens	N	%
Desconhecidos	79	13,5	Outros Ministros	29	17,7	PR	7	16,7
Outros Ministros	59	10,1	Misto Profes. Saúde	15	9,1	1º Ministro	7	16,7
Misto Profs Saúde	53	9,0	Ministério Saúde	14	8,5	Desconhecidos	7	16,7
Doentes	52	8,9	Autarquias e Regiões	13	7,9	Outros Ministros	5	11,9
Ministério Saúde	42	7,2	Desconhecidos	13	7,9	DGS	3	7,1
DGS	42	7,2	DGS	11	6,7	Misto Profs Saúde	3	7,1
Autarquias e Regiões	33	5,6	1º Ministro	10	6,1	OMS	2	4,8
Sindicatos e ASS. Profissionais	26	4,4	PR	8	4,9	Ministério Saúde	1	2,4
Jornalistas	23	3,9	Policias e Militares	7	4,3	Lares	1	2,4
PR	19	3,2	Empresários	5	3,0	Advogados e Magistrados	1	2,4
Parlamento	18	3,1	Ensino	5	3,0	Doentes	1	2,4
Policias e Militares	17	2,9	Lares	4	2,4	Farmácias e Laboratórios	1	2,4
Mortos	16	2,7	Doentes	4	2,4	Especialistas	1	2,4
Empresários	13	2,2	Sindicatos e ASS. Profissionais	4	2,4	Sindicatos e ASS. Profissionais	1	2,4
Lares	12	2,0	Parlamento	3	1,8	Comerciantes	1	2,4
Ensino	12	2,0	Farmácias e Laboratórios	3	1,8			
Comerciantes	12	2,0	Outras Organizações	2	1,2			
Especialistas	11	1,9	Artistas	2	1,2			
1º Ministro	10	1,7	OMS	2	1,2			
Outras Organizações	5	0,9	Comerciantes	2	1,2			
Advogados e Magistrados	5	0,9	Jornalistas	2	1,2			
Desportistas	4	0,7	Religiosos	2	1,2			
Artistas	4	0,7	Advogados e Magistrados	1	0,6			
OMS	4	0,7	Desportistas	1	0,6			
Religiosos	4	0,7	Especialistas	1	0,6			
Comissão europeia	4	0,7	Comissão europeia	1	0,6			
Hospitais	3	0,5						
Denunciantes	2	0,3						
Agricultores e Pescadores	1	0,2						
Farmácias e Laboratórios	1	0,2						
Notáveis	1	0,2						
Total	587	100	Total	164	100	Total	42	10

Tabela 8. Personagens Deuteragonistas do JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento de 2020								
Deuteragonistas 1			Deuteragonistas 2			Deuteragonistas 3		
Personagens	N	%	Personagens	N	%	Personagens	N	%
Desconhecidos	134	17,8	Especialistas	32	13	Misto Profissionais de Saúde	7	14,9
Misto Profs. Saúde	103	13,7	Desconhecidos	28	11,4	Sindicatos e Associações Profissionais	7	14,9
Especialistas	79	10,05	Sindicatos e Associação Profissionais	24	9,8	Jornalistas	5	10,6
Jornalistas	78	10,3	Mistos Profissionais de Saúde	20	8,1	Autarquias e Regiões	4	8,5
Empresários	74	7,2	Autarquias e Regiões	19	7,7	Outros Ministros	3	7,4
Comerciantes	37	4,9	Outros Ministros	16	6,5	Parlamento	2	4,3
Sindicatos e ASS. Profissionais	34	4,5	Empresários	12	4,9	Lares	2	4,3
Autarquias e região	32	4,2	Lares	11	4,5	Advogados e Magistrados	2	4,3
Doentes	32	4,2	Comerciantes	11	4,5	Policias e Militares	2	4,3
Ensino	24	3,2	Ensino	10	41,4	Farmácias e Laboratórios	2	4,3
Outros ministros	20	2,7	Jornalistas	10	4,1	Ensino	2	4,3
Policias e Militares	18	2,4	Policias e Militar	8	3,3	Desconhecidos	2	4,3
DGS	16	2,1	Ministério da Saúde	6	2,4	Comerciantes	2	2,43
Ministério da Saúde	12	1,6	Agricultores e Pescadores	6	2,4	Ministério da Suade	1	2,1
Hospitais	12	1,6	DGS	5	2	Outras Organizações	1	2,1
Mortos	11	1,5	Doentes	5	2	Empresários	1	2,1
Advogados e Magistrados	10	1,3	Farmácias e Laboratórios	5	2	Agricultores e Pescadores	1	2,1
Farmácia e Laboratórios	10	1,3	PR	3	1,2	Especialistas	1	2,1
PR	9	1,2	Parlamento	3	1,2			
Lares	5	0,7	Advogados e Magistrados	3	1,2			
Religiosos	5	0,7	Hospitais	2	0,8			
Parlamento	4	0,5	Artistas	2	0,8			
Primeiro Ministro	3	0,4	Primeiro Ministr	1	0,4			
Artistas	3	0,4	Outras Organizações	1	0,4			
Denunciantes	3	0,4	Notáveis	1	0,4			
Agricultores e Pescadores	2	0,3	Religiosos	1	0,4			
Notáveis	2	0,3	Mortos	1	0,4			
Outras Organizações	1	0,1						
OMS	1	0,1						
Total	587	100	Total	164	100	Total	42	10

7.6 O espaço da notícia no primeiro confinamento de 2020

Quando analisamos a proximidade da notícia nos dois telediários verificamos que os assuntos ocorridos tanto em Lisboa (25%) como em Paris (26,7%) são os mais presentes nos alinhamentos. Os conteúdos noticiosos sobre *Portugal Global* (continente e ilhas) (18,9) são a segunda representação espacial no *TJ* (Tabela 9) e a que tem maior presença na abertura (Anexo 2, Tabela 10). No *podium* da proximidade está *Lisboa política*, onde ocorre a decisão e a organização do Estado (16,1%). O peso do *Porto* e da Área Metropolitana da Invicta não chega a 7% dos conteúdos. No top cinco das notícias portuguesas encontramos ainda os conteúdos noticiosos sobre *Portugal Continental* (ilhas excluídas) (10,8%). A região do *Minho* é a que menos mereceu a escolha dos decisores. No caso francês a segunda identificação espacial mais representada (18,9%) está nas estórias recolhidas em *Vários (locais) da França Continental* (sem representação dos Territórios Ultramarinos e a Córsega). A *França Global* está presente em menos de 10% dos conteúdos (Tabela 10). Estas duas categorias lideraram as aberturas do *JT* das 20H (Anexo 2, Tabela 11). Os *Territórios Ultramarinos* e a *Ilha da Córsega* foram quase esquecidos, juntos não chegam a 1,5% dos alinhamentos. O departamento francês do *Grande Leste* (5,8%), onde surgiram os primeiros grandes surtos de infeção, é o único que, longe de Paris, está representando de forma individual em mais de 5% das estórias.

PORTUGAL	N	Percentagem válida
Lisboa cidade	223	25
Portugal global	164	18,2
Lisboa Cidade Política	134	16,1
Vários Portugal Continental	93	10,8
Área Metropolitana de Lisboa	80	9,1
Centro	32	3,7
Área Metropolitana do Porto	34	4,5
Porto Cidade	16	1,9
Algarve	14	1,6
Misto Lisboa e Porto	13	1,5
Trás-os-Montes e Alto Douro	9	1,1
Portugal e misto Europa	9	1,1
Portugal e Mundo	7	0,8
Alentejo	6	0,7
Açores	6	0,7
Madeira	4	0,5
Vários Ilhas	4	0,5
Portugal e Bruxelas	4	0,5
Minho	2	0,2
Total	854	100

Tabela 10. O Espaço Nacional Francês dos Conteúdos do JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento de 2020		
O Espaço da Notícia		
A Geografia do JT das 20 Horas	Frequência	Percentagem válida
Paris cidade	324	26,7
Vários França Continental	230	18,9
Île de France - Grande Paris	191	15,7
França Global	107	9
Grande Leste	69	5,7
Paris Política	64	5,3
Provence-Alpes-Costa azul	60	4,9
Altos de França	29	2,4
Auvergne-Ródano- Alpes	26	2,1
Occitana	21	1,7
Bretanha	14	1,2
Territórios Ultramarinos	15	1,2
Nova Aquitânia	12	1
País do Loire	11	0,9
Normandia	10	0,8
França e o mundo	9	0,7
França e outra Europa	8	0,7
Córsega	6	0,5
Borgonha France Comte	4	0,3
Vale do Loire	3	0,2
Total	1215	100

Analisando o peso das notícias fora das fronteiras de Portugal e de França verificamos que, no primeiro confinamento, os decisores do *Telejornal* optaram, preferencialmente, por juntar no mesmo conteúdo material noticioso de vários países europeus. Neste estudo a categoria *Misto de Países Europeus* foi, por isso, a mais comum quando se retratou o estrangeiro (16,8%). Os *Estados Unidos* (15,5%), *Espanha* (13,3%) e *França* (11,1) quando adicionados, ocuparam 39,9% dos alinhamentos do *TJ*. Destaca-se que os *PALOP* têm presença inferior a 2% do total noticioso analisado. No espaço internacional do *JT* das 20H os *Estados Unidos* é o país com maior peso nas notícias (22%). A crise política e económica americana e a negacionismo pandémico de *Donald Trump* contribuíram para esta preponderância noticiosa. *Itália*, ainda que fosse o país europeu mais afetado pelo novo coronavírus, no período analisado, ficou em segundo lugar nas escolhas noticiosas dos decisores franceses (11,8%) e foi ainda menos representada no alinhamento português (7,6%) (Tabela10). A China está no Top cinco das decisões francesas e ocupa menos de 3% do alinhamento do *TJ* da RTP1 (Tabela 11).

Espaço Internacional do TJ da RTP1	N	Percentagem válida
Misto de Países Europeus	53	16,8
Estados Unidos	49	15,5
Espanha	42	13,3
França	35	11,1
Itália	24	7,6
Brasil	24	7,6
Misto do Mundo (extra-Europa)	21	6,6
Bruxelas	18	5,7
Reino Unido	10	3,2
China	9	2,8
Outros Países Europa Ocidental	9	2,8
Rússia	7	2,2
Palop	6	1,9
Médio Oriente	3	0,9
Ásia Oriental	2	0,6
Oceânia	2	0,6
Ásia Central	1	0,3
Outros Países da América Latina	1	0,3
Total	316	100,0

Espaço Internacional do JT das 20H	N	Percentagem válida
Estados Unidos	49	22
Itália	26	11,8
China	24	10,9
Reino Unido	23	10,4
Alemanha	20	9,0
Espanha	19	8,6
Misto Mundo (extra-Europa)	12	5,4
Outros Países Europa Ocidental	10	4,5
Misto Países Europeus	10	4,5
Ásia Oriental	7	3,2
Bruxelas	4	1,8
Brasil	4	1,8
Outros Países de África	4	1,8
Rússia	3	1,4
Ásia Central	3	1,4
Outros Países da América Latina	2	0,9
Misto África	2	0,9
Total	222	100,0

7.7 Os jornais televisivos das 20 horas em Portugal e França no pós confinamento

Para verificarmos os impactos da pandemia na prática jornalística no período após o primeiro confinamento, procedemos a uma análise aos alinhamentos do *TJ* da RTP1 e do *JT* das 20H da FR2, nos 15 dias iniciais de janeiro de 2022. Nesta altura, tanto em Portugal como em França, as infeções ressurgiam. A variante Ómicron mais contagiosa voltava a ter impacto no quotidiano, dominava as infeções, provocando, ainda assim, três vezes menos vítimas

graças à vacinação (OMS, 2022). Nos dois países as máscaras continuavam a ser obrigatórias nos locais públicos. O regime de teletrabalho era a regra. Os bares e outros locais de recreio iam reabrindo, mas só para quem tivesse comprovativo de vacinação. As televisões procuravam retomar a atividade como no período pré-pandemia, ainda que com muitos jornalistas a trabalhar a partir de casa. Muitas fontes mantinham, também, reservas e condicionalismo ao contacto social. Politicamente, Portugal vivia um período de pré-campanha para as legislativas antecipadas. Em França, as presidenciais seriam em abril, mas o ambiente era já de turbilhão político.

7.7.1 O Tempo e o Formato no pós confinamento: *Telejornal da RTP 1 e JT das 20H da France2*

Em janeiro de 2022, o *TJ* da RTP 1 continuava com o formato do período pré-pandémico e pandémico: sem síntese das notícias do dia, com duas partes, separadas por um bloco publicitário. Nas duas semanas da análise, o *TJ* teve uma variação temporal muito variada. Em 7 dos 15 dias analisados (46,7%) durou o tempo regular entre 55 e 60 minutos. Três outros telejornais deste período (20%) tiveram uma emissão com mais de uma hora. Num dos dias analisados o *TJ* da RTP1 teve menos de 35 minutos. Esta variação temporal deve-se, sobretudo, à realização de debates políticos, emitidos ora dentro ora fora do principal espaço noticioso do SPT português.

Gráfico 16. Tempo médio do Telejornal no pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)

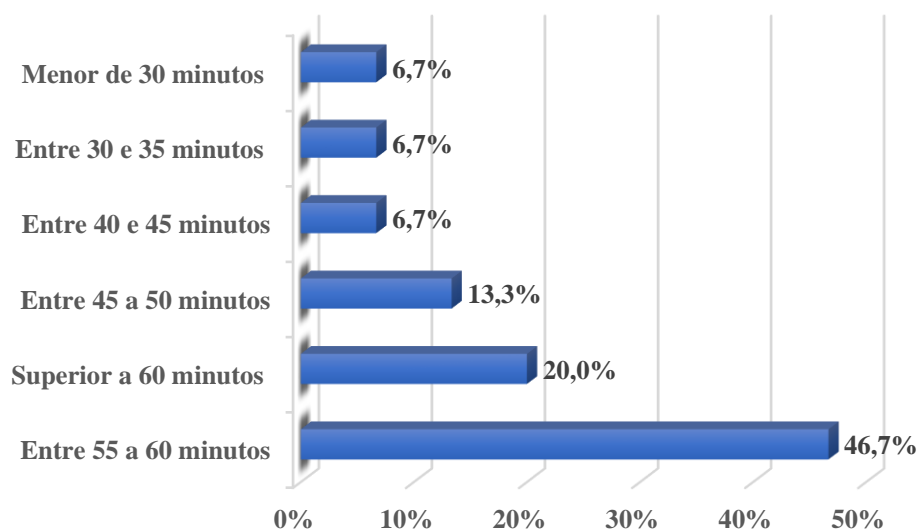
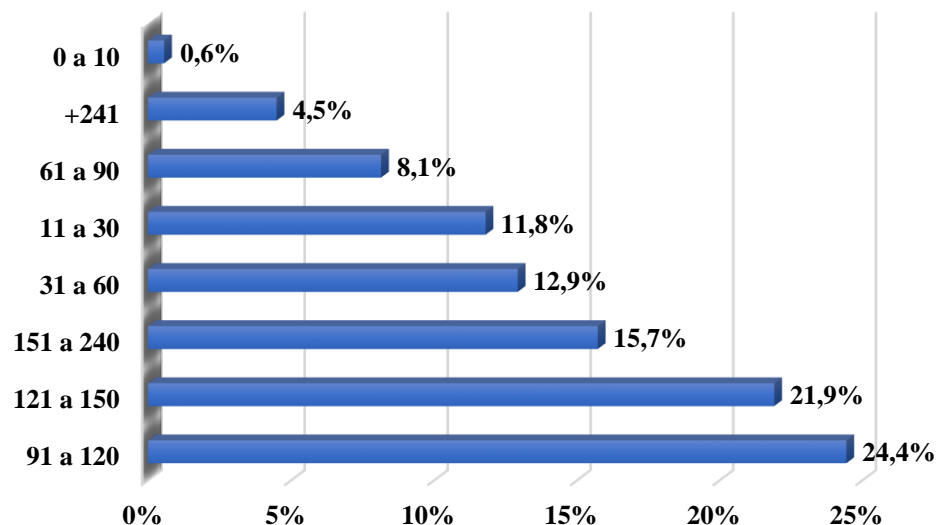


Gráfico 17. Tempo médio dos conteúdos do TJ no pós confinamento (1 a 15 janeiro de 2022)



Na observação aos conteúdos individualizamos do *Telejornal*, durante estes 15 dias de janeiro de 2022, percebemos que do período de confinamento para o pós-isolamento não se registou no *TJ* da RTP1 uma grande diferença temporal. Mais de metade (62%), duraram entre minuto e meio e quatro minutos (Gráfico 17).

Nas duas semanas da amostra de 2022, o *JT* das 20H da *FR2* voltou à duração próxima do período pré-pandemia, com uma média de 34 minutos de duração. Dois anos após o confinamento ocupou, na maioria dos dias (60%), entre os 35 e os 40 minutos da antena da France 2 (Gráfico 18). Foram emitidos 268 conteúdos informativos, com uma duração muito variável, sendo que 28,7% dos conteúdos (77) têm entre minuto e meio e dois minutos. (Gráfico 19).

Gráfico 18. Tempo médio do JT das 20H da FR2 no pós confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)

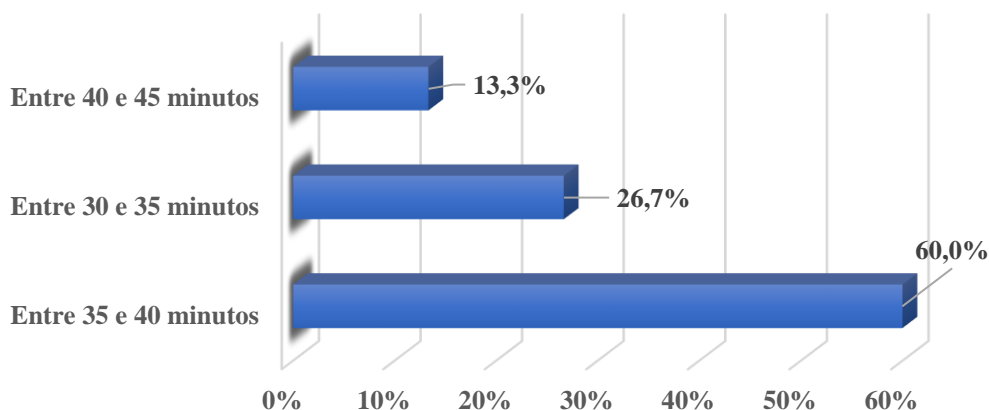
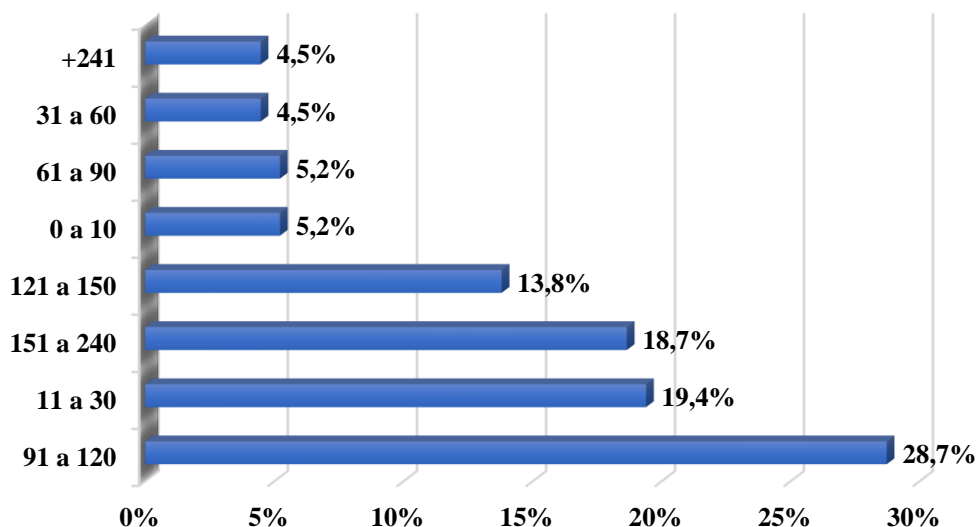


Gráfico 19. Tempo médio dos conteúdos do JT das 20H no pós confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)

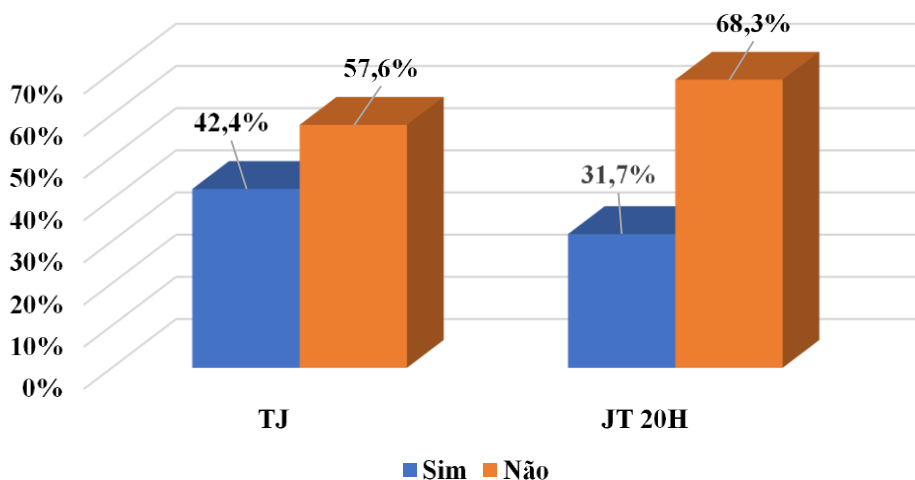


7.8 O temário do *Telejornal* e do *JT das 20H* da *France2* no pós confinamento

7.8.1. A Covid-19 deixou de dominar os alinhamentos

A maioria dos géneros informativos televisivos, tanto no *TJ* da RTP1 (57,6%) como no *JT das 20H* da *FR2* (68,3%), não este relacionado com a pandemia. Os ângulos de cobertura da Covid-19 estiveram presentes em 42,4% do *Telejornal* e em 31,7% do principal jornal do SPT francês (Gráfico 20).

Gráfico 20. Os Assuntos Covid-19 e os Não-Covid-19 no *TJ* da RTP1 e no *JT das 20H* no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)



No referente em análise o país vivia a 5ª vaga da pandemia e uma crise política. As categorias sobre a *saúde covid-19* e a *caminho das legislativas* rivalizaram como assuntos de

maior destaque e de abertura do *TJ* da RTP1. Os assuntos diretamente ligados à doença e à propagação do vírus estiveram em 21,6% dos conteúdos noticiosos e as notícias das legislativas em 19,9% (Tabela 13). Na subcategoria *saúde Covid-19 a situação pandémica* (44,9%) foi a mais frequente, seguida pelos assuntos sobre *vacinação* (23,1%). A *recuperação dos doentes* (1,3%) esteve quase ausente nesta fase analisada (Tabela 14).

Tabela 13. Assuntos do TJ da RTP 1 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
ASSUNTOS	N	Percentagem válida
Saúde Covid-19	77	21,6
A caminho das legislativas	71	19,9
Tribunais/Assuntos Jurídicos/Prisões	38	10,7
Atividades desportivas	34	9,6
Políticas do Estado	14	3,9
Comércio	11	3,1
Artes e Espetáculos	8	2,2
Educação	8	2,2
Banca/Finança	7	2
Terrorismo	7	2
Transportes e Obras Públicas	7	2
Trabalho	6	1,7
Acidentes/Catástrofes	6	1,7
Situação Económica	6	1,7
Assuntos diplomáticos	5	1,4
Contestação sociopolítica	5	1,4
Obituário	5	1,4
Saúde não COVID	5	1,4
Voto de Isolados	5	1,4
Ambiente	4	1,1
Festividades	4	1,1
Homenagens Sociais	3	0,8
Criminalidade	3	0,8
Histórias de Interesse Humano	3	0,8
Segurança Pública/Proteção Civil/Fiscalização/Regras Confinamento	2	0,6
Tecnologia/investigação	2	0,6
Turismo	2	0,6
Div. questões socio-económico-políticas	2	0,6
Política sindical	1	0,3
Viver confinados	1	0,3
Comunicação Social	1	0,3
Migrações	1	0,3
Religião	1	0,3
A caminho das Presidenciais	1	0,3
TOTAL	356	100

As atividades desportivas, as artes e espetáculos voltaram a entrar nos alinhamentos do TJ da RTP1 destes 15 dias de janeiro de 2022, estando no top dez dos assuntos mais noticiados.

A “Operação Marquês”, o ‘caso João Rendeiro’ e a situação dos tribunais em pandemia projetaram a categoria Tribunais para o topo das escolhas no *TJ* da RTP1 (Tabela 13).

Tabela 14. Assuntos categoria "Saúde Covid-19" do TJ da RTP1 no Pós-confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
ASSUNTOS SAÚDE COVID-19	N	% do Total
Situação Pandémica	35	44,9
Vacinação	18	23,1
Cercas/Isolamento/ Focos Infeção	6	7,7
Política de testes	6	7,7
Investigação Covid	5	6,4
Situação UCI	3	3,8
Preparação Serviços Saúde	3	3,8
Recuperação doentes	1	1,3
Questões mistas covid	1	1,3
TOTAL	78	100

No *JT* das 20H da *FR2* há uma maior diversidade de assuntos entre os mais noticiados. As questões da *saúde covid-19* continuam a ser, de longe, as mais destacadas (22%) e com maior presença nos primeiros 15 minutos da amostra de 2022. A “*situação pandémica*” (45%) e a “*vacinação*” (22%) são as duas subcategorias da saúde covid-19 com maior visibilidade no telediário francês. No topo da estratégia noticiosa, neste período analisado do pós confinamento, estiveram ainda conteúdos sobre o *comércio* (6,3%), *a caminho das presidenciais* (5,6%) e sobre a *meteorologia* (5,2%) (Tabela 15). O *desporto* é inexistente e as *artes e espetáculo* são remetidas para o final do jornal. As aberturas foram muito diversificadas durante os primeiros 15 dias de 2022. Para além da *saúde covid-19* os *acidentes* foram os mais valorados para a abertura no SPT francês (Anexo 2, Tabela 14).

Tabela 15. Assuntos do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
ASSUNTOS	N	% válida
Saúde Covid-19	59	22
Comércio	17	6,3
A caminho das Presidenciais	15	5,6
Meteorologia	14	5,2
Criminalidade	12	4,5
Tribunais/Assuntos Jurídicos/Prisões	12	4,5
Situação Económica	12	4,5
Acidentes/Catástrofes	11	4,1
Terrorismo	11	4,1
Contestação sociopolítica	11	4,1
Políticas do Estado	10	3,7
Agricultura	9	3,4
Ambiente	8	3
Histórias de Interesse Humano	8	3
Educação	7	2,6
Turismo	7	2,6
Artes e Espetáculos	6	2,2
Obituário	6	2,2
Banca/Finança	5	1,9
Trabalho	5	1,9
Saúde não COVID	5	1,9
Dramas sociais	4	1,5
Festividades	3	1,1
Homenagens Sociais	2	0,7
Transportes e Obras Públicas	2	0,7
Div. questões socio-económico-políticas	2	0,7
Partidos Políticos	1	0,4
Segurança Pública/Proteção Civil/Fiscalização/Regras Confinamento	1	0,4
Migrações	1	0,4
Medidas de apoio às empresas e trabalhadores	1	0,4
A caminho das legislativas	1	0,4
TOTAL	268	100

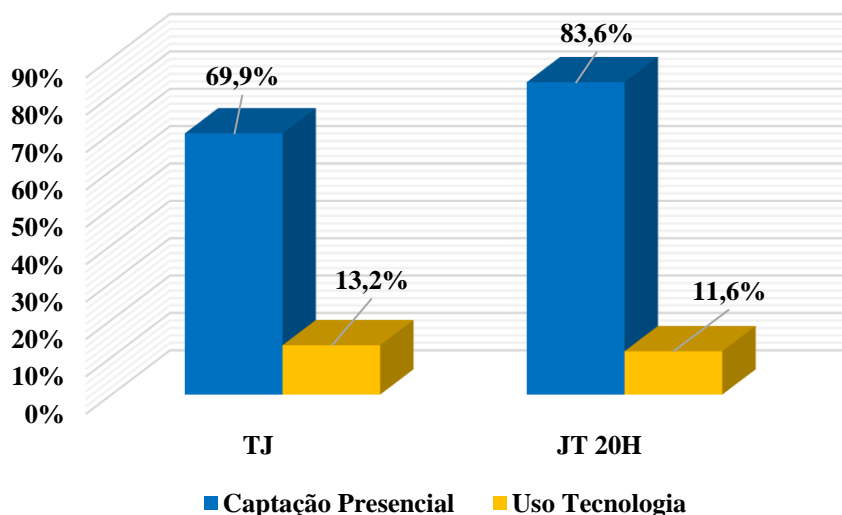
Tabela 16. Assuntos Categoria "saúde Covid-19" do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
ASSUNTOS SAÚDE COVID-19	N	% válida
Situação Pandémica	27	45,8
Vacinação	13	22
Política de testes	6	10,2
Máscaras	4	6,8
Cercas/Isolamento/ Focos Infeção	3	5,1
Situação UCI	3	5,1
Investigação Covid-19	2	3,4
Recuperação doentes	1	1,7
TOTAL	59	100

7.9 As mudanças no processo informativo nos jornais televisivos das 20 horas em Portugal e em França, no pós confinamento (1 a 15 janeiro de 2022)

7.9.1. A imagem, real ou virtual?

No período analisado de 2022, de 01 a 15 de janeiro, tanto nos conteúdos do *TJ* da RTP1 como no *JT* das 20H da FR2 a *captação presencial* de imagens e som, com recurso a meios ditos tradicionais de *broadcasting* (câmara, microfone) esteve ainda longe dos 100%. Quando comparado com o primeiro confinamento de 2020, no *TJ* da RTP1 a captação no local dos acontecimentos aumentou apenas 2,2% para 69,9%. No *JT* das 20H da FR2 mais 15,5% dos profissionais saíram das redações ou do teletrabalho e regressaram aos palcos dos eventos noticiosos para 83,6% (Gráfico 21).

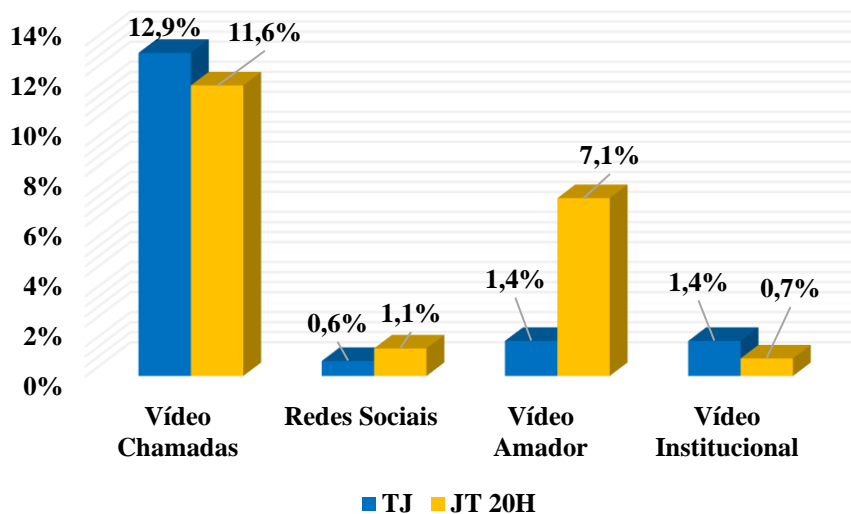
Gráfico 21. Peso da captação presencial e do uso da tecnologia no *TJ* da RTP1 e no *JT* das 20H no pós confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)



Verificou-se na amostra de 2022 uma menor utilização da tecnologia, reduzindo o *TJ* da RTP1 para metade (13,2%) face ao primeiro confinamento e o *JT* das 20H para três vezes menos (11,6%) (Gráficos 21).

As intervenções das fontes através de *videochamada* mantinham-se como o recurso digital mais utilizado nos dois jornais televisivos. Observamos que a diminuição destas plataformas de conversação foi mais significativa no jornal televisivo francês do que no português. Face a 2020, no *TJ* da RTP1 os jornalistas recorreram às *videochamadas* menos 4,8%, para 12,9%, e os franceses menos 15,1% para 11,6% (Gráficos 22).

Gráfico 22. Soluções tecnológicas usadas nos conteúdos do TJ da RTP1 e do JT das 20H no pós confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)



Notámos que nos dois telediários desapareceram dos conteúdos o uso de vídeos captados pelas fontes a pedido dos jornalistas. No pós-confinamento, no *TJ* da RTP1 registou-se ainda uma continuidade na utilização de *vídeo amadores* (1,4%), das *redes sociais* (0,4%) e dos *vídeo institucionais* (1,4%). O *JT* das 20H do SPT francês usou metade do número de *vídeos institucionais* (0,7%) do congénere do SPT português, mas mais do dobro de material recolhido nas *redes sociais* (1,1%) e cinco vezes mais de *vídeos amadores* (7,1%) (Gráfico 22). O *arquivo* e o *grafismo* continuam a ser uma constante nestes noticiários televisivos de pós confinamento. Ao catálogo do passado o *TJ* da RTP1 foi buscar material para construir 35,1% dos conteúdos e o *JT* das 20H 17,5%. Os franceses continuaram a socorrer-se mais do grafismo (26,5%) do que os portugueses (17,1%) (Gráfico 23).

Gráfico 23. Outras Fontes da Imagem e do Som dos Conteúdos do TJ da RTP1 e do JT das 20H da FR2 no Pós- confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)

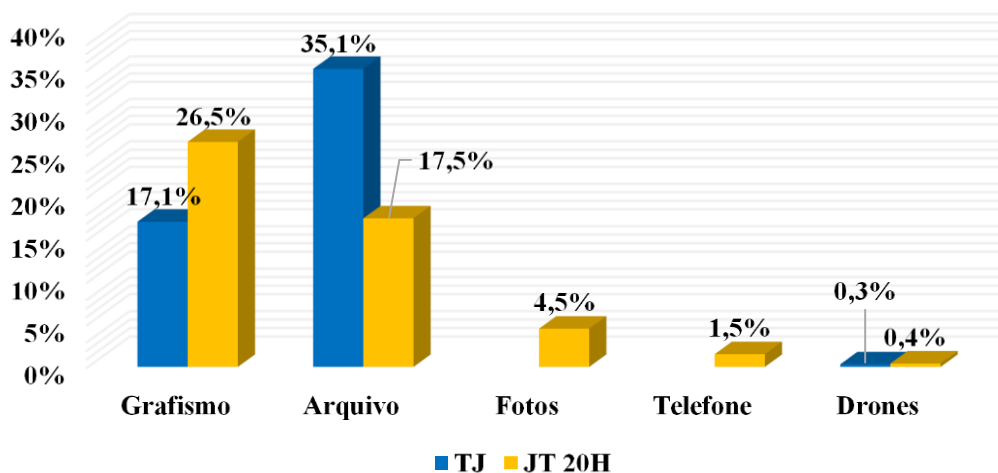


Gráfico 24. Combinação de Fontes de Imagem nos Conteúdos do TJ da RTP1 e do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)

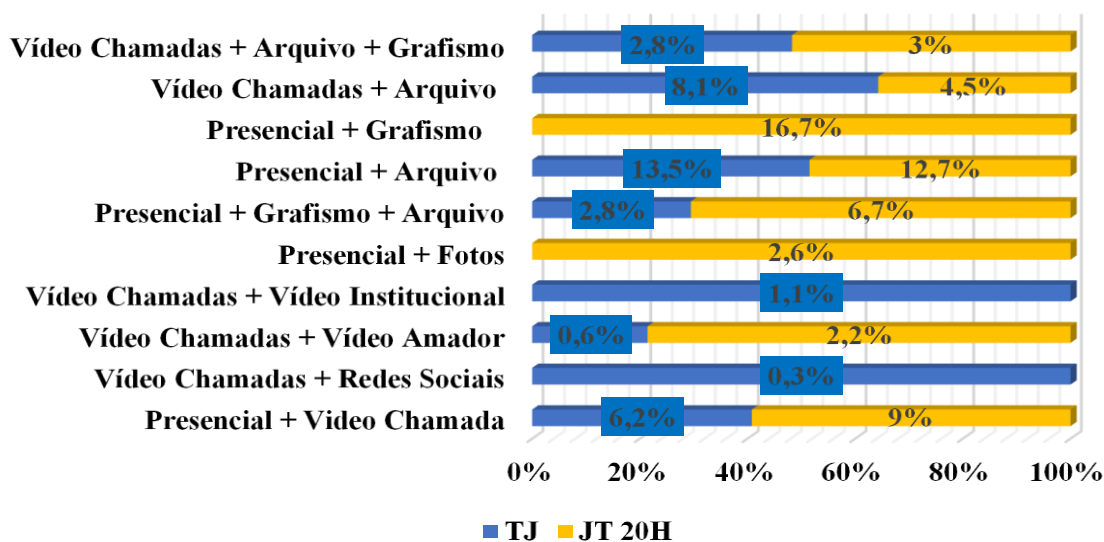
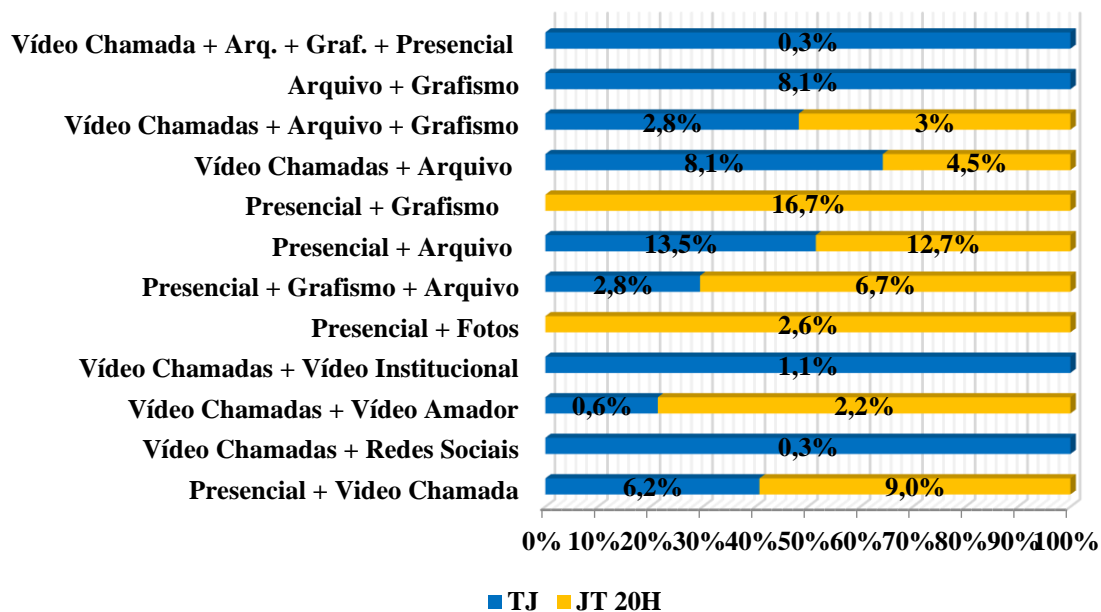


Gráfico 25. Combinação múltiplas fontes de imagem no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2 no pós confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)

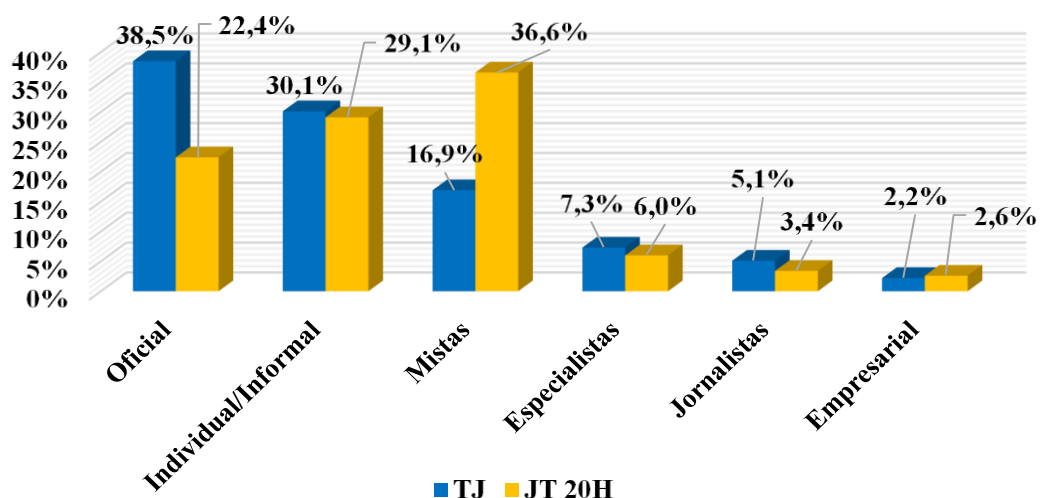


7.9.2. As Fontes no período pós confinamento

7.9.2.1. A natureza e a origem das fontes do TJ da RTP1 e do JT das 20H da France2

A maioria dos jornalistas do TJ da RTP1, no *corpus* de 2022, recorreu apenas a uma fonte de informação. Os franceses, por seu lado, escutaram, na maioria das peças, pelo menos duas vozes (ver Anexo 2, Tabela 15). Enquanto no *Telejornal* o protagonismo foi dado sobretudo às fontes *oficiais* (38,5%), secundadas pelas fontes *individuais* (30,15), no JT das 20H, na maioria das histórias, foram ouvidas várias fontes e de natureza diversa. Para refletir essa diversidade designamos, neste estudo, a categoria fontes de natureza *mista* (36,6%). As vozes *individuais* (29,1%) foram a segunda categoria com mais eco no telediário francês. As fontes *oficiais* pertencem ao terceiro grupo mais ouvido pelos jornalistas do JT das 20H da FR2 (22,4%). Dois anos após o primeiro confinamento, os especialistas continuam a marcar presença nos alinhamentos dos dois jornais televisivos, ainda que mais escutados no TJ (7,3%) do que no JT das 20H (6%) (Gráfico 26).

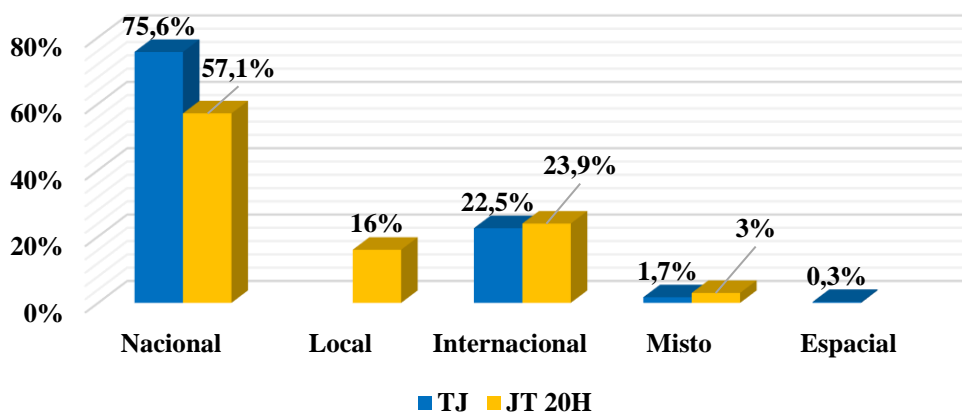
Gráfico 26. A origem das Fontes dos Conteúdos do TJ da RTP1 e do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)



7.9.2.2. A geografia das fontes do TJ da RTP1 e do JT das 20H da France2 no pós confinamento

Quando analisamos a proximidade das fontes neste período de 2022, constatamos que as de âmbito nacional, em Portugal ou em França, sobressaíram (75,6%) no TJ da RTP1 e no JT das 20H da FR2 (57,1%). As vozes locais também foram tidas em conta pelos jornalistas franceses (16%), mas foram inexistentes enquanto protagonistas únicos das peças do TJ da RTP. As fontes de informação estrangeiras aos portugueses e franceses estiveram em quase ¼ dos conteúdos dos dois jornais, (23,9%) no JT das 20H da FR2 e 22,5% no *Telejornal* (Gráfico 27).

Gráfico 27. A Geografia das Fontes dos Conteúdos do TJ da RTP1 e do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)



Quando estudamos a proximidade da notícia no *corpus* de 2022 verificamos que 60% dos conteúdos do *Telejornal* se concentram em *Lisboa* e arredores. A capital volta a ser a localidade com maior cobertura (49,1%), acrescem ainda de 5,8% de notícias concentradas na *Área Metropolitana de Lisboa* e 5,1% com o foco na *Lisboa política*. A conjugação de conteúdos informativos do *país global* (continente e ilhas) tem um peso de 22,1% do alinhamento. A região Centro e os Açores, individualizados, são as mais ausentes das escolhas dos decisores do *TJ* da RTP1 (Tabela 16).

Tabela 17. Espaço Nacional Português dos Conteúdos do TJ da RTP1 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
PORTUGAL	N	% válida
Lisboa cidade	135	49,1
Portugal global	61	22,1
Vários Portugal Continental	17	6,2
Área Metropolitana de Lisboa	16	5,8
Lisboa Cidade Política	14	5,1
Área Metropolitana do Porto	7	2,5
Porto Cidade	7	2,5
Alentejo	4	1,5
Madeira	4	1,5
Portugal e misto Europa	4	1,5
Açores	2	0,7
Portugal e Mundo	2	0,7
Centro	1	0,4
Algarve	1	0,4
TOTAL	275	100

No caso do *JT* das *20H* da *FR2*, observamos, também, que as regiões de Paris (21,9%) e da *Île de France* (15,3%) concentram quase 40% da atenção dos decisores, nestes 15 dias de janeiro de 2022. Os assuntos ocorridos em várias regiões da *França Continental* (22,9%) e da *França Global* (país continental, os territórios ultramarinos e a Córsega) (10,7%) estão presentes em 33% das escolhas editoriais. A Paris dos políticos e do aparelho do Estado tem uma importância de 5,1% na cobertura. O *Grande Leste* que durante o primeiro confinamento esteve quase diariamente no *JT* das *20H* praticamente desapareceu dos alinhamentos do pós-confinamento (Tabela 18)

Tabela 18. Espaço Nacional Francês dos Conteúdos do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
FRANÇA	N	% válida
Paris cidade	43	21,9
Vários França Continental	45	22,9
Île de France - Grande Paris	30	15,3
França Global	21	10,7
Paris Política	10	5,1
Altos de França	7	3,6
Nova Aquitânia	7	3,6
Auvergne-Ródano- Alpes	6	3,1
Provence-Alpes-Costa azul	6	3,1
Normandia	4	2,0
Occitana	4	2,0
França e o mundo	4	2,0
Territórios Ultramarinos	3	1,5
França e outra Europa	3	1,5
Grande Leste	2	1
Bretanha	1	0,5
TOTAL	196	100

Quanto à representação do espaço internacional verificamos uma grande diversidade. No topo da Tabela 19, está o Reino Unido como o país estrangeiro mais presente no *corpus* do *Telejornal* de 2022 (12,3%). As festas ilegais de Boris Johnson e a consequente crise política contribuíram para esta representação. O incêndio no parlamento da África do Sul levou *ao podium* de notícias internacionais do *TJ* a variável *outros países de África* (11,1%) e no *JT* das 20H da *FR2* esteve em 9% das escolhas editoriais. Uma tempestade de neve, o eventual regresso de *Donald Trump* e um ano de ataque ao Capitólio contribuíram para que os Estados Unidos tenham sido o país estrangeiro com maior cobertura noticiosa no *JT* das 20H da *FR2*. França presidia à EU e os assuntos de Bruxelas foram os menos escolhidos (1,4%) (Tabela 20). A China e os PALOP foram quase inexistentes nas escolhas portuguesas (Tabela 19).

Tabela 19. Espaço Internacional dos Conteúdos do TJ da RTP1 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
MUNDO	N	% válida
Reino Unido	10	12,3
Outros Países de África	9	11,1
Misto Mundo (extra-Europa)	9	11,1
Outros Países Europa Ocidental	8	9,9
Misto Países Europa	8	9,9
Estados Unidos	6	7,4
Médio Oriente	5	6,2
Oceânia	5	6,2
França	4	4,9
Itália	3	3,7
Ásia Central	3	3,7
Brasil	3	3,7
Ásia Oriental	2	2,5
Espanha	1	1,2
Bruxelas	1	1,2
Europa de Leste	1	1,2
China	1	1,2
Palop	1	1,2
Espaço	1	1,2
TOTAL	81	100

Tabela 20. Espaço Internacional dos Conteúdos do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
MUNDO	N	% válida
Estados Unidos	13	18,1
Outros Países de África	9	12,5
Ásia Oriental	8	11,1
Misto Mundo	7	9,7
Outros Países Europa Ocidental	6	8,3
China	5	6,9
Ásia Central	5	6,9
Oceânia	5	6,9
Reino Unido	4	5,6
Médio Oriente	4	5,6
Itália	2	2,8
Bruxelas	1	1,4
Alemanha	1	1,4
Brasil	1	1,4
Outros Países da América Latina	1	1,4
TOTAL	72	100

7.10 Os Protagonistas e os Deuteragonistas no pós confinamento (1 a 15 janeiro de 2022)

7.10.1 As vozes principais do TJ da RTP 1 e do JT das 20H da France2

Ao fazermos a caracterização dos protagonistas e deuteragonistas dos dois jornais televisivo, entre 1 a 15 de janeiro de 2022, verificamos que no TJ da RTP1 as *fontes oficiais* continuam a ter grande expressão, estando presentes em mais de 1/3 do alinhamento. A categoria *parlamento* lidera, estando em média em quatro temas por dia (16,9%). Os cidadãos *desconhecidos* são os segundos mais escutados (9,8%) (Tabela 21), sendo, por seu lado, os mais presentes no JT das 20H da FR2 (29,5%), seguidos pelos *profissionais de saúde* (7,8%). As *fontes oficiais* de informação francesa protagonizam, quando adicionamos as diferentes categorias, a 24,5% dos conteúdos. (Tabela 22).

Tabela 21. Os Protagonistas do TJ da RTP1 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
Protagonistas	N	% válida
Parlamento	60	16,9
Desconhecidos	35	9,8
Outros Ministros	33	9,3
Desportistas	28	7,9
Jornalistas	27	7,6
Especialistas	20	5,6
Advogados e Juizes	19	5,3
DGS	18	5,1
Profissionais de Saúde	16	4,5
Chefe de Estado	13	3,7
Artistas	11	3,1
Outras Organizações	10	2,8
Empresários	10	2,8
Ensino	9	2,5
Chefe de Governo	8	2,2
OMS	7	2,0
Ministério da Saúde	6	1,7
Comerciantes	5	1,4
Militares e Polícias	4	1,1
Doentes	4	1,1
Notáveis	3	0,8
Comissão europeia	3	0,8
Reps. Hospitais	2	0,6
Religiosos	2	0,6
Assessores e Porta-Voz	2	0,6
Sindicatos e Assoc. Profissionais	1	0,3
TOTAL	356	100

Dois anos após o início da pandemia os *especialistas* continuam a ocupar espaço informativo (5,6%) no *TJ* da RTP1 e 3,7% no *JT* das 20H. Os *doentes* têm uma representação pouco maior do que 1% nos dois jornais. Os *mortos* deixaram de ter expressão noticiosa tanto em França como em Portugal. No *TJ* da RTP1 assistimos ao regresso dos *desportistas* e para o *podium* das 10 vozes mais ouvidas. (Tabela 21). No *JT* das 20H, não houve notícias sobre desporto, mas os desportistas foram primeiras vozes em cinco peças. Foram protagonistas sobre o atentado no Rali Paris-Dakar (Tabela 22).

Tabela 22 Os Protagonistas do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)		
PERSONAGENS	N	% válida
Desconhecidos	79	29,5
Profissionais de Saúde	21	7,8
Outros Ministros	18	6,7
Ministério da Saúde	17	6,3
Parlamento	16	6,0
Artistas	13	4,9
Ensino	11	4,1
Agricultores e Pescadores	10	3,7
Especialistas	10	3,7
Jornalistas	10	3,7
Empresários	9	3,4
Advogados e Juizes	8	3,0
Chefe de Estado	7	2,6
Comerciantes	7	2,6
Chefe de Governo	6	2,2
Desportistas	5	1,9
Militares e Polícias	5	1,9
Outras Organizações	4	1,5
Doentes	4	1,5
Rep. Regiões	2	0,7
Denunciante	2	0,7
Rep. Hospitais	1	0,4
Farmácias e Laboratórios	1	0,4
Sindicatos e Assoc. Profissionais	1	0,4
Notáveis	1	0,4
TOTAL	268	100

7.10.2 As vozes secundárias do TJ da RTP1 e do JT das 20H no pós confinamento

Nesta escala dos deuteragonistas verifica-se uma diversidade de vozes no TJ da RTP1. Destaque para os *profissionais de saúde* como intervenientes de segundo plano mais presentes (12,6%) acompanhados de perto pelos *desconhecidos* (10,8%). As vozes do ensino lideraram o segundo (20,6%) e terceiro planos das personagens noticiosas (28,6%) (Tabela 23). No JT das 20H da FR 2, no mesmo período de 2022, de 1 a 15 de janeiro, os *especialistas* dominaram nos deuteragonistas, chegando, num acumulado dos três planos, a 56% dos conteúdos, seguidos dos *empresários* (51,7%) (Tabela 24).

Tabela 23. Deuteragonistas do TJ da RTP1 no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)								
Deuteragonistas 1º Plano			Deuteragonistas 2º Plano			Deuteragonistas 3º Plano		
Categorias	N	% válida	Categorias	N	% válida	Categorias	N	% válida
Profissionais de Saúde	14	12,6	Ensino	7	20,6	Ensino	2	28,6
Desconhecidos	12	10,8	Outros Ministros	6	17,6	Ministério da Saúde	1	14,3
Outros Ministros	10	9,0	Sindicatos e Assoc. Profissionais	4	11,8	Outros Ministros	1	14,3
Ensino	9	8,1	Parlamento	2	5,9	Profissionais de Saúde	1	14,3
Parlamento	7	6,3	Ministério da Saúde	2	5,9	Sindicatos e Assoc. Profissionais	1	14,3
Sindicatos e Assoc. Profissionais	7	6,3	Empresários	2	5,9	Desconhecidos	1	14,3
Jornalistas	6	5,4	Profissionais de Saúde	2	5,9			
Especialistas	5	4,5	Chefe de Estado	1	2,9			
Regiões	4	3,6	Chefe de Governo	1	2,9			
Empresários	4	3,6	DGS	1	2,9			
Militares e Polícias	4	3,6	Outras Organizações	1	2,9			
Chefe de Estado	3	2,7	Advogados e Juizes	1	2,9			
Ministério da Saúde	3	2,7	Militares e Polícias	1	2,9			
Advogados e Juizes	3	2,7	Doentes	1	2,9			
Desportistas	3	2,7	Desconhecidos	1	2,9			
OMS	3	2,7	Comerciantes	1	2,9			
Chefe de Governo	2	1,8						
DGS	2	1,8						
Lares	2	1,8						
Hospitais	1	0,9						
Outras Organizações	1	0,9						
Agricultores e Pescadores	1	0,9						
Artistas	1	0,9						
Doentes	1	0,9						
Notáveis	1	0,9						
Comerciantes	1	0,9						
Assessores e Porta-Voz	1	0,9						
Total	111	100	Total	34	100	Total	7	100

Categorias 1º Plano	N	% válida	Categorias 2º Plano	Frequência (N)	% válida	Categorias 3º Plano	Frequência (N)	% válida
Especialistas	21	14,5	Especialistas	18	25,0	Empresários	4	33,3
Desconhecidos	18	12,4	Empresários	7	9,7	Especialistas	2	16,7
Empresários	13	9,0	Ensino	7	9,7	Chefe de Governo	1	8,3
Comerciantes	13	9,0	Desconhecidos	6	8,3	DGS	1	8,3
Misto Profissionais Saúde	11	7,6	Misto Profissionais Saúde	4	5,6	Outras Organizações	1	8,3
Autarquias e Regiões	8	5,5	Sindicatos e Associações Profissionais	4	5,6	Ensino	1	8,3
Polícias e Militares	8	5,5	Comerciantes	4	5,6	Sindicatos e Associações Profissionais	1	8,3
Parlamento	6	4,1	Parlamento	3	4,2	Desconhecidos	1	8,3
Doentes	6	4,1	Outros Ministérios	3	4,2			
Ensino	6	4,1	Autarquias e Regiões	3	4,2			
Advogados e Magistrados	5	3,4	Polícias e Militares	3	4,2			
Sindicatos e Associações Profissionais	5	3,4	Farmácias e Laboratórios	3	4,2			
Outros Ministérios	4	2,8	Doentes	2	2,8			
Presidente da República	3	2,1	Presidente da República	1	1,4			
Desportistas	3	2,1	Chefe de Governo	1	1,4			
Jornalistas	3	2,1	DGS	1	1,4			

Chefe de Governo	2	1,4	Desportistas	1	1,4			
Agricultores	2	1,4	Artistas	1	1,4			
Farmácias e Laboratórios	2	1,4						
Ministério da Saúde	1	0,7						
Hospitais	1	0,7						
Denunciantes	1	0,7						
Notáveis	1	0,7						
Religiosos	1	0,7						
Mortos	1	0,7						
Total	145	100	Total	72	100	Total	12	100

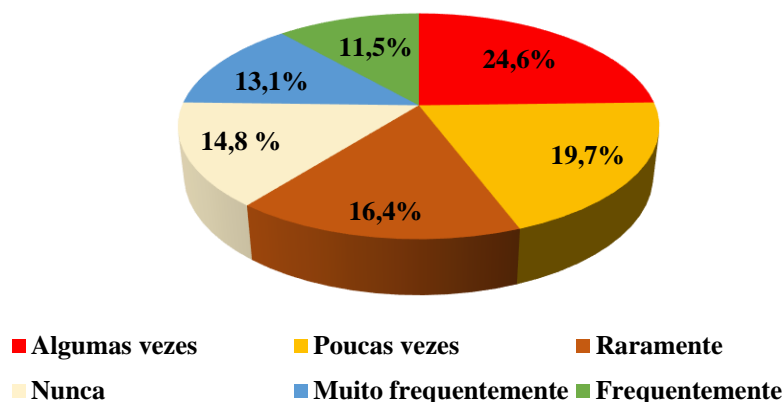
8.A percepção dos jornalistas

8.1. Palavra aos jornalistas do *TJ* da RTP1

A maioria dos 61 respondentes do *TJ* da RTP1 é do sexo feminino (54,1%) e tem mais de 20 anos de profissão (67,2%), como consta do resultado do inquérito no Anexo 3.

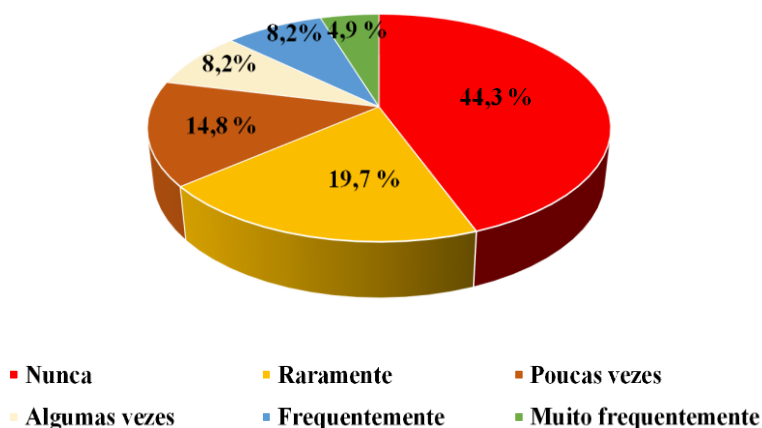
Para compreender como os perigos e medos enfrentados tiveram impacto no jornalismo questionou-se se, no primeiro confinamento, o receio de ser infetado ou levar o vírus para casa impediu o exercício profissional na plenitude. Após tratamento dos dados conclui-se que 49,2% dos que responderam admitiram, com intensidades diferentes, que o jornalismo foi afetado. Um resultado obtido ao serem adicionadas as respostas algumas vezes (24,6%), muito frequentemente (13,1%) e frequentemente (11,5%) (Gráfico 28).

Gráfico 28. Durante o primeiro confinamento sentiu que o receio de ser infetado ou levar o vírus para casa o impediu de exercer na plenitude a atividade jornalística?



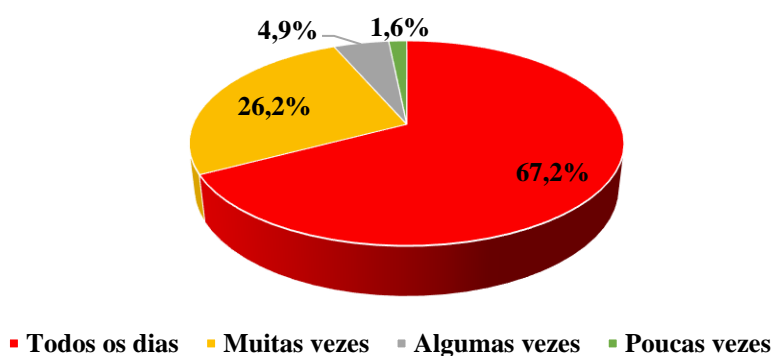
Procurámos, também, entender se o medo e a envolvência sociopolítica, durante este período inédito, tiveram impacto nas estórias construídas pelos jornalistas do *TJ* da RTP1. Para isso questionámos se a necessidade de coesão social impediu os inquiridos de questionarem as autoridades políticas e de saúde. Verificámos que “nunca” representa 44,3% das respostas e 19,7% “raramente”. No entanto, ao somarmos a percentagem de quem admitiu “frequentemente” (8,2%). “algumas vezes” (8,1%) e “muito frequentemente” (4,9%) obtemos 21,2% dos inquiridos a demonstrarem ter sido condicionados na sua ação jornalística pelo ambiente sociopolítico do primeiro confinamento de 2020.

Gráfico 29. Durante o primeiro confinamento sentiu que a necessidade de coesão social o impediu de questionar as autoridades políticas e de saúde?



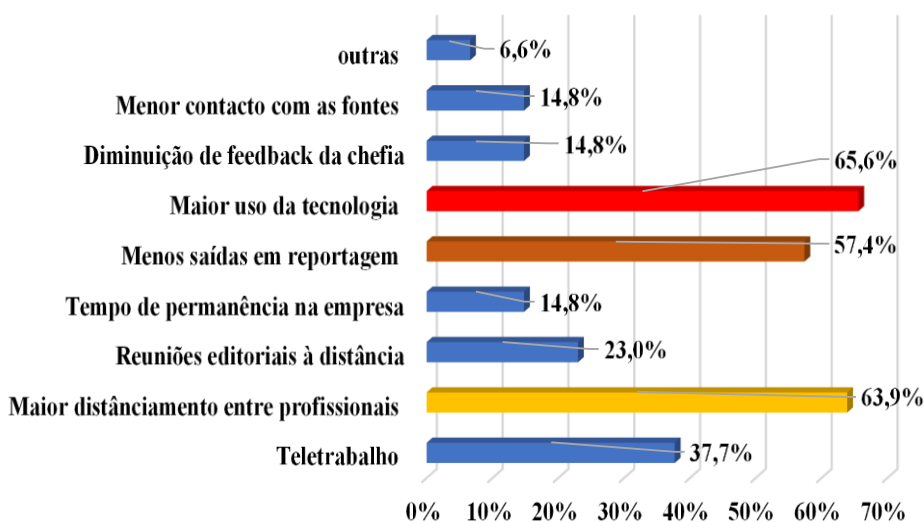
Sobre o impacto da Covid-19 nas rotinas jornalísticas da redação do *TJ* da RTP1, a maioria dos respondentes (67,2%) viu a sua atividade diária perturbada todos os dias. (Gráfico 29).

Gráfico 30. Durante o primeiro período de confinamento a pandemia teve efeitos imediatos nas rotinas jornalísticas?



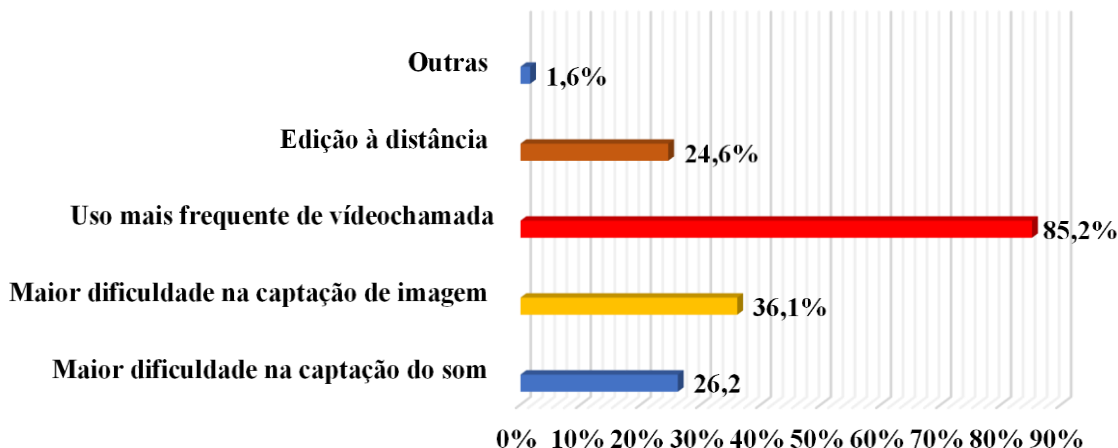
Quando foi solicitado o detalhe desses efeitos nas rotinas e na produção jornalística verifica-se que o maior uso da tecnologia (65,6%), o maior distanciamento entre os profissionais (63,9%), a diminuição das saídas em reportagem (57,4%) e o teletrabalho (37,7%) foram as opções mais escolhidas. O menor contacto com as fontes (14,8%), as reuniões editoriais à distância (23%) e a diminuição do feedback das chefias (14,8%), foram também manifestadas como uma preocupação (Gráfico 31).

Gráfico 31. Durante o primeiro período de confinamento que efeitos foram registados nas rotinas jornalísticas? (escolha até três opções)



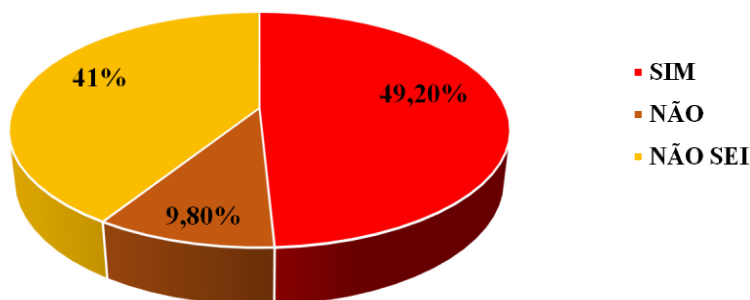
Sobre o efeito registado na produção jornalística, o uso mais frequente da tecnologia (85,2%), a maior dificuldade na captação de imagem (36,1%), na captação do som (26,2%) e a edição à distância (24,6%) são as mudanças que a maioria dos inquiridos verificou (Gráfico 32).

Gráfico 32. Durante o primeiro confinamento qual foi o efeito registado na produção jornalística?



Quase metade dos jornalistas do *TJ* da RTP1 (49,2%) inquiridos acreditam que estas mudanças vieram para ficar, 41% responderam negativamente e quase 10% não souberam responder (Gráfico 33).

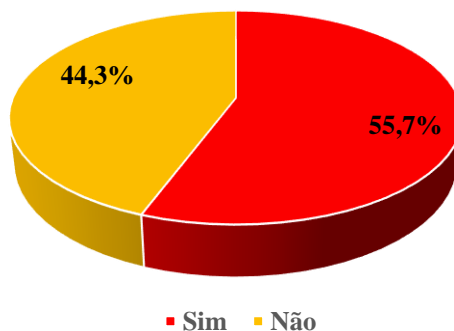
Gráfico 33. As mudanças registadas nas rotinas jornalísticas vieram para ficar?



Sobre quais são as mudanças que vieram para ficar, 25 respondentes acreditavam, que no pós confinamento continuaria, sobretudo, o uso das plataformas digitais para entrevistas, o teletrabalho, o afastamento dos jornalistas das fontes e secundarização da reportagem no terreno. Estas respostas abertas podem ser consultadas no Anexo 3.

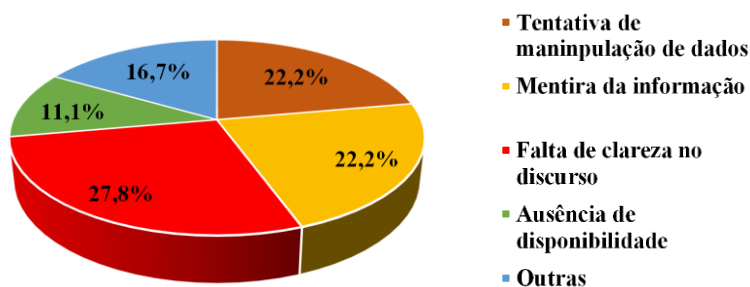
Neste inquérito quisemos saber também o que admitiam os jornalistas do *TJ* da RTP1 sobre o contacto com as fontes. Mais de metade dos respondentes do *Telejornal* (55,7%) revelaram ter tido dificuldades durante o primeiro confinamento (Gráfico 34), no entanto, para 72,1% a pandemia não fragilizou a confiança nas fontes.

Gráfico 34. A pandemia, durante o primeiro confinamento, dificultou o contacto com as fontes de informação?



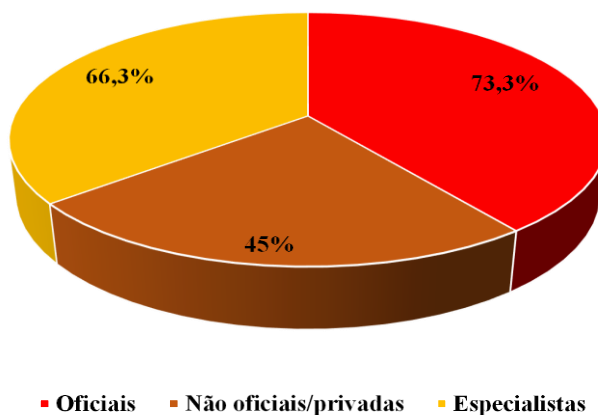
A desconfiança dos jornalistas face aos detentores da informação verificou-se por diferentes razões: o discurso pouco claro (27,8%), a tentativa de manipulação de dados (22%) e mentir na informação dada (22%) foram as principais razões que os fizeram desconfiar das fontes (gráfico 35).

Gráfico 35. Quais foram as principais razões que levaram à perda de confiança nas fontes?



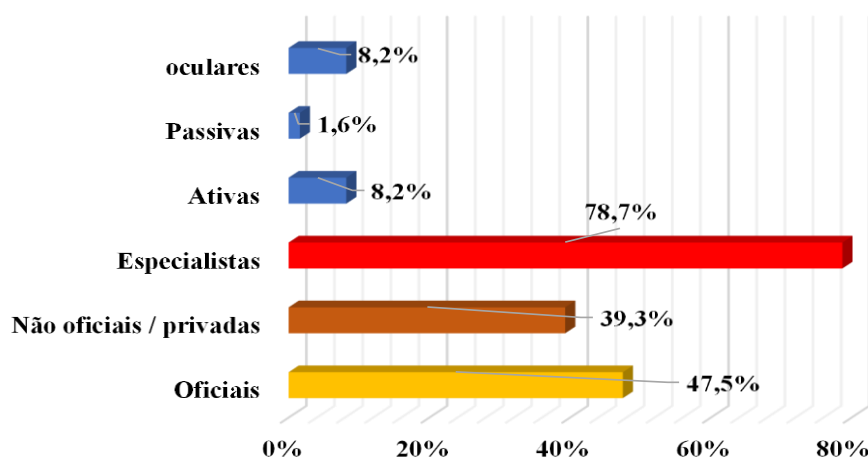
Mais de metade dos respondentes (63,9%) do *TJ* da RTP1 admite que as dificuldades em contactar as fontes continuaram no pós-confinamento (ver anexo 3) e 73,3% confirmam que as fontes oficiais foram as mais contactadas, seguidas dos especialistas (68,3%) e das fontes não oficiais/privadas (45%) (Gráfico 36).

Gráfico 36. Quais foram as fontes mais contactadas durante o primeiro confinamento?



Os especialistas são as fontes mais confiáveis para 78,7% dos inquiridos. As vozes oficiais merecerem a credibilidade de menos de metade (47,5) dos respondentes do *TJ* da RTP1 e com uma credibilidade muito aproximada das fontes desconhecidas (39,3%) (gráfico 37).

Gráfico 37. Quais são as fontes que lhe merecem maior confiança?

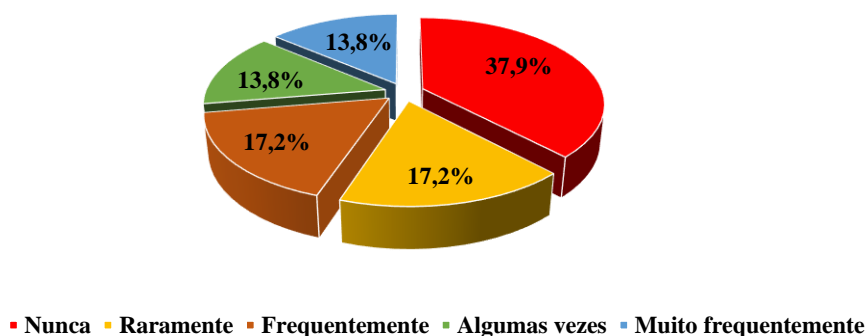


8.2 A palavra aos jornalistas do JT das 20 horas da France2

Ao inquérito deste estudo responderam 29 jornalistas do *JT* das 20H da FR2. A maioria tem mais de 20 anos de experiência e registamos uma quase paridade no género dos respondentes, 15 mulheres e 14 homens. A quase totalidade verificou efeitos imediatos da pandemia na atividade jornalística, durante o primeiro confinamento. Os dados detalhados destas respostas podem ser verificados no anexo 3.

À questão se o receio de ficar infetado ou de levar o vírus para casa impediu de exercer na plenitude a atividade jornalística, durante o primeiro confinamento, a resposta mais comum foi “nunca” (37,9%), seguidos dos que raramente tiveram receio (17,2%). Porém, se adicionarmos as respostas “por vezes” (13,9%), “frequentemente” (17,2%) e “muito frequentemente” (13,8%), verificamos que 44,9% foram afetados de algum modo pelo medo da infeção do novo coronavírus, enquanto trabalhavam (Gráfico 38).

Gráfico 38. Durante o primeiro confinamento sentiu que o receio de ficar infetado ou levar o vírus para casa o impediu de exercer na plenitude a atividade jornalística?



Procurámos entender, se a situação sociopolítica, durante o primeiro confinamento francês, teve efeito no exercício profissional, nomeadamente se impediu os inquiridos de questionarem as autoridades políticas e de saúde. A esta questão a maioria (58,6%) respondeu “nunca” (31%) e “raramente” (27,6%). Contam-se, ainda assim, 41,3% a admitirem que se autocondicionaram de alguma forma: 34,5% às vezes, muito frequentemente (3,4%) e frequentemente (3,4%) (Gráfico 39).

Gráfico 39. Durante o primeiro confinamento sentiu que a necessidade de coesão social o impediu de questionar as autoridades políticas e de saúde de França?

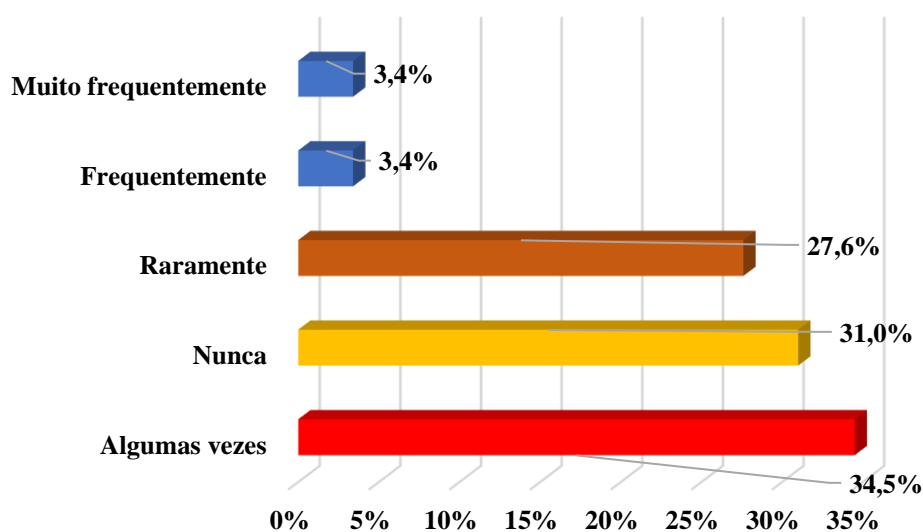
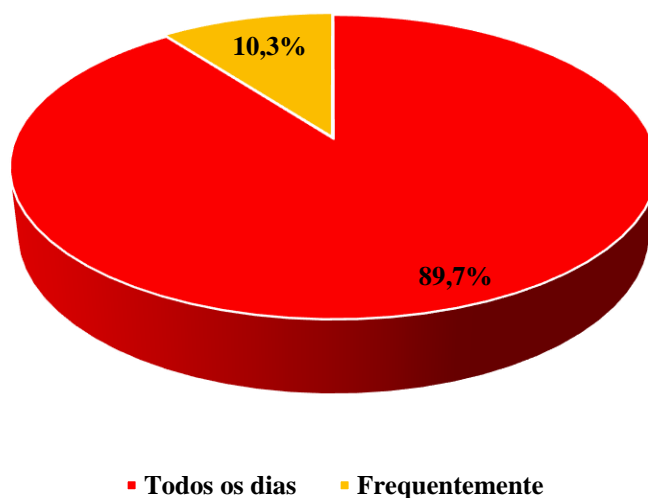
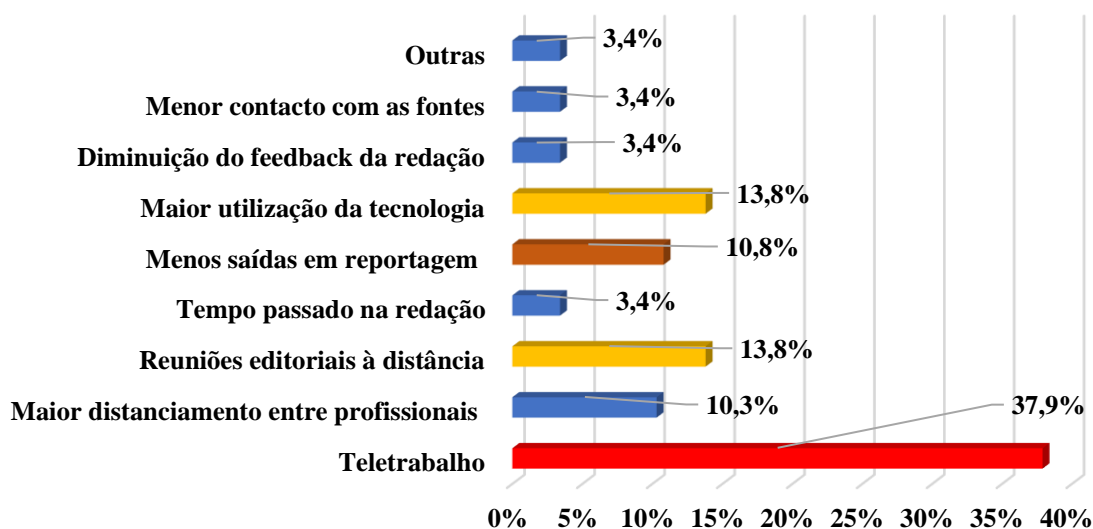


Gráfico 1. No primeiro confinamento, em março de 2020, a pandemia teve impacto na atividade jornalística dos jornalistas do JT das 20H?



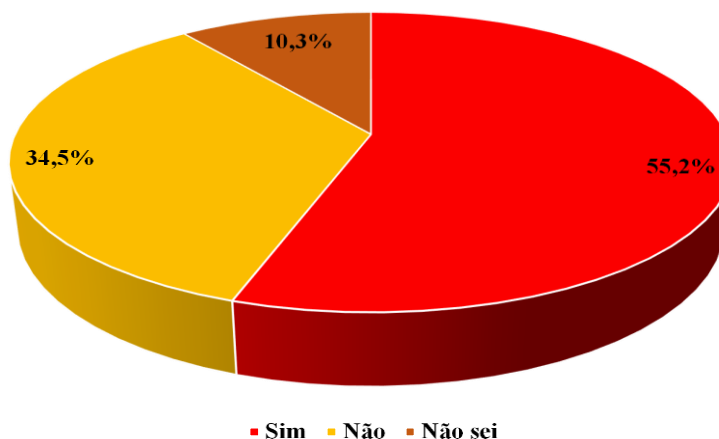
Sobre os efeitos nas rotinas, todos os respondentes do *JT* das *20H* da *FR2* admitiram que a pandemia teve impacto (Gráfico 40). Ao pedido de concretização do efeito, a maioria dos inquiridos (37,9%) referenciou o teletrabalho, a maior utilização da tecnologia (13,8%), as reuniões editoriais à distância (13,8%), a redução de saídas em reportagem (19,8%) e a maior distância entre profissionais na redação (10,3%) (Gráfico 41).

Gráfico 41. Durante o primeiro período de confinamento que efeitos foram registados nas rotinas jornalísticas? (escolha até três opções)



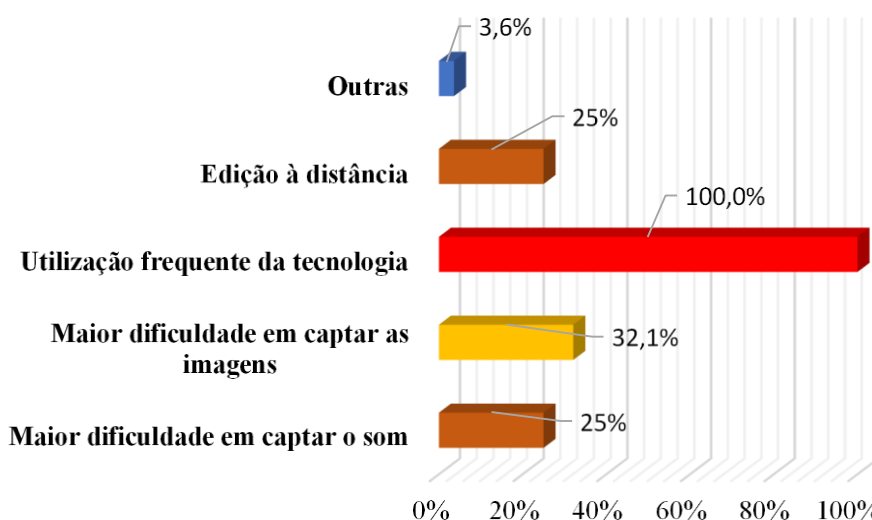
Mais de metade dos respondentes (55,2%) considerou que estas mudanças por eles identificadas se prolongaram no pós-confinamento. Ao contrário, 34,5% não acreditavam que o impacto perduraria no tempo para lá da pandemia. Um pouco mais de 10% não souberam responder (Gráfico 42).

Gráfico 42. As mudanças registadas nas rotinas jornalísticas vieram para ficar?



À questão sobre o efeito pandémico na produção jornalística, o uso mais frequente da tecnologia foi unânime para todos os respondentes (100%), seguida da maior dificuldade na captação de imagens (32,1%), da maior dificuldade na captação do som (25%) e da edição à distância (Gráfico 43).

Gráfico 43. durante o primeiro confinamento qual foi o efeito registado na produção jornalística?



Sobre a relação dos jornalistas do *JT* das 20H com as fontes, 66,5% dos respondentes não tiveram dificuldades em as contactar, mas 34,5% assinalaram problemas nesse contacto (ver anexo 3). Os especialistas foram os fornecedores de informação mais contactados pelos respondentes franceses (79,3%) (Gráfico 44) e os mais fiáveis (64,3%), seguidos das fontes oficiais (69%) que merecem menos de 20% de confiança. As vozes não oficiais foram as menos contactadas (51,7%) e as com menor credibilidade (Gráfico 45).

Gráfico 44. Quais foram as fontes mais contactadas durante o primeiro confinamento?

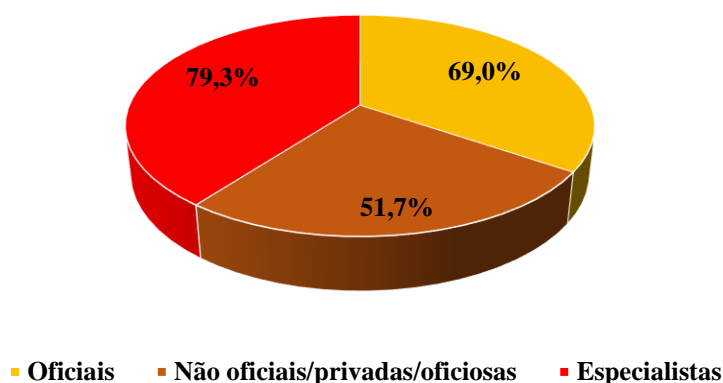
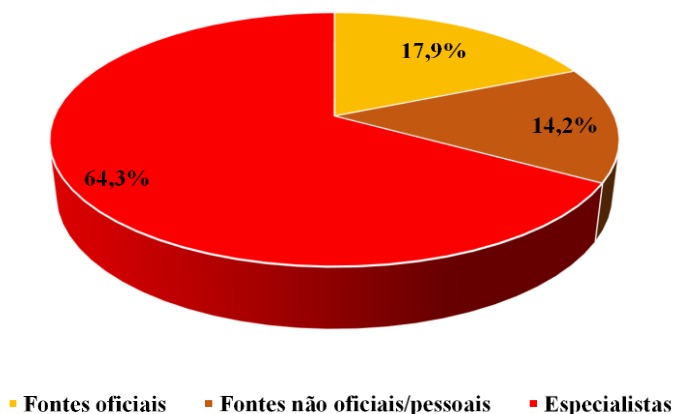
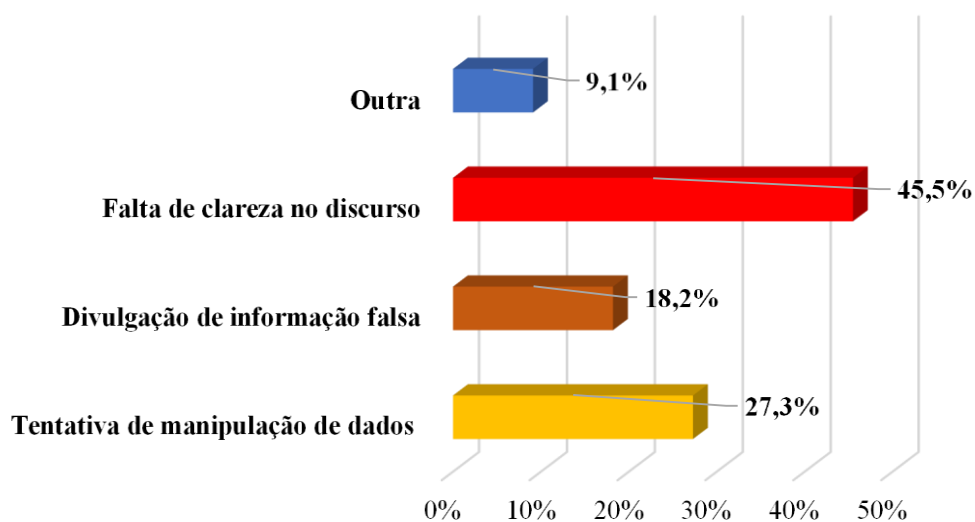


Gráfico 45. Durante a pandemia quais foram as fontes mais confiáveis?



Aos que sentiram maior desconfiança nas fontes foram solicitadas especificações. Os respondentes a esta questão, admitiram que a falta de clareza no discurso sobre a Covid-19 foi o principal problema (45,5%), seguida da tentativa de manipulação dos dados (27,3%), a distribuição de falsas informações (18,2%) foram os fatores que fragilizaram a confiança nas fontes.

Gráfico 46. Quais foram as razões para a quebra de confiança nas fontes?



8.3 A palavra aos decisores do TJ da RTP1

O diretor de informação (doravante DI) da RTP, António José Teixeira (AJT), e as coordenadoras de informação, Rita Ramos (RRA) e Florbela Godinho (FGD), são decisores do TJ da RTP1 e protagonistas das entrevistas deste estudo. Todos com mais de 20 anos de

experiência, tendo ocupado vários lugares de edição e coordenação de informação. As entrevistas na íntegra, com perguntas e respostas, podem ser consultadas no Anexo 4, estando, ainda assim, resumidas ao essencial nos quadros seguintes.

8.3.1 O impacto da Covid-19 nas rotinas do *Telejornal*

As rotinas da redação “mudaram muito” e os conteúdos “foram afetados” é a resposta unânime dos três *gatekeepers* da RTP1 entrevistados neste estudo. A falta de meios técnicos e de recursos humano dificultaram “novas soluções para ter as pessoas à distância” e “para trabalhar em segurança”. O DI da RTP1 também admite que “houve uma grande impreparação” das autoridades de saúde” e da própria redação. A adaptação da organização à mudança de rotinas imposta pela Covid-19 demorou “demasiado tempo” (RRA), quando era necessário realizar mais espaço de informação, “foi fazer mais com menos gente disponível e em condições difíceis” (AJT). O DI destaca algumas das mudanças que acabaram por afetar o modo como se exerce: “tivemos de colocar películas transparentes nas esponjas. Os carros de reportagem desinfectados, as desinfecções diárias, o gel, as máscaras. Mais limpeza, separar pessoas. Tudo isto provocou alterações nas nossas rotinas.”

O medo que “também entrou nas rotinas” (FGG) e as “circunstâncias pessoais dos jornalistas” (FGG) foi outro fator perturbador das rotinas, do exercício do jornalismo e, com impacto nos conteúdos, “confundimos a função do jornalista-cidadão com a função do jornalista-perguntador” “sentimo-nos constrangidos” a fazer questões e “uma responsabilidade social que se calhar não é a nossa” (RRA).

A pandemia trouxe “barreiras aos contactos” (AJT) e o “cidadão está mais distante” (RRA) (Quadro 5).

Quadro 5. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: as Rotinas da Informação em confinamento

Decisores	As Rotinas
<p>António José Teixeira Diretor de Informação da RTP</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “As rotinas mudaram muito”. • O primeiro pensamento foi, não vamos conseguir, mas tínhamos de conseguir. Então começámos a pôr algumas pessoas em casa, em teletrabalho”. <ul style="list-style-type: none"> • Já estávamos tão apertados com a operação”. • “Não tínhamos computadores, não tínhamos programas a funcionar corretamente”. • “Depois era necessário pensar nas outras coisas: microfones, como higienizar as esponjas, evitar a propagação das gotículas. Os carros de reportagem tinham de ser desinfetados. Todas as desinfecções diárias, o gel, as máscaras. As portas abertas para arejar o ar, separar as pessoas. • Tudo isso surgiu ao mesmo tempo. Tudo isto provocou alterações profundas nas nossas rotinas. Havia mais trabalho de jornalismo e necessitávamos de mais tempo para o colocar em marcha”. • “Afetou (os conteúdos)”. <p>“Suspendemos programas, convidados. Tínhamos de ter a preocupação do intervalo necessário para higienizar as mesas”.</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Fomos chamados a preencher mais espaço de programas. Em termos práticos foi fazer mais horas de informação com menos gente disponível e em condições difíceis”. • Foi necessário adaptar e conseguir outras soluções para ter as pessoas à distância. Antes rejeitávamos esta solução (das entrevistas por Skype)”. • “Houve uma grande impreparação (das autoridades de saúde). Nós também não estávamos preparados”.

Quadro 5. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: as Rotinas da Informação em confinamento (cont.)	
Decisores	As Rotinas
<p>Rita Ramos, Coordenadora do Telejornal da RTP1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “As rotinas mudaram muito. • “(...) dependemos, mais do que nunca, de toda uma estrutura técnica que tinha de ser montada, que era complexa.” • “Nem todos os computadores pessoais eram adequados, nem toda a internet.” • “A redação não estava preparada, não só por falta de pessoas, mas porque é uma experiência completamente nova e ninguém sabia como gerir”. • “Primeiro que nós conseguíssemos entrar na nova rotina demorou demasiado tempo”. • “No início, as rotinas interferiram muito (na prática jornalística). • “Também tivemos de lidar com aquela dificuldade que as pessoas têm de se adaptar à mudança. • “O medo, também, entrou na nossa rotina. • “Mudou a forma de fazer jornalismo • “O cidadão está também mais distante. Se for falar com uma pessoa não consigo fazer uma imagem mais perto. Nós temos de estar mais distantes porque há um distanciamento social”. • “Confundimos a nossa função de cidadão, que temos de dar o exemplo, com essa função de jornalista-perguntador. Sentimos uma responsabilidade social que se calhar não é nossa.

Quadro 5. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: as Rotinas da Informação em confinamento (cont.)	
Decisores	As Rotinas
<p>Florbela Godinho Coordenadora do Telejornal da RTP1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “O mundo não estava preparado para a pandemia. A redação também não. Nós fomos reagindo, em alguns casos não à velocidade a que devíamos ter reagido, mas depois acabou por ser feito.” • “A partir do momento em que tens uma pandemia com tantas restrições, as restrições aplicaram-se automaticamente às nossas reportagens. As coisas estavam encerradas, não eramos autorizados a entrar em determinados sítios, noutros implicava uma produção maior: Ires completamente protegido para entrares em determinados locais.” • “Influenciou nas rotinas cada ser humano ter as suas circunstâncias e os seus medos” • “Havia pessoas que não podiam simplesmente colocar-se em risco. Houve outras que se expuseram e muito.”

8.3.2 O uso da tecnologia no *Telejornal*

Para os três decisores da RTP1 o uso da tecnologia, sobretudo das videochamadas, antes rejeitado, foi o recurso necessário para realizar conteúdos na pandemia, apesar da perda da qualidade de som e imagem, “fomos fazendo um *reset* no nosso modelo e na nossa exigência com a qualidade.” (RRA). Tornaram-se ferramentas “cómodas e facilitadoras da proximidade e disponibilidade das fontes oficiais e dos especialistas” (AJT); permitiram maior agilidade na informação para “termos imediatamente o presidente da câmara a reagir”. (RRA); tornaram mais visível a “sinergia entre o digital e uma redação tradicional” (FGD). Na pandemia e no pós-confinamento, o exercício do jornalismo mudou, tornou-se “mais afastado” (AJT), com mais recurso ao arquivo e aos vídeos enviados pelas fontes. “É difícil agora voltar a trazer as pessoas a estúdio”, “passámos a fazer mais reportagens na redação, com mais arquivo” (FGD) (Quadro 6).

Quadro 6. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: O Uso das Tecnologias no Confinamento	
Decisores	O Uso da Tecnologia
<p>António José Teixeira Diretor de Informação da RTP</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “As entrevistas por vídeo, à distância, tornaram-se mais confortáveis e facilitadoras, porque nos permitem termos mais facilmente ter interlocutores conosco, porque eles também se sentem confortáveis. “ • Tornaram-se, do ponto de vista da qualidade jornalística, obviamente um jornalismo mais afastado. A falta de contacto e a interação face a face prejudica a qualidade de uma entrevista.” • “Ultrapassaram-se barreiras, sem elas, se calhar, não íamos ter (as entrevistas), ou íamos tê-las ao telefone. <ul style="list-style-type: none"> • Há um ganho em termos de disponibilidade e comodidade, há uma perda do ponto de vista do exercício em si e do contacto e da interação.” • “O drone trouxe-nos melhor esta perspetiva. O drone vai ficar, no uso televisivo.” • “Há uma sedução das imagens, uma perspetiva da realidade que é diferente.” • Em relação à covid-19, acho que o choque e a dimensão que representou o confinamento, essas imagens que são inesquecíveis, cidades completamente paralisadas, sem ninguém. O drone trouxe-nos essa imagem da pandemia de esvaziamento, de estado de emergência, que ilustram bem esse tempo.

Quadro 6. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: O Uso das Tecnologias no Confinamento (cont)

Decisores	O Uso da Tecnologia
<p style="text-align: center;">Rita Ramos Coordenadora do Telejornal da RTP1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “No início havia muitos entrevistados, muitas fontes, que não estavam preparados. Não tinham Skype. Tínhamos de ter uma espécie de manual de instruções para explicar a alguns entrevistados.” • “As pessoas, de facto, comunicavam por telefone e de algumas gerações mais velhas, foi mais difícil. Hoje, alguns, já têm filtros, já têm a iluminação, já têm fundos. “ • “O difícil agora é quererem vir. Passando a fase mais crítica temos de convencer a pessoa a vir. As pessoas adaptaram-se aquilo, ao conforto de estar em casa. Entendia isso durante a altura que era proibido circular entre concelhos. Hoje o difícil é voltar a trazer as pessoas a estúdio.” • “Por <i>skype</i>, consigo ter imediatamente, o Presidente da Câmara a reagir. Criou-se já esse conceito que é mais imediato.” • “Depois o que acontece, já temos a entrevista gravada, agora já não é necessário ir lá. Apesar de sabermos que é uma qualidade completamente diferente, se eu for lá. E aquela equipa, se calhar, pode ser usada em outra reportagem.” • “Nós próprios fomos fazendo um <i>reset</i> no nosso modelo e na nossa exigência com a qualidade.”

Quadro 6. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: O Uso das Tecnologias no Confinamento (cont)

Decisores	O Uso da Tecnologia
<p style="text-align: center;">Florbela Godinho Coordenadora do Telejornal da RTP1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Muitas das reportagens deixaram de ser feitas na rua. Passámos a fazer reportagens na redação. O contacto que se faz é em zoom, em Skype. As imagens que se pedem por telemóvel. • A sinergia entre o digital e uma redação tradicional passou a ser muito mais visível. • “Houve muita gente, muitas fontes, que contactávamos e até tínhamos equipas para ir ter com elas e as pessoas diziam não, vamos fazer por Skype.” • “Há um momento em que deixas de perceber se o Skype é por uma questão, porque não implica deslocação ou é uma questão pandémica. É um bocadinho das duas coisas.” • “Eu acho que vieram para ficar (as entrevistas via digital). Acho que não é necessariamente mau se pensarmos que em muitos casos te abrem a outras fontes e outras portas. Fizemos entrevistas com laboratórios, com especialistas estrangeiros ou portugueses que trabalham no estrangeiro, em determinadas indústrias ou universidades, que não estávamos acostumados a procurar.” • “Acho que esta agregação da tecnologia para a atualidade é um benefício. • “Tudo o que é reportagem tem de se voltar ao terreno. Reportagem só se faz no terreno. Um jornalista só consegue perceber a realidade no terreno, de uma forma mais global.”

8.3.3 A relação com as fontes e o serviço público de televisão

O diretor de informação da RTP revela dificuldade em obter informações das fontes oficiais durante o primeiro confinamento, descrevendo-as como impreparadas e com “comunicação errática”, tendo de demonstrar que o SPT passa por estar presente nos locais importantes, como na CI da DGS (AJT), uma exigência corroborada pelas coordenadoras do *Telejornal* por haver “significado social no critério” (RRA) “tornámo-nos, em certas alturas, o braço comunicacional das autoridades de saúde” (RRA). Para estes decisores do *Telejornal* os especialistas, ao contrário, os “grandes interlocutores”, sempre disponíveis, tornando-se as novas figuras públicas” (AJT). “A pandemia voltou a criar um laço entre a RTP e as fontes na saúde” (FGD). As vozes desconhecidas têm menor peso individual no *Telejornal*, tendo “entrado” poucas vezes por via digital e ainda menos com recurso ao jornalismo cívico, captado pelo próprio cidadão a pedido do jornalista. Os três decisores admitem não considerar fiável o jornalismo participativo e que se estava a viver “um momento de pânico”, de incerteza científica e catástrofe” (RRA) e, por isso o foco era nos “contágios, nos hospitais e nas decisões políticas”. Sobre se esta maior opção pelas fontes institucionais não cria um afastamento do problema concreto dos cidadãos, o DI da RTP contrapõe dizendo que “o país esteve sempre presente. No *Telejornal* esteve o essencial, o mais urgente, o mais atual, o de maior significado social, mas havia mais país no resto da antena” (AJT) (Quadro 7).

Quadro 7. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: a relação com as fontes de informação e o serviço público em confinamento

Decisores	A Relação com as Fontes e o Serviço Público
<p style="text-align: center;">António José Teixeira Diretor de Informação da RTP</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “As entidades oficiais tinham na cabeça que tinham de dar informação diária. Percebíamos que essa conferência diária não podia ter lá todas as pessoas.” • “Exigimos que a RTP estivesse sempre presente. Eles admitiam a possibilidade de ser uma rotação.” • “O serviço público passa por aí e não delegamos em terceiros. • “Houve muita partilha, como houve muita impreparação, muita dificuldade em aceder a fontes oficiais.” • “Em simultâneo, felizmente, houve muita disponibilidade de especialistas, de médicos que passaram a ser os nossos grandes interlocutores.” • “As vedetas da televisão passaram a ser os médicos e os especialistas nesta área.” • “A RTP recorreu a dezenas de pessoas, mas a determinada altura percebemos que necessitávamos de ter aqui alguém que nos desse a leitura da evolução das coisas, o que elas representam e colocá-las, também, em termos relativos.” • “Existiu impreparação. Uma dificuldade grande de comunicação. Sobretudo houve impreparação, dificuldade de respostas”.

Quadro 7. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: a relação com as fontes de informação e o serviço público em confinamento (cont)

Decisores	A Relação com as Fontes e o Serviço Público
<p style="text-align: center;">António José Teixeira Diretor de Informação da RTP</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Houve resistências no fornecimento de informação. Houve receios de provocar um pânico geral.” • “Era muito difícil, as pessoas não tinham orientação. A comunicação era muito errática, ninguém percebia muito bem o que tinha ou não tinha a fazer.” • “Julgo que o trabalho da comunicação social, mesmo que tivesse tido excessos, ajudou a criar na sociedade uma ideia de cuidado, de cautela, de prevenção, de confinamento.” <ul style="list-style-type: none"> • “Feito o balanço acho que desempenhamos um papel de mobilização da sociedade, de consciência do que estava a acontecer.” • “Mostrámos pessoas (os especialistas) que os telespetadores não conheciam e, muitos deles, eles são hoje figuras públicas.” • “O país esteve sempre presente. No Telejornal podia estar o essencial, o mais urgente, o mais atual, o de maior significado social, mas havia mais país no resto da antena. Não podemos esquecer a globalidade da informação.”

Quadro 7. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: a relação com as fontes de informação e o serviço público em confinamento (cont)

Decisores	A Relação com as Fontes e o Serviço Público
<p>Rita Ramos Coordenadora do Telejornal da RTP1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Assumimos essa responsabilidade de complementar a informação das autoridades porque somos serviço público. Havia significado social no critério.” • “Tornámo-nos, em certas alturas, o braço comunicacional das autoridades de saúde. Nós auto assumimos a responsabilidade de informar que até devia ser do próprio Estado.” • “No início faziam-se momentos, mas não necessariamente a acompanhar um dia na vida deste ou daquele (cidadão desconhecido).” • “Não se fez muito porque havia mais o foco no que estava a acontecer, nos contágios, na doença, nos hospitais e nas decisões políticas. Primeiro, o que estávamos a viver era um momento de pânico. Foi preciso passar algum tempo para passarmos da fase de incerteza científica e catástrofe, do que é que nos vai acontecer, para um momento de o cidadão com o chocolate quente na mão, em casa.” • “Houve um período em que estávamos naquela fase em modo de emergência global. Naquela altura considerou-se que era desfasado estarmos a fazer reportagens com as pessoas calmamente em casa, na sua rotina, em casa, a levantarem-se a olharem-se ao espelho. Era uma coisa um bocado <i>non sense</i>.”

Quadro 7. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: a relação com as fontes de informação e o serviço público em confinamento (cont)

Decisores	A Relação com as Fontes e o Serviço Público
<p style="text-align: center;">Florbela Godinho Coordenadora do Telejornal da RTP1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não senti que a pandemia afastasse as fontes.” • “Na área da saúde criaram-se muito mais fontes. A pandemia voltou a criar um laço entre a RTP e as fontes na saúde.” • “No início as conferências com a DGS eram para ser todas fechadas. Foi negociado a nível institucional que a RTP tinha de estar presente, como serviço público nós tínhamos de estar lá e não apenas estar numa videochamada.” • “Outras conferências mantiveram-se a fazer durante muito tempo por vídeo chamada, coisas de economia, por exemplo. Agora ainda há muitas vezes pools. É distribuído o sinal, são combinados os temas a tratar e as perguntas a abordar, isto porque as próprias instituições diziam que só queremos X meios de comunicação, ou só queremos estes ou aqueles, ou ainda esta semana vão estes e para a semana vão os outros.” • “Isto cria sempre constrangimentos no conteúdo.” • “Os jornalistas têm de ter acesso livre às fontes.” • “Não usámos muito o jornalismo dito cívico. Não o posso considerar jornalismo. Estás a depender de uma visão de alguém que não é jornalista. (...) pode ter um resultado menos rigoroso, menos fiável.” <p>“É a mesma situação com o uso dos vídeos <i>streaming</i> dos partidos e das empresas.</p>

8.3.4 As razões das escolhas no *Telejornal*

A urgência da atualidade foi o valor que mais pesou no momento da escolha do que noticiar no *Telejornal*, admitem os três *gatekeepers* do SPT português: “Quando tens muitos números negativos é impossível não lhes dares eco. O foco era no que estava a acontecer, nos contágios, na doença, nos hospitais e nas decisões políticas” (RRA). Houve, ao mesmo tempo, a necessidade de cumprir expectativas: “do telespectador e da nossa própria expectativa” (FGD) sobre a pandemia. As decisões também recaíram nas estórias de “o interesse humano, de proximidade” acredita o diretor de informação. A pandemia impôs um “constrangimento temático”, que os levou a não validar outros assuntos que chegavam à redação. Confessaram-se presos à pandemia, às descobertas científicas, RRA detalha; “porque era uma emergência nacional e internacional. Era uma coisa maior do que nós. Isto é o fim do mundo. E no fim do mundo, falamos do fim do mundo, não vamos falar de nada corriqueiro”. “A proximidade também foi uma preocupação” (FGD), nem sempre cumprida por falta de recursos nas delegações regionais, admitem os decisores do *Telejornal* (Quadro 8).

Quadro 8. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: os valores das notícias em confinamento

Decisores	Os Valores das Notícias
<p style="text-align: center;">António José Teixeira Diretor de Informação da RTP</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “A urgência da atualidade comandava as decisões.” <p>“Desde o princípio, em Itália ou em todos os cantos do país, na urgência, nas crianças, nos mais velhos, nas dificuldades. Tudo isso, o interesse humano, a proximidade, a atualidade urgente, fez parte dos nossos alinhamentos.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Discutimos muito o tema único até quando foi o desconfinamento. Falámos em desconfinamento da informação.” • “Achámos que o entretenimento é que devia começar a falar de outras coisas, de dietas alimentares, se estamos a tratar-nos bem, este fechamento e da doença mental.” • “Vivemos mais de 200 dias de estado de emergência. Uma coisa inédita. Cansaço? Monotema? Vivemos em estado de emergência. Há inibição aos nossos movimentos. Não é fácil. Há também alguma dificuldade em descolar disto, quando tens equipas que todos os dias, com as fontes vão dando, por exemplo, os números do dia. Os números do dia não podiam ser ignorados, como introduziam esperança ou preocupação. Isso é relevante socialmente.”

Quadro 8. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: os valores das notícias em confinamento (cont)

Decisores	Os Valores das Notícias
<p>Rita Ramos Coordenadora do Telejornal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Os relatórios diários da DGS foram uma rotina. Não havia todos os dias uma descoberta científica.” • “Os jornais, vendo agora, foram muito monotemáticos. Mas à agenda também não chegavam outros assuntos nacionais. Todas as atividades foram interrompidas.” • “Notícias internacionais chegavam-nos outros temas. Por exemplo, não deixou de haver migrantes a passar o Mediterrâneo. Continuava a ser um drama.” • “Durante o confinamento continuámos a receber comunicados da PJ relacionados com o abuso e pornografia de crianças. Não fizemos reportagens sobre isso durante o primeiro confinamento. E era tema e importante. Era quase um constrangimento temático. Sentíamo-nos presos naquilo, porque era uma emergência nacional e internacional. Era uma coisa maior do que nós.” • “Era tudo inédito. Estávamos naquela fase de pânico. Não sabíamos, no início, quantas semanas as pessoas ficavam infetadas. Não sabíamos quem morria. Era a urgência da atualidade e a relevância social que mais contavam.” • “Isto era tudo a tragédia, o horror. Isto é o fim do mundo. E no fim do mundo, falamos do fim do mundo. Não vamos falar de nada corriqueiro.”

Quadro 8. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: os valores das notícias em confinamento (cont)	
Decisores	Os Valores das Notícias
<p>Florbela Godinho Coordenadora do Telejornal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Tudo era relacionado com a pandemia.” • “Havia um misto (de expectativas), o que percebíamos ser a expectativa do telespectador e da nossa própria expectativa.” • “Nem sempre conseguíamos chegar ao país todo quando queríamos. As delegações já são reduzidas, com a pandemia houve infeções, jornalistas e repórteres de imagem que necessitaram ficar em casa por infeções na família ou por questões de saúde dos próprios.” • “A atualidade era o principal critério.” • “Quando tens muitos números negativos é impossível não lhes dares eco.” • “Apesar de tudo o telejornal tem aqueles 52 minutos úteis. A informação era muita. Tínhamos muita informação de saúde. As pessoas tinham muita ânsia de saber, para se prevenirem, para definirem que passos deviam dar a seguir.” • “Todos aprendemos a lidar com a pandemia em termos jornalísticos. No início para nós também era tudo novo. Era normal que olhássemos para essa realidade mais no sentido científico e médico, de esclarecimento, mais do que das consequências no quotidiano.” • “Estávamos a aprender ao mesmo tempo que o telespectador.”

8.3.5 O que fica da pandemia no *Telejornal*

Os três decisores do *Telejornal* admitem que a pandemia mudou o jornalismo: é “mais distante” (RR). Acreditam que a tecnologia “veio para ficar”, por dupla razão: as fontes acostumaram-se ao conforto do digital, os jornalistas têm” a resposta mais imediata (...) as fontes estão mais disponíveis e no momento” (RRA). Por causa deste imediatismo e desta facilidade o jornalismo está mais sentado, sendo difícil empurrar os jornalistas para fora das redações justificando que “já temos a entrevista gravada, já não é preciso ir” ao terreno das notícias “é confortável, pedir umas imagens de arquivo e ter umas entrevistas por Skype” (RRA). Para o diretor de informação é necessário tempo para recuperar essas perdas do “jornalismo mais distanciado” porque “o jornalismo tem de ser testemunhal”. Para os *gatekeepers* do *TJ* da RTP1 a pandemia foi uma aprendizagem para futuras situações extremas e mostrou a valorização dos jornalistas “as autoridades não podem deixar de ter nos jornalistas um veículo daquilo que quer fazer” (FGD) (Quadro 9).

Quadro 9. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: Efeitos da Pandemia no Pós-Confinamento	
Decisores	O que fica da Pandemia
<p>António José Teixeira Diretor de Informação da RTP</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Há neste caso um prejuízo concreto na discussão permanente, no contacto das pessoas.” • “Acho que vai demorar a voltar a essa confiança de contacto, de partilha. Essas perdas que tivemos vão-se recuperar, mas não por completo.” <ul style="list-style-type: none"> • “O desafio nas empresas de comunicação social foi, alguns gestores pensam que o teletrabalho é uma coisa extraordinária e muitas coisas que se podem fazer em teletrabalho. Ok há algumas coisas que se podem fazer, agora o jornalismo precisa de contacto.” • “O jornalismo tem de ser testemunhal. A interação nas redações é importante para a qualidade do jornalismo, para a discussão das coisas, para procurar as melhores soluções, para evitar erros que possamos cometer até mais facilmente. A ideia de um jornalismo mais distanciado por causa da covid-19 são perdas e não são ganhos.” • “O jornalismo é de contacto, é de presença, é de testemunho.”

Quadro 9. A palavra aos decisores do Telejornal da RTP 1: Efeitos da Pandemia no Pós-Confinamento	
Decisores	O que fica da Pandemia
Rita Ramos Coordenadora do Telejornal	<ul style="list-style-type: none"> • “De bom fica esta capacidade de ter a resposta mais imediata, de ter a reação no momento. Das fontes estarem mais disponíveis no momento.” • “De mau, o nosso grau de exigência em relação à qualidade de imagem e do som é menor.” • “Acho que as gerações que trabalharam mais anos fora disto terão mais facilidade em retomar os hábitos antigos do que os mais novos. Isto é confortável, pedir umas imagens de arquivo e ter umas entrevistas por Skype. Se virmos o texto pode estar lá tudo, mas em qualidade de imagem não é a mesma coisa.”
Florabela Godinho Coordenadora do Telejornal	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu diria que é o início do que pode vir a ser a nossa sociedade no futuro. As pandemias podem ser o que teremos no futuro em maior escala e, portanto, é uma aprendizagem para o futuro. O que é negativo é tudo o que tem a ver com o nosso medo da morte, a nossa quebra de liberdade e a falta de rendimentos.” • “Acho que (os jornalistas) fomos valorizados. O aumento consumo de informação foi claro, seja de televisão, seja escrito. As autoridades não podem deixar de ter nos jornalistas um veículo daquilo que quer fazer. A nível do espetador fomos também muito valorizados.”

8.3.6 A palavra aos decisores do *JT* das 20H da *France2*: O impacto da covid-19 nas rotinas

Virginie Fichet (VF) e Maroussia Wosiak (MW), as duas decisoras entrevistadas para este estudo, admitiram que a pandemia começou a ter efeitos na organização e no exercício do jornalismo mesmo antes de ser decretado o primeiro confinamento. O teletrabalho em algumas áreas da produção de notícias iniciou-se antes da decisão presidencial de isolar os franceses. Foi, depois, “generalizado” (VF), mas “televisão é estar presente”, por isso colocou-se em prática uma nova organização na *France Télévision*. Esta crise “foi acelerador” de mudanças na organização, foram revistos todos os processos de trabalho, todas as rotinas para aprofundar sinergias: “As redações, os serviços da *France2* e da *France3* foram unidos, houve uma fusão de redações, os jornalistas começaram a trabalhar indiferentemente para um ou outro jornal” (VF). “A régie e os estúdios tornaram-se comuns” (VF). O *JT* das 20H da *FR2* viu quase duplicada a duração, com “menos pessoas a trabalhar, com equipas em espelho”. A edição de imagem e som também era comum, passou a ser realizada à distância: “os jornalistas nacionais, no terreno, enviavam as imagens em bruto” (MW). Verificou-se um impacto negativo no som “não havia operador de áudio, o que levou à redução da qualidade” (MW). Ao mesmo tempo o jornalismo tornou-se mais lento, assegura a editora-chefe do *JT* das 20H da *FR2*, “no terreno, as equipas tinham protocolos de distanciamento com os entrevistados. Os microfones passaram a estar colocados em *perches*, embrulhados em papel plástico de proteção”. Apesar de todos os condicionalismos a pandemia “foi um momento de criação” (VF), com novas rubricas onde eram dadas respostas aos “anseios dos telespetadores” que eram também o dos jornalistas “sentíamos que vivíamos a mesma coisa que os telespectadores, que tínhamos as mesmas inquietações. Nós eramos uns entre tantos, entre todos os telespectadores. (VF)” (Quadro 10).

Quadro 10. A palavra aos decisores do JT das 20 H da FR2: as Rotinas da Informação em confinamento	
Decisores	As rotinas
Virginie Fichet Chefe de Redação France Télévision	<ul style="list-style-type: none"> • “A partir de fevereiro, começou a ser testada e aplicada uma extensão do teletrabalho. • “Tudo o que podia ser feito em teletrabalho começou, então, a ser realizado, como trabalho administrativo, produção, preparação de reportagens.” <ul style="list-style-type: none"> • “A 16 de março, quando o confinamento foi anunciado, o teletrabalho tornou-se ainda mais generalizado. Ao mesmo tempo, colocou-se em prática toda uma organização nova.” • “(...) Fomos obrigados, em 15 dias, a rever todo o nosso processo de trabalho, todas as nossas rotinas. Fomos obrigados a fazer uma fusão completa. As redações, os serviços foram unidos, houve uma fusão de redações, os jornalistas começaram a trabalhar indiferentemente para um ou outro jornal.” • “Estabelecemos e trabalhamos para um objetivo suplementar, tínhamos de conseguir fazer jornais que passaram de 30 minutos para 50 minutos a uma hora, todas as noites.” • “Durante dois meses fizemos 52 minutos de jornal. Nunca tivemos nenhuma dificuldade para os encher. Nunca! “ “Ninguém contava as horas de trabalho.” • “(...) tínhamos de fazer reportagens em comum. Não importou, pela primeira vez, que fizéssemos assuntos para o 19/20 e, depois, fossem repetidos no JT das 20H” • “A experiência pessoal influenciou a forma como o jornalista conta a história, de um lado temos a nossa experiência pessoal, com crianças, com familiares em grupos de risco, uns com familiares nos lares, com inquietudes, medos que nos vão desafiar e depois o nosso defeito profissional que nos vai dizer questiona o contrário do que estás a pensar. Se sentes isso, colocas questões sobre isso. Vamos procurar respostas sobre o que sentes. Há um trabalho de reflexão constante.” • “Colocávamo-nos muitas questões pessoais, como as do mundo do trabalho, por exemplo. Estávamos confrontados com o teletrabalho, nós próprios. Discutíamos muito isso, fazíamos um esforço adicional para ver com clareza, sem os nossos preconceitos e pensamentos.” • “Houve grandes questões logísticas para resolver, em poucos dias. Para gerir isto tínhamos de ter edições comuns. Todas as decisões editoriais eram tomadas em comum.”

Quadro 10. A palavra aos decisores do JT das 20 H da FR2: as Rotinas da Informação em confinamento (cont)	
Decisores	As rotinas
Virginie Fichet Chefe de Redação France Télévision	<p>“No terreno, as equipas tinham protocolos de distanciamento com os entrevistados. Os microfones passaram a estar colocados em perches, embrulhados em papel plástico de proteção.”</p> <p>“Tudo isto, também para otimizar e ter mais conteúdos.”</p> <p>“(…) Todos tínhamos a consciência de que não estávamos na primeira linha da pandemia, nem na segunda linha, talvez mesmo nem na terceira linha, mas a informação desempenha neste quadro completamente inédito, uma função, um papel primordial. Para mais a nossa missão de serviço público aumentava ainda mais essa dimensão primordial de informar.”</p> <p>“Foi também um momento de grande criação.”</p> <p>“Esta crise foi um acelerador de algo que adiávamos a algum tempo, foi um acelerador, no sentido de aplicação de sinergias, de coordenação que podia haver entre nós, entre os diferentes serviços e canais, sobretudo entre nós, FR2, e a FranceInfo.fr, que é o primeiro canal digital de informação. Através dele lançamos apelos aos testemunho e criar rubricas específicas como <i>“On Vous Réponds”</i> “Nós respondemos”. Fomos os primeiros a fazê-lo e a testá-lo na televisão, ao fim de semana, e depois estendido a todos os dias da semana.</p> <p>Ainda hoje existe.”</p> <p>“Deste modo conseguíamos entender o que realmente preocupava os telespectadores, quais eram as dúvidas, os anseios. Eram uma missão de serviço público.”</p> <p>“(…) De um lado temos a nossa experiência pessoal, com crianças, com familiares em grupos de risco, uns com familiares nos lares, com inquietudes, medos que nos vão desafiar e depois o nosso defeito profissional que nos vai dizer questiona o contrário do que estás a pensar. Se sentes isso, colocas questões sobre isso. Vamos procurar respostas sobre o que sentes. Há um trabalho de reflexão constante.”</p> <p>“Televisão é estar presente. A preparação e a produção é que eram em teletrabalho. Depois os jornalistas e os técnicos tinham de ir filmar, no terreno e editar as reportagens era no local. Jogámos sempre nos dois tabuleiros.”</p>

8.3.7 O uso de tecnologia no *JT* das 20H da *France2*

A editora-chefe do *JT* das 20H da *FR2* lembra um cotidiano dominado pela tecnologia, o meio que tornou possível fazer conteúdos noticiosos. As entrevistas via videochamadas “em direto e em diferido” foram essenciais, mas a redatora-chefe do *JT* das 20H realça o contributo dos telespetadores, através de vídeos realizados a pedido dos jornalistas ou recolhidos nas redes sociais, “(...) deu aos telespectadores um sentimento de apropriação dos conteúdos. Depois aplicávamos o nosso filtro, a nossa seleção”. O arquivo e o grafismo trabalharam “como nunca”, foram “solução sempre que não havia a possibilidade de ir ao local”. Na edição de imagem a tecnologia trouxe desafios acrescidos, resume Maroussia Wosiak: “foi preciso explicar aos entrevistados, muitas vezes, como fazer as ligações, para onde olhar para a câmara” (...) Foi necessário repensar a captação de áudio” para minimizar a perda de qualidade (Quadro 11).

Quadro 11. A palavra aos decisores do JT das 20H da FR2: O uso da tecnologia na Informação confinada

Decisores	O uso da tecnologia
<p>Virginie Fichet Chefe de redação France Télévision</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Passámos a ter algo que entrou no nosso quotidiano, nos nossos jornais, as entrevistas, em diferido e em direto, por videochamada.” • “Antes nada disto era usado. Antes, recusávamos essa possibilidade. • “Também passámos a recorrer ao contributo dos telespectadores, isto é, os nossos telespectadores passaram a contribuir diretamente para os jornais.” • “Os telespectadores, confinados, contribuíram com imagens feitas por eles do seu quotidiano, em casa. As entrevistas foram feitas através das redes sociais ou através do WhatsApp.” • “Utilizámos as redes sociais dos nossos telespectadores para fazermos peças, por exemplo, de como os telespectadores ocupavam o tempo, como faziam exercício físico.” • “Deu aos telespectadores um sentimento de apropriação dos conteúdos. Depois aplicávamos o nosso filtro, a nossa seleção. Não vamos colocar em antena os contributos inapropriados.” • “O arquivo e o grafismo trabalharam como nunca. Foram uma solução sempre que não havia possibilidade de ir ao local. O grafismo, mais do que os números, permitia-nos esquematizar a informação, explicar com desenhos, com gráficos o que as pessoas deviam fazer.
<p>Maroussia Wosiak Chefe de edição de Imagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Não comprámos novos computadores, mas sim novos programas para gravar, com qualidade, tudo o que era vídeo chamadas, Skype, zoom, etc...” demos-mos conta que por estarmos a usar e muito não tínhamos, afinal, os suficientes para as necessidades.” • “Foi preciso explicar aos entrevistados, muitas vezes, como fazer as ligações, para onde olhar para a câmara. Ainda precisaríamos explicar mais, uma vez que continuamos e continuaremos a usar.” • “Foi necessário repensar a captação de áudio. As equipas deixaram, na maioria das saídas com operadores de som”

8.3.8 A relação com as fontes do *JT* das 20H da *France2*

Para a decisora-chefe do *JT* das 20H da *FR2* as fontes oficiais tiveram maiores dificuldades em dar respostas aos jornalistas, havendo, por vezes opções que passavam pelos repórteres não estarem nas salas de imprensa e as questões “passavam por um intermediário das agências noticiosas ou assessores”. Ao contrário, os especialistas e os telespetadores desconhecidos estiveram sempre disponíveis em detrimento dos governantes e outras vozes institucionais. Virginie Fichet lembra: os peritos explicavam e davam “respostas a questões pertinentes”, os telespetadores colocavam a informação “no lugar do cidadão” e “eram necessários esses testemunhos, para dar rostos a esta crise, não era suficiente alinhar números”. A opção foi, de acordo com VF, perceber sempre como as decisões oficiais estavam a ser aplicadas. Numa primeira fase da pandemia foi ter essas fontes oficiais, em direto “a responder à ansiedade das pessoas”. A rede de correspondentes regional e internacional da *FR2* ajudou à maior proximidade com as fontes, admite a chefe de redação do *JT* das 20H da *FR2*.

Na edição de imagem o contacto direto com as fontes de informação “foi inédito”. A pandemia obrigou a abrir essa janela de conversação entre o editor de som e imagem com as vozes das peças para “lhes explicar como usarem as ferramentas de conversação, como enquadrar os planos (...)” (MW) (Quadro 12).

Quadro 12. A palavra aos decisores do JT das 20H da FR2: A relação com as fontes da informação em confinamento	
Decisores	A relação com as fontes
<p>Virginie Fichet Chefe de redação France Télévision</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Houve um afluxo de informação enorme.” • “A triagem depois era facilitada pelo avançar do fluxo da pandemia. Era um trabalho muito diário, sem grande planificação, íamos na onda do muito fluxo de informação, das informações dadas pelas organizações locais, nacionais e pelas questões, pelas dúvidas levantadas pelos telespectadores.” • “As fontes estavam sempre disponíveis para confirmar, para falar por vídeo conferencia.” • “Mais difícil, mais complicado, foi ter uma resposta às conferências de imprensa oficiais. O acesso era limitado, havia um número reduzido de participantes ou as questões, uma por órgão de comunicação social, eram passadas por um intermediário, um ou dois jornalistas que podiam estar lá (da agência de notícias, que tinha a missão de fazer as questões de todos os órgãos de comunicação) ou também enviávamos ao assessor de imprensa. Isso era mais complicado.” • “A nossa malha regional e internacional muito forte contribuiu para essa busca e conquista de pontos junto dos telespectadores, que se sentiam apoiados, sentiam que nós estávamos mais próximos deles.” • “Sim, não tínhamos muitas declarações do PR e do PM, não no JT. A opção foi, a partir das decisões deles, do governo ou do presidente, irmos ver como estavam a ser aplicadas nas casas, nos hospitais, no comercio, nos restaurantes. Repetimos quando foi necessário repetir. Preferimos, numa primeira fase tê-los em direto, à distância, a responder à ansiedade das pessoas que também eram as nossas. Optamos sempre por esta proximidade mais com o telespetador.”

Quadro 12. A palavra aos decisores do JT das 20H da FR2: A relação com as fontes da informação em confinamento (cont)	
Decisores	A relação com as fontes
Virginie Fichet Chefe de redação France Télévision	<ul style="list-style-type: none"> • “(...) tínhamos necessidade de especialistas, tínhamos necessidade de ter muitos convidados para explicar, para nos darem respostas a questões pertinentes, fossem os membros do conselho científico, fosse o ministro da saúde, a ministra da defesa, etc.” <ul style="list-style-type: none"> • “Tínhamos um serviço de saúde forte e eficaz” • “Foi um trabalho de muitos anos, que deu frutos neste período. Nós, na chefia íamos dando bom feedback à medida que os jornalistas iam tendo respostas, frutos dessa tenacidade, e iam conseguindo as autorizações para entrarem nos hospitais, para poderem recolher testemunhos.” • “Eram necessários esses testemunhos, para dar rostos a esta crise. Não era suficiente alinhar números. Os números eram terríveis, 350 mortos, 450 mortos, todas as noites. O objetivo era dizer, por detrás desta realidade terrível, por detrás destes números, há rostos. Se houvesse só números, frios, muitos telespectadores podiam considerar “isto não me diz respeito”. • “A televisão tem esse poder de mostrar. Foi isso que fizemos e dizer aos telespectadores, <i>voilà</i>, quando falamos de 350 mortos quer dizer também que há pessoas, com rosto, com história, que morreram, que estão em coma, que há profissionais de saúde exaustos.”
Maroussia Wosiak Chefe de Edição de Imagem	<ul style="list-style-type: none"> • “O meu contacto com as fontes não jornalistas foi inédito. Na época pré-pandemia não tínhamos contacto com quem entrava nas peças à parte dos repórteres. Com a pandemia, e neste esforço coletivo para a qualidade, tive de lhes explicar como usarem as ferramentas de conversação, como enquadrar os planos das imagens, colocar uma luz. Ninguém tinha iluminação profissional, mas todos tinham candeeiros, até uma luz de telemóvel. Foi necessário ensiná-los, dar-lhes confiança, para contribuir para a qualidade da imagem e do conteúdo informativo” • “Foi emocionante perceber que quem mesmo não trabalhava na área da saúde ou da informação participava e colaborava para que tudo fosse melhor explicado. Era como se todos tivéssemos a mesma missão”.

8.3.9 As razões das escolhas no *JT* das 20H da *France2*

A Chefe de Redação do *JT* das 20H da *France2* elenca os valores que o SPT francês deu às notícias: atualidade, a proximidade com “o testemunho do quotidiano das pessoas”, com “as explicações dos especialistas”; a observação e os depoimentos “recolhidos nos hospitais” e ainda a investigação, colocando “à luz do dia os disfuncionamentos” (VF). Maroussia Wosiak realça que na edição, como nunca, foi dada importância ao valor da notícia que também está visível na imagem e no som” e não só no texto, já que “o visual da peça contribui muito para ganhar a atenção dos telespetadores e influencia a avaliação da estória contada”. Imagens falsas ou chocantes podiam provocar ansiedade. O visual da peça contribui muito para ganhar a atenção dos telespetadores e influencia a avaliação da estória contada.” (MW).

Quadro 13. A palavra aos decisores do JT das 20H da FR2: Os valores das notícias em confinamento

Decisores	Os valores-notícia
<p>Valérie Fichet Chefe de redação France Télévision</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Os critérios primordiais, que prevaleciam, eram a atualidade, mas sobretudo a proximidade, os que nos permitiam ir a terrenos, a trabalhar assuntos que nos permitiam responder às dúvidas e às questões que os cidadãos se podiam colocar.” • “Colocamo-nos no lugar do cidadão, somos os senhores e as senhoras <i>“tout le monde”</i>.” • “Levantámos as questões e levantamo-nos contra nós próprios, levantamos as questões, e procuramos o seu contraditório. É esse o nosso trabalho, a nossa função. Surge uma questão, sobre um assunto, e procuramos saber porque não fazem A ou B. Pensar contra si próprio significa dizer se eles fazem isto ou aquilo é talvez porque há aquela ou outra razão. O nosso trabalho é reunir todos os dados do puzzle para alimentar o debate.” • “Outra coisa que prevalecia nas nossas escolhas era o testemunho do quotidiano das pessoas.” • “Outro critério primordial era a observação e a recolha dos testemunhos recolhidos nos hospitais. Esta opção era fundamental para os nossos conteúdos, pelo seu carácter inédito.” • “Uma das nossas prioridades foi colocar na luz do dia os disfuncionamentos, e que, estou certa, que esse nosso trabalho de investigação, de revelação contribuiu para que as coisas mudassem.” • “Era a nossa missão de ir investigar os dados, as situações, cruzar informações e questionar.” • “Cada vez que estes disfuncionamentos passavam nos media, tendo em conta a grandeza e gravidade da situação sanitária, as coisas mexiam, mudavam. Era audível para todos.” • “Todos os levantamentos das nossas questões, das comparações, permitiam alimentar o debate e, sentíamos, que fazíamos, contribuíamos para avançar as coisas.”

Quadro 13. A palavra aos decisores do JT das 20H da FR2: Os valores das notícias em confinamento

Decisores	Os valores-notícia
<p>Maroussia Wosiak Chefe de Edição de Imagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Os valores notícia estão representados nas imagens. Os editores na <i>France Télévision</i> já tinham esse papel de decisores nas imagens tendo em conta os valores do serviço público de televisão. Imagens aqui devemos entender na sua globalidade, com o som. A mensagem televisiva é afetada pelas imagens e pelo som, como é pelo texto. As ideias e as emoções devem ser ativadas pelas imagens, mas não podem ser sensacionalistas, ofender princípios sociais e culturais. Durante o confinamento tínhamos de ter atenção, à veracidade, e ao choque, ansiedade que podiam provocar a uma situação social já muito complexa. • “O visual da peça contribui muito para ganhar a atenção dos telespetadores e influencia a avaliação da estória contada.” • “Com o uso do arquivo, como nunca, pelo menos que me lembro, foi necessário perceber as imagens que íamos utilizar: usar no contexto correto e sem repetição em mais peças. “ • “O grafismo teve aqui um papel fundamental, já que construiu muitas explicações, por exemplo o uso da máscara, por onde era possível circular, os condicionalismo. Em conjunto, grafismo, a imagem construída e a imagem captada conseguimos comunicar e ativar emoções.” • “Com o uso de tanta tecnologia, tivemos, muitas vezes, de consertar alguns erros de captação, de jornalistas, especialistas, políticos ou cidadãos que entravam na emissão via plataforma de conversação. Mais uma vez, a imagem, se não tiver qualidade, se não contribuir para a proximidade entre a notícia e o telespetador, pode provocar ansiedade e/ou afastar audiência.”

8.3.10 O que fica da pandemia no *JT* das 20H da *France2*

As duas decisoras do SPT francês admitem que o uso da tecnologia nos conteúdos, a reorganização das redações, com mais sinergias vão perdurar no tempo. “Fontes e jornalistas gostaram desta comodidade e deste facilitismo das entrevistas via digital” (MW). No Pós-confinamento o campo político recuperou o seu espaço e a informação restabelece o seu equilíbrio, sempre com a sombra da pandemia. Valerie Fichet acredita na continuidade da confiança dada aos jornalistas: “se tivermos em conta o número de pessoas que voltaram a sintonizar-se nos media tradicionais, se guardarmos uma pequena parte, é porque as pessoas deram-se conta, também, que elas foram importantes para esses *média*, que estiveram representados nos conteúdos” (VF) e que os “os responsáveis pelos recursos humanos e técnicos tenham compreendido que todos são importantes, que a televisão não se faz só com uns ou com outros, faz-se com todos” (MW).

Quadro 14. A palavra aos decisores do JT das 20H da FR2: a informação no pós confinamento	
Decisores	O que fica ...
<p>Valérie Fichet Chefe de redação France Télévision</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Espero que o jornalismo se torne mais forte.” • “Foi um ano de que possamos retirar ensinamentos e que a confiança que as pessoas reencontraram nos media tradicionais possa restar, possa continuar, pelo menos alguma coisa.” • “Numa crise como esta esperamos que os telespectadores se deem conta da força enorme que temos de viver em países onde há órgãos de comunicação, media, que são livres, embora não sejam infalíveis e que têm uma vontade e um campo de ação de informar nas melhores condições possíveis.” • “Se tivermos em conta o número de pessoas que voltaram a sintonizar-se nos media tradicionais, se guardarmos uma pequena parte, porque as pessoas deram-se conta, também, que eles foram importantes para esses média, que estiveram representados nos conteúdos. • “O campo político reocupou o seu espaço. A informação restabelece o seu equilíbrio. Ainda que seja muito COVID já não há só isso.” • “Ao mesmo tempo há coisas que ficam. As entrevistas por videoconferência, a união de esforços das redações e passarmos estar preparados a viver com o teletrabalho.”
<p>Maroussia Wosiak Chefe de Edição de Imagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “A tecnologia será a partir de agora uma constante. Fontes de informação, mas também jornalistas gostaram desta comodidade e deste facilitismo das entrevistas recolhidas via digital.” • “Na captação de som terá de haver profundas melhorias para voltarmos a ter um audio de excelência. Mau som perturba o conteúdo, logo a mensagem” • “A sinergia nas diferentes áreas da redação também é uma situação do presente e que ficará para o futuro” • Mesmo que haja outras notícias a pandemia não vai deixar de estar presente durante muito tempo, nos conteúdos e fora deles, nas nossas mentes”

9 Discussão conclusiva

O foco deste estudo é o de compreender os efeitos imediatos do SARS CoV-2 e que repercussões posteriores foram identificadas nas rotinas e na produção jornalística do *TJ* da RTP1 e do *JT* das *20H* da *FR2*, durante e após o primeiro confinamento. Por meio da análise das entrevistas aos decisores das duas redações, pelo inquérito aos jornalistas que fizeram os dois jornais televisivos, pelo observado nos conteúdos e suportado em vários estudos (e.g. Cabrera et al., 2020; Reis et al., 2020; Sowden et al. 2021, Thomé et al, 2021) é possível concluir que no primeiro confinamento de 2020, as práticas e o processo jornalístico alteraram-se, passando a depender das rotinas da pandemia e da sociedade confinada. O trabalho jornalístico influenciou e foi influenciado pelo ambiente que o rodeou. Os alinhamentos do *TJ* da RTP1 e do *JT* das *20H* refletiram o quotidiano do confinamento, mais parado frente aos monitores e mais afastado das fontes de informação.

O jornalismo televisivo público português e francês, focado neste estudo, teve de se reinventar na urgência para reportar sobre a emergência. Teve de mudar rotinas para evitar contágios. O teletrabalho e/ou as equipas de reserva em casa provocaram vazios nas redações (Reis et al. 2020). As reuniões passaram a decorrer no espaço digital. Os profissionais que continuaram a ir às empresas foram afastados uns dos outros. A troca de ideias, o retorno dos editores e dos pares foi rareando na mesma proporção do afastamento físico e do isolamento. Os gestos de desinfeção, de espaços e de material técnico, tornaram-se obrigatórios, quase compulsivos. O uso de meios de proteção individual, os microfones embrulhados em papel protetor descartável, pendurados em *perches* (varão metálico ajustável) que permitiam a boa captação do áudio, mas afastavam as fontes jornalísticas, foram o incómodo necessário para o exercício profissional e, foram, também, notícia.

Neste estudo, uma boa parte dos repórteres inquiridos, tanto do *JT* das *20H* como do *TJ* da RTP1, admitiu não ter exercido a atividade jornalística em pleno. Os repórteres sentiram-se na posição de responsáveis pela obtenção e fornecimento de informações credíveis e oportunas, mas, ao mesmo tempo, vulneráveis dentro da organização e no ambiente exterior. Demonstraram, ainda assim, ter assumido o papel de mobilizadores públicos e facilitadores das respostas à crise implementadas pelos governos, usando muitas vezes as próprias emoções.

Neste estudo muitos jornalistas revelaram autocondicionamento devido ao ambiente sociopolítico vivido durante a pandemia. Admitiram não terem interrogado as autoridades como acontece em situações de normalidade, por terem tido em consideração os apelos políticos em prol da coesão social que viram necessários durante a crise da Covid-19. O papel de vigilantes

das ações governativas esbateu-se quando os jornalistas não colocaram todas as questões. Como noutras situações de emergência os *media* podem criar esse sentimento de consenso nacional temporário e através dos seus discursos e das imagens ajudam a unificar a sociedade em momentos chave (Kitch, 2003; Nieves-Pizarro et al., 2019; Stuart, 2002). Podemos, pois, inferir que esta confissão de uma narrativa de nação em risco procura uma legitimação para o desvio do exercício profissional e, ao mesmo tempo, oferece uma proteção contra o risco.

Vários estudos (Dodsworthy, 2021; Ferrucci et al., 2020; Lewis, 2020; Ferrucci & Vos 2017; Traquina, 2005) demonstraram como a educação, a idade, formação moral, cultural e religiosa influenciam as escolhas dos eventos com potencial de notícia. Em circunstâncias extremas os jornalistas argumentam com os princípios da profissão como forma de proteger a comunidade afastando-se da lógica do jornalismo vigilante que o serviço público habitualmente segue. A função de divulgador, ainda que não oficial, das decisões do governo é entendida, pelos jornalistas em períodos de crise, como uma das faces do quarto poder em defesa do interesse dos cidadãos (Albuquerque, 2009; Allan, 2002). Os jornalistas do SPT que participaram neste estudo assumiram, por isso, terem-se sentido como numa frente de batalha da pandemia, ajudando os cidadãos a proteger-se. Nessa missão pressionaram as fontes oficiais e autoridades de saúde, querendo informações e pretendendo estar presente nos locais para a verificação dos factos.

Independentemente das abordagens noticiosas do *TJ* e do *JT* das *20H*, e tendo em conta o *frame setting* (Scheufele, 1999), o nosso estudo mostra que a pandemia provou o valor das funções de *gatekeeper*, durante o primeiro confinamento de 2020. Como outros estudos (Casero-Ripollés, 2020, Newman et al, 2021; Van Aelst et al. 2021) existem razões para admitir que a autoridade e a reputação jornalística se tornaram mais importantes em tempos de crise. Os resultados apurados vão no sentido de que os assuntos mais escolhidos pelo *TJ* da RTP1 e do *JT* das *20H* ocorriam de forma inesperada, tendo na mira critérios com potencial de mudança e de relevância social (Schoemaker, 2016; Shoemaker & Vos, 2009) que o serviço público deve promover (Cardoso & Telo, 2010). Pelas entrevistas aos decisores entendemos, ainda, que foi cumprida a forma mais tradicional de *gatekeeping* assumindo, os decisores e os jornalistas, também, o papel de *safekeepers* (Olsen et al., 2022).

Tendo em conta as claras limitações ao *newsmaking* (Tuchman, 1975) reveladas nas entrevistas e nos inquéritos concluímos que a adaptação da RTP e da *France Télévision* a esta ameaça foi mais ou menos abrupta em função de várias características internas, como a previsibilidade ou a falta dela. Em termos gerais verificámos que o caminho para a mudança

das rotinas e do processo jornalístico imposto pela covid-19 foi mais suave na redação da *France Télévision* do que na RTP1. Na televisão pública portuguesa a antevisão foi mais tardia, a reorganização começou a ser desenhada poucos dias antes do confinamento. Na redação francesa, a previsão dos desafios foi facilitadora do trabalho, as adaptações nas rotinas começaram um mês antes do isolamento decretado pelas autoridades.

A operação informativa do *TJ* da RTP1 e do *JT* das 20H da FR2 foi, também, influenciada pela capacidade instalada de recursos humanos. A RTP tem, desde o início deste século, uma redação para os três principais canais. Com menos recursos humanos disponíveis, por imposição da pandemia, o puzzle das rotinas e do processo jornalístico foi mais difícil de montar. A redação francesa, separada até à covid-19 entre a France2 e a France3, uniu-se num só grupo de trabalho, com implicação clara nas rotinas jornalísticas e permitindo aos *JT* das 20H da FR2 continuar a ter recursos humanos disponíveis. A pandemia é vista, também por isto, como um momento de viragem para as organizações, para redações e para o jornalismo (Wahl-Jorgensen et al., 2021).

Percebemos que a capacidade tecnológica instalada nas redações desde o período pré-pandémico teve implicações na reconversão da redação para o teletrabalho e para a maior utilização das técnicas digitais no processo informativo. Em relação a este fator interno a transição para as novas rotinas foi, igualmente, mais complexa e demorada na RTP do que na *France Télévision*, por aquela estar tecnologicamente menos apetrechada. Conforme estudos anteriores (Berkowitz 1992; García-Avilés, 2021; Gade & Raviola 2009) as adaptações ou mudanças na cultura de uma organização não são facilmente implementadas durante uma crise. Durante a Covid-19 essa capacidade de mudança de organizações e trabalhadores interferiu nas rotinas com impacto no processo e nos conteúdos jornalísticos (Miranda et al., 2020; Perreault & Perreault, 2021; Trewinnard, 2020). O trabalho informativo executado com estas novas rotinas não podia ser guiado por improvisos, ao contrário do que defendeu Berkowitz (1992) para outras situações extremas. Ao mesmo tempo os jornalistas desenvolveram um relacionamento mais próximo com a audiência, tentando completar as necessidades de informação dos telespetadores e produzindo um jornalismo mais orientado para o serviço público (García-Avilés, 2021; Westlund et al., 2021).

Pela análise dos dados verificou-se que, apesar de todos os condicionalismos, as imagens e as entrevistas presenciais dominaram os conteúdos no *Telejornal* e no *JT* das 20H, entre 17 de março e 11 de maio de 2020. Estar presente é o primeiro mandamento do jornalismo, seguido por ver e escutar (Kapuscinski, 2014). Como outros estudos têm demonstrando, embora

as tecnologias de comunicação permitam que os depoimentos das fontes sejam mais imediatos e visíveis (Reich, 2013; Zelizer, 2019), testemunhar no terreno das notícias continua a ser central na atividade. Na construção da realidade percebida e através da imagem televisiva dos dois jornais das 20 horas, para além das cenas captadas *in situ* foram impostos pela pandemia outros suportes técnicos. Quando analisados esses recursos tecnológicos, o tratamento dos dados salienta que as vozes dos jornais televisivos das 8 da noite, em Portugal e em França, passaram a ser captadas, sobretudo, através de plataformas digitais de conversação, mesmo com a perda de qualidade audiovisual. O uso do grafismo e do arquivo ajudaram, também, a moldar o processo criativo dos jornais televisivos. As imagens do passado legitimam uma memória comum e reforçam a identidade coletiva daqueles que as reproduzem (Connerton, 1989; Huxford, 2007, Sevillano, 2003). Os dois jornais estudados, no primeiro período de confinamento de 2020, preencheram-se com dados (números de infeções, mortos, recuperados, testes administrados, explicações e impactos), divulgados pelas fontes governamentais e autoridades de saúde. Sobretudo no *TJ* da RTP1 tornou-se uma rotina obrigatória e na abertura, com pivôs “pintados” com grafismo, demonstrando uma maior previsibilidade na cobertura jornalística de um tema único. O jornalismo de dados foi uma ferramenta útil para explicar a crise ao público, mantendo a autonomia e a autoridade jornalística (Quandt & Wahl-Jorgensen, 2021, Simoneti, 2021), podendo ser um contributo importante para moldar a opinião pública em tempos de crise (Wu, 2021). Com as opções de *agenda-setting* e *framing* verificadas no estudo a televisão ajudou a unificar a sociedade e uniu-se emocional e psicologicamente ao público.

A pandemia da Covid-19 aprofundou a transformação ou desinstitucionalização (Vos, 2019) da instituição jornalística, impulsionada nas últimas décadas, pelas redes sociais e pelos dispositivos digitais, facilitadores da circulação de informação (Cabrera et al., 2020; Casero-Ripollés, 2020; García-Avilés, 2021). A pandemia deu origem a uma participação intensa do público nos *media* sociais e um maior recurso do chamado jornalismo participativo (Hermida & Young, 2021; Pedersen & Burnett, 2022). O Gatekeeping ficou ainda menos exclusivamente nas mãos dos decisores tradicionais e mais aberto à participação da audiência (Reese, 2011). O estudo do *TJ* da RTP1 e do *JT* das *20H* da *FR2*, durante o primeiro confinamento, confirmam estas opções dos decisores de usarem as redes sociais ou pedirem aos telespetadores a captação do quotidiano confinado. Ao fazê-lo diversificaram a cobertura e o espaço mediático. Os telespetadores ao divulgarem informações do que é para eles relevante ser ou não mostrado, tornam-se representantes de uma coletivo retido em casa, mudam o conteúdo, a forma, o estilo

e a temporalidade das notícias (Sheller, 2015). As organizações noticiosas sentiram-se obrigadas a confiar nestas fontes anónimas e os valores notícias ficaram integrados nas redes (Raemy & Vos, 2021), moldando o jornalismo.

Alguns estudos têm demonstrado (Wu, 2021; Berkowitz & Liu, 2016; Swasy et al., 2015) divergências sobre a utilização desta ferramenta participativa nas notícias. Também os decisores do *JT* das *20H* e do *TJ* da RTP1 divergem sobre o jornalismo participativo. Os decisores portugueses são menos flexíveis a abrir o ecossistema mediático, optando por concentrar os esforços, sobretudo, na confirmação das informações dadas pelas fontes oficiais, contrabalançada pelos especialistas. Enquanto no do *JT* das *20H* acredita-se que contribuí para a identificação e proximidade da audiência aos conteúdos. Os decisores do *JT* das *20H* nunca sentiram o já defendido em estudos (e.g. Harte et al, 2018) que a quebra do monopólio na decisão da captação e da edição põe em causa a centralidade das redações na produção jornalística. Os resultados demonstram que em qualquer uma das estratégias o objetivo foi o mesmo, contribuir para a tomada de posição do público durante a crise pandémica.

A decisão editorial inerente ao *gatekeeping* e ao *framing* no primeiro confinamento português e francês de 2020 foi, sobretudo, exercida pelos decisores principais do *TJ* da RTP1 e do *JT* das *20H* da FR2. Os repórteres estavam mais afastados da redação e deste processo de decisão. A urgência pandémica ditou as decisões, enfatizando a observância dos contágios, os internamentos e os mortos provocados pela pandemia, confirmando vários estudos (Bridgman et al., 2022; Relihan et al., 2023) que admitem que o foco na situação pandémica está associado à observância das medidas de distanciamento e de prevenção.

O *TJ* da RTP1 deu, ainda, grande destaque às decisões da política nacional para controlar o SARS-CoV2 e à problematização do impacto socioeconómico da crise sanitária. A vida confinada entre quatro paredes é pouco representada.

Para entender como o público é moldado pelos *frames* durante uma crise, é crucial identificar como a seleção das fontes influencia a construção do enquadramento das notícias, já que as vozes escutadas pelos jornalistas podem condicionar a abordagem que molda o acontecimento (Van der Meer, 2018). Neste estudo concluímos que os especialistas, as fontes oficiais e os profissionais de saúde são as vozes mais confiáveis. Ao ouvi-los os espetadores tendem a perceber que as informações são verdadeiras e precisas e que não estão a ser enganados (Morani et al., 2022; O’Keefe, 2015). No início da pandemia, foi difícil a dinâmica de interação das redações entre as vozes das autoridades de saúde, as fontes oficiais e os jornalistas. Os decisores revelaram ter negociado com as fontes oficiais que queriam limitar o

acesso às conferências de imprensa. Os especialistas, ao contrário, sempre disponíveis, tornaram-se os novos protagonistas da informação televisiva pública, levando as fontes oficiais a ajustarem a narrativa (Lopes, 2021), tanto em França como em Portugal. A notoriedade e a acessibilidade deixaram de ser traços prioritários na escolha das fontes credíveis (Lewis, 2020; Lopes et al., 2023; Fernandez-Sande et al., 2020).

No primeiro confinamento, o *TJ* da RTP1 privilegiou as vozes dos cidadãos desconhecidos. No entanto, globalmente as fontes oficiais estão mais representadas. A dependência da agenda oficial de governantes fez replicar as vozes mais institucionais ao longo do jornal televisivo do SPT português. Na narrativa informativa o protagonismo maior foi dado ao PM e ao PR. Observando o jornal televisivo como um todo, fica a percepção de uma informação sem rostos com que os telespetadores se identifiquem, já que os cidadãos desconhecidos foram remetidos para as margens silenciosas (Lopes et al. 2020), tendo poucas vezes voz direta.

No *JT* das 20H da FR2, o cidadão desconhecido é o protagonista com maior peso na narrativa informativa. Os responsáveis editoriais agiram convictos de que os membros da população podem potenciar a compreensão do público sobre a crise e orientar os comportamentos sociais sobre a situação (Van der Meer, 2018), podendo estar ligado à transformação dos acontecimentos (Buchanan & Dowson, 2007; Jaeger et al., 2000). Os alinhamentos do SPT francês às 20H, no primeiro confinamento, estavam menos tentados a emitir as vozes oficiais. Em França, os chefe de estado e do governo detêm menos tempo no palco do *JT* das 20H da FR2 do que os profissionais de saúde e os especialistas. E os deputados, os desportistas e os artistas praticamente desapareceram da narrativa informativa. Entendemos que a proximidade, enquanto valor cultural ou geográfico (Swain, 2003) admitido pelos decisores dos dois jornais televisivos para selecionarem as notícias, foi mais conseguido no jornal francês. Os protagonistas do *TJ* foram sobretudo de Lisboa e arredores criando desertos noticiosos significativos. Maiores margens silenciosas (Lopes, et al., 2020) e menos representação do país, para além de Lisboa, pode dar à audiência a ideia de não representação no *TJ* e, assim, afastar-se da sintonização no jornal televisivo.

O nosso estudo demonstrou, tendo em conta a classificação de Giorgio Simonelli (2005), que o *TJ* da RTP1 é um jornal generalista objetivo: os conteúdos centram-se na informação direta do acontecimento, há uma valorização da notícia como acontecimento bruto. Já o *JT* das 20H, de acordo com o mesmo autor, tende a ser mais interpretativo explicativo, uma vez que para além da atualidade da mediatização da pandemia, das hospitalizações e dos mortos,

os decisores franceses procuraram diferentes abordagens dos assuntos, trazendo um maior esforço de interpretação da realidade percebida.

No primeiro confinamento de 2020, a rotina da pandemia tornou o *TJ* da RTP1 e o *JT* das *20H* da *FR2* numa representação mediática contínua de um monotema. Os franceses optaram por variar mais os géneros televisivos. Surgiram rubricas, dando maior visibilidade a determinados assuntos, sustentando a credibilidade, mostrando maior domínio dos temas (Marchetti & Serra, 2020; Neveu, 2019). Na “*L’oeil de 20H*”, por exemplo, eram esclarecidas *fake news* que circulavam nas redes sociais. O combate à *infodemia*, (OMS, 2020) foi, para os decisores noticiosos franceses uma nova frente na batalha da Covid-19. Esta estratégia foi encarada como uma obrigação de serviço público. Vários estudos demonstram que as notícias falsas ou pouco rigorosas, em situações extremas como foi a pandemia, podem levar a escolhas erradas e podem causar mortes evitáveis e disrupção social (Freire et al., 2021; Cifuentes-Faura, 2020; Naeem & Bhatti, 2020).

No pós confinamento, de 01 a 15 de janeiro de 2022, a pandemia continuava presente na sociedade e nos alinhamentos do *TJ* RTP e do *JT* das *20H* e da *FR2*, mas deixou de ser tema único. Diversificou-se o puzzle de acontecimentos. Neste período, os decisores do *TJ* da RTP1 continuaram a dar preferência aos eventos na grande Lisboa, enfatizando sobretudo a política nacional, agora mais focada nas legislativas desse ano. As vozes oficiais, de âmbito nacional, permanecem as mais ouvidas. As de âmbito local, únicas, sem combinação com as de âmbito nacional, desapareceram, neste período analisado. Em França, o *JT* das *20H*, continua a ser palco, sobretudo, para os cidadãos sem notoriedade social e política, permitindo uma perceção maior de representatividade do país.

Os dados analisados fazem eco da perceção de jornalistas e decisores sobre a manutenção, em janeiro de 2022, ainda que em menor escala, das mudanças verificadas no primeiro confinamento, tanto nas rotinas como no conteúdo jornalístico. Os dispositivos digitais de entrevistas, de apresentação gráfica e uso continuado de grafismo vieram para ficar. A proximidade virtual ajudou a produzir um jornalismo mais sentado, mais instalado, dando a perceção de notícias sem lugar definido (Huxford, 2007), mais afastado do lugar dos eventos e mais distante das fontes. Estas características da pandemia estavam, em 2022, mais presentes no *TJ* da RTP1 do que no *JT* das *20H* da *FR2*.

Face às perceções entendidas, concluímos que o ‘onde’ das notícias (Usher, 2019) está a mudar. Consideramos que ao enfraquecerem esta presença, ao mudarem o lugar do

noticiar mais para a redação ou para o domicílio, fica debilitada a autoridade jornalística, confiabilidade das fontes e o exercício da profissão.

A pandemia da Covid-19 teve também impacto neste estudo. Ainda projeto, em 2020, começou a dar-lhe sentido. No pós-confinamento a intensa agenda noticiosa afastava os entrevistados e os jornalistas a inquirir. Depois de muitas insistências, poucos decisores franceses quiseram falar sobre uma fase intensa que queriam “deixar no passado”. A editora-chefe entrevistada foi a que mais horas esteve na redação durante a crise. No envio dos inquéritos por questionário percebi, na redação francesa como na portuguesa, que conheço há 31 anos, resistência em refletir sobre um assunto que deixou marcas pessoais e profissionais.

A extensão do *corpus* foi um desafio, mas sempre tido como necessário. A sociedade e a comunicação entendem-se com fronteiras cada vez menos visíveis, considera-se, por isso, importante a reflexão comparativa destes dois SPT. O estudo pode ser um ponto de partida para o reconhecimento e reflexão sobre os pontos fortes e fracos na cobertura jornalística da pandemia realizada pelos dois serviços públicos de televisão.

Sugere-se, para investigações futuras, o estudo mais aprofundado da influência dos sentires subjetivos dos jornalistas nos conteúdos noticiosos em acontecimentos extremos.

Referências Bibliográficas

- Adams, A., Lunt, P., & Cairns, P. (2008). *A qualitative approach to HCI research*. In: Cairns, Paul and Cox, Anna eds. *Research Methods for Human-Computer Interaction*. Cambridge University Press, pp. 138–157.
- ALBUQUERQUE, A. D. (2009). *As três faces do quarto poder*. XVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte, COMPÓS.
- Alexander, J. C. (2015). *The crisis of journalism reconsidered: Cultural Power*. *Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences*, 8, 9-31. <http://doi.org/10.1007/s40647-014-0056-5>
- Allan, S. (2002). *Media, risk and science*. *Order*, 9, 235. Open University Press: Buckingham <http://doi.org/0335206638>
- Allan, S. (2009). *The Routledge companion to news and journalism*. Routledge.
- An, S. K., & Cheng, I. H. (2010). Crisis communication research in public relations journals: Tracking research trends over thirty years. *The handbook of crisis communication*, 65-90.
- Appelgren, E. (2020). *Book Review: Data Journalism and the Regeneration of News by Alfred Hermida and Mary Lynn Young and Apostles of Certainty: Data Journalism and the Politics of Doubt by CW Anderson*. <https://doi.org/10.1177/1077699019876106>
- Appelgren, E. (2022). *Media management during COVID-19: Behavior of Swedish media leaders in times of crisis*. *Journalism studies*, 23(5-6), 722-739. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2021.1939106>
- Attali, J. (2021). *Histoires des Médias. Des signaux de fumée au réseaux sociaux et après*. Ed. Fayard.
- Balog-Way, D. H., & McComas, K. A. (2020). *COVID-19 : Reflections on trust, trade offs, and preparedness*. *Journal of Risk Research*, 23(7-8), 838-848. DOI: [10.1080/13669877.2020.1758192](https://doi.org/10.1080/13669877.2020.1758192)
- Bardin, L. (1977). *De Conteúdos, Análise*. Edições 70. Obra original publicada em, 1977.
- Beaton, R. D., Murphy, S. A., Houston, J. B., Reyes, G., Bramwell, S., McDaniel, M. & Pfefferbaum, B. (2009). *The role of public health in mental and behavioral health in children and families following disasters*. *Journal of public health management and practice*, 15(6), E1-E11.

- Becker, L. B., & Vlad, T. (2009). *News organizations and routines*. In The handbook of journalism studies (pp. 79-92). Routledge.
- Berger, P. & Berger, B. (1977). *O que é uma instituição social?* in FORACCHI, M, M. e Martins, J, S. Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia, 25, 193-199. Rio de Janeiro. <https://pt.scribd.com/document/254748630/Berger-Peter-L-Berger-Brigitte-O-Que-e-Uma-Instituicao-Social#>
- Berger, P. & Luckmann, T. (2003). *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento* (23.^a Edição). Vozes. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2714>
- Bernadas, J. & Ilagan, K. (2020). *Journalism, public health, and COVID-19: some preliminary insights from the Philippines*. Media International Australia, 177(1), 132-138. <https://doi.org/10.1177/1329878X20953854>
- Berkowitz, D. (1992) *Non-Routine News and Newswork. Exploring a What-a-Story*. Journal of Communication, 42(1), pp.82-94 <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1992.tb00770.x>
- Berkowitz, D. (2009). *Reporters and their sources*. The handbook of journalism studies, pp.102-115. Editado por Wahl-Jorgensen & Halitzsch, T. Routledge. NY.
- Berkowitz, D., & Liu, Z. M. (2016). *Media errors and the 'nutty professor': Riding the journalistic boundaries of the Sandy Hook shootings*. Journalism, 17(2), 155-172.
- Berry, T. R., Wharf-Higgins, J., & Naylor, P. J. (2007). *SARS wars: an examination of the quantity and construction of health information in the news media*. Health Communication, 21(1), 35-44. <https://doi.org/10.1080/10410230701283322>
- Blaikie, N. (2011). *Encyclopedia of Social Science Research Methods*. (A. B. Michael S. Lewis-Beck, Ed.), 786-788. SAGE Publications, Inc. <https://dx.doi.org/104135/9781412950589>
- Blaikie, N. (2010). *Designing Social Research : The Logic of Anticipation*. 3rd Edition, London : Polity Press.
- Boin, A., THart, P. & McConnell, A. (2009). *Crisis exploitation: political and policy impacts of framing contests*. Journal of European Public Opinion, 16(1), pp-81-106. <http://doi.org/10.1080/13501760802453221>
- Bridgman, C., Gerken, J., Vincent, J., Brooks, A. E., & Zapata, I. (2022). *Revisiting the COVID-19 fatality rate and altitude association through a comprehensive analysis*. Scientific Reports, 12(1), 18048.

- Buchanan, D. & Dawson, P. (2007). *Discourse and audience: organizational change as multi-story process*. *Journal of Management Studies*, 44(5), 669-686
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. Reino Unido: Oxford University Press.
- Cabrera, A., Martins, C., & Cunha, I. F. (2020). *A cobertura televisiva da pandemia de covid-19 em Portugal: Um estudo exploratório*. *Media & Jornalismo*, 20(37), 185-204. https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_10
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J. Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., Martins, P. & Silva, P. A. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*. Relatório. Lisboa: Sopcom https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/44291/1/ICS_Efeitos.pdf
- Camponez, C., & Oliveira, M. (2021). *Jornalismo em contexto de crise sanitária: Representações da profissão e expectativas dos jornalistas*. *Comunicação e Sociedade*, (39), 251-267. [https://doi.org/10.17231/comsoc.39\(2021\).317](https://doi.org/10.17231/comsoc.39(2021).317)
- Cardoso, G. & Telo D. (2010). *Os telejornais da RTP1: Contextualização histórica, modelos e análise do horário nobre*. In *Telejornais em exame*, coordenação de Joel Frederico e Pamela Shoemaker, 53-96. Colibri.
- Cardoso, G., Baldi, V., Paisana, M., & Quintanilha, T. L. (2020). *Pandemia e consumos mediáticos*. OberCom-Observatório da Comunicação. Obtido em Obsercom.pt
- Casero-Ripollés, A. (2021). *The Impact of Covid-19 on journalism on five domains*. *Comunicação e Sociedade*, vol. 40, 2021 pp. 53-69. [https://doi.org/10.17231/comsoc.40\(2021\).3283](https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3283)
- Castells, M. 2011. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura* (A. Lemos, C. Lorga e Tânia Soares, Trad.), Vol. 1 (4ª. ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Charadeau, P. (2005). *Le discours politique. Les masques du pouvoir*. Vuibert. <https://doi.org/10.4000/communication.3435>
- Cherubini, F., Newman, N., & Nielsen, R. (2020). *Changing newsrooms 2020: addressing diversity and nurturing talent at a time of unprecedented change*. Reuters Institute Report.

- Chyi, H. & McCombs, M. (2004). *Media Saliency and Process of Framing: Coverage of Columbine School Shooting*. In *Journalism and Mass Communications Quarterly*, 81(1), 22:35. DOI: [10.1177/107769900408100103](https://doi.org/10.1177/107769900408100103)
- Cifuentes-Faura, J. (2020). *COVID-19 and Infodemics: How to Solve this Problem*. *International Journal of Media & Information Literacy*, 5(2).
- Cohen, J. (1999). *Favorite characters of teenage viewers of Israeli serials*. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 43(3), 327-345.
- Cohen, J. (2001). *Defining identification : A theoretical look at the identification of audiences with media characters*. *Mass communication & society*, 4(3), 245-264. Taylor & Francis on line.
- Coleman, R.; McCombs, M.; Shaw, D. & Weaver, D. (2019). *Agenda Setting*. In *Handbook of Journalism Studies*, (K. e. Wahj-Jorgensen, Ed.), 147-161. London e New York: Routledge.
- Connerton, P. (1989). *How societies remember*. Cambridge University Press.
- Coombs, W. T. (2010). *Parameters for Crisis Communication*. In *The Handbook of crisis communication*, 17-53. Wiley Blackwell. doi:DOI:10.1002/9781444314885
- Cook, T. E. (1998). *Governing With the News, The News Media as a Political Institution (Book Review)*. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 75(2), 421. <https://www.proquest.com/openview/9ac8d3ae08ce9424a464a16e4c69f990/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1818414>
- Cook, T.E. (2006) *The News Media as a Political Institution : Looking Backward and Looking Forward*. *Political Communication*, 23:2, 159-171, Univ. Of Chicago Press.
- Cook, T. E. (2010). *Governing with the news : The news media as a political institution*. *Studies in communication, media, and public opinion*. <https://doi.org/10.1080/10584600600629711>
- Cook, T. E. (2011). *O jornalismo político*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 203-247. Retirado de Scielo.br.
- Correia, J. C. (2000). *O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público*. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 27, 193-212.
- Correia, J. C. (2011). *O admirável Mundo das Notícias - Teorias e Métodos*. Portugal: LabCom Books .

- Creswell, J. W. (2012). *Encyclopedia of Social Science Research Methods*. (L. M. Given, Ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE. doi:10.4135/9781412963909
- Cruz, C. (2014). *A Decisão Editorial em Televisão. O Caso do Telejornal da RTP*. Tese de Doutoramento em Ciência da Comunicação Social, especialidade em Sociologia da Comunicação Social. Lisboa: Universidade Aberta.
- CSA – Conseil Supérieur de L’Audiovisuel (2022). Le Rapport Annuel 2021.
- De Albuquerque, A. (2009). *A modernização autoritária do jornalismo brasileiro*. Alceu, 10(20), 100-115. http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Albuquerque.pdf
- de Carvalho, A. A. (1999). *A Censura à Imprensa na época Marcelista*. Minerva.
- Décret n° 2020-983 du 5 août 2020 portant *modification du régime de publicité télévisée*, do Primeiro-Ministro de França. Obtido em <https://www.legifrance.gouv.fr/jorf/id/JORFTEXT000042211231>
- Decreto-Lei n.º 1-A/2020, de 19 de março da Assembleia da República Portuguesa. [Diário da República n.º 56/2020, 3º Suplemento, Série I de 2020-03-19](https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/1-a-2020-130473088), páginas – 5. Obtido de <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/1-a-2020-130473088>
- Derieux, E. (2017). *L'intérêt général, pierre angulaire ou inégalitaire du droit de la communication?* Légicom, (1), 105-120. <https://www.cairn.info/revue-legicom-2017-1-page-105.htm>
- Desai, A., Nouvellet, P., Bhatia, S., Cori, A., & Lassmann, B. (2021). *Data journalism and the COVID-19 pandemic: opportunities and challenges*. The Lancet Digital Health, 3(10), e619-e621. DOI:[https://doi.org/10.1016/S2589-7500\(21\)00178-3](https://doi.org/10.1016/S2589-7500(21)00178-3)
- Deuze, M. (2004). *Journalism studies beyond media: on ideology and identity*: research section Ecquid Novi, 25(2), 275-293.
- Deuze, M. (2005). *Towards professional participatory storytelling in journalism and advertising*. Journalism. SAGE Publications. <http://jou.sagepub.com> <http://doi.org/10.1177/1464884906065512>

- Deuze, M. (2009). *What is journalism? Professional identity and ideology of journalists Reconsidered*. SAGE Publications. Vol. 6(4): 442–464. <http://doi.org/10.1177/1464884905056815>
- Deuze, M. (2019). *What journalism is (not)*. *Social media+ society*, 5(3). <https://doi.org/10.1177/2056305119857202>
- DNR - *Digital News Report* (2019) Reuters Institute for the Study of Journalism. <https://www.digitalnewsreport.org/survey/2019/>
- DNR - *Digital News Report* (2020). Reuters Institute for the Study of Journalism. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf
- DNR - *Digital News Report* (2021). Reuters Institute for the Study of Journalism. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021>
- Dodsworth, L. (2021). *A state of fear: How the UK government weaponised fear during the Covid-19 pandemic*. Pinter & Martin. <https://doi.org/10.1080/13642537.2021.2004498>
- Doukhan, D., Coulomb-Gully, M., & Méadel, C. (2020). *En période de coronavirus, la parole d'autorité dans l'info télé reste largement masculine*. *La revue des médias*, (1). [hal-03840326](https://doi.org/10.3840326)
- Durham, F. (2008). *Media ritual in catastrophic time: The populist turn in television coverage of Hurricane Katrina*. *Journalism*, 9(1), 95-116.
- EBU - [Eurovision Broadcasting Union \(2022\). Covid-19 Crisis. PSM Audience Performance. Media Intelligence Service https://www.ebu.ch/about/public-service-media](https://www.ebu.ch/about/public-service-media)
- ECHR – *Convenção Europeia dos Direitos do Homem* (2022). *Tribunal Europeu dos Direitos do Homem*. Obtido de <https://www.coe.int/en/web/freedom-expression/public-service-media>
- Elysée - Palácio do Eliseu (2020, 16 de março). *Adresse aux Français du Président de la République Emmanuel Macron*. <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2020/03/16/adresse-aux-francais-covid19>
- Elysée - Palácio do Eliseu (2020, 12 de março). *L'adresse aux Français du Président de la République*. <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2020/03/12/adresse-aux-francais>
- Entman, R. M. (1993). *Framing : Toward clarification of a fractured paradigm*. *Journal of communication*, 43(4)51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304>

- ERC – [Entidade Reguladora da Comunicação Social, Contrato de Concessão de Serviço Público de televisão](#). <https://www.erc.pt/download/>
- Fernandes, S. G., & de Mendonça Jorge, T. (2017). *Routines in Web Journalism: multitasking and time pressure on web journalists*. *Brazilian Journalism Research*, 13(1), 20-37. <https://doi.org/10.25200/BJR.v13n1.2017.909>
- Ferrucci, P., & Vos, T. (2017). *Who's in, who's out? Constructing the identity of digital journalists*. *Digital journalism*, 5(7), 868-883.
- Ferrucci, P., Tandoc Jr, E. C., & Schauster, E. E. (2020). *Journalists Primed: How Professional Identity Affects Moral Decision Making*. *Journalism Practice*, 14(8), 896-912.
- Fidalgo, J. (2003). *De que é que se fala quando se fala em Serviço Público de Televisão?* CECS 1 / 20. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade www.cecs.uminho.pt
- Finneman, T., & Thomas, R. J. (2021). *"Our company is in survival mode": Metajournalistic discourse on COVID-19's impact on U.S. community newspapers*. *Journalism*. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1888149>
- Fisher, C. (2018). *News sources and journalist/source interaction*. In *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.849>
- Francetv (2020). *'histoire Retour sur les étapes-clés qui ont construit le groupe et accès aux archives. De 2000 à aujourd'hui : les dates clés et l'histoire de notre groupe*. Obtido de <https://www.francetelevisions.fr/groupe/qui-sommes-nous/lhistoire-127>
- Freire, N. P., Cunha, I. C. K. O., Ximenes Neto, F. R. G., Machado, M. H., & Minayo, M. C. D. S. (2021). *A infodemia transcende a pandemia*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4065-4068.
- Friedman, T. L. (2020). *We need herd immunity from trump and the coronavirus*. April 25, 2020. *The New York Times*. Obtido de <https://www.nytimes.com/2020/04/25/opinion/coronavirus-immunity-trump.html>
- Gade, P., & Raviola, E. (2009). *Integration of news and news of integration: A structural perspective on news media changes*. *Journal of Media Business Studies*, 6(1), 87-111.
- Galtung, J., & Ruge, M. H. (1965). *The structure of foreign news : The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers*. *Journal of peace research*, 2(1), 64-90. <http://www.jstor.org/stable/423011>
- Gans, H. (1979) *Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Northwestern University Press.

- García-Avilés, J.A. (2021). *Journalism as Usual? Managing Disruption in Virtual Newsrooms during the COVID-19 Crisis*, *Digital Journalism*, 9:9, 1239-1260.
- García-Avilés, J. A. (2021). *Journalism innovation research, a diverse and flourishing field (2000-2020)*. *Profesional de la información*, 30(1).
<https://doi.org/10.3145/epi.2021.ene.10>
- Garcia, J.L; Matos, J.N.& Silva, P.A (2021) *Jornalismo em Estado de Emergência: Uma Análise dos Efeitos da Pandemia Covid-19 nas Relações de Emprego dos Jornalistas*, (39). Plataformas Digitais na Economia Conectada: Discurso, Controlo, Consumo e Colaboração [https://doi.org/10.17231/comsoc.39\(2021\).3177](https://doi.org/10.17231/comsoc.39(2021).3177)
- Gascón, S., Fueyo-Díaz, R., Borao, L., Leiter, M. P., Fanlo-Zarazaga, Á., Oliván-Blázquez, B., & Aguilar-Latorre, A. (2021). *Value conflict, lack of rewards, and sense of community as psychosocial risk factors of burnout in communication professionals (Press, Radio, and Television)*. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(2), 365. <https://doi.org/10.3390/ijerph18020365>
- Gerbner, G. (1998). *Cultivation analysis: An overview*. *Mass communication and society*, 1(3-4), 175-194.
- Glik, C. (2007). *The Annual Review of Public Health*. *Risk Communication for Public Health Emergencies*, 28, 33-54. <http://doi.org/0.1146/annurev.pubhealth.28.021406.144123>
- Godinho, J. (2019). *O Telejornal da RTP mostrou o maio de 68 e escondeu a Crise Académica de 69*. *Media and Jornalismo*, 19(35), 211-222. https://doi.org/10.14195/2183-5462_35_14
- Gouvernement Français, 2020, 28 de abril. *Discours-de-m-edouard-philippe-premier-ministre-presentation-de-la-strategie-nationale-de déconfinement*
<https://www.gouvernement.fr/discours/11518>
- Gov.pt - Governo na República Portuguesa (2020, 12 de março). *Declaração ao País do Primeiro-Ministro sobre o coronavírus*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/primeiro-ministro/multimedia?m=v&i=declaracao-ao-pais-do-primeiro-ministro-sobre-o-coronavirus>
- Graber, D. & Dunaway, J. (2018). *Mass Media and American Politics (10ª ed.)*. USA: SAGE.
- Hallin, D. C., & Mancini, P. (2004). *Comparing media systems: Three models of media and politics*. Cambridge university press.

- Hamilton, M. R. (2015). *Democracy and public service*. In *Democracy and public administration* (pp. 3-20). Routledge.
- Harcup, T. & O'Neil, D. (2017). *What is News?* *Journalism Studies*, 18(12), 1470-1488, DOI: 10.1080/1461670X.2016.1150193 Alexander, J. (s.d.).
- Hare, K. (2020, May 27). *The coronavirus has closed more than 30 local newsrooms across America. And counting.* Poynter. <https://www.poynter.org/locally/2020/the-coronavirus->
- Harro-Loit, H., & Josephi, B. (2020). *Journalists' perception of time pressure: A global perspective.* *Journalism Practice*, 14(4), 395-411. <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1623710>
- Harte, D., Howells, R., & Williams, A. (2018). *Hyperlocal journalism: The decline of local newspapers and the rise of online community news.* Routledge.
- Heath, R.L., Lee, J. & Ni, L. (2009). *Crisis and risk approaches to emergency management planning and communication: The role of similarity and sensitivity.* *Journal of Public Relations Research*, 21(2), 123-141. doi.org/10.1080/10627260802557415
- Heath, R. L., & O'Hair, H. D. (2020). *Handbook of risk and crisis communication.* Routledge.
- Hendrickx, J., & Picone, I. (2022). *Operationalising hybrid newsroom ethnography: Observing amidst a pandemic.* *Journalism Practice*, 1-18. <https://doi.org/10.1080/17512786.2022.2062429>
- Hermida, A., & Thurman, N. (2008). *A clash of cultures: The integration of user-generated content within professional journalistic frameworks at British newspaper websites.* *Journalism practice*, 2(3), 343-356. <http://doi.org/10.1080/17512780802054538>
- Hermida, A., & Young, A. M. L. (2021). *Journalism innovation in a time of survival. News media innovation reconsidered: Ethics and values in a creative reconstruction of journalism*, 40-52. Wiley Online Library
- Herreros, M. C. (1998). *Información televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación.* Síntesis.
- Houston, J., Hawthorne, J., Perreault, M. F., Park, E. H., Goldstein Hode, M., Halliwell, M. R., & Griffith, S. A. (2015). *Social media and disasters: a functional framework for social media use in disaster planning, response, and research.* *Disasters*, 39(1), 1-22. <http://doi.org/10.1111/disa.12092>
- Huxford, J. (2007). *The proximity paradox: Live reporting, virtual proximity and the concept of place in the news.* *Journalism*, 8(6), 657-674.

- INA - [Institut national de l'audiovisuel](https://www.ina.fr/institut-national-audiovisuel/collections-audiovisuelles/archives-emeblématiques/television) (2022) La Télévision. Obtido em <https://www.ina.fr/institut-national-audiovisuel/collections-audiovisuelles/archives-emeblématiques/television>
- Innerarity, D. (2009). *Políticas del reconocimiento*. Hermes: pentsamendu eta historia aldizkaria= revista de pensamiento e historia, (30), 4-12.
- Iosifidis, P. (2008). *Public Television in Europe: The French and Greek Cases*. International Journal of Media and Cultural Politics, 4(3), pp. 349-367. https://doi.org/10.1386/macp.4.3.349_1
- Jenkins, J., Tandoc, E. C., Thomas, R. J., & Westlund, O. (2020). *Introduction : Theorizing critical incidents in journalism across the globe*. In E. C. Tandoc, J. Jenkins, R. J. Thomas, & O. Westlund (Eds.), *Critical incidents in journalism: Pivotal moments reshaping journalism around the world* (pp. 1–12). Routledge. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1942112>
- Jost, F. (2009). *O que significa falar de “realidade” para a televisão? Televisão e realidade*. Salvador: EDUFBA, 13-3
- Kapuscinski, G. (2014). *The Effects of news media on leisure tourists' perception of risk and willingness to travel, with specific reference to events of terrorism and political instability* (Doctoral dissertation, Bournemouth University).
- Jaeger, C. C., Kasemir, B., Stoll-Kleemann, S., Schibli, D., & Dahinden, U. (2000). *Climate change and the voice of the public*. Integrated assessment, 1, 339-349.
- Kantar (2020). *Dimension 2020: COVID-19's impact on consumer media usage and attitudes*. Obtido em <https://www.kantar.com/inspiration/advertising-media/dimension-2020-winning-consumer-trust-in-the-age-of-covid-19>
- Kitch, C. (2003). " *Mourning in America*": ritual, redemption, and recovery in news narrative after September 11. Journalism Studies, 4(2), 213-224.
- Konow-Lund, M. & Olsson, E.K. (2016). *When routines are not enough: Journalists' crisis management during the 22/7 domestic terror attack in Norway*. Journalism Practice 10 (3), pp. 358- 372. <https://doi.org/0.1080/17512786.2015.1027787>
- Konow-Lund, M., & Olsson, E. K. (2020). *Cross-Border Investigative Collaboration on the Surviving Stories: The Forbidden Stories*. In *Critical Incidents in Journalism* (pp. 191-202). Routledge.

- Lappas, T. (2020, March 30). An open letter from our publisher. Henrico Citizen. <https://www.henricocitizen.com/articles/a-letter-from-our-publisher/>
- Lefébure, P., & Sécaïl, C. (2016). *Le défi Charlie. Les médias à l'épreuve des attentats*. Lemieux éditeur. <https://hal.science/hal-01273505/document>
- Legifrance (2009). *Decret n° 2009-796, du 23/06/2009, fixant le cahier des charges de la société nationale de programme France television*. Obtido de legifrance.fr
- Lewin, K. (1947). *Frontiers in group dynamics: II. Channels of group life; social planning and action research*. *Human relations*, 1(2), 143-153. <https://doi.org/10.1177/00187267470010020>
- Lewis, C.S. (2012) *The tension between professional control and open participation*, *Information, Communication & Society*, 15:6, 836-866, DOI: [10.1080/1369118X.2012.674150](https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.674150)
- Lewis, S. C. (2020). *Lack of trust in the news media, institutional weakness, and relational journalism as a potential way forward*. *Journalism*, 21(3), 345-348. <https://doi.org/10.1177/1464884918808134>
- Levy, D. A., & Nielsen, R. K. (2010). *The changing business of journalism and its implications for democracy*. Reuters Institute for the Study of Journalism, Department of Politics and International Relations, University of Oxford.
- Li, R. (2021). *Fear of COVID-19: What Causes Fear and How Individuals Cope with It*. *Health Communication*. Online first publication. DOI: [10.1080/10410236.2021.1901423](https://doi.org/10.1080/10410236.2021.1901423)
- Lim, M. (2013) “*Framing Bouazizi: ‘White lies’, hybrid network, and collective/connective action in the 2010–11 Tunisian uprising*,” *Journalism* 14, pp. [921-941](https://doi.org/10.1177/1464884913478359). [http://doi.org/10.1177/1464884913478359](https://doi.org/10.1177/1464884913478359)
- Lippmann, W. (1965). *Public opinion*. 1922. <https://www.gpullman.com/8170/texts/lippmann.pdf>
- Lopes, F. (1999). *Serviço Público de Televisão: a crise, a identidade e os desafios*. Comunicação apresentada ao I Congresso das Ciências da Comunicação, Lisboa, 22-24 de março. Universidade do Minho.
- Lopes, F., Araújo, R. A. M., Magalhães, O., & Sá, A. (2020). *Covid-19: Quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia*. Universidade do Minho. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.25.11>

- Lopes, F., Araújo, R., & Magalhães, O. (2021). *Covid-19: Uma Pandemia Gerida Pelas Fontes Oficiais Através de uma Comunicação Política*», *Comunicação e sociedade* [Online], 40 | 2021, posto online no dia 20 dezembro 2021, consultado o 16 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/cs/5810>
- Lopes, F., Araújo, R., Magalhães, O., Santos, C. A., Peixinho, A. T., & Burnay, C. D. (2023). *A Visibilidade das Fontes Especializadas no Jornalismo: O Exemplo da covid-19*. *Comunicação e Sociedade*, (43), e023011.
- Manning P. (2001). *News and News Sources: A Critical Introduction*. London: SAGE. <http://doi.org/10.1177/1464884912448915>
- Manning, P. (2013). *Financial journalism, news sources and the banking crisis*. *Journalism*, 14(2), 173-189. <http://doi.org/10.1177/1464884912448915>
- Marchetti, D., & Serra, P. (2020). *Os subcampos especializados do jornalismo*. *Plural-Revista de Ciências Sociais*, 27(2).
- Marktest Grupo (2020). *Covid-19 nos media*. Consultado a 07 janeiro de 2021. Disponível em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~260f.aspx>
- Mediametrie (2021, 27 de janeiro). *L'Année TV 2020: La TV s'impose dans une année hors normes*. Obtido de <https://www.mediametrie.fr/fr/le-public-et-les-medias-un-lien-renforce-pendant-le-confinement>
- Mellado, C., Humanes, M. L., Scherman, A., & Ovando, A. (2021). *Do digital platforms really make a difference in content? Mapping journalistic role performance in Chilean print and online news*. *Journalism*, 22(2), 358-377. <http://doi.org/10.1177/1464884918792386>
- Mercier, A. (2006). *Logiques journalistiques et lecture événementielle des faits d'actualité*. *Hermès, La Revue*, 46, 23-35. <https://doi.org/10.4267/2042/24051>
- Mercier, H. (2022). *Reputation management and cultural evolution*. *Journal of Cognition and Culture*, 22(5), 485-498. <https://hal.science/hal-03863402/document>
- McNair, B. (1998). *The sociology of news*. Arnold
- Mccomas, K.A & Trumbo C.W. (2001) *Source credibility in environmental health – Risk controversies: Application of Meyer's credibility index*. *Risk Analysis* 21(3): 467–480. Wiley Online Library
- McCombs, M., & Evatt, D. (1995). *Los temas y los aspectos: explorando una nueva dimensión de la agenda setting*. *Communication & society*, 8(1), 7-32. <https://www.nature.com/articles/d41586-020-00965-x>

- McCombs, M. (2006). *A Look as Agenda-Setting: Past, Present and Future*. Journalism Studies 6 (4), 543-557. <https://doi.org/10.1080/14616700500250438>
- McCombs, M. (2013). *Setting the agenda : Mass media and public opinion*. John Wiley & Sons.
https://www.researchgate.net/publication/318471348_Setting_the_agenda_The_mass_media_and_public_opinion
- Miller, A. & Goidel, R. (2009). *News organizations and information gathering during a natural disaster: Lessons from Hurricane Katrina*. Journal of Contingencies and Crisis Management, 17(4), 266-273.
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/42374600/News_Organizations_and_Information_Gathe20160208-14055-343ylq-libre.pdf?1454928859=&response-
- Miranda, J., Fidalgo, J., & Martins, P. (2021). *Journalism in time of pandemic: New professional routines, new ethical challenges*. Comunicação e sociedade, (39), 287-307.
<https://journals.openedition.org/cs/5688>
- Moe, H., & Syvertsen, T. (2009). *Researching public service broadcasting*. In The handbook of journalism studies (pp. 418-432). Routledge.
- Mogensen, K. (2008). *Television journalism during terror attacks*. Media, war & conflict, 1(1), 31-49. <http://doi.org/10.1177/1750635207087624>
- Morani, M., Cushion, S., Kyriakidou, M., & Soo, N. (2022). *Expert voices in the news reporting of the coronavirus pandemic: A study of UK television news bulletins and their audiences*. Journalism, 23(12), 2513-2532.
<https://doi.org/10.1177/14648849221127629>
- Muñiz, C. (2020). *Media System Dependency and Change in Risk Perception During the COVID-19 Pandemic*. Trípodos, 1(47), 11-26.
<https://doi.org/10.51698/tripodos.2020.47p11-26>
- Myerhoff, B., Turner, I. V., & Turner, E. M. (1986). *Life not death in Venice: Its second life*. State University of New York Press.
- Naeem, S. B., & Bhatti, R. (2020). *The Covid-19 'infodemic': a new front for information professionals*. Health Information & Libraries Journal, 37(3), 233-239.
<https://doi.org/10.1111/hir.12311>
- Neuendorf, K. A. (2017). *The Content Analysis Guidebook*, 2nd ed. SAGE.
- Neveu, E. (2019). *Sociologie du journalisme*. La Découverte.

- Nielsen, R. K. (2020, 15 de abril). *infodemic-how-people-six-countries-access-and-rate-news-and-information-about-coronavirus*.
 Obtido de www.reutersinstitute.politics.ox.ac.uk.
- Nielsen (2020, 13 de julho). *Consumo de TV y radio en contingencia TV and radio consumption in contingency*. Retrieved from- <https://www.nielsenbope.com/2020/07/13/consumo-detv-y-radio-en-contingencia/>
- Nielsen, R., Fletcher, R., Newman, N., Brennen, J., & Howard, P. (2020). *Navigating the 'infodemic': How people in six countries access and rate news and information about coronavirus*. Reuters Institute for the Study of Journalism.
- Nieves-Pizarro, Y., Takahashi, B., & Chavez, M. (2019). *When everything else fails: Radio journalism during hurricane Maria in Puerto Rico*. *Journalism Practice*, 13(7), 799-816.
<https://www.researchgate.net/>
- Newman, N., Fletcher, R., Schulz, A., Andi, S., Robertson, C. T., & Nielsen, R. K. (2021). *Reuters Institute digital news report 2021*. Reuters Institute for the study of Journalism.
- OberCom (julho, 2021). *Anuário da Comunicação-2020*. OberCom-Observatório da Comunicação. Obtido de www.obercom.pt
- OberCom. (julho, 2022). *Anuário Estatístico dos Media*. OberCom-Observatório da Comunicação. Obtido de <https://obercom.pt/anuario-da-comunicacao-2021/>
- Olsen, R. K., Pickard, V. & Westlund, O. (2020). “Communal News Work : COVID-19 Calls for Collective Funding of Journalism.” *Digital Journalism* 8 (5): 673–680.
<https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1763186>
- Olsen, R. K., Solvoll, M. K., & Futsæter, K. A. (2022). *Gatekeepers as safekeepers—Mapping audiences' attitudes towards news media's editorial oversight functions during the COVID-19 crisis*. *Journalism and Media*, 3(1), 182-197.
- Olsson, E. K. (2009). *Rule regimes in news organization decision making: Explaining diversity in the actions of news organizations during extraordinary events*. *Journalism*, 10(6), 758-776. <http://doi.org/10.1177/1464884909344477>
- Olteanu, A., Vieweg, S. & Castillo, C. (2015). *What to Expect When the Unexpected Happens: Social Media Communications Across Crises*. ACM Press, 994–1009.
<http://doi.org/10.1145/2675133.2675242>

- O'Keefe, D. J. (2015). *Message generalizations that support evidence-based persuasive message design: Specifying the evidentiary requirements*. *Health communication*, 30(2), 106-113.
- Pantti, M. K., (2019), *Journalism and Witnessing*. in K Wahl-Jorgensen & T Hanitzsch (eds), *The Handbook of Journalism Studies*. 2nd Edition edn, ICA Handbook Series, Routledge, pp. 151-164. <https://doi.org/10.4324/9781315167497-10>.
- Park, H. C. (1972). *The flow of non-Newtonian fluids through porous media*. Michigan State University.
- Parvin, G. A., Ahsan, R., Rahman, M. H., & Abedin, M. A. (2020). *Novel coronavirus (COVID-19) pandemic: the role of printing media in Asian countries*. *Frontiers in Communication*, 5, 557593.
- Pedersen, S., & Burnett, S. (2022). *Saying the unsayable: The online expression of mothers' anger during a pandemic*. *Feminism & Psychology*, 32(2), 246-264.
- Péllisson, G. (2020, 13 de Maio). Covid-19-The TF1 Group closest to Public's expectations. [Obtido de https://groupe-tf1.fr/fr/presse](https://groupe-tf1.fr/fr/presse)
- Perreault, M. F. & Perreault, P.G. (2021). *Journalists on COVID-19 Journalism: Communication Ecology of Pandemic Reporting*. *American Behavioral Scientist* 65 (7), 976–91. SAGE Publications. <https://doi.org/10.1177/0002764221992813>
- Poels, G., & Lefort, V. (2020). *Covid-19 dans les JT: un niveau de médiatisation inédit pour une pandémie*. *INA/La revue des médias*. <https://larevuedesmedias.ina.fr/pandemie-covid-19-coronavirus-journal-televise>
- Potrac, P.; Jones, R. & Nelson, L. (2014). *Interpretativism*. In *Research methods in sports coaching*, 9-17. London and New York: Routledge.
- Quandt, T., & Wahl-Jorgensen, K. (2021). *The coronavirus pandemic as a critical moment for digital journalism: Introduction to special issue: Covering Covid-19: The coronavirus pandemic as a critical moment for digital journalism*. *Digital Journalism*, 9(9), 1199-1207. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1996253>
- Raemy, P., & Vos, T. P. (2021). *A negotiative theory of journalistic roles*. *Communication Theory*, 31(1), 107-126. DOI:[10.1093/ct/qtaa030](https://doi.org/10.1093/ct/qtaa030)
- Ramonet, I. (1999). *A Tirania da Comunicação*. Coleção Campo dos Media Campo das letras – Editores, S.A.

- Reese, S. D. (2007). *Journalism Research and the Hierarchy of Influences Model: A Global Perspective*. *Brazilian Journalism Research*, 3(2), 29–42. <https://doi.org/10.25200/BJR.v3n2.2007.116>
- Reese, S. D. (2016). *The new geography of journalism research: Levels and spaces*. *Digital Journalism*, 4(7), 816-826. <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2016.1152903>
- Reese, S. D. (2016). *Theories of journalism*. In *Oxford research encyclopedia of communication*.
- Reese, S. D. (2019). *The threat to the journalistic institution*. *Journalism*, 20(1), 202-205. <https://doi.org/10.1177/1464884918808957>
- Reese, S. D. (2020). *The crisis of the institutional press*. John Wiley & Sons.
- Reese, S. D. (2021). *Writing the conceptual article: A practical guide*. *Digital Journalism*, 1-16. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.2009353>
- Reese, S. D. (2022). *The institution of journalism: conceptualizing the press in a hybrid media system*. *Digital Journalism*, 10(2), 253-266. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1977669>
- Reese, S. D., & Shoemaker, P. J. (2016). *A media sociology for the networked public sphere: The hierarchy of influences model*. *Mass Communication and Society*, 19(4), 389-410. <https://doi.org/10.1080/1062726X.2010.504793>
- Reese, S. & Shoemaker, P.J. (2016). *A Media for the Networked Public Sphere: The Hierarchy of Influences Model*. In *Mass Communication and Society*, 19(4), 389-410. <http://dx.doi.org/10.1080/15205436.2016.1174268>
- Reich, Z. (2013). *The impact of technology on news reporting: A longitudinal perspective*. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 90(3), 417-434. <http://doi.org/10.1177/1077699013493789>
- Reis, M. A., Thomé, C., Silva, E. M., Andrade, A. P. G., & Miranda, P. (2020). *Novas funções e competências no telejornalismo regional frente à Covid-19*. C. Emerim, C.; A. Pereira; I. Coutinho. (Orgs.) *A (re) invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia*. Insular.
- Relihan, D. P., Holman, E. A., Garfin, D. R., Ditto, P. H., & Silver, R. C. (2023). *Politicization of a Pathogen: A Prospective Longitudinal Study of COVID-19 Responses in a Nationally Representative US Sample*. *Political Psychology*

- Reynolds, B. J. (2011). *When the facts are just not enough: Credibly communicating about risk is riskier when emotions run high and time is short*. *Toxicology and applied pharmacology*, 254(2), 206-214.
- Reynolds, B. & Seeger, M. (2014). *Messages and audiences, In Crisis, Emergency, Risk Communication*. Ed. CDC - US Department of Health and Human services, 49-83.
- Reynolds, B. & Seeger, M. (2005). *Crisis and emergency risk communication as an integrative model*. *Journal of health communication*, 10(1), 43-55.
<http://doi.org/10.1080/10810730590904571>
- Riegert, K. & Olsson, E.K. (2007). *The Importance of Ritual in Crisis Journalism*. *Em Journalism Practice*, 1, 143-158. Routledge.
<http://doi.org/10.1080/17512780701275457>
- Rodelo, F. V. (2021). *Enquadramento da pandemia Covid-19 e seus indicadores organizacionais*. *Cuadernos.info*, (50), 91-112.
<https://dx.doi.org/10.7764/cdi.50.37525>
- Rodgers, S., Kenix, L. J., & Thorson, E. (2007). *Stereotypical Photos of Emotionality in News Photos*. *Mass Communication & Society*, 10(1): 119-138.
<http://www.leaonline.com/doi/abs/10.1080/15205430701229824>
- Romer, D., Jamieson, K. H., & Aday, S. (2003). *Television news and the cultivation of fear of crime*. *Journal of communication*, 53(1), 88-104. Impact Factor: 2.45 ·
DOI: 10.1111/j.1460-2466.2003.tb03007.x
- Rovira, S. C., & Sorribes, C. P. (2012). *La responsabilidad informativa de la prensa ante una crisis sanitaria: el caso de la gripe A*. In *Comunicació i risc: III Congrés Internacional Associació Espanyola d'Investigació de la Comunicació* (p. 148). Universitat Rovira i Virgili.
http://ae-ic.org/Tarragona/contents/comunicacions_cd/ok/221.pdf
- RSF - Reporters Sans Frontières (2020). *World-press-freedom-index-new-era-polarisation*, obtido de https://rsf.org/en/rsf-s-2022-world-press-freedom-index-new-era-polarisation?year=2022&data_type=general

- RSF - Reporters Sans Frontières (2022). *world-press-freedom-index-entering-decisive-decade-journalism-exacerbated-coronavirus*, obtido de <https://rsf.org/en/2022-world-press-freedom-index-entering-decisive-decade-journalism-exacerbated-coronavirus>.
- RTP. (16 de janeiro de 2020). *Novo vírus. "Não há motivo para alarme"*. Obtido de RTP.PT/noticias: https://www.rtp.pt/noticias/pais/novo-virus-nao-ha-motivo-para-alarme_v1198381
- RTP. (6 de março de 2015). *Contrato de concessão de serviço público de radio e televisão*. Obtido de media.rtp.pt
- Russell, F. M., Hendricks, M. A., Choi, H., & Stephens, E. C. (2015). *Who sets the news agenda on Twitter? Journalists' posts during the 2013 US government shutdown*. *Digital Journalism*, 3(6), 925-943.
- <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.995918>
- Ryfe, D.M. (2006). *New institutionalism and the news*. *Political Communication*, v. 23, p. 135-144. Taylor & Francis Online. <http://doi.org/10.1080/10584600600728109>
- Ryfe, D. (2016). *News Routines, Role performance and change in journalism*. In *Journalistic role performance: Concept, Context and methods*, 49-83. London e New York: Routledge.
- Ryfe, D.M. (2017). *News Routines, Role performance and change in journalism*. In *Journalistic role performance : Concept, Context and methods*, 49-83 *Political Communication*. Taylor & Francis Group. London e New York: Routledge.
- Ryfe, D. M. (2019) *The International Encyclopedia of Journalism Studies*: Institutional Theory and Journalism. <https://doi.org/10.1002/9781118841570.iejs0037>
- Ryfe, D.M. & Blach-Ørsten, M. (2011) *Introduction, Journalism Studies*, 12:1, 3-9. <https://doi.org/10.1177/1464884917699854>
- Sandell, T., Sebar, B., & Harris, N. (2013). *Framing risk: communication messages in the Australian and Swedish print media surrounding the 2009 H1N1 pandemic*. *Scandinavian journal of public health*, 41(8), 860-865. <https://doi.org/10.1177/1403494813498158>

- Saptorini, E., Zhao, X., & Jackson, D. (2022). *Place, power and the pandemic: The disrupted material settings of television news making during Covid-19 in an Indonesian broadcaster*. *Journalism Studies*, 23(5-6), 611-628. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2021.1942149>
- Scacco, J., Curry, A. L., & Stroud, N. J. (2015). *Digital divisions: Organizational gatekeeping practices in the context of online news*. *SOJ* (Vol. 5 (1). Editors' Note, 106.
- Schiavo, R. (2014). *Health Communication: From Theory to Practice*, 2nd ed. Jossey-Bass.
- Seeger, M. W. (2006). *Best practices in crisis communication: An expert panel process*. *Journal of applied communication research*, 34(3), 232-244. <http://doi.org/10.1080/00909880600769944>
- Sheller, M. (2015). *News now: Interface, ambience, flow, and the disruptive spatio-temporalities of mobile news media*. *Journalism Studies*, 16(1), 12-26. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.890324>
- Scheufele, D. A. (1999). *Framing as a theory of media effects*. *Journal of communication*, 49(1), 103-122. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1999.tb02784.x
- Shoemaker, P. J. (2006). *News and newsworthiness: A commentary*. Obtido de degruyter.com
- Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (1996). *Mediating the message* (pp. 781-795). White Plains. Longman.
- Shoemaker, P. J., Lee, J. H., Han, G., & Cohen, A. A. (2007). *Proximity and scope as news values*. *Media studies: Key issues and debates*, 231-248.
- Shoemaker, P. J. & Vos, T. P. (2008). *Media gatekeeping*. In M. B. Salwen & D. W. Stacks (Eds.), *An integrated approach to communication theory and research* (2nd ed.) (pp. 75-89). Routledge. https://www.researchgate.net/profile/Kristen-Eichhorn/publication/332287269_An_Integrated_Approach_to_Communication_Theory_and_Research/links/5e4699f1299bf1cdb928dfe0/An-Integrated-Approach-to-Communication-Theory-and-Research.pdf
- Shoemaker, P. J., & Vos, T. P. (2009). *Gatekeeping theory*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203931653>

- Shoemaker, P. J., Vos, T. P., & Reese, S. D. (2009). *Journalists as gatekeepers*. The handbook of journalism studies, 73, 15.
- Shoemaker, P. J., & Cohen, A. A. (2012). *News around the world: Content, practitioners, and the public*. Routledge.
- Shoemaker, P. J. & Reese, S. D. (2013). *Mediating the Message in the 21st century: A Media Sociology Perspective*. Routledge. <https://psipp.itb-ad.ac.id/wp-content/uploads/2020/10/Pamela-J.-Shoemaker-Stephen-D.-Reese-Mediating-the-Message-in-the-21st-Century -A-Media-Sociology-Perspective-2013-Routledge.pdf>
- Shoemaker, P. J., Johnson, P. R., & Riccio, J. R. (2017). *The gatekeeping of political messages*. The Oxford handbook of political communication, 347.
- Shoemaker, P. J. (2020). Gatekeeping and journalism. In *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.819>
- Simonelli, G. (2005). *Speciale TG: forme e tecniche del giornalismo televisivo*. Speciale TG, 0-0. Obtido de torrossa.com
- Simoneti, m. V. (2021). *Jornalismo de dados como pilar da comunicação na pandemia do covid-19*. Obtido de epositorio.unisagrado.edu.br
- Singer, J. B. (2014). *User-generated visibility: Secondary gatekeeping in a shared media space*. *New Media & Society*, 16(1), 55-73. <http://doi.org/10.1177/14614448134778>
- Smith, R. J., Drevo, S., & Newman, E. (2018). *Covering traumatic news stories: Factors associated with post-traumatic stress disorder among journalists*. *Stress and Health*, 34(2), 218-226. Wiley Online Library
- Sowden, R., Borgstrom, E. & Selmán, L.E. (2021) 'It's like being in a war with an invisible enemy': A document analysis of bereavement due to COVID-19 in UK newspapers, 16(3). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0247904>
- Sparrow, B.H., (1999). *Uncertain Guardians: The News Media as a Political Institution*, John Hopkins Press
- Sparrow, B.H. (2006). *A Research Agenda for an Institutional Media, Political Communication*, 23:2, 145-157. Taylor & Francis Online. <https://doi.org/10.1080/10584600600629695>

- Sun, W (2021). *The virus of fear and anxiety: China, COVID-19, and the Australian media*. *Global Media and China*, Vol. 6(1) 24–39. <https://doi.org/10.1177/2059436421988977>
- Swain, K. A. (2003). *Proximity and power factors in Western coverage of the sub-Saharan AIDS crisis*. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 80(1), 145-165.
- Swasy, A., Tandoc, E., Bhandari, M., & Davis, R. (2015). *Traditional reporting more credible than citizen news*. *Newspaper research journal*, 36(2), 225-236. <https://doi.org/10.1177/0739532915587298>
- Takahashi, B. ; Zhang, B. & Chavez, M. (2019). *Preparing for the Worst: Lessons for News Media after Hurricane Maria in Puerto Rico*. Em *Journalism Practice*, 1-30. Routledge <http://doi.org/10.1080/17512786.2019.1682941>
- Tandoc Jr, E. C. (2015). *Why web analytics click: Factors affecting the ways journalists use audience metrics*. *Journalism Studies*, 16(6), 782-799.
- Tandoc, E. C. (2014). *Journalism is twerking? How web analytics is changing the process of gatekeeping*. *New Media & Society*, 16(4), 559–575. <https://doi.org/10.1177/146144481453054>
- Tandoc Jr, E. C., & Duffy, A. (2019). *Routines in journalism*. In *Oxford research encyclopedia of communication*. <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2014.946309>
- Tandoc, E. C., Thomas, R. J., & Bishop, L. (2021). *What is (fake) news? Analyzing news values (and more) in fake stories*. *Media & Communication*, 9(1), 110–119. <https://doi.org/10.17645/mac.v9i1.3331>
- Tandoc, E. & Takahashi, B. (2016). *Journalists are human, too: A phenomenology of covering the strongest storm on earth*. In *Journalism*, 19(7), 917-933. USA: SAGE. <http://doi:10.1177/1464884916657518>
- Tankard, J. W. (2001). *The empirical approach to the study of media framing. Framing public life: Perspectives on media and our understanding of the social world*, 95-106. taylorfrancis.com
- Tenenboim-Weinblatt, K. (2011). *Journalism as an agent of prospective memory*. On media memory: *Collective memory in a new media age*, 213-225. taylorfrancis.com
- Thurman, N. 2011. “*Making 'The Daily Me': Technology, economics and habit in the mainstream assimilation of personalized news.*” *Journalism* 12 (4): 395–415. <https://doi.org/10.1177/1464884910388228>

- Traquina, Nelson (2007). “*As teorias construtivistas*”. *Jornalismo*. Edições Quimera.
- Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo?* Edições Quimera
- Traquina, Nelson (1999). *Comunicação e Linguagens*, Pág. 61-73.
- Trewinnard, T. (2020). *The coronavirus crisis will eventually end, but the distributed newsroom is here to stay*. Nieman Lab, 13.
- Triquet, E. (2021). *La pandémie de COVID-19, événement planétaire. Approche multifocale des causes par le journal Le Monde*. *Communication. Information médias théories pratiques*, 38(1). <https://doi.org/10.4000/communication.14009>
- Tuchman, G. (1978). *Making news: A study in the construction of reality*. <http://www.jstor.org/stable/2776714> .
- Tuchman, G. (1973). *Making news by doing work: Routinizing the unexpected*. *American journal of Sociology*, 79(1), 110-131. www.journals.uchicago.edu
- Túñez-López, M., Vaz-Álvarez, M., Feiras-Ceide, C. (2020). “*Covid-19 and public service media: Impact of the pandemic on public television in Europe*”. *Profesional de la información*, v. 29, n. 5, e290518. <https://doi.org/10.3145/epi.2020.sep.18>
- Usher, N. (2009). *Recovery from a Disaster*. In *Journalism Practice*, 3(2), 216-232. Routledge. <http://dx.doi.org/10.1080/17512780802681322>
- Usher, N. (2016). *Interactive journalism: Hackers, data, and code*. University of Illinois Press
- Usher, N. (2017). *Venture-backed news startups and the field of journalism: Challenges, changes, and consistencies*. *Digital journalism*, 5(9), 1116-1133. <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2016.1272064>
- Usher, N. (2019). *Putting “place” in the center of journalism research: A way forward to understand challenges to trust and knowledge in news*. *Journalism & Communication Monographs*, 21(2), 84-146
- Van Aelst, P., Toth, F., Castro, L., Štětka, V., Vreese, C. D., Aalberg, T., ... & Theocharis, Y. (2021). *Does a crisis change news habits? A comparative study of the effects of COVID-19 on news media use in 17 European countries*. *Digital Journalism*, 9(9), 1208-1238.
- Van der Meer, G. L. A. (2016). *Communication in times of crisis: The interplay between the organization, news media, and the public*. PhD thesis, University of Amsterdam). Obtido de <http://hdl.handle.net/11245/1.532222>.

- Van der Meer, T.G.; Verhoeven, P. ; Beentjes, J.W.J. & Vliegenthant, R. (2017). *Disrupting gatekeeping practices: Journalists' source selection in times of crisis*. In *Journalism* 18 (9), 1107-1124. SAGE <http://doi.org/10.1177/464884916648095>
- Van der Meer, T. G. (2018). Public frame building : The role of source usage in times of crisis. *Communication research*, 45(6), 956-98
- Van Dijk, T.A. (1988). *News As Discourse*, (1st ed.). Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9780203062784>
- Vassallo, A. (2005). Introduction. Dans : *La télévision sous de Gaulle: Le contrôle gouvernemental de l'information (1958/1969)* (pp. 7-9). Louvain-la-Neuve: De Boeck Supérieur.
- Vos, T. P. (2019). *Journalism as institution*. In *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.825>
- Vos, T. P. (2016). *Historical perspectives on journalistic roles*. In C. Mellado, L. Hellmueller, & W. Donsbach (Eds.), *Journalistic role performance: Concepts, models, and measures* (pp. 41-59). Routledge.
- Vos, T. & Heinderyckx, F. (2015). *Gatekeeping in Transition*. Routledge
- Vos, T. P. (2011). *Explaining the origins of public relations: Logics of historical explanation*. *Journal of Public Relations Research*, 23(2), 119-140.
<https://doi.org/10.1080/1062726X.2010.504793>
- Waisbord, S. (2020). *Mob censorship: Online harassment of US journalists in times of digital hate and populism*. *Digital Journalism*, 8(8), 1030-1046.
<https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1818111>
- Wallace, J. (2017). *Modelling Contemporary Gatekeeping. The Rise of Individuals, Algorithms and Platforms in Digital News Dissemination*. *Digital Journalism*.
<http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2017.1343648>
- Weaver, D. H. (2007). Thoughts on agenda setting, framing, and priming. *Journal of communication*, 57(1), 142-147. <http://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00333.x>

- Weaver, D., & Wilhoit, G. C. (1993). *The American Journalist in the 1990s*. Obtido em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED361702.pdf>
- Weder, F., & Courtois, C. (2022). *Differences in universal health coverage and governments' COVID-19 communication: A global comparative analysis*. *Frontiers in Communication*, 7. <https://doi.org/10.3389/fcomm.2022.1080948>
- Weimann, G., & Brosius, H. B. (2015). *A new agenda for agenda-setting research in the digital era*. In *Political communication in the online world* (pp. 26-44). Routledge.
- Westlund, O. & Ekström, M. (2019). *News Organizations and routines*. In *Handbook of Journalism Studies*, (2 ed.), 59-72. Routledge. <https://www.routledge.com/The-Handbook-of-Journalism-Studies-2nd-Edition/Wahl-Jorgensen-Hanitzsch/p/book/9781138052895>
- Westlund, O., Krumsvik, A. H., & Lewis, S. C. (2021). *Competition, change, and coordination and collaboration : tracing news executives' perceptions about participation in media innovation*. *Journalism studies*, 22(1), 1-21. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1835526>
- White, D. M (1950). “*The Gate Keeper: A Case Study in the Selection of News.*” *Journalism Quarterly* 27(4), 383-390 <https://doi.org/10.1177/107769905002700403>
- Wolf, M. (2006). *Mass Media: Contextos e Paradigmas, Novas Tendências, efeitos a longo prazo. O Newsmaking*. Em *Teorias da Comunicação*. Portugal: Presença.
- Wolton, D. (1997). *Penser la Communication*. Em *Collection Champs Essai*. Flammarion.
- World Health Organization (2020). “*Naming the Coronavirus Disease (COVID-19) and the Virus that Causes It.*” [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it)

World Health Organization (2023). *Statement on the fifteenth meeting of the IHR (2005) Emergency Committee on the COVID-19 pandemic*

[https://www.who.int/news/item/05-05-2023-statement-on-the-fifteenth-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-\(covid-19\)-pandemic](https://www.who.int/news/item/05-05-2023-statement-on-the-fifteenth-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-(covid-19)-pandemic)

Wu, S. (2021). *Data “objectivity” in a time of coronavirus: uncovering the potential impact of state influence on the production of data-driven news*. *Digital Journalism*, 9(9), 1303-1320. □ <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1942111>

Zelizer, B. (1993). *Journalists as interpretive communities*. *Critical Studies in Media Communication*, 10(3), 219-237.

Zelizer, B. (2004). *When facts, truth, and reality are God-terms: on journalism's uneasy place in cultural studies*. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 1(1), 100-119.

Zelizer, B., & Allan, S. (2011). *Journalism after september 11*. Taylor & Francis (ebook)

Zelizer, B. (2015). *Terms of choice: Uncertainty, journalism, and crisis*. *Journal of Communication*, 65(5), 888-908. <https://doi.org/10.1111/jcom.12157>

Zelizer, B. (2019). *Why journalism is about more than digital technology*. *Digital journalism*, 7(3), 343-350.

Žižek, S. (2020). *Pandemic!: COVID-19 shakes the world*. John Wiley & Sons.

ANEXOS 1. Operacionalização das Categorias de Registo e Respetivas Unidades de Análise

1. Grelha de Análise

Categorias de Análise	Unidades de Análise
Meios	<ol style="list-style-type: none"> 1. RTP1 – Primeiro canal do serviço público de televisão 2. France2 – Designação do primeiro canal do serviço público francês, manteve o nome após a venda do primeiro canal (TF1)
Jornais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Telejornal – Jornal televisivo da RTP1 às 20 horas 2. JT 20H – Jornal televisivo da France2 às 20 horas
Meses	Meses durante os quais decorreram o primeiro confinamento decretado em Portugal e em França: 1. março, 2. abril e 3. maio)
Tempo Totais Jornais (em minutos)	Tempos totais dos jornais televisivos analisados. Análise decorreu do tempo mínimo de menos 30 minutos à margem máxima de mais de 60 minutos
Tempo dos conteúdos dos jornais analisados (em segundos)	Tempo dos conteúdos do mínimo de 1 a 10 segundos ao máximo de 4 minutos (mais de 241 segundos).
Edição Especial	Com esta categoria pretendeu-se identificar se a edição do jornal analisado tinha uma transmissão regular, com o mesmo tempo estabelecido no quotidiano normal ou se, pelo contrário, tem maior visibilidade temporal em antena.
Organização do alinhamento	Pretendeu-se perceber a organização do alinhamento, se era sucessão de conteúdos (1. parte sem intervalo), ou se estava dividido em segmentos (2. parte I; 3. parte II ou 4. parte III).
Temática Covid-19 Esta categoria é utilizada para perceber quais os conteúdos estavam diretamente relacionados com a pandemia.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sim 2. Não
Definição de Espaço Esta categoria serve para identificar o terreno das notícias	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nacional (o espaço que pertence a uma nação, neste estudo a Portugal ou a França) 2. Internacional (o espaço noticioso fora das fronteiras de Portugal e de França) 3. Misto (conteúdos que têm, num só, material noticioso de Portugal ou França (em função do jornal televisivo analisado) adicionado a material vindo de um país estrangeiro a estes dois ecossistemas do estudo.

	Espacial (material noticioso que ocorre no espaço. Ex. Marte)
<p>Geografia de Portugal Este grupo serve para identificar o espaço nacional português das notícias. Utilizamos as designações das regiões e sub-regiões portuguesas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Área Metropolitana de Lisboa – Sub-região no centro-sul de Portugal. Pertence à região de Lisboa. Contou para este estudo para se identificarem acontecimentos fora da cidade de Lisboa. 2. Área Metropolitana do Porto – Sub-região no noroeste de Portugal, pertence à região Norte. Neste estudo serviu para identificar acontecimentos ocorridos fora da cidade do Porto. 3. Minho – Situação a Norte de Portugal (distritos de Viana do Castelo e Braga) 4. Trás-os-Montes e Alto Douro, corresponde aos distritos de Vila Real, Bragança e parte dos distritos de Viseu e Guarda 5. Centro – Região com 25% do território português integra 78 concelhos 6. Alentejo – Região situada no sul do país, corresponde a 29% da superfície portuguesa 7. Algarve – Região no extremo sul de Portugal 8. Madeira – Arquipélago situado no oceano Atlântico com 250 744 habitantes (censo 2021). 9. Açores – Arquipélago situado no oceano Atlântico, com 236 413 habitantes (censo de 2021) 10. Lisboa (cidade política) – Onde ocorre a organização do Estado e a decisão política centrada na governação do país 11. Porto – Segunda cidade administrativa do país, com 231 962 habitantes (censo de 2021) 12. Vários Portugal Continental – Combinação num só conteúdo de material noticioso de vários pontos do continente português 13. Portugal Global – Combinação num só conteúdo de material noticioso de vários pontos do continente e ilhas portuguesas 14. Cidade de Lisboa – Capital portuguesa, principal cidade administrativa do país 15. Lisboa e Porto – Combinação num só conteúdo de material noticioso ocorrido em Lisboa e Porto 16. Portugal e o Mundo - Combinação num só conteúdo de material noticioso de Portugal e de outros países extra-Europa 17. Portugal e Bruxelas - Combinação num só conteúdo de material noticioso de Portugal e Bruxelas 18. Portugal e resto Europa Combinação num só conteúdo de material noticioso de Portugal e de outro país europeu

	19. Vários Ilhas - Combinação num só conteúdo de material noticioso do arquipélago dos Açores e da Madeira
<p>Geografia Mundo Este grupo serve para identificar o espaço internacional, fora das fronteiras de Portugal e de França, os países onde ocorrem os dois jornais televisivos. No que se refere à Europa, este grupo foi concebido tendo em conta o princípio de proximidade noticiosa por razões sociais e/ou culturais e onde os dois jornais estudados têm correspondentes. A China por ser o epicentro da pandemia. Os Estados Unidos por ser país de elite e de importância geoestratégica. Depois procurou-se ter todas as regiões do mundo aqui representado.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Espanha 2. França 3. Bruxelas 4. Itália 5. Alemanha 6. Reino Unido 7. Rússia 8. Outros países Europa Ocidental (para além dos anteriormente indicados) 9. Europa Leste 10. China 11. Ásia Central 12. Ásia Oriental 13. Médio Oriente 14. Brasil 15. Outros países América (exceto EUA) 16. Estados Unidos (EUA) 17. PALOP (Países africanos de língua oficial portuguesa) 18. Outros Países África (Exceto PALOP) 19. Oceânia 20. Misto Europa – Combinação de material noticioso ocorrido em vários países europeus) 21. Misto Mundo (extra-Europa) 22. China e Estados Unidos (EUA)
<p>Geografia França Esta categoria teve em conta as principais regiões administrativas de França, onde a FR2 tem delegações locais. À Île de France À área Metropolitana de Paris foi retirada a capital francesa, foi autonomizada em outra variável.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Área Metropolitana de Paris, integra 8 departamentos. Para este estudo a cidade de Paris foi retirada desta variável. 2. Cidade de Paris – Capital francesa. 3. Altos de França – regiões de Nord-Pas-de-Calais e Picardia 4. Normandia – região no noroeste de França 5. Bretanha – região do oeste de França 6. País do Loire - 7. Centro do vale do Loire 8. Grande Leste 9. Borgonha-Franco-Condado 10. Nova Aquitânia 11. Auvérnia-Ródano-Alpes 12. Occitana 13. Provence-Alpes-Costa Azul 14. Córsega – Ilha do Mediterrâneo que é território francês 15. Territórios Ultramarinos – Guadalupe, Guiana Francesa, Martinica, Saint Barthélemy, Saint Martin, Guadalupe, Ilha da Reunião, Mayotte,

	<p>Nova Caledónia, Polinésia Francesa, Saint-Pierre et Miquelon</p> <ol style="list-style-type: none"> 16. Vários França Continental – refere-se à combinação de assuntos ocorridos nas regiões do continente indicados neste quadro 17. Paris política – Esta varável agrupa os temas ocorridos na cidade de Paris e que dizem respeito à decisão política e à organização do estado e da região. 18. França global, refere-se a combinação de conteúdos cujo espaço noticioso tenha ocorrido em pelo menos um lugar do continente e um dos territórios ultramarinos 19. França e Mundo – refere-se à combinação de material noticioso de França com pelo menos outro país não europeu 20. França e resto Europa - refere-se à combinação de material noticioso de França com pelo menos outro país europeu
<p>Formato televisivo este grupo elenca as variáveis dos géneros televisivos possíveis na amostra. No caso francês, o comentário clínico que também uma rubrica ficou em francês “On Vous Répond”. “O país pergunta”, em francês “Le Pays demande” sendo uma rubrica, foi autonomizada para se entender o peso na amostra.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Notícias – Nesta unidade contabilizamos as peças com a narrativa de factos recentes, de forma concisa, mais objetiva e direta. Neste género é claro “o quê, o como, o quem, o onde, o quando e o porquê do acontecimento. 2. Reportagem - Refere-se aos conteúdos noticiosos mais detalhados, contextualizados e, por vezes, com opinião do jornalista. 3. Entrevista – Conversa ou série de perguntas e respostas entre o apresentador e uma ou mais pessoas com o fim discutir um assunto 4. Entrevista (pares) – Entrevista de apresentador a um outro jornalista (ex.) a um editor ou repórter especialista de um de determinado assunto 5. Frente-a-frente – debate entre dois ou mais protagonistas 6. Comentário clínico - no caso do TJ da RTP1, especialista aborda a situação da doença, respondendo às questões colocadas pelo apresentador/jornalista 7. – “On Vous Répond”. Rubrica durante a qual especialista responde a questões do jornalista e dos telespetadores (não se aplicou a Portugal) 8. Comentário político-social – especialista(s) respondem a questões sociopolíticas 9. Análise económica – Especialista explica, avalia, comenta situações de cariz económico 10. Comunicado ao país – Protagonista político dirige-se ao país, em direto

	<ol style="list-style-type: none"> 11. Dossier – Reportagem mais alargada sobre um determinado assunto ou protagonista, mostrando uma coleção de documentos escritos ou de imagens. Em regra, com muitas imagens de arquivo 12. Rubrica - Uma etiqueta criada dentro do jornal para mostrar o tratamento diferenciado de determinado assunto ou pessoa, com periodicidade regular 13. “O País Pergunta” – Rubrica durante a qual os franceses colocavam questões aos governantes (não se aplicou a Portugal).
<p>Forma Televisiva Nesta categoria estão listadas algumas formas televisivas. As designações são as utilizadas nas redações dos dois jornais televisivos.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Direto – refere-se a evento acompanhado em tempo real, ao mesmo tempo que ocorre; 2. Formato editado (peça) – notícia ou reportagem, montada (colagem de imagem trechos de som) após captação presencial ou digital. 3. Falso direto – Tem o formato televisivo de um direto, mas é transmitido depois de gravado (live on tape) 4. Pivô solto – leitura ou improvisado de texto curto, rodapé, sem suporte de imagem. 5. Off editado – texto curto, lido ou improvisado pelo apresentador do jornal televisivo, “pintado” com imagens previamente editadas 6. Off+boca (soundbyte) texto curto, lido ou improvisado pelo apresentador do jornal televisivo, “pintado” com imagens previamente editadas a que se “cola” (sem aparecer o apresentador) uma declaração de uma personagem. 7. Boca solta (soudbyte) – declaração, curta, de um protagonista das notícias, enquadrada no texto rápido (pivô) lido pelo apresentador do TJ ou JT. 8. Direto com lançamento de peça - refere-se a evento acompanhado em tempo real, ao mesmo tempo que ocorre e durante o qual o jornalista faz o lançamento, a apresentação de uma reportagem previamente captada e editada (formato editado) 9. Pivô animado com grafismo – texto lido pelo apresentador do TJ ou JT acompanhado com imagens gráficas 10. Pivô animado com imagem - texto lido pelo apresentador do TJ ou JT acompanhado com imagens 11. Pivô animado misto (grafismo e imagem) - - texto lido pelo apresentador do TJ ou JT acompanhado com imagens e com grafismo

	<p>12. <i>Off</i> em direto - texto curto, lido ou improvisado pelo apresentador do jornal televisivo, “pintado” com imagens transmitidas em direto.</p>
<p>Assuntos Nacionais, neste grupo de variáveis estão os assuntos que considerámos relevantes para a análise de conteúdo. Há um temário global e depois um específico relacionado com a saúde Covid-19. Em relação ao período de pós-confinamento foram acrescentados ao temário alguns assuntos.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Política de Estado – Ações estratégicas do Executivo e/ou do Chefe de Estado tendo em conta o interesse do país (Declaração do Estado de Emergência, anúncios políticos, definição de regras, demissões) 2. Partidos Políticos – Associações de pessoas com a mesma ideologia. 3. Parlamento– Nesta variável incluímos deputados, Presidente da Assembleia da República) 4. Autarquias/regiões – Entidades com responsabilidade local ou regional 5. Assuntos diplomáticos (relações entre países, apoio transfronteiriço) 6. Banca, Finanças – Entidades financeiras (juros da dívida, apoio à banca, decisões bancárias, e.g. moratórias) 7. Segurança Pública, Proteção Civil – Nesta variável integramos as forças de segurança e proteção civil 8. Trabalho, esta variável refere-se a atividades profissionais, ao desemprego, lay off, teletrabalho, etc. 9. Política Sindical – Normas e ideias emanadas pelos sindicatos 10. Dramas Sociais – Esta categoria congrega pobreza, violência doméstica, abandono infantil, abuso sexual, idosos isolados 11. Homenagens Sociais - engloba aplausos aos profissionais de saúde, refeições para os profissionais de saúde, para o vizinho, etc 12. Criminalidade, refere todas as atividades desviantes à lei do país 13. Tribunais e assuntos jurídicos – Esta categoria congrega assuntos sobre o funcionamento dos tribunais, julgamentos, processos contra o estado, processos jurídicos. 14. Acidentes e catástrofes – Serve para categorizar acidentes e catástrofes naturais, com veículos de vários tipos. 15. Saúde Covid-19 – Nesta variante estão agrupadas todas as especificidades da doença provocada pelo Sars-Cov-2. Há uma subcategoria para analisar em detalhe a representação dessas especificidades. 16. Terrorismo – estão aqui integrados os ataques para intimidar 17. Trânsito e Vias Públicas – Situação nas estradas e vias públicas nos dois países analisados

	<ol style="list-style-type: none"> 18. Viver confinados – Esta categoria inclui o <i>modus vivendi</i> dos cidadãos confinados (como vivem, que dificuldades, ocupação do quotidiano) 19. Ambiente – Refere tudo o que faz parte do meio ambiente (cheias, secas, ...) 20. Artes e Espetáculos – Esta variante congrega assuntos sobre as artes e os espetáculos, realizados e cancelados 21. Educação 22. Tecnologia/investigação – Congrega temas sobre inovação tecnológica e investigação não relacionada com a Covid-19 23. Atividades desportivas – Refere-se a todas as atividades desportivas profissionais e amadoras 24. Contestação Sociopolítica – sobre protestos e manifestações de contestação 25. Comunicação Social – Sobre a cobertura dos media e a situação socioeconómica dos meios de comunicação 26. Migrações – referente a migrantes em trânsito ou nos países confinados 27. Histórias de interesse humano – Nesta variável estão espelhadas as reportagens que trata de pessoas ou animais de forma a despertar interesse emotivo 28. Desconfinamento – Refere-se à preparação dos cidadãos para sair do isolamento social e, também a sua posterior concretização 29. Turismo – Sobre a atividade económica (viagens, hotelaria) e o lazer em contexto turístico 30. Solidariedade social – Congrega assuntos que tratam o apoio a terceiros, a troca de nada, de cidadãos e empresas 31. Sensibilização – refere-se a assuntos que reportam sobre as ações de divulgação de informação sobre um determinado assunto 32. Religião – Esta categoria integra todas as crenças e ritos dessas crenças e dos seus fiéis 33. Meteorologia – Nesta variante incluem-se as temperaturas 34. Medidas de apoio às empresas, trabalhadores e famílias – Esta variável permite contabilizar os assuntos sobre a existência ou a falta de medidas de apoio público às famílias, empresas e trabalhadores 35. Comércio – Diz respeito aos assuntos referentes à atividade comercial dos dois países (constrangimentos e dificuldades)
--	--

	<ol style="list-style-type: none"> 36. Situação económica – Referente a dados da macroeconomia (inflação, PIB...) 37. Agricultura e pescas – Assuntos referentes a estes dois setores de atividade 38. Rumores da pandemia – esta categoria contempla assuntos sobre as <i>fake news e a infodemia</i>. 39. Obituário – variante relativa às mortes de pessoas identificadas pelo nome e de elite 40. Preparação empresas – refere medidas de adaptação das empresas para isolamento e desconfinamento 41. Política económica europeia, congrega medidas emanadas de Bruxelas (Eurobonds, bazuca...) 42. Saúde não Covid-19 – Refere-se a doenças não provocadas pelo SARS CoV-2 (saúde mental, oncologia...) 43. Assuntos diplomáticos – Refere-se à relação entre dois países do ponto de vista político 44. A caminho das legislativas (jan-22) – Congregou todos os assuntos que tratavam as- legislativas de 2022 45. A caminho das presidenciais (jan-22) Congregou todos os assuntos que tratavam as presidenciais de 2022 (Exclusivo para o JT das 20H da FR2) 46. Festividades (jan-22) – Contempla todas as comemorações ou solenidades públicas ou privadas 47. Polémicas (jan-22) – Congrega todos os conteúdos sobre escândalos ou temas controversos, de grande debate
<p>Saúde Covid-19 Nesta subcategoria estão integrados assuntos diretamente relacionados com a doença. É um primeiro nível consequências do novo coronavírus</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Situação Pandémica – Esta variável contempla conteúdos sobre a evolução da pandemia – contágios, infeções, evolução ou recuo) 2. Cercas Sanitárias/isolamento/focos de infeção – refere-se a assuntos sobre isolamento compulsivo em hotéis, navios ou freguesias. Inclui também os temas de focos de infeção localizados no espaço. 3. Situação nas UCI's – refere-se às circunstâncias vividas na Unidade de Cuidados Intensivos 4. Transferência de doentes – Referente aos assuntos que reportaram sobre a transferência de doentes entre hospitais, entre cidades ou regiões 5. Vítimas - (mortos, familiares de mortos) 6. Recuperação de doentes – só se refere aos assuntos que tratam infetados já recuperados 7. Política de Testes – Sobre reportagens que tratam todas as questões referentes à testagem da

	<p>população à Covid-19 (a chegada de testes, a sua execução, os laboratórios, etc)</p> <ol style="list-style-type: none"> 8. Situação dos Lares – Referente a todos os conteúdos que trataram a situação nos lares de idosos (preparação, evacuação, vida no quotidiano de profissionais e idosos) 9. Preparação dos Serviços de Saúde – refere à adaptação dos profissionais de saúde à pandemia 10. Falta de material de proteção (EPI's) – Nesta variante trata-se assuntos que reportaram sobre as queixas de cidadãos e profissionais de saúde sobre a ausência de material de proteção individual 11. chegada de material de Proteção (Epi's) – Chegada aos países de material de proteção e consequente entrega à população 12. Questões mistas de saúde covid-19 – Esta variante integra os conteúdos que, individualmente, trataram de vários temas da pandemia. Os cometários clínicos são exemplo disso. 13. Política Máscaras – Refere todos os conteúdos sobre o uso ou não de máscara, o seu fabrico, venda 14. Vacina, passe vacinal (jan.22) – Integra todos os temas sobre a vacinação e o passe vacinal
<p>Disposição no Alinhamento Esta categoria trata dos lugares estratégicos do alinhamento.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abertura 2. Primeiros 15 minutos 3. Fecho para intervalo 4. Reabertura 5. Últimas duas peças antes do intervalo 6. Últimas duas peças antes do encerramento 7. Últimas duas peças antes do fecho da parte III 8. Encerramento
<p>Promoção Esta categoria pretende identificar as assuntos que foram ou não destacados ao longo do jornal. São, por regra, menos de 30 segundos de <i>teaser</i> e uma forma de incentivar o telespetador a não mudar de canal ou de dispositivo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sim 2. Não
<p>Sumário Esta variável pretende aferir se o jornal televisivo analisado tinha ou não sumário, a</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sim 2. Não

<p>síntese inicial com os temas realçados pelos decisores para convidarem os telespetadores a ver o programa informativo</p>	
<p>Tecnologia Com esta categoria pretendeu-se apurar se o conteúdo tinha sido contruído com algum suporte tecnológico</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sim 2. Não
<p>Fonte da imagem</p> <p>Este grupo destina-se a identificar as fontes da imagem que permitem construir a linguagem pictográfica e de som dos conteúdos noticiosos televisivos nos dois jornais analisados</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Videochamadas (várias plataformas de conversação) 2. Arquivo – Imagens do passado guardadas na “biblioteca” dos dois SPT 3. Captação Presencial – Imagem e som captado com os meios tradicionais de <i>broadcasting</i> (câmara, microfone) 4. <i>Drones – câmara colocada numa pequeno aparelho voador e tripulado à distância</i> 5. Grafismo – imagens construídas em computador 6. Vídeo Amador – imagens e som captados por um não profissional e, depois, enviadas de forma espontânea, não a pedido, para as redações 7. Redes Sociais – imagens e sons recolhidos nas redes sociais, na internet 8. Vídeo Amador a pedido – imagens e som captados por uma fonte de informação a pedido do jornalista 9. Vídeos Institucionais, imagens e sons captados por empresas ou organizações públicas e privadas e, posteriormente, fornecidas aos jornalistas
<p>Fonte de informação = fornecedores de informação aos jornalistas. Dividimos esta categoria em vários grupos: Segundo a Origem</p> <p>A proveniência das vozes representadas nos corpus foi subdividida em seis variáveis:</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Oficial – refere-se a todas as personagens principais ou secundárias com função ou cargos públicos; representam serviços ou organizações do do Estado, central, local, regional ou internacional 2. Empresarial/privada – agrega todas as vozes que representam setores empresariais e comerciais não estatais 3. Especialista – agrupa todas fontes que falam nos conteúdos para dar informações especializadas. São peritos em alguma matéria com valor notícia no quotidiano 4. Individual – cidadão sem notoriedade pública e que se representa só a si. Na gíria das redações designam-se por “<i>vox populi</i>” as vozes do povo.

	<ol style="list-style-type: none"> 5. Jornalista – Repórter enquanto testemunha de num acontecimento, sendo ele a fonte originária da informação 6. Mista – esta variável refere-se aos conteúdos que têm pelo menos duas das vozes anteriores.
<p>Segundo a Geografia Com este grupo idênticas a proveniência espacial das vozes escutadas para os conteúdos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Locais – agrupa as personagens que são provenientes de um espaço local, regional. Os conteúdos são, por isso, de âmbito mais restrito à comunidade 2. Nacionais – refere-se às personagens que falam de assuntos de âmbito nacional, que dizem a todo o país 3. Internacionais – agrupa todas as fontes que estão situadas no espaço fora das fronteiras dos jornais analisados 4. Mistadas- esta variável refere-se aos conteúdos que têm pelo menos duas das fontes anteriores
<p>Segundo a Estratégia de atuação face aos jornalistas Esta categoria congrega a forma como as fontes forneceram a informação aos jornalistas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Reativa – fontes que só se manifestam quando o jornalista solicita, sendo, muitas vezes, resistentes a dar informações 2. Proativa – são as personagens que se dirigem voluntariamente ao jornalista, muitas vezes para defender os seus pontos de vista, interesses e reputação 3. Mista – variável que se refere à combinação num só conteúdo de pelo menos duas das fontes anteriores
<p>Segundo a Identificação Refere-se à forma como as fontes são identificadas nos conteúdos, como o jornalista as nomeia e/ou como as fontes querem ser indicadas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Assumidas/explicitas – esta variável refere-se a fontes que dão o rosto, a voz, o nome e a profissão, por exemplo. 2. Anónimas/Confidenciais – são personagens que por diferentes motivos escondem a sua identidade ao telespetador, não ao jornalista. 3. Mistadas - variável que se refere à combinação num só conteúdo de pelo menos duas das fontes anteriores
<p>Personagens Esta categoria pretende identificar se as fontes são principais ou secundárias.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Protagonistas – É a personagem que tem papel principal no conteúdo, i.e., estão na origem da informação, ou com um papel fundamental no evento reportado 2. Secundária ou deuteragonista – Fontes indiretamente envolvidas no acontecimento, contam versões do acontecimento ou ajuda a enquadrá-lo
<p>Protagonistas e deuteragonistas. Nestes dois grupos pretendeu-se, primeiro, identificar as vozes</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desconhecidos, nesta unidade estão todos os cidadãos sem notoriedade pública e que se representam só a eles

<p>principais, de destaque nos conteúdos. Numa segunda análise e com as mesmas unidades identificámos as vozes secundárias do TJ da RTP1 e do JT das 20H durante o primeiro confinamento e no pós-confinamento (1 a 15 janeiro de 2022)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 2. Outros Ministros, nesta unidade estão todos os ministros, exceto o chefe do governo e o responsável pela pasta da saúde 3. Doentes – refere-se a todos os infetados com o novo coronavírus 4. Misto Profs Saúde – refere-se a todos os profissionais de saúde (auxiliares de ação médica, enfermeiros, médicos e outros profissionais em ambiente hospitalar) 5. Mortos – vítimas mortais da Covid-19 6. Empresários – Esta unidade congrega gestores/administradores de empresas, pequenas ou grandes, nacionais ou multinacionais 7. 1º Ministro – Referente ao chefe do governo 8. PR – Presidente da República ou chefe de Estado 9. Especialistas – Refere-se a personagens com um conhecimento particular sobre um determinado assunto 10. Policias e Militares – Forças de Segurança e forças militares 11. Autarquias e Regiões – Esta unidade refere-se a autoridades locais ou regionais 12. Ministério Saúde – integra todos os responsáveis do Ministério da Saúde (ministro/a e secretários de Estado) exceto os da direção geral de saúde 13. DGS – Direção Geral de Saúde, estão nesta unidade todos as vozes que falaram em nome deste serviço público de Saúde 14. Parlamento – neste unidade conta-se co todos os deputados, líderes partidários e o Presidente da Assembleia da República 15. Artistas – referente a todas as pessoas que concretizam profissão artística, nos diferentes domínios das belas-artes 16. Sindicatos e ASS. Profissionais – Esta unidade congrega os sindicatos e as associações profissionais dos diferentes setores de atividade 17. Outras Organizações – Neste grupo estão todas as organizações exceto OMS – Organização Mundial de Saúde 18. Jornalistas – Repórteres que intervieram como personagens nos conteúdos, através da observação que fizeram ou de vivências relatadas em direto ou gravadas 19. Desportistas – Atletas de diferentes modalidades 20. Comissão europeia – referente a personagens que intervêm em nome da Comissão Europeia 21. Comerciantes – esta unidade integra todos os comerciantes de todo o tipo de unidades comerciais
---	--

	<p>22. Lares – Neste grupo estão os diferentes responsáveis pelas unidade de acolhimento de idosos (profissionais de saúde dos Lares não estão aqui integrados)</p> <p>23. Ensino – Congrega toda a comunidade escolar (alunos, pais, professores e outros funcionários)</p> <p>24. Religiosos – Sobre representantes de cultos religiosos</p> <p>25. OMS – Integra todas as vozes que falaram em nome da Organização Mundial de Saúde</p> <p>26. Notáveis – sobre personagens que participam no conteúdo devido à sua característica de elite, ao seu reconhecimento público</p> <p>27. Advogados e Magistrados – Refere todos os defensores e julgadores judiciais</p> <p>28. Hospitais – esta unidade integra todos os responsáveis hospitalares (administradores). Aqui não estão os médicos e outros profissionais de saúde hospitalares</p> <p>29. Agricultores e Pescadores – Referente a estes dois grupos de profissionais e todos os outros que trabalham nestes dois setores de atividade</p> <p>30. Denunciantes – esta unidade congrega todos os cidadãos que de forma anónima denuncia um problema, gerando um conteúdo noticioso</p> <p>31. Farmácias e Laboratórios – Neste grupo estão todos os profissionais e dirigentes de farmácias e laboratórios</p> <p>32. Porta-Vozes / assessores (janeiro de 2022) – No pós confinamento esteve representada esta unidade de análise. Refere-se a todos os que falaram publicamente em nome de uma empresa, organismo público ou organização, sem terem funções de gestão.</p>
--	---

Anexo 2. Índice de Tabelas Remetidas para Anexo

Tabela 1. Os Géneros Noticiosos do Telejornal da RTP1 no 1º Confinamento de 2020

TEMPOS	GÉNERO TELEVISIVO TJ DA RTP1								TOTAL
	Notícias	Reportagem	Entrevista	Entrevista (Pares)	Comentário Clínico	Comentário Político/Social	Comunicação ao País	Comunicado	
0 a 10	2	0	0	0	0	0	0	0	2
11 a 30	86	10	0	0	0	0	0	0	96
31 a 60	93	11	0	0	0	0	0	1	105
61 a 90	43	41	0	0	0	0	0	1	85
91 a 120	52	180	1	0	1	0	0	0	234
121 a 150	57	248	1	1	1	0	0	0	308
151 a 240	37	241	3	1	12	0	1	0	295
+241	6	20	6	0	7	5	1	0	45
TOTAL	376	750	11	2	21	5	2	2	1170

Tabela 2. Os Géneros Noticiosos do JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento de 2020

GÉNERO TELEVISIVO JT DAS 20H DA FR2	TEMPOS	0 a 10	11 a 30	31 a 60	61 a 90	91 a 120	121 a 150	151 a 240	+241	Total
	Notícias	61	145	58	60	22	11	6	0	363
	Reportagem	3	16	22	60	364	162	119	12	758
	Entrevista	0	3	11	13	16	18	45	21	127
	Entrevista (Pares)	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	Frente-a-frente	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	On Vous Répond	0	1	1	7	5	5	35	6	60
	Comentário Político/Social	0	1	2	2	1	0	0	0	6
	Análise Económica	0	1	1	5	4	0	1	0	12
	Comunicação ao País	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	Dossier	0	0	0	0	0	1	0	0	1
	Rubrica	0	0	3	8	29	24	31	2	97
	O País pergunta	0	1	0	0	0	1	4	4	10
TOTAL	64	168	98	156	442	222	241	46	1437	

Tabela 3. Os assuntos da Pandemia nos Lugares Estratégicos do Alinhamento Do TJ da RTP1 no Primeiro Confinamento de 2020

LUGAR NO ALINHAMENTO DO TJ DA RTP1 NO PRIMEIRO CONFINAMENTO DE 2020									
ASSUN TOS EM PANDE MIA	Ab ert ur a	15 minut os iniciai s	Fecho para Interv alo	Re abe rtu ra	Últimas peças antes de Intervalo	Últimas duas peças antes do encerramento	Últimas duas peças antes do Fecho Parte III	Enc erra men to	T o t a l
Política s do Estado	8	21	3	3	3	2	0	0	40
Partido s Político s	0	1	0	1	0	1	0	1	4
Autarq uias/Pol íticas	0	2	0	0	2	0	0	0	4

Regionais									
Assuntos diplomáticos	0	0	1	0	0	1	0	0	2
Banca/Finança	0	0	0	0	2	1	0	0	3
Segurança Pública/Proteção Civil/Fiscalização/Regras Confinamento	3	12	2	4	2	6	0	0	29
Trabalho	0	1	4	0	4	5	0	3	17
Política sindical	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Dramas sociais	0	1	0	2	1	0	0	1	5
Homenagens Sociais	2	3	0	0	0	0	0	0	5
Criminalidade	0	0	1	2	0	2	0	0	5
Tribunais/Assuntos Jurídicos/Prisões	0	2	0	6	0	2	0	0	10
Acidentes/Catástrofes	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Saúde Covid-19	40	116	19	15	46	12	0	2	250
Trânsito e vias de comunicação	0	0	0	0	0	1	0	0	1

Viver Confinados	0	2	0	0	1	2	0	2	7
Ambiente	0	0	0	0	0	0	0	2	2
Artes e Espetáculos	0	3	0	0	0	8	1	11	23
Educação	2	7	2	2	3	1	0	1	18
Transportes e Obras Públicas	2	0	0	1	3	4	0	0	10
Tecnologia/investigação	0	2	0	0	0	1	1	0	4
Atividades desportivas	0	0	0	0	0	5	1	4	10
Contestação sociopolítica	1	6	0	0	1	1	0	0	9
Comunicação Social	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Migrações	0	1	0	1	0	0	0	0	2
Histórias de Interesse Humano	0	3	0	0	0	1	0	4	8
Desconfinamento	4	10	1	1	1	1	0	0	18
Turismo	0	0	2	0	1	2	0	1	6
Solidariedade	0	1	1	0	0	4	0	2	8
Sensibilização	0	1	2	0	0	3	0	3	9
Religião	0	0	1	1	6	1	0	0	9
Meteorologia	0	0	0	0	1	1	0	0	2

Medidas de apoio às empresas e trabalhadores	0	3	1	0	4	1	0	1	10
Medidas de apoio a famílias	1	1	0	0	1	2	0	0	5
Comércio	2	1	2	0	4	3	0	2	14
Situação Económica	2	6	0	0	3	1	0	0	12
Agricultura	0	0	0	1	0	1	0	1	3
Obituário	0	0	1	0	0	3	0	3	7
Preparação de empresas	0	0	1	0	0	1	0	0	2
Política económica Europeia	1	10	1	1	0	1	0	0	14
Saúde não COVID	0	2	0	1	1	1	0	0	5
Div. questões socio-económicas-políticas	0	0	0	1	0	0	0	0	1

Tabela 4. Os assuntos da Pandemia nos Lugares Estratégicos do Alinhamento do JT das 20 H da France 2 no Primeiro Confinamento de 2020

ASSUNTOS DA PANDEMIA	Lugar no Alinhamento do JT das 20H da France 2 no primeiro confinamento de 2020				
	Abertura	Primeiros 15 minutos	Duas peças antes do encerramento	Encerramento	Total

Saúde Covid-19	24	203	11	0	242
Desconfinamento	9	42	2	0	53
Viver. Confinados	1	10	20	4	36
Comunicação Social	0	0	7	23	30
Trabalho	0	18	2	0	22
Artes e Espetáculos	0	0	10	11	21
Solidariedade	0	4	15	1	21
Segurança Pública	3	15	1	0	19
Educação	2	11	2	1	16
Transportes e Obras Públicas	1	13	2	0	16
Comércio	2	9	4	0	16
Histórias de Interesse Humano	0	3	6	1	14
Políticas do Estado	4	6	1	2	13
Rumores da Pandemia	0	0	12	1	13
Obituário	1	2	4	6	13
Homenagens Sociais	6	1	3	2	12
Ambiente	0	3	2	2	7
Saúde não COVID	0	5	2	0	7
Medidas de apoio às empresas e trabalhadores	1	5	0	0	6
Turismo	0	2	2	1	5
Sensibilização	0	3	0	1	5
Contestação sociopolítica	0	4	0	0	4
Situação Económica	0	4	0	0	4
Criminalidade	0	2	1	0	3
Autarquias/Políticas Regionais	0	2	0	0	2
Banca/Finança	0	2	0	0	2
Dramas sociais	0	1	0	0	2
Acidentes/Catástrofes	1	0	1	0	2
Tecnologia/investiçã	0	2	0	0	2

Política económica Europeia	0	1	0	0	2
Partidos Políticos	0	1	0	0	1
Tribunais/Assuntos Jurídicos/Prisões	0	1	0	0	1
Terrorismo	1	0	0	0	1
Transito e vias de comunicação	0	1	0	0	1
Atividades desportivas	0	0	1	0	1
Religião	0	0	1	0	1
Preparação de empresas	0	1	0	0	1

Tabela 5. Formas televisivas com grafismo e a Posição no Alinhamento do TJ da RTP1 no Primeiro Confinamento de 2020

Formas televisivas com Grafismo	Abertura	Primeiros 15 minutos	Fecho para Intervalo	Reabertura	últimas duas peças antes de Intervalo	Últimas duas peças antes encerramento	Encerramento	TOTAL
Grafismo formato editado	12	24	4	5	3	6	2	56
Pivô animado com grafismo	18	30			7			55
Pivô animado misto (imagens e grafismos)	2							2
Grafismo durante Direto		1						1
Grafismo sobre off	2				1		1	4
TOTAL	34	55	4	5	11	6	3	118

Tabela 6. O Número de Fontes Ouvidas pelos Jornalistas do TJ da RTP1 e do JT das 20H

FONTES OUVIDAS	TJ		JT 20H	
	Frequência	Percentagem válida	Frequência	Percentagem válida
0-1	494	42,2	518	36,0
2-4	510	43,6	672	46,8
4-6	157	13,4	207	14,4
+7	9	0,8	40	2,8
Total	1170	100,0	1437	100,0

da FR2 no Primeiro Confinamento

Tabela 7. Os Conteúdos com Grafismos no Telejornal da RTP1 no Primeiro Confinamento

Conteúdos com Grafismo	Abertura	Primeiros 15 minutos	Últimas duas peças antes de Intervalo	Últimas duas peças antes de encerramen to	Encerramen to	TOTAL
Direto		15	2	3		20
Formato Editado	17	50	1	8	2	78
Grafismo em off	1	10		1	2	14
Pivô animado com grafismo	6	23			2	29
Pivô animado misto (com imagem e grafismo)	1					1
TOTAL	24	99	3	12	4	142

Tabela 8. Lugar dos Protagonistas no Alinhamento do TJ da RTP1 no 1º Confinamento de 2020

	Abertura	Primeiros 15 minutos	Fecho para Intervalo	Reabertura	Últimas duas peças antes de Intervalo	Últimas duas peças antes encerramento	Últimas duas peças antes fecho parte III	Encerramento	TOTAL
Mortos	12	13	2	3	11	0	0	1	42
Doentes	11	27	3	1	11	1	0	0	54
PR	9	11	7	2	6	2	0	0	37
1º Ministro	7	24	1	1	2	2	0	0	37
Ministério Saúde	6	17	0	2	0	0	0	0	25
Outros Ministros	5	16	3	4	8	13	0	1	50
DGS	4	9	0	1	4	0	0	0	18
Empresários	3	3	3	2	6	9	1	2	29
Especialistas	3	15	0	1	1	5	1	2	28
Desconhecidos	3	11	8	6	13	6	0	10	57
Autarquias e Regiões	2	10	1	3	1	2	0	0	19
Lares	1	4	0	1	0	1	0	0	7
Outras Organizações	1	2	1	1	0	3	0	1	9
Policias e Militares	1	12	2	3	0	4	0	1	23
OMS	1	1	1	0	3	0	0	1	7
Parlamento	0	6	0	1	0	2	0	1	10
Hospitais	0	1	1	0	0	0	0	0	2
Advogados e	0	0	0	2	0	1	0	0	3

Magistrados									
Agricultores e Pescadores	0	0	0	1	0	0	0	1	2
Desportistas	0	0	1	2	0	6	0	4	13
Artistas	0	3	0	0	0	7	0	13	23
Misto Profs Saúde	0	12	4	3	9	5	1	2	36
Farmácias e Laboratórios	0	1	0	0	1	0	0	0	2
Ensino	0	2	0	3	2	0	0	0	7
Sindicatos e Ass. Profissionais	0	6	2	1	2	1	0	1	13
Denunciantes	0	0	0	0	0	3	0	0	3
Notáveis	0	2	2	0	0	3	0	1	8
Comerciantes	0	0	1	0	2	3	0	2	8
Jornalistas	0	6	1	0	3	2	0	0	12
Religiosos	0	0	0	1	5	1	0	0	7
Comissão Europeia	0	5	1	0	0	2	0	0	8
TOTAL	69	219	45	45	90	84	3	44	599

Tabela 9. Lugar dos Protagonistas no Alinhamento do JT das 20H da FR2 no 1º Confinamento de 2020

	Abertura	Primeiros 15 minutos	Últimas duas peças antes encerramento	Encerramento	TOTAL
Desconhecidos	11	48	38	6	103
Misto Profs Saúde	4	71	5	0	80
Doentes	8	43	1	0	52
Jornalistas	0	16	7	21	44
Especialistas	3	25	6	2	39
Artistas	1	2	20	13	36
Outros Ministros	1	27	7	0	35
Empresários	2	21	5	5	35
Mortos	3	14	1	1	20
Ministério Saúde	1	17	0	0	18
PR	3	12	0	2	17
Ensino	1	9	4	0	16
Autarquias e Regiões	2	11	0	0	15
Comerciantes	2	8	5	0	15
Policias e Militares	4	8	2	0	14
1º Ministro	5	7	0	0	12
DGS	1	11	0	0	12
Sindicatos e Ass. Profissionais	0	9	0	1	10
Desportistas	0	0	4	2	6
Denunciante s	2	4	0	0	6
Parlamento	0	3	1	0	5
OMS	1	3	0	0	4
Notáveis	0	0	2	2	4
Lares	0	3	0	0	3
Outras Organizações	0	1	1	1	3
Farmácias e Laboratórios	1	2	0	0	3
Hospitais	0	2	0	0	2

Advogados e Magistrados	0	1	1	0	2
Agricultores e Pescadores	0	1	1	0	2
Religiosos	0	0	1	0	1
TOTAL	56	379	112	56	603

Tabela 10. A Espaço Nacional Português e a Distribuição Pelos Lugares no Alinhamento do Telejornal da RTP1

Espaço Nacional Português	Lugar no Alinhamento no Alinhamento do TJ da RTP1								
	Abertura	Primeiros 15 minutos	Fecho para Intervalo	Reabertura	Últimas duas peças antes de Intervalo	Últimas duas peças antes encerramento	Últimas duas peças antes fecho parte III	Encerramento	TOTAL
Lisboa cidade	9	36	9	13	12	26	2	11	118
Portugal global	32	67	4	1	10	2	0	2	118
Lisboa Cidade Política	16	36	2	1	3	8	0	2	68
Vários Portugal Continental	2	22	3	4	3	5	0	10	49
Área Metropolitana de Lisboa	1	15	3	6	5	7	0	6	39
Centro	1	4	1	4	1	2	1	1	15
Área Metropolitana do Porto	3	5	0	3	0	0	0	0	11
Algarve	1	1	0	0	2	6	0	0	10
Trás-os-Montes e Alto Douro	0	3	1	1	1	1	0	0	7
Porto Cidade	0	2	1	0	1	2	0	1	7

Misto Lisboa e Porto	0	2	1	1	1	0	0	2	7
Portugal e misto Europa	2	2	0	0	0	1	0	0	5
Portugal e Mundo	0	1	0	0	2	0	0	0	3
Portugal e Bruxelas	0	2	0	0	0	1	0	0	3
Minho	0	1	0	1	0	0	0	0	2
Madeira	0	2	0	0	0	0	0	0	2
Vários Ilhas	0	2	0	0	0	0	0	0	2
Alentejo	0	1	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL	67	205	24	35	41	61	3	35	471

Tabela 11. O Espaço Nacional Francês nos Lugares Estratégicos do Alinhamento do JT das FR2 no

Primeiro Confinamento

Espaço Nacional Francês	Lugar no Alinhamento do JT das 20H da France 2				
	Abertura	Primeiros 15 minutos	Últimas duas peças antes encerramento	Encerramento	TOTAL
Île de France - Grande Paris	5	60	12	2	79
Paris cidade	8	89	32	30	159
Altos de França	1	6	5	1	13
Normandia	1	1	1	1	4
Bretanha	0	3	1	2	6
País do Loire	0	3	1	0	4
Grande Leste	2	32	1	0	35
Nova Aquitânia	2	3	1	0	6
Auvergne-Ródano-Alpes	2	8	5	2	17
Occitana	1	5	0	1	7

Provence-Alpes-Costa azul	4	18	7	3	32
Córsega	0	2	0	1	3
Territórios Ultramarinos	0	3	0	0	3
Vários França Continental	12	64	16	5	97
Paris Política	5	21	2	2	30
França Global	12	44	11	1	68
França e o mundo	1	1	2	1	5
França e outra Europa	0	2	0	0	2
TOTAL	56	365	97	52	570

Tabela 12. Os Géneros Televisivos no Telejornal da RTP1 e no JT das 20 Horas da France 2

Género Televisivo											
	Notícias	Reportagem	Entrevista	Entrevista (Pares)	Frete-a-frente	Comentário Político /Social	Comunicação ao País	Direito de resposta	Dossier	Rubrica	Total
Telejornal	123	210	14		1	4	1	1	1	1	356
JT 20H	71	164	11	1				1		20	268
Total	194	374	25	1	1	4	1	2	1	21	624

Tabela 13. Os Assuntos no Alinhamento do Telejornal no Pós-Confinamento (1 a 15 de janeiro de 2022)

Assuntos na Pandemia	Lugar no Alinhamento do TJ da RTP1						
	Abertura	Primeiros 15 minutos	Fecho para Intervalo	Reabertura	Últimas duas peças antes de Intervalo	Últimas duas peças antes encerramento	Encerramento
Saúde Covid-19	2,6%	18,0%	1,1%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%

A caminho das legislativas	2,1%	7,4%	1,6%	1,1%	5,3%	0,5%	
Tribunais /Assuntos Jurídicos/ Prisões	1,6%	3,7%		2,6%	1,6%		
Políticas do Estado	1,1%	3,7%	0,5%		0,5%		
Educação	0,5%	1,6%		0,5%			
Atividades desportivas			0,5%		0,5%	7,9%	1,6%
Artes e Espetáculos						0,5%	3,7%
Banca/Finança					2,1%	0,5%	
Voto de Isolados		1,6%		0,5%			
Trabalho		0,5%	0,5%		0,5%		
Homenagens Sociais						1,1%	0,5%
Histórias de Interesse Humano			0,5%			0,5%	0,5%
Comércio		0,5%			0,5%	0,5%	
Obituário					0,5%	0,5%	0,5%
Saúde não COVID		1,1%				0,5%	
Acidentes /Catástrofes						1,1%	
Terrorismo					1,1%		
Div. questões socio-económicas-políticas		1,1%					

Festividades			0,5%	0,5%			
Assuntos diplomáticos					0,5%		
Segurança Pública/Proteção Civil/Fiscalização/Regras Confinamento			0,5%				
Política sindical					0,5%		
Criminalidade				0,5%			
Ambiente			0,5%				
Transportes e Obras Públicas			0,5%				
Tecnologia/investigação				0,5%			
Contestação sociopolítica						0,5%	
Comunicação Social							0,5%
Migrações				0,5%			
Turismo					0,5%		
Religião			0,5%				
Situação Económica		0,5%					
TOTAL	7,9%	39,7%	7,4%	7,4%	14,8%	14,8%	7,9%

**Tabela 14. Os Assuntos no Alinhamento do JT das 20H da FR2 no Pós-Confinamento
(1 a 15 de janeiro de 2022)**

Assuntos na Pandemia	Lugar no Alinhamento do JT das 20H da France2				
	Abertura	Primeiros 15 minutos	Últimas duas peças antes encerramento	Encerramento	Total
Políticas do Estado	1	5	1		7
Partidos Políticos		1			1
Banca/Finança		3			3
Segurança Pública/Proteção Civil/Fiscalização/Regras Confinamento		1			1
Trabalho		3			3
Dramas sociais			1		1
Homenagens Sociais		1			1
Criminalidade		5	1		6
Tribunais/Assuntos Jurídicos/Prisões		1	4	1	6
Acidentes/Catástrofes	3	1	3		7
Saúde Covid-19	3	52			55
Terrorismo			1		1
Ambiente			1	2	3
Artes e Espetáculos			4	2	6
Educação	2	2	1		5
Transportes e Obras Públicas		1			1
Contestação sociopolítica	2	7			9
Histórias de Interesse Humano		2		2	4
Turismo			3	2	5
Meteorologia	1	10			11
Comércio		4	3	1	8
Situação Económica	1	7			8
Agricultura			3	1	4
Obituário			1	3	4
Saúde não COVID	1	1	1		3
A caminho das Presidenciais		1	2		3
Festividades	1	1		1	3
Total	15	109	30	15	169

Tabela15. Quantidade de Vozes ouvidas pelos Jornalistas do JT das 20H da FR2

Quantidade de Fontes					
	0-1	2-4	4-6	+7	Total
Telejornal	191	142	19	4	356
JT 20H	95	156	16	1	268
Total	286	298	35	5	624

Anexo 3. Índice de Inquéritos

1. Inquérito aos Jornalistas do TJ da RTP1

Género					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Feminino	33	54,1	54,1	54,1
	Masculino	28	45,9	45,9	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Anos de profissão					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Mais de 10 anos	5	8,2	8,2	8,2
	Mais de 20 anos	41	67,2	67,2	75,4
	Menos de 10 anos	15	24,6	24,6	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Durante o primeiro confinamento sentiu que o receio de ficar infetado ou levar o vírus para casa o impediu de exercer na plenitude a atividade jornalística?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Algumas vezes	15	24,6	24,6	24,6
	Frequentemente	7	11,5	11,5	36,1
	Muito frequentemente	8	13,1	13,1	49,2
	Nunca	9	14,8	14,8	63,9
	Poucas vezes	12	19,7	19,7	83,6
	Raramente	10	16,4	16,4	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Durante o primeiro confinamento sentiu que o receio de ficar infectado ou levar o vírus para casa o impediu de exercer na plenitude a atividade jornalística?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Algumas vezes	15	24,6	24,6	24,6
	Frequentemente	7	11,5	11,5	36,1
	Muito frequentemente	8	13,1	13,1	49,2
	Nunca	9	14,8	14,8	63,9
	Poucas vezes	12	19,7	19,7	83,6
	Raramente	10	16,4	16,4	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Durante o primeiro período de confinamento a pandemia teve efeitos imediatos nas rotinas jornalísticas?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Algumas vezes	3	4,9	4,9	4,9
	Muitas vezes	16	26,2	26,2	31,1
	Poucas vezes	1	1,6	1,6	32,8
	Todos os dias	41	67,2	67,2	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Durante o primeiro período de confinamento que efeitos foram registados nas rotinas jornalísticas? (escolha até 3 opções)					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Maior uso de tecnologia, Diminuição de feedback da chefia	1	1,6	1,6	1,6
	Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, menos saídas em reportagem	1	1,6	1,6	3,3

Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia	9	14,8	14,8	18,0
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, menos saídas em reportagem, Menor contacto com as fontes	2	3,3	3,3	21,3
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Reuniões editoriais à distância, Maior uso de tecnologia	3	4,9	4,9	26,2
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Reuniões editoriais à distância, Menor contacto com as fontes	2	3,3	3,3	29,5
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Reuniões editoriais à distância, Menos saídas em reportagem	2	3,3	3,3	32,8
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Reuniões editoriais à distância, Menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia	2	3,3	3,3	36,1
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Tempo de permanência na empresa reduzido ao essencial	3	4,9	4,9	41,0

Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Tempo de permanência na empresa reduzido ao essencial, Diminuição de feedback da chefia	1	1,6	1,6	42,6
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Tempo de permanência na empresa reduzido ao essencial, Maior uso de tecnologia	2	3,3	3,3	45,9
Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Tempo de permanência na empresa reduzido ao essencial, Menos saídas em reportagem	1	1,6	1,6	47,5
Maior uso de tecnologia, Diminuição de feedback da chefia, Outras	1	1,6	1,6	49,2
Maior uso de tecnologia, Menor contacto com as fontes	1	1,6	1,6	50,8
Menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia, Diminuição de feedback da chefia	2	3,3	3,3	54,1
Menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia, Menor contacto com as fontes	3	4,9	4,9	59,0
Outras	1	1,6	1,6	60,7
Reuniões editoriais à distância, menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia	1	1,6	1,6	62,3

Teletrabalho, Diminuição de feedback da chefia, Outras	1	1,6	1,6	63,9
Teletrabalho, Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Diminuição de feedback da chefia	2	3,3	3,3	67,2
Teletrabalho, Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Maior uso de tecnologia	4	6,6	6,6	73,8
Teletrabalho, Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Menos saídas em reportagem	1	1,6	1,6	75,4
Teletrabalho, Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia	1	1,6	1,6	77,0
Teletrabalho, Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Reuniões editoriais à distância	1	1,6	1,6	78,7
Teletrabalho, Maior distanciamento entre profissionais/ áreas da redação, Reuniões editoriais à distância, Menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia, Diminuição de feedback da chefia	1	1,6	1,6	80,3
Teletrabalho, Menor contacto com as fontes, Outras	1	1,6	1,6	82,0

Teletrabalho, menos saídas em reportagem, Maior uso de tecnologia	7	11,5	11,5	93,4
Teletrabalho, Reuniões editoriais à distância, Maior uso de tecnologia	1	1,6	1,6	95,1
Teletrabalho, Reuniões editoriais à distância, Menos saídas em reportagem	1	1,6	1,6	96,7
Teletrabalho, Tempo de permanência na empresa reduzido ao essencial, Maior uso de tecnologia	1	1,6	1,6	98,4
Teletrabalho, Tempo de permanência na empresa reduzido ao essencial, Menos saídas em reportagem	1	1,6	1,6	100,0
Total	61	100,0	100,0	

Se na pergunta anterior escolheu a opção outras escreva quais.					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		57	93,4	93,4	93,4
	15 dias a trabalhar e 15 isolamento	1	1,6	1,6	95,1
	Dada a falta de informação sobre o vírus, aumentaram receios das pessoas pelos riscos de contraírem a infecção	1	1,6	1,6	96,7
	Fazer a própria agenda e 'vender' peças a todos os jornais	1	1,6	1,6	98,4

	trabalho dificultado pela logística: quando em reportagem, havia dificuldade em ir à WC ou restaurantes	1	1,6	1,6	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

A pandemia, durante o primeiro período de confinamento, dificultou o contacto com as fontes de informação?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não	27	44,3	44,3	44,3
	Sim	34	55,7	55,7	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

A opção por si verificada manteve-se depois do primeiro confinamento?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não	16	26,2	26,2	26,2
	Sim	39	63,9	63,9	90,2
	Talvez	6	9,8	9,8	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Qual foi a frequência do contacto com a fonte?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Algumas vezes	11	18,0	18,0	18,0
	Muitas vezes	10	16,4	16,4	34,4
	Sempre que necessitou	40	65,6	65,6	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Fontes mais contactadas (responda a uma ou mais opções)?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		1	1,6	1,6	1,6
	Especialistas	14	23,0	23,0	24,6
	Nacionais e internacionais	1	1,6	1,6	26,2
	Não oficiais/ privadas	1	1,6	1,6	27,9
	Oficiais	9	14,8	14,8	42,6
	Oficiais, Especialistas	11	18,0	18,0	60,7
	Oficiais, Especialistas, Nacionais e internacionais	2	3,3	3,3	63,9
	Oficiais, Especialistas, Oficiosas	1	1,6	1,6	65,6
	Oficiais, Não oficiais/ privadas	4	6,6	6,6	72,1
	Oficiais, Não oficiais/ privadas, Especialistas	9	14,8	14,8	86,9
	Oficiais, Não oficiais/ privadas, Especialistas, Nacionais e internacionais	2	3,3	3,3	90,2
	Oficiais, Não oficiais/ privadas, Especialistas, Oficiosas	1	1,6	1,6	91,8
	Oficiais, Não oficiais/ privadas, Especialistas, Oficiosas, Nacionais e internacionais	1	1,6	1,6	93,4
	Oficiais, Não oficiais/ privadas, Oficiosas	2	3,3	3,3	96,7
	Oficiais, Oficiosas	2	3,3	3,3	100,0
Total	61	100,0	100,0		

Segundo a atitude face aos jornalistas quais foram as fontes mais ativas, mais espontâneas:					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Fontes anónimas	2	3,3	3,3	3,3
	Fontes não oficiais/privadas	28	45,9	45,9	49,2
	Fontes oficiais	31	50,8	50,8	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

A forma de contacto com as fontes como aconteceu durante o primeiro confinamento veio para ficar?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não	12	19,7	19,7	19,7
	Não sei	22	36,1	36,1	55,7
	Sim	27	44,3	44,3	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Que confiança tem nas fontes durante a pandemia?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Boa	15	24,6	24,6	24,6
	Excelente	7	11,5	11,5	36,1
	Fraco	3	4,9	4,9	41,0
	Muito boa	19	31,1	31,1	72,1
	Normal	17	27,9	27,9	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Quais são as fontes que lhe merecem maior confiança? (escolha uma ou mais opções)					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Especialistas	18	29,5	29,5	29,5
	Especialistas, oculares	1	1,6	1,6	31,1
	Especialistas, pessoais	4	6,6	6,6	37,7
	Especialistas, Pessoais, Ativas	1	1,6	1,6	39,3
	Não oficiais, Especialistas	1	1,6	1,6	41,0
	Não oficiais, Especialistas, Pessoais	3	4,9	4,9	45,9
	Não oficiais, Pessoais, Passivas	1	1,6	1,6	47,5
	Oficiais	8	13,1	13,1	60,7
	Oficiais, Especialistas	12	19,7	19,7	80,3
	Oficiais, Especialistas, Ativas	1	1,6	1,6	82,0
	Oficiais, Especialistas, Oculares	1	1,6	1,6	83,6
	Oficiais, Especialistas, Pessoais	2	3,3	3,3	86,9
	Oficiais, Especialistas, Pessoais, Ativas	2	3,3	3,3	90,2
	Oficiais, Especialistas, Pessoais, Ativas, Oculares	1	1,6	1,6	91,8
	Oficiais, Não oficiais, Especialistas	1	1,6	1,6	93,4
	Oficiais, pessoais	1	1,6	1,6	95,1
	Pessoais	1	1,6	1,6	96,7
	Pessoais, oculares	2	3,3	3,3	100,0
	Total		61	100,0	100,0

A pandemia fragilizou a confiança nas fontes?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não	44	72,1	72,1	72,1
	Sim	17	27,9	27,9	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Se sim quais foram as principais razões?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		43	70,5	70,5	70,5
	Ausência de disponibilidade	2	3,3	3,3	73,8
	Falta de clareza no discurso	5	8,2	8,2	82,0
	Mentira na informação dada	4	6,6	6,6	88,5
	Outras	3	4,9	4,9	93,4
	Tentativa de manipulação de dados	4	6,6	6,6	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Se outras razões quais?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		57	93,4	93,4	93,4
	Desinformação nas redes sociais	1	1,6	1,6	95,1
	É absolutamente diferente o tempo e a forma de contacto com as fontes quando não é presencial ou é condicionada pela pandemia e pela urgência nas respostas, que têm, a cada dia, muito impacto direto na saúde de quem nos vê/ouve.	1	1,6	1,6	96,7
	Impossibilidade de, presencialmente, ter outras Ferramentas para obter informação válida.	1	1,6	1,6	98,4
	Negacionistas	1	1,6	1,6	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

Durante o primeiro confinamento sentiu que a necessidade de coesão social o impediu de questionar as autoridades políticas e de saúde?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Algumas vezes	5	8,2	8,2	8,2
	Frequentemente	5	8,2	8,2	16,4
	Muito frequentemente	3	4,9	4,9	21,3
	Nunca	27	44,3	44,3	65,6
	Poucas vezes	9	14,8	14,8	80,3
	Raramente	12	19,7	19,7	100,0
	Total	61	100,0	100,0	

2. Inquérito aos Jornalistas do JT das 20H da FR2

Indiquez à quelle rubrique vous travailliez avant mars 2020					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		1	3,4	3,4	3,4
	Journaliste correspondant international	3	10,3	10,3	13,8
	Journaliste correspondant régional	9	31,0	31,0	44,8
	Monde	3	10,3	10,3	55,2
	Politique	3	10,3	10,3	65,5
	Santé	1	3,4	3,4	69,0
	Sciences	1	3,4	3,4	72,4
	Société	7	24,1	24,1	96,6
	Web	1	3,4	3,4	100,0
Total	29	100,0	100,0		

Années de pratique du Journalisme					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Journaliste depuis moins de 10 ans	3	10,3	10,3	10,3
	Journaliste depuis plus de 10 ans	10	34,5	34,5	44,8
	Journaliste depuis plus de 20 ans	16	55,2	55,2	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Indiquez à quelle rubrique vous travailliez avant mars 2020					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		1	3,4	3,4	3,4
	Journaliste correspondant international	3	10,3	10,3	13,8

	Journaliste correspondant régional	9	31,0	31,0	44,8
	Monde	3	10,3	10,3	55,2
	Politique	3	10,3	10,3	65,5
	Santé	1	3,4	3,4	69,0
	Sciences	1	3,4	3,4	72,4
	Société	7	24,1	24,1	96,6
	Web	1	3,4	3,4	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Lors du premier confinement, en mars 2020, la peur d'être infecté ou la peur de contaminer un membre de la famille vous a-t-elle empêché d'exercer pleinement l'activité journalistique ?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Jamais	11	37,9	37,9	37,9
	Parfois	4	13,8	13,8	51,7
	Rarement	5	17,2	17,2	69,0
	Souvent	5	17,2	17,2	86,2
	Très souvent	4	13,8	13,8	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Lors du premier confinement, en mars 2020, avez-vous ressenti que le besoin d'unité nationale vous a conduit à moins remettre en cause le pouvoir politique et sanitaire ?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Jamais	9	31,0	31,0	31,0
	Parfois	10	34,5	34,5	65,5
	Rarement	8	27,6	27,6	93,1
	Souvent	1	3,4	3,4	96,6
	Très souvent	1	3,4	3,4	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Lors du premier confinement, en mars 2020, la pandémie a-t-elle selon vous eu des effets immédiats sur les routines des journalistes ?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Souvent	3	10,3	10,3	10,3
	Tous les jours	26	89,7	89,7	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Lors du premier confinement, en 2020, quels effets ont été enregistrés dans vos habitudes journalistiques ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Autres	1	3,4	3,4	3,4
	Diminution du feedback de la direction	1	3,4	3,4	6,9
	Moins de contacts avec les sources	1	3,4	3,4	10,3
	Moins de sorties pour les rapports	3	10,3	10,3	20,7
	Plus grande distance entre les journalistes dans la salle de rédaction	3	10,3	10,3	31,0
	Réunions éditoriales à distance	4	13,8	13,8	44,8
	Télétravail	11	37,9	37,9	82,8
	Temps passé dans la salle de rédaction réduit à l'essentiel	1	3,4	3,4	86,2
	Une plus grande utilisation de la technologie	4	13,8	13,8	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Si vous avez répondu à d'autres dites lesquels.					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		20	69,0	69,0	69,0
	4 et 7	1	3,4	3,4	72,4
	Diminution du feedback de la direction / Télétravail des collègues et direction (journalistes, monteurs, services, RH etc) TV à plusieurs vitesses	1	3,4	3,4	75,9

En plus du télétravail, Plus Grande utilisation de la technologie, diminution du feed- back de la direction	1	3,4	3,4	79,3
En TV, beaucoup d'interviewes par Skype	1	3,4	3,4	82,8
Réunions à distance, écriture pour le site internet	1	3,4	3,4	86,2
Réunions stratégiques et technologiques	1	3,4	3,4	89,7
Toutes ces réponses	1	3,4	3,4	93,1
Toutes ces réponses sont exactes !	1	3,4	3,4	96,6
Une plus grande utilisation de la technologie Moins de feedback	1	3,4	3,4	100,0
Total	29	100,0	100,0	

Les changements que vous avez identifiés dans les routines journalistiques sont-ils là pour le futur ?					
		Frequência	Percentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Non	10	34,5	34,5	34,5
	Oui	16	55,2	55,2	89,7
	Sans avis	3	10,3	10,3	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Si vous avez répondu oui, dites lesquelles.					
		Frequência	Percentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido		14	48,3	48,3	48,3
	Interviews par Skype	1	3,4	3,4	51,7
	Itv par skype	1	3,4	3,4	55,2

ITW par Skype, conférences Zoom ou Teams	1	3,4	3,4	58,6
Plus de technologie	1	3,4	3,4	62,1
Plus de télétravail et recours aux technologies : interviews par Skype	1	3,4	3,4	65,5
recours à la visio, teletravail quand possible, moins de contacts...	1	3,4	3,4	69,0
Reduction du presentiel dans les conferences presse, itws avec zoom/skype	1	3,4	3,4	72,4
Télétravail	3	10,3	10,3	82,8
Télétravail / réunion à distance	1	3,4	3,4	86,2
Télétravail partiel	1	3,4	3,4	89,7
Télétravail possible	1	3,4	3,4	93,1
Utilisation de Skype pour interviewer les invités (la présence en plateau n'est aujourd'hui plus obligatoire)	1	3,4	3,4	96,6
utilisation la plus fréquente de la technologie	1	3,4	3,4	100,0
Total	29	100,0	100,0	

Lors du premier confinement, en mars 2020, quel a été l'effet que vous avez enregistré sur la production journalistique ? (Répondez avec une ou plusieurs options)					
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido		1	3,4	3,4	3,4
	Plus de difficulté à capturer des images, Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux)	4	13,8	13,8	17,2
	Plus de difficulté à capturer des images, Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux), Édition à distance	1	3,4	3,4	20,7
	Plus de difficulté à capturer le son, Plus de difficulté à capturer des images, Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux)	2	6,9	6,9	27,6
	Plus de difficulté à capturer le son, Plus de difficulté à capturer des images, Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux), Édition à distance	2	6,9	6,9	34,5

Plus de difficulté à capturer le son, Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux)	3	10,3	10,3	44,8
Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux)	11	37,9	37,9	82,8
Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux), Autres	1	3,4	3,4	86,2
Utilisation plus fréquente de la technologie (skype, zoom, drones, réseaux sociaux), Édition à distance	4	13,8	13,8	100,0
Total	29	100,0	100,0	

Si vous avez répondu autres, dites lesquelles.					
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido		27	93,1	93,1	93,1
	Manque de diversité des sujets	1	3,4	3,4	96,6
	Réunions	1	3,4	3,4	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Lors de la première période de confinement, mars 2020, a-t-il été plus difficile de contacter les sources ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Non	19	65,5	65,5	65,5
	Oui	10	34,5	34,5	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Après le premier confinement, avez-vous gardé le même rapport avec les sources ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Non	8	27,6	27,6	27,6
	Oui	17	58,6	58,6	86,2
	Peut-être	4	13,8	13,8	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Quelle était votre fréquence de contact avec les sources ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Chaque fois que c'était nécessaire	25	86,2	86,2	86,2
	Rarement	1	3,4	3,4	89,7
	Souvent	3	10,3	10,3	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Quelles ont été les sources les plus contactées ? (Choisissez jusqu'à trois options)					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Officiels	2	6,9	6,9	6,9
	Officiels, Privé/non officiel	1	3,4	3,4	10,3
	Officiels, Privé/non officiel, Spécialistes	9	31,0	31,0	41,4
	Officiels, Spécialistes	8	27,6	27,6	69,0
	Privé/non officiel	3	10,3	10,3	79,3

	Privé/non officiel, Spécialistes	1	3,4	3,4	82,8
	Spécialistes	4	13,8	13,8	96,6
	Spécialistes, Officieux	1	3,4	3,4	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Selon vous, quelles ont été les sources les plus spontanées dans leur relation avec les journalistes ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		2	6,9	6,9	6,9
	Sources anonymes	2	6,9	6,9	13,8
	Sources non officielles/privées	17	58,6	58,6	72,4
	Sources officielles	8	27,6	27,6	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Le mode de contact avec les sources, lors du premier confinement, est-il là pour rester ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Non	9	31,0	31,0	31,0
	Oui	14	48,3	48,3	79,3
	Sans avis	6	20,7	20,7	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Quelle confiance avez-vous dans les sources pendant la pandémie ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Bon	8	27,6	27,6	27,6
	Normal	14	48,3	48,3	75,9
	Très Bien	7	24,1	24,1	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Pendant la pandémie, quelles sont les sources les plus fiables ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		1	3,4	3,4	3,4
	Actif	1	3,4	3,4	6,9
	Personnel	2	6,9	6,9	13,8
	Sources non officielles	2	6,9	6,9	20,7
	Sources officielles	5	17,2	17,2	37,9
	Spécialistes	18	62,1	62,1	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

La pandémie a-t-elle affaibli la confiance dans les sources ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Non	18	62,1	62,1	62,1
	Oui	11	37,9	37,9	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Si vous avez répondu oui, quelles en étaient les principales raisons ?					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		18	62,1	62,1	62,1
	Autre	1	3,4	3,4	65,5
	Avoir distribué de fausses informations	2	6,9	6,9	72,4
	Tentatives de manipulation de données	3	10,3	10,3	82,8
	Un manque de clarté dans le discours	5	17,2	17,2	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Si vous avez répondu autre, veuillez préciser lequel					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido		28	96,6	96,6	96,6
	Les officiels comme les spécialistes se sont parfois trompés car on a découvert le virus et ses conséquences au fur et à mesure.	1	3,4	3,4	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

Anexo 4

1. Entrevista aos decisores do TJ da RTP1

Entrevista a António José Teixeira (AJT), diretor de informação da RTP desde fevereiro de 2020. É jornalista há mais de 30 anos, tendo, nos últimos anos tido vários carhos de direção na televisão pública, mas também no setor privado de comunicação.

A entrevista foi realizada, presencialmente, a 2 de junho de 2021

RS: Quando tomaram a decisão de trabalhar em espelho? Foi já no confinamento?

AJT: Nós nunca trabalhámos completamente em espelho. Trabalhámos em espelho com aqueles que era possível por a trabalhar em espelho, mas cedo chegámos à conclusão que não seria possível na totalidade. Numa primeira fase tentámos por pessoas de reserva em casa. Quando olhámos para a redação não conseguimos fazer isso, ter equipas de reserva. Já estávamos tão apertados com a operação. O primeiro pensamento foi, não vamos conseguir, mas tínhamos de conseguir e, então começámos a pôr pessoas em casa. Não tínhamos computadores, não tínhamos programas a funcionar corretamente. E, de repente, a casa (a RTP) começou a mandar pessoas para casa, em teletrabalho, de outras áreas. Não havia portáteis para toda a gente. Ainda hoje, em junho de 2021, há portáteis por arranjar. Mesmo assim a empresa fez um esforço enorme para distribuir portáteis e as licenças dos programas necessários.

Depois era necessário pensar também nas outras coisas: microfones, as esponjas, evitar a propagação da gotículas. Fomos os primeiros em Portugal a colocar as películas transparentes nas esponjas. Os carros de reportagem, as desinfecções diárias, o gel, as máscaras. Mais limpeza, portas abertas para arejar o ar, separar pessoas. Tudo isso surgiu ao mesmo tempo. Tudo isto provocou alterações nas nossas rotinas.

RS: E afetou os conteúdos?

AJT: Afetou. Suspendemos programas, outros passámos a fazer dentro de casa. Tínhamos de ter a preocupação do intervalo necessário para higienizar as mesas. Tudo isso!

Nós fomos chamados, pela exigência da atualidade, a fazer especiais covid-19 na meia hora a seguir, ao Telegenial. Fomos chamados a preencher espaço de programas. Em termos práticos foi fazer mais horas de informação com menos gente disponível e em condições difíceis.

Dou-te um exemplo: Não tínhamos régies para ter dois Skype. Era possível ter apenas um, mas dois não. Foi necessário adaptar e conseguir outras soluções para ter as pessoas à distância. Em

regra, antes, rejeitávamos estas soluções. Tomámos como regra de não ter em estúdio mais do que duas pessoas.

Ao mesmo tempo o consumo de informação aumentou. As audiências mostraram isso. O monotema, se quiseses instalou-se porque não havia outros temas. Quando queríamos falar de cultura, quando queríamos falar de economia íamos parar ao mesmo. Todos os temas se remetiam para uma paralisia que afetava todos. Passámos a fazer disso o tema das nossas vidas, porque na realidade foi o tema das nossas vidas.

Muita gente foi para casa, mas nós ficámos na linha da frente. Tivemos que assegurar o contacto com o serviço. Fizemos reportagem em boa parte das urgências. Quando foi possível estivemos dentro dos hospitais para dar conta de que soluções para tratar uma criança, um adulto. Ao mesmo tempo criaram-se barreiras de contacto, que não existiam. As pessoas ficaram isoladas, ficaram incontactáveis.

RS: Houve barreiras impostas pelas fontes?

AJT: Houve uma grande impreparação. Nós também não estávamos preparados. As entidades oficiais tinham na cabeça que tinham de dar informação diária. Percebíamos que essa conferência não podia ter lá todas as pessoas. Bati o pé, dizendo que, independentemente de disponibilizarmos o sinal da conferência de imprensa a quem nos pedisse, exigíamos que a RTP estivesse sempre presente. Eles admitiam a possibilidade de ser uma rotação. A RTP esteve sempre, fornecendo o sinal. Houve muita partilha, como houve muita impreparação, muita dificuldade em aceder a fontes oficiais. No entanto, em simultâneo, felizmente, houve muita disponibilidade de especialistas e de médicos que passaram a ser os nossos grandes interlocutores.

As estrelas da televisão passaram a ser os médicos e os especialistas nesta área. A determinada altura percebemos que necessitávamos de ter aqui alguém que nos desse a leitura da evolução das coisas, o que elas representam e colocá-las, também, em termos relativos. O António Silva Graça fez de forma graciosa. Ele não se limitou a vir responder às nossas perguntas, ele interpretou dados, construímos gráficos com ele.

RS: As autoridades políticas e sanitárias tiveram resistência ou recusaram-se a responder?

AJT: Quando eu falava de impreparação ela existiu mesmo. Uma dificuldade grande de comunicação. Lembro-me de ter proposto à DGS que eles tivessem uma bolsa de especialista a quem pudéssemos bater à porta, que eles identificassem. Houve alguns, poucos. Fomos nós que fizemos esse trabalho de ir ver quem eram as pessoas certas. Sobretudo houve impreparação, dificuldade de resposta no mesmo no sentido de controlo da situação para as autoridades foi

difícil: era muito fragmentário, sobretudo no início ninguém tinha respostas muito claras. Por exemplo, temos de andar de máscara, não temos de andar de máscara. Não havia resposta clara sobre essa matéria. Não havia perspectivas de evolução das coisas, percebíamos que eles não tinham essa informação. Foi muito um tatear. E sim houve resistências no fornecimento de informação. Houve receios de provocar um pânico geral. Sendo certo que algumas acusações que foram feitas à comunicação social seja por ser monotemática, seja por ser alarmista em relação à situação, por estar a mostrar uma fila de ambulâncias à porta do hospital e as pessoas que estão aflitas, tudo isso até pode ter tido e terá tido algum excesso, seja pelo tempo nas antenas da televisão, seja pelo dramatismo que se vivia nessa altura, com hospitais a terem dificuldade de resposta, urgências que tinham dificuldades em atender as pessoas, seja linhas telefónicas que não tinham capacidade de resposta e com o tempo foram reforçadas. Era muito difícil, as pessoas que não tinham orientação. A comunicação era muito errática, ninguém percebia muito bem o que tinha ou não tinha a fazer. Julgo que o trabalho da comunicação social, mesmo que tivesse tido excessos, ajudou a criar na sociedade uma ideia de cuidado, de cautela, de prevenção, de confinamento.

RS: Os jornalistas substituíram as autoridades nessa comunicação em emergência, é isso?

AJT: Sim. É exatamente isso. Houve confinamento antes mesmo do confinamento, porque as pessoas rapidamente perceberam que era preciso ter cuidado, seja pela higiene seja pelo distanciamento. Esse mérito que possamos ter tido de orientação das pessoas, porque chamámos especialistas, nunca foi informação crua dizendo isto está tudo horrível, procurámos sempre respostas. Isso ajudou, também, que a sociedade tivesse conseguido gerir isto, apesar da dificuldade, com alguma serenidade.

RS: A televisão pública sentiu alguma pressão especial por parte do exterior? E internamente sentiu alguma autocensura para não criar alarme social?

AJT: Vamos lá ver, aqui e ali sentimos e percebemos que não gostavam que nós contássemos a crueza da dificuldade que vivemos em muitas destas alturas. Ouvimos, claro. Cheguei a responder a uma carta aberta que um conjunto de personalidades escreveu, entre outras coisas, que estávamos a assustar as pessoas, que só falávamos disto, como se o mundo não falasse ou como se não fosse importante falar. Sim, houve, desse ponto de vista alguma pressão, mas uma pressão a que temos de estar acostumados e saber lidar com ela. Não tivemos qualquer hesitação em relação ao que tínhamos de fazer. Desse ponto de vista, mesmo com erros, por exemplo com comparações internacionais, as comparações eram difíceis e grosseiras. Estávamos a comparar grandezas incomparáveis. Foram cometidos alguns erros, mas o balanço geral face à

desorientação que houve, face a um mundo que não estava, nem de longe nem de perto, preparado, a começar pelos países mais desenvolvidos. Feito o balanço acho que desempenhamos um papel de mobilização da sociedade, de consciência do que estava a acontecer. Era importante, sempre dissemos isso, a realidade é dura, estamos a dizer que é dura e estamos a mostrá-la. Nós não podemos evitar mostrar que a realidade é dura, o que está a passar é difícil e deve-nos preocupar. Tínhamos de a mostrar. Fizemos isso. Fizemos tendo em conta que precisávamos de orientação e quando as autoridades não nos podiam dar procurámos a orientação nos especialistas mais habilitados. Fizemos sempre, diariamente. Mostrámos pessoas que os telespetadores não conheciam e, muitos deles, eles são figuras públicas. Procurámos de moto próprio fazer campanhas. Lembro-me do Rui Horta e um outro cineasta fazerem uma campanha destinada às pessoas mais idosas e aos lares. Eles e a RTP, construímos uma campanha. Há uma coisa de que temos de nos orgulhar: não tivemos medo. Organizámo-nos para nos proteger naquilo que podíamos fazer e fomos aprendendo com isso, mas nunca evitámos ir onde era preciso ir. Desde o princípio, em Itália ou em todos os cantos do país, na urgência, nas crianças, nos mais velhos, nas dificuldades. Tudo isso fez parte dos nossos alinhamentos.

RS: Quebrar o monotema foi uma decisão difícil?

AJT: O tema nunca desapareceu. Ainda hoje. O tema único discutimos muito até quando foi o desconfinamento. Falámos em desconfinamento da informação. Eu percebo que os programas não tenham de cavalgar necessariamente a informação. Se há alguém que tem de sair e abrir mais o leque e mostrar mais algum matiz que se vai fazendo por aí tem de ser a programação. O entretenimento que comece a falar de outras coisas, de dietas alimentares, se estamos a tratar-nos bem, este fechamento e a doença mental. Na cultura, por exemplo, eu lembro-me que passámos a ter os artistas a fazer música em casa e nós a conversarmos com eles e depois havia iniciativas deles em que estavam envolvidos. Nunca tomámos uma decisão para dizer vamos fechar os temas. Começar a falar de outros assuntos aconteceu naturalmente.

RS: As reuniões editoriais e as discussões eram grandes, mesmo que à distância?

AJT: Tentamos olhar para o que o dia nos oferece, com o investimento próprio que nos ocorrer. A partir de certa altura quando começámos a perceber que isto estava a ficar atenuado e depois ficou em níveis razoáveis dissemos que tínhamos de perceber se isto nos estava a cansar, mas o cansaço também é o cansaço da vida. Não era o cansaço da televisão. Também não podemos mostrar um mundo que não existe se ele continuava a estar assim. E disse que se calhar tínhamos

de estar mais atentos para outras dimensões já que havia mais pessoas a mexer e havia pessoas que foram viver para o campo. Disse que tínhamos de estar mais atentos para alargar o nosso olhar. O país estava a confinar ou a caminho disso, tínhamos de alargar o olhar. Mas não é fácil. Falámos disso. Eu próprio tomei essa iniciativa, mas não era fácil. Por exemplo, olhávamos para a cultura ia havendo umas tentativas e nós acompanhávamos isso. Há uma paralisia grande. Depois os desempregados, os restaurantes fechados, as rotinas que temos ainda. Vivemos mais de 200 dias de estado de emergência. Uma coisa inédita. Cansaço? Monotema? Eu respondia, vivemos em estado de emergência. Não deram conta? Há inibição aos nossos movimentos. Não é fácil. Há também alguma dificuldade em descolar disto, quando tens equipas que todos os dias, com as fontes vão dando, por exemplo, os números do dia. Os números do dia não podiam ser ignorados, como introduziam esperança ou preocupação. Isso é relevante.

Hoje temos de dar com menos palco. Queremos dar quantos morreram por outras causas, de ataque cardíaco, na estrada. Isso é relevante para ter uma ideia de relativização das coisas. Mas é claro que não temos uma atualização ao dia como temos com a covid-19. As coisas organizaram-se para ser assim.

RS: Tecnologia, ajudou no confinamento. Isso veio para ficar? A videochamada e o uso do *drone*?

AJT: O uso do *drone* não tem só a ver com a covid-19. Ele dá uma perspetiva que nós não tínhamos e que nos surpreende. Já usávamos nos incêndios, por exemplo, é um olhar de cima que nos permite ter uma ideia mais rigorosa da extensão das cinzas. Admito que no uso do *drone* já usamos e abusamos muitas vezes. Há uma sedução das imagens, uma perspetiva da realidade que é diferente, interessante e não estávamos acostumadas a ela. Em relação à covid-19 acho que o choque e a dimensão que representou o confinamento, essas imagens que são inesquecíveis, cidades completamente paralisadas, sem ninguém, no 25 de abril, os eventos que não houve. O *drone* trouxe-nos essa imagem da pandemia de esvaziamento, de estado de emergência, que ilustram bem esse tempo. Mostrou até uma beleza da cidade que nunca tínhamos visto, uma beleza triste. Que nos mostrou a tradução da covid-19 e o que ela representou para a economia e para a sociedade. Lembro-me de alguém da redação se ter lembrado de que era preciso mostrar o aeroporto de Lisboa com os aviões todos parados, transformado em parque de estacionamento de aviões. Isso foi uma das coisas que traduziu o não viajar, o ficar em casa, ter os aviões completamente parados, uma TAP em decadência absoluta. O *drone* trouxe-nos melhor esta perspetiva. O *drone* vai ficar, no uso televisivo. Já estamos a fazer a reflexão sobre o abuso. O embelezar, apenas pelo embelezar, por serem

imagens diferentes. É sedutor, mas nem sempre tem justificação. Há por vezes um abuso que não se justifica.

As entrevistas por vídeo, à distância, tornaram-se mais cómodas e facilitadoras, porque nos permitem termos mais facilmente ter interlocutores connosco, porque eles também se sentem cómodos. Mas tornaram-se, do ponto de vista da qualidade jornalística, obviamente um jornalismo mais afastado. A falta de contacto e a interação face a face prejudica a qualidade de uma entrevista. Não é a mesma coisa. Ultrapassaram-se barreiras, sem elas se calhar não íamos ter (as entrevistas), ou íamos ter ao telefone. Há um ganho em termos de disponibilidade e comodidade, há uma perda do ponto de vista do exercício em si e do contacto e da interação.

RS: Há um jornalismo antes e outro depois da pandemia?

AJT: Tendo a pensar que nós aprendemos sempre com as tragédias que acontecem. Sendo certo que quando elas desaparecem ou se ultrapassam se remete muito para o esquecimento muito dos dramas, dos vícios ou de virtudes que isso nos trouxe. Quero crer que aprendemos sempre na experiência profissional e pessoal que todos tivemos. Que isso nos deixou marcas, algumas que são negativas do ponto de vista da interação nas entrevistas, nas redações. Há neste caso um prejuízo concreto na discussão permanente, no contacto das pessoas. Temos perdas nisto. Conseguimos falar uns com os outros, mesmo com máscaras com os teams com os zooms e fazemo-lo diariamente, mas não é a mesma coisa. Sinto um défice de discussão, de proximidade até, porque nós distanciamos as pessoas. Se tínhamos dois pisos, agora temos três pisos. Há gente espalhada por áreas que não são da redação. Se já não tínhamos uma redação e devíamos ter um espaço de preferência único para ter as equipas, desta feita, foi distanciarmo-nos ainda mais. Até na cantina nos distanciámos, perdemos contacto. Por mais que tenhamos falado de dez em dez minutos com esta pessoa, mas o contacto não é o mesmo. Há perda de discussão. Se depois da pandemia vamos ser iguais? Acho que vai demorar a voltar essa confiança de contacto, de partilha, quase física e nós somos muito tácteis. Mesmo profissionalmente nós precisamos ver as coisas, com proximidade, ter as pessoas à nossa mão. Com estas barreiras, não lhes vemos a cara, não lhes vemos as expressões todas, isso limita o jornalismo. Essas perdas que tivemos vão-se recuperar, mas não por completo. Demorará muito tempo a recuperar por completo. Se do ponto de vista da atenção à sociedade, aos dramas humanos tivemos aqui mais um desafio de ir ao encontro deles e conseguir transmitir alguma orientação à sociedade, isso conseguimos fazer, com altos e baixos, do ponto de vista do processo tivemos algumas tecnologias que nos ajudaram a estas limitações, mas elas causaram-nos prejuízo noutras áreas, como esta de contacto e de interação. O desafio nas empresas de comunicação social foi, alguns

gestores pensam que o teletrabalho é uma coisa extraordinária e muitas coisas que se podem fazer em teletrabalho. Ok há algumas coisas que se podem fazer, agora o jornalismo precisa de contacto. O jornalismo tem de ser testemunhal. A interação nas redações é importante para a qualidade do jornalismo, para a discussão das coisas, para procurar as melhores soluções, para evitar erros que possamos cometer até mais facilmente. A ideia de um jornalismo mais distanciado por causa da covid-19 são perdas e não são ganhos. Alguns funções podem ser desempenhadas á distância, como o online e agenda, neste período foi possível continuar a trabalhar assim, mas o jornalismo é de contacto, é de presença, é de testemunho.

- **Rita Ramos (RRA)**, coordenadora do Telejornal e de informação da RTP. Tem mais de 20 anos de experiência na televisão pública portuguesa, tendo coordenado várias equipas de reportagem. A entrevista foi realizada a 2 de junho de 2021.

RS: A redação estava preparada para se dividir em espelho, para o teletrabalho?

RRA: Não. De tal maneira não estava que o espelho não foi exatamente o que devia ter sido. Numa redação em espelho têm de estar todos os serviços, 7 ou 15 dias em casa, todas as equipas e, de facto, isso não aconteceu. Na sociedade, se calhar estavam a trabalhar duas semanas e depois vieram trabalhar 3 ou 4. Em outras editorias faziam 7x7. O espelho foi, por isso, muito relativo. A redação não estava preparada, não só por falta de pessoas, mas porque é uma experiência completamente nova e ninguém sabia como devia gerir.

RS: Quando é que os decisores foram informados que era necessário organizar a redação? No momento do anúncio do *lockdown*?

RRA: Não. Ainda se manteve ali umas semanas a tentar gerir e ver o que dava. Era tudo novo. Não se sabia. Claro que havia pessoas um pouco mais “histéricas” e outras muito calmas, que achavam que não era nada. O negacionismo não foi só o que vimos nas manifestações. Eu própria, se calhar no início, achava que era um exagero e que isto não ia ser nada especial. Também ouvíamos falar de um caso aqui, um caso ali. O primeiro caso com português de que ouvimos falar era um homem que estava no num navio no Japão, foi em fevereiro. Foi aquela histeria. Olhando retrospectivamente, no Telejornal, fizemos diretos do Japão. Ele soube através do Telejornal o resultado do teste que estava tudo bem. Tudo isto era novo e nós andávamos a apalpar terreno. Hoje é fácil dizer organizámo-nos mal. É fácil dizer que nos deixámos levar pela emoção, que fizemos telejornais monotemáticos. É tudo fácil. Na altura era o sentimento, era aquele pânico das dúvidas. Afinal uma pessoa está infetada fica em casa quantas semanas, 5, 10 dias, um mês, toda a vida? Não havia aquele distanciamento temporal para nós sabermos quando é que as pessoas de facto deixavam de estar doentes.

Hoje conseguimos ver retrospectivamente que houve decisões muito mal tomadas ou muito a quente. Na altura tomámos as decisões consoante aquilo que sabíamos.

RS: O que mudou nas rotinas da redação?

RRA: Mudou muito. No início houve pessoas que foram para casa, mas não se conseguiu agilizar, desde logo, para toda a gente o teletrabalho. A pessoa podia estar em casa e podia estar a editar peças. Nós dependemos, mais do que nunca, de toda uma estrutura técnica que tinha de ser montada, que era complexa. Por exemplo, nós para acedermos ao material temos de aceder a um servidor. Para aceder ao servidor temos de ter acessos ao servidor, eles tiveram de comprar mais acessos, tiveram de comprar mais computadores. Nem todos os computadores pessoais eram adequados, nem toda a internet. Primeiro que nós conseguíssemos entrar na nova rotina até levou demasiado tempo. Mas também tem haver com aquela dificuldade que as pessoas têm de se adaptar à mudança. Havia pessoas que tecnologicamente estavam mais avançadas que fizeram essa transição mais depressa. Dependeu, muito, individualmente de cada pessoa, não dependeu só necessariamente da empresa. As pessoas tiveram de aprender, tiveram de aprender a editar outras já sabiam editar, por exemplo no desporto. Tudo isso foi um processo que não foi, necessariamente, culpa deste ou daquele, mas teve também com a capacidade de cada um se adaptar.

RS: Como é que essas rotinas interferiram na prática jornalística?

RRA: Interferiram muito no início. Por exemplo, houve uma sobrecarga muito grande das pessoas que estavam aqui. Se calhar quem estava em casa de prevenção não fazia nada e quem

estava na redação acaba por trabalhar 12 horas exposto ao risco. O que não faz sentido. Havia mais pessoas na redação, logo aí era uma vantagem sanitária, mas as pessoas estavam mais horas. Por exemplo, iam de manhã para um hospital fazer um serviço, montavam e, depois, à tarde iam para um aeroporto. Aqui não havia bolhas. O mesmo jornalista estava com o mesmo repórter de imagem, iam trabalhar com dois editores e depois ia para os locais focos de contaminação. Tudo isto, olhando, não fazia muito sentido. Foi aquilo se conseguiu decidir no momento. Só quando se começou a ter essa rede de pessoas a editar em casa, em que estavam não de prevenção, mas em teletrabalho e outras cá, é que foi possível equilibrar um pouco mais as coisas. Também ajudou o facto de nos termos adaptados à ideia de fazer vídeo chamadas. No início, achávamos sempre que não tinham qualidade. E não tem a mesma qualidade. Se eu pensar que há cinco anos metade das entrevistas que estamos, hoje, a pôr no ar, nunca entrariam no ar. Diríamos vai refazer isso, porque isso não tem qualidade técnica. A partir do momento em que as pessoas estão fechadas em casa e não vão sair à rua para te dar uma entrevista isso passa a ser um problema menor. Em certa medida, quando as pessoas ficaram confinadas esse trabalho tornou-se mais simples. Nós passámos a não ir, sempre, recolher presencialmente, passaram a ser à distância. Havia uns que tinham mesmo de ser presencialmente, mas outros não.

RS: Como foi essa adaptação à tecnologia? Havia sempre essa necessidade ou encontraram resistência tanto dos entrevistados como dos jornalistas para fazerem presencialmente?

RRA: o início havia muitos entrevistados, muitas fontes, que não estavam preparados. Não tinham Skype. Tínhamos de ter uma espécie de manual de instruções para explicar a alguns entrevistados. Houve uma pessoa que fez mesmo um manual que enviávamos a alguns convidados. Como é que se colocava o computador por causa do fundo, em relação à voz, passwords. Houve um produtor que, inclusivamente, foi ajudar algumas pessoas², levou cabos, para os comentadores mais habituais. As pessoas, de facto, comunicavam por telefone e de algumas gerações mais velhas, foi mais difícil. Hoje, alguns já têm filtros, já têm a iluminação, já têm fundos. O difícil agora é quererem vir. Já me aconteceu fazer convite para vir a estúdio e a pessoa dizer-me “e não pode ser por Skype? ”. Lá explico que em estúdio é melhor. É diferente a dinâmica em estúdio. Não é a mesma coisa do que fazer por Skype. Passando a fase mais crítica tínhamos de convencer a pessoa a vir. Ainda hoje temos de convencer muitos dos convidados a vir. As pessoas adaptaram-se aquilo, ao conforto de estar em casa. Entendia isso durante a altura que era proibido circular entre concelhos. Um convidado que vinha de Cascais tinha receio de ser multado. Nós enviávamos um documento a justificar e ainda dizíamos que

ia ser o único convidado em estúdio. Ainda assim preferiam ficar em casa, ficavam mais confortáveis em casa. Hoje o difícil é voltar a trazer as pessoas a estúdio.

RS: Mesmo depois do pior ter passado, ainda há peças que têm muitas vídeo chamadas, por causa dessa resistência?

RRA: Não só por causa disso, mas também por se ter tornado mais imediato. Por exemplo, hoje vai sair a decisão do conselho de ministros sobre as regras mais específicas por causa dos concelhos e dos santos populares. Por Skype, consigo ter imediatamente, o Presidente da Câmara a reagir. Criou-se já esse conceito que é mais imediato. Depois o que acontece, já temos a entrevista gravada, agora já não é necessário ir lá. Apesar de sabermos que é uma qualidade completamente diferente, se eu for lá. Aquela equipa, se calhar, pode ser usada, em recurso em outra reportagem. Nós próprios fomos fazendo um *reset* no nosso modelo e na nossa exigência com a qualidade.

RS: Por vezes repetem a entrevista? Fazem no imediato a entrevista via videochamada e depois vão?

RRA: Sim, se for mesmo muito importante, se percebermos que é um assuntos que terá continuidade.

RS: Drones, porquê?

RRA: Opinião pessoal é moda. Há uns anos era moda fazer as entrevistas a fazer foco desfoque, em que se abanava a câmara. Moda. Segundo ponto. No confinamento, quando as pessoas estavam em casa, para dar a dimensão do vazio funciona bem com drone. O drone funciona bem para mostrar que não há trânsito na estrada. Seu eu mostrar que numa intercessão de várias estradas não há nenhum carro a passar a imagem é mais impactante. Agora que já se circula, que já entrámos numa normalidade visual, acho que, às vezes, é excessivo.

RS: Pediram aos telespetadores para fazerem imagens do seu quotidiano?

RRA: Pediu-se, às vezes. No início faziam-se momentos, mas não necessariamente a acompanhar um dia na vida de...

Não se fez muito porque havia mais o foco no que estava a acontecer. Primeiro, o que estávamos a viver era um momento de pânico. Foi preciso passar algum tempo para passarmos da fase de incerteza científica e catástrofe, do que é que nos vai acontecer, para um momento de o cidadão com o chocolate quente na mão, em casa. Houve um período de tempo em que estávamos naquela fase em modo de emergência global. Naquela altura considerou-se que era desfasado estarmos a fazer reportagens com as pessoas calmamente em casa, na sua rotina, em casa, a levantarem-se a olharem-se ao espelho. Era uma coisa um bocado *non-sense*. Só depois de

algum tempo, quando nos habituámos a estar em casa, o confinamento. Os relatórios diários já eram uma rotina, já tínhamos cá o Dr. Silva Graça todos os dias em que começou a haver margem para fazer outras abordagens. Não havia todos os dias uma descoberta científica.

Os jornais, vendo agora, foram muito monotemáticos. Mas à agenda também não chegavam outros assuntos. Todas as atividades foram interrompidas.

Notícias internacionais chegavam-nos outros temas. Por exemplo, não deixou de haver migrantes a passar o Mediterrâneo. Estou a tentar recordar-me quantas reportagens fizemos sobre isso na primeira fase do confinamento e não estou a ver. Continuava a ser um drama, critério de noticiabilidade.

Era tudo inédito. Estávamos naquela fase de pânico. Não sabíamos, no início, quantas semanas as pessoas ficavam infetadas. Não sabíamos quem morria. Hoje sabemos que são sobretudo os mais velhos. No início não sabíamos isso. Isto era tudo a tragédia, o horror. Isto é o fim do mundo. E no fim do mundo, falamos do fim do mundo. Não vamos falar de nada corriqueiro.

Às vezes, depois, tentámos dispersar temas. Mas eu própria achava, mas que ridículo, estamos com mortos, com pessoas hospitalizadas e estamos a falar de receitas de pão em casa. Tudo era relacionado com a pandemia.

Chegámos a isto. Havia outras coisas. Fechámo-nos muito naquele tema. Havia outras coisas. Mas hoje é fácil pensarmos nisso.

RS: O que vos levava a fazer os jornais monotemáticos?

RRA: Havia um misto, o que percebíamos ser a expectativa do telespectador e da nossa própria expectativa. Às tantas com a falta de recursos humanos tínhamos os recursos para aqueles temas. Gastávamos uma parte do jornal com comentário sobre aquele tema. O jornal tem o tempo limitado. Não havia desporto. Um terço da equipa estava em casa. Acabávamos por fazer aquele tema. Acabou por ser uma inevitabilidade.

Os nossos correspondentes o que faziam? Sobre esse tema. Em França, Itália, em Espanha estavam piores do Portugal, na primeira fase do confinamento. Nos Estados Unidos com as decisões atabalhoadas do Trump. No Brasil, com o Bolsonaro idem. As reportagens eram, por isso, sempre sobre o mesmo tema.

Com a Valentina, depois do confinamento, mas antes com o ucraniano morto no aeroporto, demorou a quebrar o Monotema. Nós estávamos com um tema, com conferências de imprensa e de repente desaparece uma criancinha. E até aquilo ganhar dimensão demorou mais tempo, porque estávamos presos à pandemia.

Durante o confinamento continuámos a receber comunicados da PJ relacionados com o abuso e pornografia de crianças. Não fizemos reportagens sobre isso durante o primeiro confinamento. E era tema e importante. Era quase um constrangimento temático. Sentíamo-nos presos naquilo, porque era uma emergência nacional e internacional. Era uma coisa maior do que nós.

RS: Tu e os jornalistas sentiram algum condicionamento exterior ou auto pressionados pela situação pandémica?

RRA: Eu não diria auto pressão. Parecia que fazer determinadas perguntas era ir contracorrente e anticientífico.

Confundimos a nossa função de cidadão, que temos de dar o exemplo, com essa função de jornalista-perguntador. Há perguntas que fazem sentido e deviam ser feitas, só que nos sentimos constrangidos. Será que estou a dar um mau exemplo. Se fizermos as questões depois anda, por exemplo, tudo sem máscara? Sentimos uma responsabilidade social que se calhar não é nossa. Quem tem de estar no paredão a ver se as pessoas estão sem máscara é a polícia. Não tem, necessariamente a ver com o facto de eu, por exemplo, perguntar porque temos de ir de máscara até ao areal. Às vezes somos um bocadinho paternalistas.

RS: O medo interferiu e interfere com a decisão?

RRA: O medo entrou na nossa rotina. Houve pessoas que se resguardaram muito. Não queriam entrar nos hospitais. Não queriam ir ao Aeroporto. Achavam que indo tinham contacto com quem viajava, com quem podia estar infetado. Não sei, também, se não terá a haver com a forma como alguns jornalistas fazem jornalismo, que é uma forma mais distante, mais rápida, mais imediata, que é ter as declarações e pintar com umas imagens.

Também não sei se o cidadão não está mais distante. Se for falar com uma pessoa não consigo fazer uma imagem mais perto. Nós temos de estar mais distantes porque há um distanciamento social.

Mudou a forma de fazer jornalismo, não necessariamente, só por receio do jornalista ou por indicação de um coordenador. A própria sociedade criou esta distância.

RS: Percecionas que vai continuar?

RRA: Vai continuar a ser assim. A proximidade dá uma dimensão de contar uma história, de uma pessoa se envolver. Eu se tiver em casa de uma pessoa e se estiver lá 5 minutos a fazer uns planos não é a mesma coisa do que se estiver lá a manhã toda a acompanhá-la a fazer o almoço. Nós perdemos um bocadinho este acesso. Passou-se a filmar do lado de fora. As pessoas deram

as entrevistas à porta. Lá dentro só ia e às vezes o repórter de imagem. Era tudo muito rápido. Criou-se outra forma de trabalhar. Não sei se no futuro as pessoas vão ter a mesma disponibilidade para nos abrir a porta para estarmos, para filmarmos a rotina.

As reportagens que tivemos do quotidiano eram filmadas pelas próprias pessoas. O que me provoca duvidas. Se eu estiver a filmar envio o melhor ângulo, corto tudo o que não me agrada. As pessoas são todas perfeitas.

RS: O facto de serem televisão de serviço público tem peso interno e externo?

RRA: Temos esse peso. Temos essa obrigação de informar. Tornámo-nos, em certas alturas, o braço comunicacional das autoridades de saúde. Nós auto assumimos a responsabilidade de informar que até devia ser do próprio Estado. Nós às vezes é que tínhamos de explicar, ou seja, havia uma conferência de imprensa e depois tínhamos um especialista a explicar. Porquê? As autoridades de saúde têm obrigação de informar de forma eficaz e coerente e que não seja confusa.

Assumimos essa responsabilidade de complementar a informação das autoridades porque somos serviço público. Havia significado social no critério.

A RTP por ser serviço público teve sempre acesso às fontes oficiais. Ia sempre um jornalista da RTP. Para a concorrência vai um jornalista que representa as três televisões. Logo aí fica implícito que vamos dar tudo.

Fontes tornaram-se mais distantes?

A tecnologia facilitou muito. Passou a ser normal ter uma pessoa logo a reagir e não meia hora depois. Noutros tempos mandávamos um email para ao assessor, depois de telefonarmos e era difícil marcarmos imediatamente. Hoje em dia entrevistamos pessoas entre reuniões. Abriram-se outras possibilidades.

RS: O que vai ficar, de bom e de mau?

RRA: De bom ficou esta capacidade de ter a resposta mais imediata, de ter a reação no momento. Das fontes estarem mais disponíveis no momento. De mau, o nosso grau de exigência em relação à qualidade de imagem e do som é menor.

Acho que as gerações que trabalharam mais anos fora disto terão mais facilidade em retomar os hábitos antigos do que os mais novos. Isto é confortável, pedir umas imagens de arquivo e ter umas entrevistas por Skype. Se virmos o texto pode estar lá tudo, mas em qualidade de imagem não é a mesma coisa.

O que é mesmo necessário é o que não corre bem. Não se vai pedir uma reportagem light quando não há equipas. Era mais fácil ter recursos para fazer ao hospital de são João do que ao hospital da Guarda, que tinha menos pessoas a trabalhar.

Florbela Godinho (FGD), coordenadora do Telejornal, tendo sido, antes, repórter em várias editorias estratégicas para a informação da RTP. Tem mais de 20 anos de profissão.

RS: A redação estava preparada para a pandemia e para o confinamento?

FGD: Nenhuma redação estava preparada. O mundo não estava preparado para a pandemia. A redação também não. Nós fomos reagindo, em alguns casos á velocidade a que devíamos ter reagido, mas depois acabou por ser feito.

Fizemos equipas em espelho, mas depois colocou-se a questão as equipas em espelho não abrangiam todas as áreas da RTP. Tínhamos equipas que se cruzavam. Era quase como se não houvesse equipas em espelho, verdadeiramente.

É difícil organizar uma redação do pé para a mão, mas foi o que se tentou fazer.

RS: Concretamente nas rotinas e a prática de todos os dias, o que mudou?

FGD: A partir do momento em que tens uma pandemia com tantas restrições, as restrições aplicaram-se automaticamente às nossas reportagens. As coisas estavam encerradas, não eramos autorizados a entrar em determinados sítios, noutros implicava uma produção maior. Ires completamente protegido para entrares em determinados locais. Muitas das reportagens deixaram de ser feitas na rua. Passámos a fazer reportagens na redação. O contacto que se faz é em zoom em Skype. As imagens que se pedem por telemóvel. A sinergia entre o digital e uma redação tradicional passou a ser mais visível. As reportagens eram feitas, tantas vezes, com a informação que se recolhia sentado e com os depoimentos que se recolhia via vídeo chamada.

RS: Enquanto decisora, em algum momento, sentiste que os jornalistas tinham medo de ir para o terreno e que sentiam condicionado por ele?

FGD: Cada ser humano tem as suas circunstâncias e os seus medos. Uns mais fechados e colocando mais obstáculos para fazer determinadas reportagens, para sair. Houve gente, por exemplo, que durante várias semanas não queriam sair. Depois há pessoas que têm doenças associadas, que mesmo assim saíram, protegendo-se. Teve de se ir gerindo ao longo do tempo. Houve, por outro lado, muitos jornalistas que se expuseram e muito nas unidades de cuidados intensivos. Sentiam que aí estavam protegidos.

RS: O uso das videochamadas foi uma escolha fácil?

FGD: Houve muita gente, muitas fontes, que contactávamos e até tínhamos equipas para ir ter com elas e as pessoas diziam não, vamos fazer por Skype.

Há um momento em que deixas de perceber se o Skype é por uma questão, porque não implica deslocação ou é uma questão pandémica. É um bocadinho das duas coisas. Aqui dentro, a partir de determinado momento, foi instituído que se devia fazer por videochamada. Não foi fácil, mas foi o meio necessário para termos peças e diretos.

RS: Como foi o contacto com as fontes ao longo do primeiro confinamento?

FGD: A pandemia não afastou as fontes. Na área da saúde criaram-se muito mais fontes. Num determinado tempo, a redação tinha pessoas dedicadas à saúde, depois deixámos de as ter. Era muito difícil, por isso, penetramos em determinadas questões. A pandemia voltou a criar um laço entre a RTP e as fontes na saúde que acho muito importante.

O próprio resultado do trabalho jornalístico foi reconhecido e isso acabou por resultar bastante bem. As conferências por vídeo chamada cria sempre constrangimentos no conteúdo. Ainda hoje assistimos a muitas palestras, por exemplo, a nível económico em videochamadas. Estou sempre a pedir aos jornalistas que se inscrevam, que participem. Um jornalista que se limita a receber, sem participar, sem fazer uma pergunta, nunca vai ter um ângulo específico.

Há medida que a pandemia foi evoluindo fomos abrindo ângulos de reportagem. Em informação vamos seguindo o faro jornalístico, aquilo que nos é dado no terreno e também as consequências a nível global.

A RTP tem um tempo. A informação era muita. Tínhamos muita informação de saúde. As pessoas tinham muita ânsia de saber, para definirem que passos deviam dar a seguir. Começamos a tratar o quotidiano das pessoas quando essas questões estavam mais esclarecidas e quando começámos a perceber que havia espaço para as fazer. O que sentíamos era que havia muitos anos para dar.

Todos aprendemos a lidar com a pandemia em termos jornalísticos. No início para nós também era tudo novo. Era normal que olhássemos para essa realidade mais no sentido científico e médico do que nas consequências.

Estávamos a aprender ao mesmo tempo que o telespectador. Informavas sobre a pandemia ao mesmo tempo que ela agia sobre ti e sobre o telespectador. Foi uma coisa que se foi construindo.

O avassalador são sempre os números. Quando tens muitos números negativos é impossível não lhes dares eco. Depois começou também a fazer sentido tu dares as histórias de sobrevivências ou as histórias dos assintomáticos, por causa de uma proximidade.

Nós no início o que tínhamos eram as pessoas que estavam a ficar doentes. Era essa a notícia, quem estava a ficar doente, como é que ficava doente e que consequências é que isso tinha na vida e na sociedade de um modo geral. O ponderar o positivo e o negativo já ocorriam alguns meses de pandemia. Nós começámos a pensar na fadiga pandémica. A notícia sempre negativa, sem ângulos positivos não produz efeitos sociais positivos. Foi aí que começamos a procurar casos que possam ser exemplos de respiração.

RS: Houve alguma forma de autocensura durante a pandemia? Sentiram-se, de algum modo, condicionados pela dimensão social e sanitária do que estavam a viver?

Houve na altura, como ainda continua a haver hoje muitas vezes. É uma coisa que ultrapassa a própria pandemia. Acho que há muitas vezes a sensação de que o decisor político pode ter um ascendente sobre um jornalista. O que é muito perigoso. Somos todos os dias condicionados pelo decisor político. Se vamos a uma conferencia de imprensa e se cada jornalista só tem direito a uma pergunta, muitas ficarão por fazer.

Não faz sentido. Os jornalistas têm de ter acesso livre às fontes e fazer as questões que bem entendem e depois os decisores políticos fazem o que bem entendem com as suas respostas.

Durante a pandemia: depende do jornalista. Há jornalistas que se autocensuram e outros que não. Há jornalistas que tens de orientar por essa autocensura, essa sensibilidade a influencias externas. Há outros que sabes à partida que não precisas de dizer nada. Dali vão sair as perguntas todas.

2. Entrevista aos decisores do JT das 20H da France2

VIRGINIE FICHET, chefe de redação do JT da FR2, começou a carreira profissional nos anos 90. Durante a pandemia era chefe de redação da France2. Antes da pandemia dedicava-se, sobretudo do JT das 20H da France2. Durante o isolamento social a redação teve de se unir e passou a dirigir a redação também da France3. Hoje é diretora adjunta a *FranceTV*.

RS: Como foi a adaptação da redação à pandemia, ao confinamento de março de 2020?

VF: O primeiro confinamento foi, assim, surpreendente. A direção já tinha antecipado, um pouco a situação. A partir de meio de fevereiro, começou a ser testada e aplicada uma extensão do teletrabalho. Começamos com equipas em teletrabalho a partir de 24 de fevereiro, 15 dias antes do anúncio do Presidente Macron.

Tendo em conta o que se passava nos países vizinhos e com as informações que já tínhamos disponíveis, a cadeia de televisão começou a antecipar, dizendo era necessário encontrar alternativas. Tudo o que podia ser feito em teletrabalho começou, então, a ser realizado, como trabalho administrativo, produção, preparação de reportagens.

A 16 de março, quando o confinamento foi anunciado, o teletrabalho tornou-se ainda mais generalizado. Ao mesmo tempo, colocou-se em prática toda uma organização nova.

No grupo *France Télévision*, em particular na France 2 e na France 3, os dois canais premium, com jornais às 19-20 e com o JT das 20H ou os jornais das 12-13 e JT das 13, fomos obrigados, em 15 dias, a rever todo o nosso processo de trabalho, todas as nossas rotinas. Fomos obrigados a fazer uma fusão completa. As redações, os serviços foram unidos, fusionados, os jornalistas começaram a trabalhar indiferentemente para um ou outro jornal. **RS:** Total sinergia?!

VF: Exatamente!

Estabelecemos e trabalhamos para um objetivo suplementar, tínhamos de conseguir fazer jornais que passaram de 30 minutos para 50 minutos a uma hora, todas as noites.

Tivemos edições especiais todas as noites durante mais de um mês.

Exatamente!

E conseguimos fazer, graças á união de esforços. No início dizíamos que tínhamos de fazer reportagens em comum e tivemos mesmo de fazer. Não importou, pela primeira vez, que fizéssemos assuntos para o 19/20 e, depois, fossem repetidos no JT das 20H!

Como todas as pessoas os profissionais de comunicação tinham os mesmos problemas, tinham de tomar conta das crianças que não tinham escola, outros tinham problemas de saúde. Houve grandes questões logísticas para resolver, em poucos dias. Para gerir isto tínhamos de ter edições comuns. Todas as decisões editoriais eram tomadas em comum. Havia uma única reunião editorial, com o redator chefe, a meio da manhã, por exemplo, da FR3, com o editor chefe, à tarde, da FR2. Para além da edição comum tínhamos meios técnicos comuns, para preservar as equipas técnicas, para não correr o risco e evitar que muitas pessoas pudessem ficar doentes ou em quarentena. Tivemos muitos profissionais, nessa fase, que tiveram de se isolar

em quarentena. Por exemplo, eu organizei-me com a minha colega da FR3. Por exemplo, só ela ia à reunião editorial para os jornais das 12/13 da FR3 e para o JT das 13 da FR2. Ela fazia a régie do 12/13 e, depois, ficava para o JT das 13 da FR2. Eu, fazia a reunião editorial para os jornais das 19/20 da FR3 e para o JT das 20H da FR2. Os realizadores, a produção e os técnicos também permaneciam nos lugares. Cada um tinha os seus auriculares, o seu material. A desinfecção era permanente. Tínhamos toalhetes individuais para limparmos o espaço antes e depois de nos sentarmos. Evitávamos cruzar as equipas para evitar contágios nos lugares estratégicos. A régie e os estúdios tornaram-se comuns.

Muito rapidamente foram implementados protocolos de segurança para as equipas de reportagem, nos hospitais, nas empresas, nas ruas. Tínhamos mascarar de FP2. Foi um grande desafio, porque não havia muito material disponível. Mas conseguíamos que as equipas fossem para o terreno protegidas, com máscaras e gel individual.

No terreno, as equipas tinham protocolos de distanciamento com os entrevistados. Os microfones passaram a estar colocados em perches, embrulhados em papel plástico de proteção. Tudo isto, também para otimizar e ter mais conteúdos.

Passámos a ter algo que entrou no nosso quotidiano, nos nossos jornais, as entrevistas, em diferido e em direto, por videochamada.

Antes nada disto era usado. Foi a maior mudança, que ainda se mantém.

Também passámos a recorrer ao contributo dos telespectadores, isto é, os nossos telespectadores passaram a contribuir diretamente para os jornais.

- **RS:** explique-me as razões dessa opção ...

VF: Os telespectadores, confinados, contribuíram com imagens feitas por eles do seu quotidiano, em casa. As entrevistas foram feitas através das redes sociais ou através do WhatsApp. Utilizámos as redes sociais dos nossos telespectadores para fazermos peças, por exemplo, de como os telespectadores ocupavam o tempo, como faziam exercício físico.

RS: Foi pacífica essa decisão na redação?

VF: Foi, sim. O que é extraordinário de ver é que esta grande máquina, que é a France Télévision, teve uma boa reação, mobilização, de união, como nunca tínhamos assistido. Foi fabuloso. Sem qualquer cinismo. É até terrível dizer isto neste período tão difícil, em que há mortos todos os dias, no quotidiano da informação, mas a verdade é que em termos de mobilização no trabalho, toda a gente teve consciência do momento único que vivíamos, todos tínhamos a consciência que de que sim, não estávamos na primeira linha da pandemia, nem na

segunda linha, talvez mesmo nem na terceira linha, mas a informação desempenha neste quadro completamente inédito uma função, um papel primordial. Para mais a nossa missão de serviço público aumentava ainda mais essa dimensão primordial de informar.

É esse o espírito desta casa, pode haver discussões, pode haver debate, divergências, de negociações, mas quando é necessário estarmos juntos na batalha, para cumprir um objetivo comum, todo o mundo marcha num só sentido.

Durante mais de um mês fizemos jornais especiais, 52 minutos, uma hora todas as noites, com todas as pessoas. Ninguém contava as horas de trabalho.

Toda a força da estação disse presente, as redes nacionais, regionais e internacionais. Temos ainda essa sorte de ter essa força que são os correspondentes no estrangeiro, que são uma marca da nossa estação. Apoiámo-nos também muito na rede regional, com as delegações regionais dedicadas, umas vezes dedicadas para o produto nacional, nas principais regiões de França, mas também dedicadas às regiões da FR3, que utilizaram todos os seus recursos. E temos ainda as delegações ultramarinas, com todas as estações irmãs dos territórios ultramarinos.

A força do grupo France Télévision demonstrou-se na sua plenitude durante esta pandemia, mas sobretudo durante o primeiro confinamento. Foi clara a nossa capacidade de alimentar uma informação que quisemos o mais abrangente e o mais exhaustiva possível. Procurámos dar respostas, informações chave sobre a pandemia; demos voz às pessoas, aos telespetadores. Foi também um momento de grande criação. Esta crise foi um acelerador de algo que adiávamos a algum tempo, foi um acelerador, no sentido de aplicação de sinergias, de coordenação que podia haver entre nós, entre os diferentes serviços e canais, sobretudo entre nós, FR2, e a FranceInfo.fr, que é o primeiro canal digital de informação. Através dele lançámos apelos aos testemunho e criar rubricas específicas como “Nós respondemos”. Fomos os primeiros a fazê-lo e a testá-lo na televisão, ao fim de semana, e depois estendido a todos os dias da semana. Ainda hoje existe (15/04/2021).

Fizemos a rubrica porque tínhamos os meios, graças ao nosso site de informação. Ao mesmo tempo tínhamos os interlocutores para responder, com o médico recrutado para responder, Damien Masquet. Tínhamos um serviço de saúde forte e eficaz. Guillaume Darret era o jornalista que fazia a triagem das dúvidas dos telespectadores. Deste modo conseguíamos entender o que realmente preocupava os telespectadores, quais eram as dúvidas, os anseios. Eram uma missão de serviço público. Globalmente estamos orgulhosos desta missão, neste período.

RS: Sentiam que era um parceiro da comunicação de crise, que havia peso dessa missão de serviço público?

VF: Totalmente! Havia muitas, demasiadas questões que os telespectadores, mas também nós, nos colocávamos. As pessoas estavam isoladas em suas casas, todo o mundo estava confinado. Nesse período as audiências da televisão aumentaram em flecha, o que mostrava a ansiedade e a necessidade que as pessoas tinham de informação credível, fidedigna, que ia para além daquilo que eles poderiam, talvez, ter, receber nas estações non stop. Tinham a necessidade deste encontro diário, à noite. A sociedade no estado de sideração, de estupefação em quem se encontravam sentiram, talvez, a necessidade de se encontrar num momento comum.

Precisavam, também, de credibilidade. Naquele período de confinamento havia tantas dúvidas, ao mesmo tempo havia tanta informação contraditória a circular na internet, nas redes sociais que as pessoas tinham necessidade de regressar à informação séria. Não estou a querer dizer que na internet não há coisas sérias, mas há também muita que não é, o que faz instalar muitas dúvidas, por isso, as pessoas tinham a necessidade de regressar a um espaço de credibilidade, um espaço onde a informação já tinha sido triada, selecionada. Antes da emissão, há um trabalho grande que é realizado. Não vamos divulgar informação que não tenhamos selecionado, triado, confirmado, questionado. Se há informação sobre que não tenhamos certeza não emitimos, se há coisas que nos levantam mais questões dos que certezas faremos sempre o contraditório, colocaremos frente a frente ponto contraponto.

Temos noção que durante esta crise houve tantas coisas que apareceram, que saem, fomos avançando, dia após dia, era necessário refletir muito sobre como e que informação dar. Ao mesmo tempo, as pessoas necessitavam de ser informadas em tempo real, era necessário dar-lhes o maior número de dados, de chaves para que eles pudessem seguir esta crise, para que pudessem ser informados, para que possam estar tranquilos. Muitas vezes não podem ser tranquilizados, porque também não é esse a nossa função. Se dessemos só boas notícias era bom, mas esta pandemia não é de boas notícias. Não é essa a realidade.

Verdade que muitas vezes recebemos também informação que nos dizem que as pessoas estão muito ansiosas com a informação que prestamos, por ser negativa. Mas essa reação de ansiedade surgiu mais tarde. Durante o primeiro confinamento as pessoas percebiam, apercebiam-se e queriam toda a informação, positiva ou negativa.

Internamente, a reação positiva, e os pedidos de informação, de esclarecimento, dava-nos uma dinâmica de grupo, que nos permitia avançar e ter consciência do sentido do nosso trabalho durante esta pandemia.

RS: Quais foram os critérios de escolha de tantas notícias que chegavam à redação?

VF: Os critérios primordiais, que prevaleciam, eram a proximidade, os que nos permitiam ir a terrenos, a trabalhar assuntos que nos permitiam responder às dúvidas e às questões que os cidadãos se podiam colocar.

Um exemplo: sobre as máscaras, que fizeram muita polémica em França, ouvíamos tudo e o seu contrário, era um assunto incontornável. Colocamo-nos no lugar do cidadão, somos os senhores e as senhoras “tout le monde”. Levantámos as questões e levantamo-nos contra nós próprios, levantamos as questões, e procuramos o seu contraditório. É esse o nosso trabalho, a nossa função. Surge uma questão, sobre um assunto, e procuramos saber porque não fazem A ou B. Pensar contra si próprio significa dizer se eles fazem isto ou aquilo é talvez porque há aquela ou outra razão. O nosso trabalho é reunir todos os dados do puzzle para alimentar o debate.

Houve assuntos que se impuseram a eles próprios. Às vezes a opção foi a de esperar um pouco, por termos falta de informação. Por exemplo, no início da cloroquina não nos precipitamos logo que recebemos a informação. Optámos por esperar pela informação dos nossos especialistas, que o nosso serviço de saúde estudasse um pouco mais, investigasse um pouco mais. E, depois, quando avançámos para reportagem procurávamos ir com informação mais detalhada e não apenas fazer afirmações como “vejam este produto milagre, para o Dr Raoult, pessoa que ninguém ama”. Não é essa a nossa função!

As escolhas eram, todos os dias, há um assunto que aumenta, que surge, façamos o nosso trabalho, verifiquemos o que está por detrás, ouçamos o contraditório. Será que vale a pena ou há alguma coisa por detrás ou é só espuma.

Outra coisa que prevalecia nas nossas escolhas era o testemunho do quotidiano das pessoas. Todas as pessoas estavam encerradas, confinadas. É por isso que nesse momento a contribuição de que já lhe falei dos telespectadores se tornou importante. Pedimos, por isso às pessoas para se filmarem. Foi fabuloso o que fizeram, a forma como integraram o conceito, os códigos da televisão com os seus portáteis. Muitos eram conhecidos de alguém da France2, outros eram escolhidos depois de partilhas com a nossa redação.

Estes pedidos, repetidos no primeiro confinamento, porque estava toda a gente confinada, deu aos telespectadores um sentimento de apropriação dos conteúdos. Depois aplicávamos o nosso filtro, a nossa seleção. Não vamos colocar em antena os contributos inapropriados. No entanto,

não houve muitos. Os telespectadores contribuíram, participaram de forma muito honesta e muito profissional. Os jornalistas e a produção solicitavam aos telespectadores, famílias, cidadãos isolados, que filmassem o seu quotidiano, davam-lhe pequenas, poucas indicações e eles responderam com qualidade e até com profissionalismo e com muita honestidade. O que facilitou a nossa tarefa, não tínhamos como observar diretamente. Era impossível por estarem todos confinados. Foi, por isso, importante esse sentimento de apropriação do conteúdo por parte dos contribuidores.

O arquivo e o grafismo trabalharam como nunca. Foram uma solução sempre que não havia possibilidade de ir ao local. E foram muitas vezes em que isso aconteceu. O grafismo, mais do que os números, permitia-nos esquematizar a informação, explicar com desenhos, com gráficos o que as pessoas deviam fazer. Ensinámos a preencher a declaração do MAI para os telespectadores poderem sair à rua, à farmácia, ao supermercado. Foi mais uma forma de nos aproximarmos de quem estava fechado em casa.

Foi interessante, muito interessante, de observar e vivenciar.

Outro critério primordial era a observação e a recolha dos testemunhos recolhidos nos hospitais. Esta opção era fundamental para os nossos conteúdos, pelo seu carácter inédito. Por serem o epicentro da pandemia e por causa de toda as problemáticas que nos podiam colocar. Por exemplo: Hospitais públicos vs hospitais privados. Nessa altura esta oposição entre setor público de saúde e setor privado de saúde não estavam articulados, havia muito disfuncionamento. Era a nossa missão de ir investigar os dados, as situações, cruzar informações e questionar.

Por exemplo, dizíamos e demonstrávamos que os hospitais públicos estavam saturados, em determinadas regiões, e, ao mesmo tempo, as clínicas privadas cancelavam as cirurgias não urgentes, ganhavam espaço e diziam enviem-nos doentes covid que temos capacidade de atendimento, mas ninguém lhes enviada pacientes, porque havia essa luta entre o público e o privado era alucinante. Foi uma das nossas prioridades, colocar na luz do dia os disfuncionamentos, e que, estou certa, que esse nosso trabalho de investigação, de revelação contribuiu para que as coisas mudassem.

Era prioritário revelar esses disfuncionamentos de natureza administrativa, de manutenção de capelas regionais. Cada vez que estes disfuncionamentos passavam nos media, tendo em conta a grandeza e gravidade da situação sanitária, as coisas mexiam, mudavam. Era audível para todos.

O mesmo aconteceu com as máscaras, com a falta de máscaras, com os testes. Como tínhamos a força da rede de correspondentes internacionais, apoiávamo-nos na experiência dos países vizinhos, que esses correspondentes nos traziam todos os dias à antena. Tínhamos uma rubrica, nesse período, muito recorrente, o COVID no mundo.

Sobre os testes, por exemplo, na Alemanha testava-se todo o mundo e aqui tínhamos muitas dificuldades. Aqui, em França, ainda estávamos a dizer não é útil, porque, como, para quê.

Todos os levantamentos das nossas questões, das comparações, permitiam alimentar o debate e, sentíamos, que fazíamos, contribuíamos para avançar as coisas.

A nível profissional foi apaixonante este período.

RS: Tiveram muitos exclusivos.

VF: Não sei se nessa altura tínhamos a noção de exclusivo. Era muito difícil filmar, gravar nos hospitais durante o primeiro confinamento. Foi um imenso trabalho do serviço de sociedade e do serviço de saúde. Tiveram a tenacidade e tinham os contactos. Um trabalho de muitos anos que deu frutos neste período. Nós, na chefia íamos dando bom feedback à medida que os jornalistas iam tendo respostas, frutos dessa tenacidade, e iam conseguindo as autorizações para entrarem nos hospitais, para poderem recolher testemunhos. Eram necessários esses testemunhos, para dar rostos a esta crise. Não era suficiente alinhar números. Os números eram terríveis, 350 mortos, 450 mortos, todas as noites. O objetivo era dizer, por detrás desta realidade terrível, por detrás destes números, há rostos. Se houvesse só números, frios, muitos telespectadores podiam considerar “isto não me diz respeito”.

A televisão tem esse poder de mostrar. Foi isso que fizemos e dizer aos telespectadores Voilá, quando falamos de 350 mortos quer dizer também que há pessoas, com rosto, com história, que morreram, que estão em coma, que há profissionais de saúde exaustos. Havia os aplausos diários, todas as noites, era então necessário que víssemos o trabalho daqueles que aplaudíamos. Outra vez lhe digo, havia qualquer coisa que estávamos a viver hors norme.

Não era por isso uma vontade, como antes, de ter exclusivos, só para dizer que vencemos aos nossos concorrentes, como antes da pandemia. Era, mais uma vez lhe digo, a necessidade imperativa de estar nos hospitais, com as famílias. A nossa malha regional e internacional muito forte contribuiu para essa busca e conquista de pontos junto dos telespectadores, que se sentiam apoiados, sentiam que nós estávamos mais próximos deles.

RS: Jornalistas são também cidadãos. Muitos sentiram, certamente medo, a experiência pessoal pode influenciar a forma como o jornalista conta a história?

VF: Ah, sim, claro. Como vos dizia, de um lado temos a nossa experiência pessoal, com crianças, com familiares em grupos de risco, uns com familiares nos lares, com inquietudes, medos que nos vão desafiar e depois o nosso defeito profissional que nos vai dizer questiona o contrário do que estás a pensar. Se sentes isso, colocas questões sobre isso. Vamos procurar respostas sobre o que sentes. Há um trabalho de reflexão constante. Por vezes são coisas que não são partilhadas, outras são apenas a opinião do jornalista, à luz da experiência pessoal, e o jornalista não está em antena para dar a sua opinião. O jornalista está em antena para dar informação o mais completa possível.

Colocávamo-nos muitas questões pessoais, como as do mundo do trabalho, por exemplo. Estávamos confrontados com o teletrabalho, nós próprios. Discutíamos muito isso, fazíamos um esforço adicional para ver com clareza, sem os nossos preconceitos e pensamentos. Televisão é estar presente. A preparação e a produção é que eram em teletrabalho. Depois os jornalistas e os técnicos tinham de ir filmar, no terreno e editar as reportagens eram no local. Jogámos sempre nos dois tabuleiros.

A experiência e a vivência destes tempos inéditos trouxeram mais emoção à linguagem jornalística. Não era emoção pela emoção. Não era ir procurar a emoção pela emoção, mas toda a gente estava afetada. Toda a gente, todos os jornalistas que chegavam de reportagem, quando iam aos hospitais ou falar com as famílias enlutadas, não se sentiam neutros. Não era uma experiência neutra, e, necessariamente isso ressentia-se na linguagem, nas abordagens. Não somos máquinas. Nós, chefias, sentíamos também grande emoção. Cada um tem a sua sensibilidade. Pivôs, jornalistas, sentíamos que vivíamos a mesma coisa que os telespectadores, que tínhamos as mesmas inquietações. Nós éramos uns entre tantos, entre todos os telespectadores.

Há uns jornalistas com um comportamento mais à defensiva, tratavam estes assuntos como tratavam outros antes, mas não há muitos nesta situação. Não há muitos, porque este acontecimento, sobretudo neste primeiro confinamento, foi siderante.

RS: jornalistas de outras editorias, como desporto ou economia...

VF: Nos últimos tempos, com a falta de recursos, já vinha acontecendo, sobretudo ao fim de semana, que jornalistas de outras editorias, como o desporto, tinham de dar uma ajuda ao serviço de sociedade ou de política. Neste período foi, apenas necessária, uma articulação em maior escala. Finalmente, fez-se, como lhe disse no início desta entrevista, de forma muito natural. Todos entrámos no mesmo comboio. Todos, na sua categoria, tinha, de qualquer modo, coisas a contar, em ligação com a pandemia.

Na economia, havia toda a problemática do teletrabalho, das ajudas às empresas, aos restaurantes, a crise no comércio. Em sociedade havia todos os dias as questões de saúde, mas também todas as pessoas isoladas, a problemática nos lares. Cada um tinha domínios de trabalho impactados pela pandemia.

O objetivo era estarmos em todas as frentes da pandemia com todos os recursos. Por exemplo: Questionar onde estavam as máscaras da reserva? Denunciar todos os que tentavam ganhar com o medo, vendendo medicamentos milagre.

Cada serviço contribuiu, com os seus conhecimentos, com os seus contactos, a alimentar os jornais, em número, ângulo de assuntos, enfim de diversidade de informação.

Durante dois meses fizemos 52 minutos de jornal.

Nos primeiros tempos questionámo-nos quanto tempo iríamos conseguir, aguentar.

Primeiro porque havia menos pessoas a trabalhar, com equipas em espelho, e segundo, uma hora de jornal todas as noites é necessário alimentá-lo, com diversidade, com rigor informativo. Nunca tivemos nenhuma dificuldade para os encher. Nunca!

Todos os dias tínhamos, de facto, necessidade de mais tempo. Todos os dias havia sobra de reportagens. Foi fácil ocupar o tempo, porque, também, tínhamos necessidade de especialistas, tínhamos necessidade de ter muitos convidados para explicar, para nos darem respostas a questões pertinentes, fossem os membros do conselho científico, fosse o ministro da saúde, a ministra da defesa... Ao mesmo tempo estávamos sempre a receber propostas, fosse dos serviços das regiões, das editorias, do estrangeiro. Há medida que o tempo foi avançando nunca tivemos problemas por haver falta de assunto para alimentar os jornais, nessa altura com tempo duplicado.

RS: As fontes, foram disponíveis? Estiveram sempre contactáveis e confiáveis?

VF: As fontes, todas as pessoas, desde as mais anónimas (ordinaires), os assessores de imprensa, dos organismos públicos, privados, as coletividades locais. Todos nos faziam chegar

muita informação, de iniciativas, de problemáticas. Depois a triagem era feita. Houve um afluxo de informação enorme.

Mais difícil, mais complicado, foi ter uma resposta às conferências de imprensa oficiais. O acesso era limitado, havia um número reduzido de participantes ou as questões, uma por órgão de comunicação social, eram passadas por um intermediário, um ou dois jornalistas que podiam estar lá (da agência de notícias, que tinha a missão de fazer as questões de todos os órgãos de comunicação) ou também enviávamos ao assessor de imprensa. Isso era mais complicado. A conferência de imprensa era uma coisa, nem sempre conseguíamos as respostas que procurávamos, mas isso não impedia os jornalistas de insistir e questionar os intervenientes públicos, por exemplo, o diretor geral de saúde, até que fossem dadas as respostas às questões que procurávamos. Se não tínhamos a resposta pela porta íamos procurá-la e tê-la pela janela. Era mais trabalhoso, mas conseguíamos!

Em relação às outras fontes não tivemos falta de informação. A triagem depois era facilitada pelo avançar do fluxo da pandemia. Era um trabalho muito diário, sem grande planificação, íamos na onda do muito fluxo de informação, das informações dadas pelas organizações locais, nacionais e pelas questões, pelas dúvidas levantadas pelos telespectadores. As fontes estavam sempre disponíveis para confirmar, para falar por vídeo conferencia. Havia sempre coisas que surgiam para alimentar os jornais.

RS: As vossas opções de protagonistas não passam por dar muito tempo de antena aos institucionais, não deram muito peso ao PM e ao PR, mesmo nesta situação

VF: A opção foi a partir das decisões deles, do governo ou do presidente, irmos ver como estavam a ser aplicadas nas casas, nos hospitais, no comercio, nos restaurantes. Repetimos quando foi necessário repetir. Preferimos, numa primeira fase tê-los em direto a responder à ansiedade das pessoas que também eram as nossas. Optamos sempre por esta proximidade mais com o telespetador.

RS: Que balanço faz destes tempos de pandemia?

VF: Espero que o jornalismo se torne mais forte. Foi um ano muito complicado, por toda a gente. Para a informação também. Depois destes dois meses complicados foi necessário continuar. Corremos a maratona e no fim, apesar de cansados, não se colocava a questão de que não havia mais nada em antena. As pessoas que tinham corrido esta maratona tinham de continuar e refazer mais voltas à pista e voltar a refazer as voltas à pista, uma e outra vez.

O que retenho é a energia empregada e o estado em que muitos de nós acabámos esta maratona. Nós não fazíamos mais do que informação, podemos imaginar o que viveram e o que sentem aqueles que estiveram na primeira linha da pandemia – a saber: os profissionais de saúde.

Aprendemos a relativizar. Foi um ano difícil. Foi um ano de que possamos retirar ensinamentos e que a confiança que as pessoas reencontraram nos media tradicionais possa restar, possa continuar, pelo menos alguma coisa.

Numa crise como esta esperamos que os telespectadores se deem conta da força enorme que temos de viver em países onde há órgãos de comunicação, media, que são livres, embora não sejam infalíveis e que têm uma vontade e um campo de ação de informar nas melhores condições possíveis.

Se tivermos em conta o número de pessoas que voltaram a sintonizar-se nos media tradicionais, se guardarmos uma pequena parte, porque as pessoas deram-se conta, também, que eles foram importantes para esses média, que estiveram representados nos conteúdos. Nós procurámos responder às questões e aos anseios dos telespectadores. Não eramos nós que as inventávamos. Era mesmo a questão de Miriam, em *Auverne*, que se questionava se devíamos usar uma máscara sobre a outra para nos protegermos melhor ou se a cloroquina era boa ou não. Eramos os seus media. Informar não era passar as *fake news* que estavam no Facebook e os complotistas que cavalgavam as suas teorias no Twitter. Informar não é isso. É confirmar. É verificar. É dar voz a quem não tem voz. Dar voz e mostrar os diferentes ângulos.

Espero que tenhamos ganho um pouco mais de respeito. Não tenho grande ilusão.

Sabemos bem que é complicado, uma vez passada esta primeira etapa de choque, depois o segundo confinamento, depois o terceiro confinamento. Vemos bem que as coisas já não são geridas da mesma maneira, politicamente e nos media. Houve progressos que foram feitos, sabemos mais sobre o vírus, temos a vacinação, todas nós vivemos com máscara.

O campo político reocupou o seu espaço. União nacional já não há. A informação restabelece o seu equilíbrio. Ainda que seja muito COVID já não há só isso.

Ao mesmo tempo há coisas que ficam. As entrevistas por videoconferência, a união de esforços das redações. A preparação em teletrabalho.

A entrevista a Maroussia Wosiak foi realizada a 15 de abril de 2021. Nesta altura, como durante a pandemia era a chefe de edição da France2. Licenciada em jornalismo há 10 anos optou pelo tratamento jornalístico do som e da imagem na montagem dos conteúdos.

RS: Que impacto a pandemia teve na edição do JT das 20 Horas?

MW: A edição não esteve confinada durante o primeiro confinamento. Estivemos sempre presentes na redação. Não antecipámos, de todo a confinamento e fomos apanhados de surpresa por ele, no sentido de que de manhã para a noite o governo pediu aos franceses para não irem trabalhar. A Direção da redação fez com que houvesse menos pessoas possível na redação. O que fez que em pouco tempo fosse necessário enviar para casa o maior número de colaboradores. Ao mesmo tempo houve mais tempo para as notícias.

Mas na edição nós não conseguíamos trabalhar à distância. Os mais frágeis, os que tinham doenças podiam ir para casa, num estatuto especial que esteve disponível, bem como os que tinham crianças e tinham de ficar com elas, uma vez que as escolas estavam encerradas.

Os jornalistas nacionais que estavam no terreno enviavam o material, as imagens em bruto, como tinham de ser menos nas viaturas não havia operador de áudio, o que levou à redução da qualidade ao reduzir os meios. Houve, ao mesmo tempo, essa democratização do Skype o que nem sempre foi fácil.

RS: Acredita que esta democratização do Skype veio para ficar?

MW: Acredito que sim, que vai ficar mais tempo. A redução dos meios também. A direção apercebeu-se que isso permite reduzir os custos, já que forçosamente em vez de enviar uma equipa, jornalista, repórter de imagem, operador de som para gravar uma entrevista, em vez disso, liga-se o computador, faz-se uma entrevista, é mais rápido e mais barato. Penso que por causa disso vai perdurar. Depois sei que os repórteres de imagem sentem que lhe estão a tirar trabalho. Eles dão-se conta que se se multiplicam o Skype agora que não há grandes restrições isso reduz o trabalho deles. Na edição sentimos que há menos qualidade. Talvez com o tempo o cuidado e a qualidade vão melhorar, mas que são menos boas as entrevistas por Skype ou zoom do que as entrevistas filmadas por um jornalista, isso não há dúvidas.

Demoramos mais tempo até a fazer as edições, temos de pensar e encontrar alternativas há ausência de planos de enquadramento e planos de corte. Ao mesmo tempo, fazer as entrevistas por vídeo chamada acabou por simplificar as coisas, naquele momento de necessidade foi uma boa solução.

A moral durante a pandemia, ir todos os dias trabalhar na redação.

Passou-se relativamente bem. Nós, os que podíamos, tínhamos o direito de sair de casa, não tivemos todos os condicionalismos do confinamento. Na france télévision 90% dos trabalhadores estiveram confinados, entre eles muitos jornalistas, o que aumentou a carga de trabalho de todos aqueles que não estavam confinados. Sairmos de casa, apanharmos ar, permitiu-nos equilibrar um pouco o aumento da carga de trabalho que tivemos durante este confinamento, já que havia menos colaboradores disponíveis, mas mais notícias sobre um mesmo tema é verdade, mas mais peças a editar e mais tempo para preencher no jornal que duplicou o tempo.

Para além disso tínhamos de gerir dois horários. Eu geria o Trabalho para o jornal do meio dia, e geria também o fluxo da edição da France 2 e da France 3. Normalmente são duas equipas diferentes e nessa altura, com a redução do pessoal e dos meios levou-nos a fazer jornais comuns, trabalhar juntos, otimizar o esforço para tentarmos ser o mais eficazes possível.

RS: Fazia falta o contacto com os jornalistas?

MW: Não. Foi a melhor solução. As equipas de edição não mudaram muito. Eramos uma equipa de uma dezena de pessoas. As nossas famílias estavam confinadas, a salvo. Eu, por exemplo, fiquei sozinha em Paris, a minha família partiu para a província. Esta situação acabou por reforçar a ligação entre os que estávamos a trabalhar. Percebemos que as únicas pessoas que podíamos ver eram os nossos colegas e, por isso, acabámos por nos unir mais, por nos descobrir, etc...

RS: E o contacto com as fontes, tiveram?

MW: “O meu contacto com as fontes não jornalistas foi inédito. Na época pré-pandemia não tínhamos contacto com quem entrava nas peças à parte dos repórteres. Com a pandemia, e neste esforço coletivo para a qualidade, tive de lhes explicar como usarem as ferramentas de conversação, como enquadrar os planos das imagens, colocar uma luz. Ninguém tinha iluminação profissional, mas todos tinham candeeiros, até uma luz de telemóvel. Foi necessário ensiná-los, dar-lhes confiança, para contribuir para a qualidade da imagem e do conteúdo informativo”

Foi emocionante perceber que quem mesmo não trabalhava na área da saúde ou da informação participava e colaborava para que tudo fosse melhor explicado. Era como se todos tivéssemos a mesma missão.

RS: Foram necessários novos equipamentos?

MW: Não comprámos novos computadores, mas sim novos programas para gravar, com qualidade, tudo o que era vídeo chamadas, skypes, zoo, etc... damos nos conta que por

continuarmos a usar e muito não temos, afinal, os suficientes para as necessidades. Foi preciso explicar aos entrevistados, muitas vezes, como fazer as ligações, para onde olhar para a câmara. Ainda precisaríamos explicar mais, uma vez que continuamos e continuaremos a usar mais.

RS: As imagens também contribuem para a escolha dos acontecimentos a noticiar e dão valor, depois, na edição, por exemplo. Tiveram isso em conta?

MW: Os valores notícia estão representados nas imagens. Os editores na *France Télévision* já tinham esse papel de decisores nas imagens tendo em conta os valores do serviço público de televisão. Imagens aqui devemos entender na sua globalidade, com o som. A mensagem televisiva é afetada pelas imagens e pelo som, como é pelo texto. As ideias e as emoções devem ser ativadas pelas imagens, mas não podem ser sensacionalistas, ofender princípios sociais e culturais. Durante o confinamento tínhamos de ter atenção, à veracidade, e ao choque, ansiedade que podiam provocar a uma situação social já muito complexa.

O visual da peça contribui muito para ganhar a atenção dos telespetadores e influencia a avaliação da estória contada.

Com o uso do arquivo, como nunca, pelo menos que me lembro, foi necessário perceber as imagens que íamos utilizar: usar no contexto correto e sem repetição em mais peças.

O grafismo teve aqui um papel fundamental, já que construiu muitas explicações, por exemplo o uso da máscara, por onde era possível circular, os condicionalismo. Em conjunto, grafismo, a imagem construída e a imagem captada conseguimos comunicar e ativar emoções.

Com o uso de tanta tecnologia, tivermos, muitas vezes, de consertar alguns erros de captação, de jornalistas, especialistas, políticos ou cidadãos que entravam na emissão via plataforma de conversação. Mais uma vez, a imagem, se não tiver qualidade, se não contribuir para a proximidade entre a notícia e o telespetador, pode provocar ansiedade e/ou afastar audiência

